

**Universidade Federal de Juiz de Fora  
Instituto de Ciências Humanas  
Mestrado em Geografia**

**Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira**

**O Bairro Meio da Serra: de Núcleo Fabril à Periferia – Petrópolis, Rio de Janeiro**

**Juiz de Fora  
2018**

**Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira**

**O Bairro Meio da Serra: de Núcleo Fabril à Periferia – Petrópolis, Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Geografia. Área de concentração: Espaço e Ambiente. Linha de Pesquisa: Dinâmicas Socioespaciais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Pires de Menezes

Coorientador: Prof. Dr. Júlio César Gabrich Ambrozio

**Juiz de Fora**

**2018**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Paulo Roberto Rodrigues de.

O Bairro Meio da Serra : de Núcleo Fabril à Periferia – Petrópolis, Rio de Janeiro / Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira. -- 2018. 221 f. : il.

Orientadora: Maria Lúcia Pires de Menezes

Coorientador: Júlio César Gabrich Ambrozio

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Geografia, 2018.

1. Petrópolis. 2. Industrialização. 3. Urbanização. 4. Bairro. 5. Vida de Bairro. I. Menezes, Maria Lúcia Pires de, orient. II. Ambrozio, Júlio César Gabrich, coorient. III. Título.

**PAULO ROBERTO RODRIGUES DE OLIVEIRA**

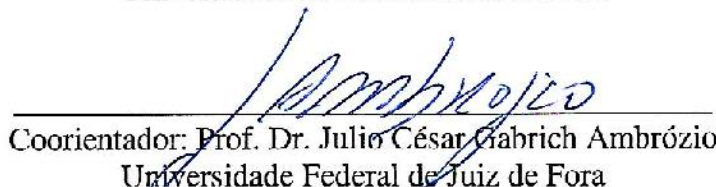
**O BAIRRO MEIO DA SERRA: DE NÚCLEO FABRIL À PERIFERIA - PETRÓPOLIS,  
RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Geografia por **Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira**

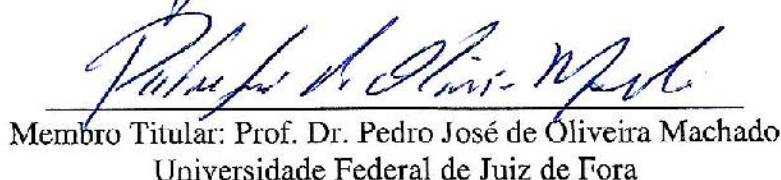
Dissertação defendida e aprovada em 15 de agosto de dois mil e dezoito, pela banca constituída por:



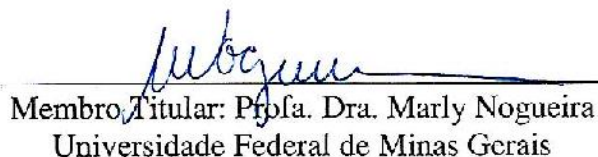
Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Pires de Menezes  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Coorientador: Prof. Dr. Julio César Gabrich Ambrózio  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Membro Titular: Prof. Dr. Pedro José de Oliveira Machado  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Membro Titular: Profa. Dra. Marly Nogueira  
Universidade Federal de Minas Gerais

*Aos meus Pais, Anita Carvalho Rodrigues de Oliveira (In Memoriam) e Eliezer Rodrigues de Oliveira, pelas condições que me proporcionaram para alcançar este momento.*

*Aos meus Irmãos, Luís Carlos Rodrigues de Oliveira, Valnei Rodrigues de Oliveira e Arnaldo Rodrigues de Oliveira, pelo tempo ausente. Sou grato eternamente por tudo que me fizeram e fazem.*

*Aos meus sobrinhos, Luís Thiago de Oliveira, Gabriel de Oliveira, Letícia de Oliveira, Andressa de Oliveira e Guilherme de Oliveira pelo carinho a todo o momento.*

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este nunca é feito solitariamente. Muitas pessoas e instituições colaboraram direta ou indiretamente na concretização desta pesquisa que gostaria de agradecer.

Ao Professor Dr. Júlio Ambrozio, por suas delicadas críticas e preciosas sugestões, pelo seu espírito calmo e paciente na orientação desta pesquisa. Meus sinceros agradecimentos.

À Professora Dra. Maria Lúcia Pires de Menezes, pelos esclarecimentos na disciplina ministrada, que permitiram aclarar o meu objeto de estudo além de me acolher como orientando em um segundo momento.

Ao Professor Dr. Pedro Machado, por suas intervenções fecundas, desde o momento da qualificação até a defesa desta dissertação.

À Professora Dra. Marly Nogueira, por aceitar o convite prontamente e por suas pertinentes intervenções na avaliação final desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), que me possibilitou continuar evoluindo no pensamento geográfico.

Ao Amigo e Mestre Roger Ribeiro: sem sua preciosa ajuda seria muito difícil galgar este degrau. Dizer um *muito obrigado* é quase nada perante o seu companheirismo.

Aos Colegas mestrandos, em especial à Gislaíne S. Paravidino e ao Alex Perim, por nossas discussões e pelo afeto criado entre nós. Sou grato para sempre.

A Professora e Amiga Carla Caputo, minha primeira revisora e incentivadora, abriu, braços e coração, quando tudo parecia confuso. Quero agradecer, também, a última revisora Anelise Lima pelo seu trabalho impecável.

Aos Companheiros Professores, amigos temporariamente abandonados por mim, que entenderam a minha ausência e vibraram luz e energias positivas a todo tempo: Felipe Gelli, Gilson D. Júnior, Jonas Wendling, Leonardo Trovado, Lúcia Pessoa, Marta Rinaud, Norton Ribeiro, Pedro Paulo Aiello, Roberta Cardoso e Roberta Gregório.

Aos moradores do bairro Meio da Serra, em especial, Balkis Farlot, Bruna Raíssa Ramos e ao Amigo Célio Roberto Gastaldo e família, pelo aprendizado e recepção hospitaleira de sempre, e cujos depoimentos ou colaboração foram essenciais à dissertação.

Aos Companheiros, Wanilton Reis dos Santos e Rafael Saldanha Neves, do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Petrópolis, pelo acesso às fichas de registro dos operários da Cia. Cometa Meio da Serra e Alto da Serra. Os dias debruçados sobre esse material foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Meu eterno agradecimento.

À Mariza Gomes, do Arquivo Histórico de Petrópolis, pela atenção dispensada em variados momentos.

À Fátima Argon, do Arquivo Histórico do Museu Imperial, por indicar vasto material de pesquisa histórica.

## RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação, o bairro Meio da Serra, está localizado na vertente Sul no primeiro distrito do município de Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro. A área destinada a pesquisa – nomeadamente o centro originário do bairro – foi onde se fixou o Núcleo Fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa nos fins do século XIX. Buscando entender as transformações socioespaciais ocorridas e que ainda ocorrem nesse centro e seu entorno, após o encerramento definitivo das atividades produtivas da Cia. Cometa na década 1970, partimos da realidade vivida atualmente no centro originário do Meio da Serra e cercania, e questionamos se esta entidade permanece inteiro como bairro ou existiriam sinais latentes de uma mancha periférica? E ainda, quais as consequências dessa dinâmica nas relações sociais e econômicas na vida cotidiana e no modo de viver dos moradores que lá estão? Para tanto, foi preciso analisar a evolução pretérita da organização socioespacial e econômica desse bairro com o auxílio de imagens, bibliografias e cartografias ligadas ao tema. Questões correlatas às práticas e políticas de preservação do patrimônio natural, arquitetônico e cultural no centro originário do bairro também são observadas. É um trabalho de compreensão do processo mais amplo da industrialização e urbanização de Petrópolis que estabeleceu determinadas configurações institucionais de poder. Nesse movimento de quase meio século, o bairro Meio da Serra vem se transformando, deixando transparecer as marcas imanentes de periferia urbana. Desse modo, é lícito dizer que, o presente visível e o passado cristalizado na paisagem no centro originário do bairro e no seu entorno, são consequências graves da lógica de expansão incessante do sistema da produção capitalista do espaço. Espaço este que, por mais de cem anos foi fonte permanente de exploração do trabalho vivo. Em decorrência da desindustrialização petropolitana, a partir de um novo ajuste espacial do capitalismo, o centro originário do Meio da Serra e seu entorno, convive atualmente com sinais de degradação e depreciação socioespacial, que requer atenção.

Palavras-chave: Petrópolis. Industrialização. Urbanização. Bairro. Vida de Bairro. Espaço Geográfico.



## RESUMEN

El objeto de estudio de esta disertación, el barrio medio de la Sierra, está localizado en la vertiente sur en el primer distrito del municipio de Petrópolis en el Estado de Río de Janeiro. El área destinada a la investigación -especialmente el centro originario del barrio- fue donde se fijó el Núcleo Fabril de la Compañía Hilado y Tejidos Cometa a fines del siglo XIX. En cuanto a las transformaciones socioespaciales ocurridas y que aún ocurren en este centro y su entorno, tras el cierre definitivo de las actividades productivas de la Cia. Cometa en la década de 1970, partimos de la realidad vivida actualmente en el centro originario del Medio de la Sierra y cercanía, y cuestionamos si esta entidad ¿permanece entero como barrio o existir signos latentes de una mancha periférica? Y, ¿qué consecuencias de esa dinámica en las relaciones sociales y económicas en la vida cotidiana y en el modo de vivir de los moradores que allí están? Para ello, fue necesario analizar la evolución pretérita de la organización socioespacial y económica de este barrio con el auxilio de imágenes, bibliografías y cartografías ligadas al tema. Las cuestiones relacionadas con las prácticas y políticas de preservación del patrimonio natural, arquitectónico y cultural en el centro originario del barrio también se observan. Es un trabajo de comprensión del proceso más amplio de la industrialización y urbanización de Petrópolis que estableció ciertas configuraciones institucionales de poder. En este movimiento de casi medio siglo, el barrio medio de la Serra se está transformando, dejando transparentar las marcas inmanentes de periferia urbana. De este modo, es lícito decir que el presente visible y el pasado cristalizado en el paisaje en el centro originario del barrio y también en su entorno, son consecuencias graves de la lógica de expansión incesante del sistema de la producción capitalista del espacio. Espacio este que, por más de cien años, fue fuente permanente de explotación del trabajo vivo. En consecuencia de la desindustrialización petropolitana, a partir de un nuevo ajuste espacial del capitalismo, el centro originario del Medio de la Sierra y su entorno, convive actualmente con signos de degradación y depreciación socioespacial, que requiere atención.

Palabras clave: Petrópolis. Industrialización. Urbanización. Barrio. Vida de Barrio. Espacio Geográfico.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Visão panorâmica da vertente sul, Petrópolis, RJ .....	55
Figura 2 –	Autoconstruções na Vila São Francisco e Lopes Trovão, respectivamente.....	62
Figura 3 –	Casas da vila operária da Cia. Cometa no núcleo fabril, Meio da Serra .....	66
Figura 4 –	Unidade de Saúde da Família Dr. Willian Jorge da Silva Seabra, Meio da Serra.....	67
Figura 5 –	A Escola de Ensino Fundamental Pedro Amado .....	68
Figura 6 –	A religiosidade presente no Meio da Serra – Assembleia de Deus .....	70
Figura 7 –	Exemplares de autoconstruções .....	74
Figura 8 –	A ocupação irregular nas encostas e a venda ilegal do solo na Serra da Estrela.....	75
Figura 9 –	Núcleo histórico do bairro Meio da Serra e o ramal ferroviário .....	89
Figura 10 –	A vertente sul, 1914 .....	99
Figura 11	Vista panorâmica do belo viaduto da Grota Funda, 1908 .....	100
Figura 12 –	“Botecuíim” na Estrada Normal da Estrela .....	106
Figura 13 –	Vista da Serra da Estrela (1867) e o local onde mais tarde seria construída a Cia. de Fiação e Tecidos Cometa no mesmo local onde já havia a Fábrica de Papel Orianda (1874) .....	107
Figura 14 –	Vista da Fazenda da Mandioca vindo do Porto do Estrela .....	109
Figura 15 –	Porto “do Estrela” .....	112
Figura 16 –	Fábrica de Papel Orianda .....	115
Figura 17 –	Citação no jornal Tribuna de Petrópolis (1991).....	120
Figura 18 –	Apólice da Cia. Manufactureira Linha Estrella do ano de 1890.....	121
Figura 19 –	Vista parcial da Cia. Fiação e Tecidos Cometa – Meio da Serra (1897).....	122
Figura 20 –	Vista parcial da Cia. Fiação e Tecidos Cometa do Alto da Serra em 1934 .....	124

Figura 21 – A vertente sul em postal para Exposição Nacional de 1908 no Rio de Janeiro .....	126
Figura 22 – Recibo do aluguel de um dos domicílios da vila operária no Meio da Serra – 1946 .....	134
Figura 23 – Parte da Vila Operária da Cia. Fiação e Tecidos Cometa no Meio da Serra – 1930 .....	134
Figura 24 – A banda de jazz “18 de Junho” dos operários da Cometa que alegrava o bairro .....	135
Figura 25 – A Cooperativa da Cometa no Meio da Serra .....	136
Figura 26 – Ficha de Registro da Cia. Fiação e Tecidos Cometa – Meio da Serra .....	140
Figura 27 – Operárias(os) da ‘Secção dos Carretéis’ na Cia. Fiação e Tecidos Cometa-Meio da Serra, 25 de fevereiro de 1911 .....	142
Figura 28 – Ficha da operária com admissão mais antiga da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, 1897 .....	145
Figura 29 – Ficha do operário na ocupação de guarda-matta, 1909 .....	147
Figura 30 – Estação Ferroviária Meio da Serra, por volta de 1930.....	152
Figura 31 – Loja de Varejo da Fábrica Cometa, na rua Teresa, Alto da Serra, 1978.....	155
Figura 32 – Procissão de São Sebastião do Meio da Serra .....	158
Figura 33 – Carnaval no bairro Meio da Serra.....	161
Figura 34 – O Esporte Clube Cometa do Meio da Serra (data provável 1950). ....	162
Figura 35 – Massa Operária em frente ao Sindicato dos Trabalhadores Têxteis na rua Aureliano Coutinho, Centro, por volta de 1930.....	166
Figura 36 – A estação ferroviária no bairro Meio da Serra no passado e no presente .....	181
Figura 37 – Um testemunho do acréscimo na atual situação habitacional no núcleo originário do Meio da Serra.....	184
Figura 38 – O núcleo original do bairro Meio da Serra, no passado e no presente .....	199

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da participação da população da cidade do Rio de Janeiro em sua região metropolitana e da região metropolitana em relação ao Estado do Rio de Janeiro, 1940 a 2000.....	37
Gráfico 2 – Evolução da população da capital, de sua região metropolitana sem a capital e do interior do Estado do Rio de Janeiro, 1940 a 2000 .....	38
Gráfico 3 – Distribuição da população por distritos, município de Petrópolis .....	51
Gráfico 4 – Fases históricas do Bairro Meio da Serra.....	129
Gráfico 5 – Evolução da população urbana de Petrópolis, 1940-2018.....	176

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 –	Vetores de crescimento da metrópole do Rio de Janeiro .....	36
Mapa 2 –	Localização do município de Petrópolis .....	53
Mapa 3 –	Localização do bairro Meio da Serra .....	57
Mapa 4 –	Vista aérea da delimitação do bairro Meio da Serra e as comunidades intrabairro .....	61
Mapa 5 –	Área de Proteção Ambiental Petrópolis .....	77
Mapa 6 –	Mapa da lei de uso, parcelamento e ocupação do solo, Petrópolis .....	80
Mapa 7 –	Os caminhos primitivos de subida da Serra do Mar .....	102
Mapa 8 –	Caminho Novo das Minas Gerais, 1699 .....	103
Mapa 9 –	Atalho de Bernardo Soares de Proença, no detalhe .....	105
Mapa 10 –	Adaptação da planta e perfil (data provável 1883) da primeira secção da Raiz da Serra à Petrópolis, Estrada de Ferro Mauá .....	114
Mapa 11 –	Núcleo Fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa – Meio da Serra e a mancha das autoconstruções .....	132
Mapa 12 –	Assentamentos precários de interesse social no município de Petrópolis, 2012 .....	189

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Moradores na Vila Operária da Cometa no Meio da Serra, 1920 – 1970 .....	141
---	-----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGB	Associação dos Geógrafos Brasileiros
APA	Área de Proteção Ambiental
BNH	Banco Nacional de Habitação
CIDE	Centro de Informações e Dados do Estado do Rio de Janeiro
CNG	Conselho Nacional de Geografia
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História
DPO	Destacamento de Policiamento Ostensivo
ECC	Esporte Clube Cometa
Ibama	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHP	Instituto Histórico de Petrópolis
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LUPOS	Lei de Uso, Parcelamento e Ocupação do Solo
MEC	Ministério de Educação e Cultura
Parnaso	Parque Nacional Serra dos Órgãos
PMP	Prefeitura Municipal de Petrópolis
PND	Programa Nacional de Desenvolvimento
PSF	Programa de Saúde da Família
RMRJ	Região Metropolitana do Rio de Janeiro
SIAB	Sistema de Informação de Atenção Básica
SNUC	Sistema Nacional de Unidade de Conservação
SPE	Setor de Preservação
SPR	Setor de Proteção
UBS	Unidade Básica de Saúde
UC	Unidade de Conservação
UGR	Unidade Gestora Responsável
ZPE	Zona de Preservação Especial

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2</b>	<b>PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO</b> .....	20
2.1	OS PRIMEIROS CONTATOS.....	20
2.2	O CONCEITO DE BAIRRO: MÚLTIPLAS ABORDAGENS.....	21
2.3	URBANIZAÇÃO, REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO E A SUA PERIFERIA .....	34
<b>2.3.1</b>	<b>Periferia, periferias</b> .....	40
<b>3</b>	<b>O BAIRRO MEIO DA SERRA NO PRESENTE</b> .....	50
3.1	AS CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO PETROPOLITANO.....	50
3.2	A CONJUNTURA ATUAL DO BAIRRO MEIO DA SERRA .....	54
<b>3.2.1</b>	<b>As comunidades intrabairro: Lopes Trovão e Vila São Francisco</b> .....	60
<b>3.2.2</b>	<b>O núcleo fabril originário do Meio da Serra</b> .....	64
<b>4</b>	<b>AS BASES DA FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL PETROPOLITANA: O CASO DA COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS COMETA E A FORMAÇÃO DO BAIRRO MEIO DA SERRA</b> .....	83
4.1	BREVE HISTÓRICO DAS ORIGENS DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL .....	84
4.2	AS BASES DA FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL EM PETRÓPOLIS .....	90
4.3	UMA VERTENTE COM A HISTÓRIA: DOS CAMINHOS DO OURO À ESTRADA NORMAL DA ESTRELA .....	98
<b>4.3.1</b>	<b>Do caminho primitivo à Estrada Normal da Estrela</b> .....	101
<b>4.3.2</b>	<b>A Serra e o Porto do Estrela</b> .....	108
4.4	A FÁBRICA DE PAPEL ORIANDA: O PRIMEIRO EMPREENHIMENTO .....	113
4.5	A FÁBRICA E O NÚCLEO FABRIL DO MEIO DA SERRA .....	121
<b>4.5.1</b>	<b>Meio da Serra: um núcleo fabril da Cia. Cometa</b> .....	127
4.5.1.1	O núcleo fabril .....	131
4.6	A VILA OPERÁRIA E A VIDA COTIDIANA DE BAIRRO .....	144
<b>4.6.1</b>	<b>O movimento operário em Petrópolis e alguns de seus vestígios no bairro Meio da Serra</b> .....	165



<b>5</b>	<b>O MEIO DA SERRA: DE NÚCLEO FABRIL A BAIRRO PERIFÉRICO ....</b>	<b>173</b>
5.1	AS TRANSFORMAÇÕES NO BAIRRO MEIO DA SERRA: DE NÚCLEO FABRIL A BAIRRO PERIFÉRICO.....	173
5.2	VISÕES ATUAIS DO BAIRRO MUTANTE .....	191
5.2.1	<b>Os protagonistas das mutações .....</b>	<b>195</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>203</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>208</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>218</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um trabalho teórico, guiado por um estudo sobre as transformações socioespaciais, engendradas no passado pela produção capitalista no núcleo originário do bairro Meio da Serra e seu entorno, localizado no primeiro distrito do município de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

Vale começar salientando que este trabalho surgiu das aulas de campo ao longo de 15 anos, a partir de observações dos alunos do ensino médio do Colégio Estadual Rui Barbosa, fixado no bairro Alto da Serra, lindeiro a esse núcleo originário em questão. Tais observações se desdobraram em algumas indagações centradas principalmente na desindustrialização que ocorreu no passado na cidade serrana de Petrópolis, acarretando graves consequências para o bairro Meio da Serra, não somente no núcleo originário e seu entorno imediato, mas em sua totalidade.

Essas inquiuições discentes questionavam a própria existência daquilo que víamos *in loco* enquanto bairro. Como explicar as metamorfoses espaciais, sociais e ambientais vistas no cotidiano no núcleo original do bairro para os alunos? Quais eram as relações que definiriam o processo, tanto de aproveitamento dos recursos da natureza ali existentes como os recursos humanos que outrora se enraizaram naquele espaço, que se tornou vivido durante uma centena de anos produzindo para o capital? Reunimos essas indagações iniciais aos novos questionamentos surgidos das discussões com a orientação desta dissertação, ou seja, tornou-se o ponto de partida para as observações do espaço atual em toda a sua complexidade.

Com base nesse ponto de partida, para entender a realidade de segregação socioespacial no presente listamos as seguintes questões: (A) o núcleo originário do bairro Meio da Serra permanece inteiro como bairro ou existiriam sinais latentes de uma mancha periférica – o que chamaríamos de sombras periféricas? (B) O fato de se posicionar fronteiro, um tanto isolado, das bordas da baixada populosa, qual é o grau de interveniência de Petrópolis e da Baixada Fluminense no Meio da Serra? (C) Quais são as consequências dessa dinâmica nas relações sociais e econômicas na vida de bairro da comunidade no núcleo originário?

Essas indagações são relevantes para a compreensão da dinâmica de exclusão socioespacial desse núcleo no bairro Meio da Serra que está em processo na realidade atual. Do mesmo modo, este trabalho gostaria de contribuir para o

esclarecimento dos diversos problemas que se avolumam com o passar do tempo e que sintetizam o abandono e a exclusão socioespacial implementada pela dinâmica do capital produtivo no passado e do poder público municipal no presente.

Estudar e reconstituir a História do bairro Meio da Serra foi um imenso desafio. Desafio este que passou por unir as peças do presente visível aos escassos documentos que registraram os fragmentos históricos constituídos e superpostos no núcleo originário do bairro e seu entorno. Ao buscar compreendê-lo a partir do presente, fez-se necessário mergulhar na trajetória de sua história, na vida de bairro dos moradores desse antigo núcleo fabril, na observação e descrição da paisagem geográfica atual com a visível desestruturação socioespacial desse núcleo original, evidenciando a latente *mancha* de periferia.

Para tanto, este trabalho retrocedeu um pouco mais, buscando a Proto-História que originou as primeiras notícias do que viria a ser este núcleo original para, adiante, alcançar o período que consolidou esse centro como bairro operário. Assim, compreender todo o processo de transformação socioespacial que vem ocorrendo na história do bairro Meio da Serra, desde a década de 1970, pressupôs o aprofundamento nos estudos de suas complexas relações internas e externas, ou ambas. É basilar o entendimento das diversas espacialidades acumuladas nesse núcleo originário e que, de forma alguma, deve ser desassociada da história social, econômica e política mais abrangente.

Por conseguinte, a pesquisa dialogou com o método regressivo-progressivo encontrado em Henri Lefebvre e que nos levou a apreender e reconstituir anos de sucessão histórica do bairro Meio da Serra em espacialidades distintas, porém interligadas, e no mesmo espaço urbano. De acordo com Martins (1996), trata-se de um método que se desdobra em procedimentos que identificam e recuperam temporalidades desconstruídas e coexistentes em três momentos: (A) a complexidade horizontal na descrição do presente visível (momento descritivo do método); (B) o mergulho na “complexidade vertical da vida social, a da coexistência de relações sociais que tem datas desiguais” (1996, p. 21) de períodos específicos (momento analítico-regressivo); e (C) finaliza com o “reencontro do presente ‘mas elucidado, compreendido e explicado’” (1996, p. 22). A volta à superfície fenomênica da realidade social (momento histórico-genético) é a elucidação do percebido pelo concebido em teoria que define as condições e possibilidades do vivido.

Dessa maneira, a investigação se aproximou da história do núcleo original do bairro Meio da Serra, correlacionando-a aos processos mais amplos (exógenos) de urbanização e à expansão da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, em sua totalidade, assim como se debruçou sobre os movimentos socioespaciais decorrentes da industrialização do primeiro distrito do município de Petrópolis. Estudar o núcleo originário do bairro Meio da Serra significou, então, reunir os fragmentos de apropriação histórica do espaço natural e relacioná-los ao espaço social do presente, para formar um campo de análise e explicação vinculando à dinâmica produtiva capitalista mais ampla, na história espacial do bairro.

Apesar das visíveis mudanças socioespaciais ocorridas ao longo do tempo na formação do bairro, após o fechamento da fábrica na década de 1970, um pequeno grupo da comunidade inicial ainda residente no núcleo original, permanece mantendo forte vínculo de pertencimento ao lugar, principalmente aqueles que trabalharam na fábrica e seus parentes que ainda residem nas casas da vila operária. A preocupação dos moradores mais antigos é com a chegada dos novos habitantes, pois, em sua maioria, não possuem laços afetivos com o chão da fábrica que originou o núcleo do bairro, construindo ademais suas habitações de forma precária e desordenada, interferindo diretamente na viva memória patrimonial desse antigo bairro operário.

Este trabalho está dividido em mais quatro seções. Na seção número 2, estão relatados os primeiros contatos com o objeto da pesquisa e a discussão teórica que assentou as bases de entendimento acerca da entidade bairro e da periferia urbana, a partir de abordagens de diversos autores que tratam do tema.

A Seção 3 foi dedicada ao presente do bairro Meio da Serra. Para tanto, foram descritas as principais características do sítio petropolitano e a atual situação socioeconômica e espacial das comunidades intrabairro, Lopes Trovão e Vila São Francisco, assim como a descrição atual do núcleo original do Meio da Serra e seu entorno.

Na seção 4, a mais densa, estão expostas as bases da formação da indústria têxtil em Petrópolis, antecedidas por um breve histórico das origens da indústria têxtil no Brasil. Nesse contexto e como uma espécie de Proto-História, foi introduzido o processo de construção espacial que envolveu a vertente Sul da Serra da Estrela, na qual está inserida o bairro em sua totalidade, desde os primeiros caminhos para as minas gerais até a implantação da vila operária desse núcleo fabril e a sua vida cotidiana de bairro.

A quinta e última seção compreende a análise das contradições do capital a partir das visíveis transformações na paisagem geográfica do bairro como um todo, com foco na expansão da mancha urbana e da marcha demográfica empreendida no núcleo original.

## 2 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO

Nesta seção, uma breve discussão está sistematizada para aproximação do objeto de estudo, examinando os conceitos de bairro e de periferia (urbana). As considerações teórico-conceituais aqui abordadas têm a função de sistematizar as demais seções desta dissertação.

Não pretendemos, aqui, apresentar uma nova conceituação, mas evidenciar a vereda percorrida e as associações formadas no decorrer da pesquisa prática. Assim, apresentamos a seguir, os componentes conceituais.

### 2.1 OS PRIMEIROS CONTATOS

Como ponto de partida da realidade no tempo presente, temos as questões já mencionadas anteriormente: o bairro Meio da Serra permanece inteiro como bairro ou existiriam sinais latentes de uma mancha periférica – o que chamaríamos de sombras periféricas? Com relação ao fato de se posicionar fronteiro, um tanto isolado, das bordas da baixada populosa, qual é o grau de interveniência de Petrópolis e da Baixada Fluminense no Meio da Serra? Por fim, quais são as consequências dessa dinâmica nas relações sociais e econômicas na vida de bairro da comunidade? Nesse sentido, emergiu o objetivo de se estudar o bairro buscando subsídios na Geografia e na eventual contribuição de outras ciências que assentassem uma base para que pudéssemos aprofundar a discussão e clarificar as relações que determinaram a ascendência e a hipótese de queda na qualidade de vida no bairro objeto de nosso estudo.

Assim, foi necessário entender e explicar não somente o quadro natural da situação do Meio da Serra. Evidentemente, além disso, foi preciso estudar os conceitos de bairro e de periferia urbana, a história de sua formação, bem como a massa humana migrante que compõe a vida de bairro, o seu volume e a sua distribuição pelo espaço intrabairro, a sua composição e a sua localização no presente e no passado, pois entendemos que a relação sociedade-espço é reciprocamente determinada em movimento constante e complexa.

A Geografia não é uma ciência de fatos apartados simples, passíveis de serem estabelecidos e conhecidos por si e em si. Na constituição de um bairro, por exemplo, que não é um fato independente, reduzido e atomizado, há uma série de relações complexas que determinam este acontecimento – a sua existência, a sua origem, sem dúvida –, é uma combinação complexa de fatores que organizam assim como desorganizam o espaço geográfico.

Nesse caso, o espaço “não é um palco ‘neutro’ em situação alguma, e sua materialidade [...] exerce um certo condicionamento sobre os atores sociais, configurando uma dialética” (SOUZA, M. J. L., 1989, p. 140). Ainda conforme M. J. L. Souza, ele alimenta a referência cultural-simbólica e política do enfrentamento de uma problemática espacial, como a “insuficiência dos equipamentos urbanos de consumo coletivo, problemas habitacionais, segregação sócio-espacial [*sic*], [...], massificação do bairro e deterioração da qualidade de vida urbana” (1989, p. 140). Dessa forma, para M. J. L. Souza há, um “movimento de ação recíproca que se estabelece entre as relações sociais e o Espaço produzido nos marcos de uma organização social determinada” (1989, p. 140). Destarte, concordamos com o autor quanto à afirmação de que é fundamental elucidar o papel — positivo, negativo ou ambíguo — desempenhado pela espacialidade numa determinada forma de “apropriação destas pelas práticas sociais” (SOUZA, M. J. L., 1989, p. 140).

Em vista disso, passamos a entender o Meio da Serra como um conjunto de partes articuladas no qual os fenômenos que as unem fazem dele um espaço todo vivo e em processo.

## 2.2 O CONCEITO DE BAIRRO: MÚLTIPLAS ABORDAGENS

Para que pudéssemos expor uma conceituação de bairro optamos por partir da sua etimologia. A partir de uma revisão bibliográfica, observamos que o termo bairro é profundamente discutível, o que cria dificuldades na explicação de sua conceituação. Diante dessa constatação, como considerar e definir o que vem a ser um bairro?

O vocábulo pode derivar do árabe vulgar e ortograficamente é / *barri* /, que significa “exterior” e no árabe clássico / *barrî* /, ambos com a mesma conotação de

lado ou parte de fora, arrabalde, próprio dos arredores de uma cidade. No latim, / *barrium* /, remetendo a ideia de barra, travessa, divisória, se desdobrando para um adjetivo / *barriu-* /, para indicar o que está do lado de fora (CONCEIÇÃO, 2013).

No Dicionário Global Escolar Silveira Bueno da Língua Portuguesa (BUENO, 2010) a palavra *bairro* designa cada uma das partes em que se divide uma cidade, subúrbio ou arredores de uma cidade.

A palavra *bairro* também pode ser definida como a “fração do território de uma cidade, dotada de uma fisionomia própria e caracterizada por traços distintivos que lhe conferem uma certa unidade e individualidade”, como consta no Dicionário multilíngue Glosbe (GLOSBE, [201-]).

No Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013), está como um substantivo masculino: “1. Parte de uma comunidade que se distingue por determinada circunstância (ex.: bairro aristocrático, bairro operário), ou que recebe nome especial (ex.: *bairro de Alfama*). 2. Área de cada principal divisão administrativa das cidades”<sup>1</sup>.

No estudo do meio urbano, de acordo com a ideia de Monbeig (1957), a cidade pode ser desmembrada para maior simplicidade de exposição, pois uma urbe é um aglomerado de bairros dos quais cada um deles tem sua aparência, uma personalidade diferente, que é resultado de sua função, dos seus moradores, do seu tempo histórico.

Para Monbeig (1957) um bairro urbano é

[...] algo diferente de um fenômeno social, como localização de uma base ou de uma categoria de trabalhadores: um bairro urbano tem uma feição que só a ele pertence, uma vida particular frequentemente bem desenvolvida, uma alma. Mas, tem também suas razões de ser que a topografia e a história podem explicar. (MONBEIG, 1957, p. 50).

Nesse sentido, para Monbeig (1957), se não reservarmos uma considerável parte à descrição e ao dinamismo de cada bairro, ou seja, a evolução do seu espaço geográfico no tempo, o estudo do meio urbano será inconcluso.

Por sua vez, Lefebvre (1978), critica uma determinada postura de *ideologia de bairro*, que propõem o fundamento da realidade do meio urbano como uma esfera natural da vida social. Esta crítica vai de encontro à noção de que o bairro é um modelo

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/bairro>>.



dotado de capacidade de organizar a vida no meio urbano. Essa ideologia tenta acoplar o bairro às instituições, mas para Lefebvre, “as instituições não têm nada em comum com o bairro; hoje, mais do que nunca, elas extrapolam e o dominam” (1978, p. 198, tradução nossa); esta forma ideológica de pensar, segundo o autor, deixa “de lado” a ação dos sujeitos, “o social e o sociológico, sua especificidade” (LEFEBVRE, 1978, p. 199, tradução nossa).

No entendimento de Lefebvre, o bairro somente pode ser compreendido a partir da cidade e em sua totalidade, pois ele (bairro) não tem existência independente, não é autossuficiente. É “um tipo de módulo social ou de sociologia, verificável e ratificável dentro de um exaltado juízo científico e ético, de conhecimento e humanismo” (LEFEBVRE, 1978, p. 195, tradução nossa). Para Lefebvre, o bairro não é um simples detalhe acidental, de aspecto secundário. Num bairro, “distinguimos conjuntos de ruas e praças para viver as suas próprias vidas com seu caráter particular, seus costumes, suas manifestações” (1978, p. 196, tradução nossa). Assim, para o autor, a base de vida urbana é o centro da cidade, na totalidade, a sua essência. Um bairro só pode ser entendido no contexto da formação de uma cidade e não isoladamente.

Nesse sentido, Lefebvre (1978)<sup>2</sup> afirma que

[...] o único procedimento científico para compreendê-lo [o bairro], para defini-lo, determinando seus limites e seu grau de realidade, é o que se baseia na cidade como totalidade e não como um conjunto de elementos ou série de aspectos (e em consequência na sociedade como um todo superior as formas, as estruturas e as funções) que engloba. Sejam quais forem as dificuldades de acesso à totalidade e de apreensão do global, este procedimento é o único aceitável; é o único que evita a inadmissível redução do conjunto aos elementos. (LEFEBVRE, 1978, p. 199, tradução nossa).

Assim, para Lefebvre, o bairro é uma “unidade sociológica relativa” (1978, p. 199, tradução nossa) e subordinada. A sua estrutura depende de outras estruturas mais vastas: municipalidades, poder político e instituições. Ainda para o autor, o bairro nada mais é que uma malha muito fina do tecido urbano, articulado aos espaços sociais da cidade pela exigência da vida imediata e cotidiana e nunca autossuficiente.

---

<sup>2</sup> Trata-se de uma crítica ao funcionalismo de Pierre Monbeig, que acredita que a cidade é um conjunto de partes (bairros) organicamente unidas, de tal forma que, mudando-se uma parte, o todo se comprometeria. Só existe bairro quando existe cidade. Na metrópole o bairro perece.

No intuito de estudar os bairros com certa metodologia, Lefebvre (1978) indica algumas características que podem servir como orientação:

a) [existem bairros que são definidos como] “uma pura e simples sobrevivência. [Que se] mantém por inércia. [Relacionado ao] peso da história [assegurando] certa sobrevivência a alguns bairros”. b) [Os bairros também podem ser] “uma unidade sociológica relativa, subordinada, que não define a realidade social, mas que é necessária. Sem bairros, assim como sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópoles. Mas não há cidade”. c) [O bairro pode possuir] “uma existência pela metade, simultaneamente para o habitante e para o sociólogo. Constitui-se relações interpessoais mais ou menos duradouras e profundas. É o maior dos pequenos grupos sociais e o menor dos grandes. [Um bairro pode corresponder a um] [...] equipamento mais ou menos suficiente e completo. Não só um monumento (igreja), mas uma escola, [uma fábrica], uma agência dos correios, uma zona comercial, etc. um determinado bairro, desta forma, não é por si só autossuficiente. O equipamento depende de grupos funcionais mais amplos, ativos à escala da cidade, da região, do país. A estrutura do bairro depende estreitamente de outras estruturas mais vastas: municípios, poder político e instituições [...] E é neste nível que o espaço e o tempo dos habitantes tomam forma e sentido no espaço urbano”. (LEFEBVRE, 1978, p. 201-202, tradução nossa).

Dessa maneira, os bairros em sua essência, para cada momento histórico de sua constituição e sobrevivência, possuirão realidades diferentes em suas trajetórias. Surge daí, para Lefebvre (1978), a necessidade de analisar e estabelecer uma *tipologia de bairro* que nos permita uma inquirição com mais precisão. Um arrolamento e uma classificação dos equipamentos possibilitam “[...] classificar os bairros em diferentes tipos: os que se mantém, os que se consolidam e os que desaparecem. Esta classificação exige o estudo das imbricações e relações internas e externas entre os bairros e o meio circundante [...]” (LEFEBVRE, 1978, p. 202, tradução nossa).

Contudo, Lefebvre (1978) clarifica que:

Evidentemente a tipologia não é suficiente. [Pois] mantém-se classificadora e estática. Deve prolongar-se com um estudo da tendência geral. E essa tendência vai em direção ao reforço ou, ao contrário (é o que pensamos) vai em direção ao desaparecimento do bairro? Existem várias tendências conforme a cidade cresce ou se estanca, conforme o tipo de crescimento da cidade, por exemplo, pela indústria, pelos serviços ou pela via política? Na maioria das cidades, a investigação da tendência se insere dentro do estudo da região, do território que a rodeia e do planejamento. (LEFEBVRE, 1978, p. 203, tradução nossa).

Por esse motivo, nesta pesquisa relacionada ao bairro Meio da Serra, foi necessário procurar entendê-lo na dinâmica de sua história como espaço industrial e

bairro operário com a sua vila de casas, desde a sua consolidação, na segunda metade do século XIX, até sua desestruturação no presente. O estudo de tal período histórico nos subsidiará para o entendimento dos diversos acúmulos nesse espaço geográfico.

Para outras considerações acerca do entendimento do conceito de bairro, apoiamo-nos aqui em M. J. L. Souza (1989), citado anteriormente, que resgatou através de sua análise a forma como vinha sendo discutido, com “paulatina saturação” (1989, p. 139) e modismo entre pesquisadores sociais, sobretudo os sociólogos, o ativismo de bairro ou os “movimentos sociais urbanos” (1989, p. 139), segundo Souza, “uma expressão corrente” (1989, p. 139) à época. Para M. J. L. Souza (1989), essa saturação, não nos deve enganar por dois fatos: o primeiro, tem a ver com as questões urbanas onde as *contradições sociais* reveladas no conjunto do espaço urbano estão longe do fim, muito ao contrário, revelam-se como uma problemática do crescimento urbano nas metrópoles do *Terceiro Mundo* e, ainda, segundo o autor, diversos casos são abundantemente visíveis. O segundo fato está relacionado à produção acadêmica sobre o ativismo de bairro. Para M. J. L. Souza (1989) o assunto não está esgotado, apenas *tematicamente* inconcluso, desse modo, o objetivo do seu artigo é “realçar a dimensão política – o poder, o conflito – [...]” (p. 140) para o próprio movimento social a *arena de luta* cotidiana, o espaço vivido, o “referencial organizativo básico e catalisador simbólico: o bairro” (SOUZA, M. J. L., 1989, p. 140).

Em continuidade, M. J. L. Souza (1989) adverte-nos para o vazio e a superficialidade acrítica da discussão em torno do conceito de bairro e “à teoria dessa importante realidade urbana [...] [sobretudo a partir da ótica] [...] que valorize as práticas dos cidadãos [...]” (p. 141), em diversas ocasiões e não somente o do trabalho. Isto se deve ao fato, segundo esse autor, de a “constituição e os interesses da geografia clássica” (p. 142) (ponte entre homem/meio) que impossibilitaram a constituição de um ambiente intelectualmente favorável a noção de bairro como categoria de análise “num nível satisfatório quanto à natureza e ao papel social dessa realidade” (p. 142) urbana. Nesse contexto, segundo M. J. L. Souza (1989), a geografia urbana clássica

[...] ficava satisfeita em poder estabelecer, partindo do senso comum, do bairro como uma noção popular dada “a priori” ao pesquisador, a natureza da individualidade da “alma singular” de um determinado bairro, enfatizando a

relação do meio físico (sítio) com a evolução da ocupação humana. (SOUZA, M. J. L., 1989, p. 142).

Para M. J. L. Souza (1989), o sentido da existência de um bairro vai além de um simples *referencial geográfico* é “necessário haver um considerável espaço de manobra para a intersubjetividade, para uma ampla interseção de subjetividades individuais” (SOUZA, M. J. L., 1989, p. 150). O bairro é para M. J. L. Souza (1989) um processo dialético, uma realidade objetiva e subjetiva/intersubjetiva, onde estas duas dimensões, penetram-se mutuamente e regularizam-se uma à outra no decorrer do processo histórico espacial. Assim, fica evidente nas palavras do autor que os bairros, como construções identitárias tão próximas não são fenômenos urbanos recentes e que há uma complexidade no uso do conceito ao longo da história (SOUZA, M. J. L., 1989).

Em trabalho mais recente, M. J. L. Souza (2015) destaca que na escala intraurbana o bairro possui nítidos componentes que evocam ideias como *espaço vivido e identidade socioespacial* na evolução do estudo desse conceito. Para o autor, a ideia de bairro indica a conformidade de relação arguciosa de várias aparências num trabalho de análise e de reconstrução. Dessa maneira, segundo M. J. L. Souza (2015), os bairros podem ser caracterizados por atributos que vão desde a sua paisagem até a sua identidade socioespacial. E ainda, numa cidade contemporânea, o estudo de um bairro ou dos bairros, pode ser tratado a partir de três critérios ou conteúdos, como já discutidos em seus trabalhos no final da década de 1980: o composicional, o interacional e o simbólico (SOUZA, M. J. L., 2015). Conforme descrito pelo autor, essas três formas ou *conteúdos* são basilares para a identificação das qualidades constitutivas de um bairro, transitando entre a objetividade e a Intersubjetividade. Desse jeito, os conteúdos são definidos como:

O “conteúdo *composicional*” se refere às características “objetivas” concernentes a composição de classe (e também em matéria de atividades econômicas) e a morfologia espacial. O “conteúdo *interacional*”, por seu turno, tem a ver com as relações estabelecidas entre os indivíduos e os grupos, e que ajudam decisivamente a definir se há algum tipo de “centralidade” e de “força centrípeta” que concorra para estabelecer um determinado espaço. Durante um período maior ou menor de tempo, como possuindo uma certa “individualidade” (na medida em que a “vida de bairro” é fortemente determinada pela existência de subcentros de comércio e serviços que sirvam de polos de atração, garantindo algum nível de “introversão”, por menor que seja). Por fim, o “conteúdo *simbólico*” diz respeito à imagem de um dado subespaço intraurbano como um espaço percebido e vivido, como um bairro, e não meramente como algum recorte ao

qual se chega (uma instância de planejamento estatal, por exemplo) com base em algum critério “objetivo” definido em gabinete. (SOUZA, M. J. L., 2015, p. 152–153).

Em seu ensaio *O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro*, com data bem anterior ao referido texto de M. J. L. Souza, Bernardes e Soares (1990) sugerem que a ideia da palavra *bairro* emergiu do convívio popular, “tirada da linguagem corrente” (BERNARDES; SOARES, 1990, p. 105).

Segundo Bernardes e Soares (1990):

Para o habitante de uma cidade, o bairro constitui, no interior da mesma, um conjunto que tem sua própria originalidade. [...] A noção popular de bairro é muito mais geográfica, mais rica e mais concreta. Ela se baseia num sentimento coletivo dos habitantes, que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro. Esse conhecimento global, que cada um tem de residir em determinado bairro, é fruto da coexistência de uma série de elementos, que lhe dão uma originalidade, uma individualidade, em meio aos outros bairros que o cercam. Cabe à Geografia definir quais são esses elementos que unidos, dão a um bairro sua feição característica. Diz Tricart: ‘*um bairro é caracterizado, ao mesmo tempo, por certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por sua função*’. Assim, o bairro se define por sua paisagem urbana, isto é, tipos de casas, idade e estilo das construções, disposição das ruas etc.; seu conteúdo social, isto é, nível e modo de vida de seus habitantes; sua função, isto é, seu papel dentro do organismo urbano (residência, produção, comércio, administração etc.). São esses os elementos de individualização dos bairros e uma mudança em desses três elementos basta para fixar o limite do bairro. (BERNARDES; SOARES, 1990, p. 105–106).

As autoras ainda chamam a atenção para a dinâmica relacionada a esses aspectos da geografia urbana, remetendo-nos ao pensamento de Max Sorre quando ele diz que: “não se está bem seguro no momento em que se os escreve, se eles [o relevo, o conteúdo social, a paisagem urbana e a sua função] já não pertencem ao passado” (SORRE apud BERNARDES; SOARES, 1990, p. 106). Portanto, para Bernardes e Soares (1990), cada bairro é o resultado da história urbana passada e também de aspectos do tempo presente, mas, em todos eles, já se delineiam alguns aspectos de mudanças no futuro. Desse modo, segundo a autora, concerne ao geógrafo em seus estudos diferenciar tais transformações.

Como visto, Bernardes e Soares (1990) fundamentaram seu artigo conceitual sobre o *bairro* e o seu “conteúdo composicional” (SORRE, 1952 apud BERNARDES; SOARES, 1990, p. 106) em alguns geógrafos clássicos, o que, no nosso entendimento, não desmerece sua contribuição ao estudo do urbano contemporâneo.

Nessa perspectiva, para caracterizar um bairro, é necessário incorporar ao nosso estudo os elementos de caracterização e individualização: a análise pormenorizada da *paisagem urbana*, ou seja, como ela se apresenta (os tipos de casas e a sua distribuição pelo espaço do bairro, a idade das construções, a disposição das ruas), o seu *sítio* (o local sobre o qual a aglomeração urbana está assentada, natureza do solo, o relevo, fontes de água para o consumo e/ou produção, cursos ou massas de água), o seu *conteúdo social* (o nível e o modo de vida dos moradores), a sua *função* (o seu papel dentro do contexto urbano, residência, produção, comércio).

Dessa maneira, como já visto, a dinâmica urbana está diretamente relacionada com o tempo histórico, ao movimento dialético nas metamorfoses da cidade e do urbano, e singularmente nas relações continuidade e descontinuidade, que por sua vez transformará o espaço do bairro num futuro próximo. Encontramos aqui, reforço teórico de peso para as afirmações de Bernardes e Soares (1990) sobre as metamorfoses urbanas ao longo das épocas em Lefebvre (2016) quando declara que:

A cidade [consequentemente, o bairro] se transforma não apenas em razão de 'processos globais' relativamente contínuos (tais como o crescimento da produção material no decorrer das épocas, com suas consequências nas trocas, ou o desenvolvimento da racionalidade) como também em função de modificações profundas no modo de produção, nas relações 'cidade-campo', nas relações de classe e propriedade. (LEFEBVRE, 2016, p. 62).

Desse modo, a paisagem urbana, as estruturas, o conteúdo social, o seu sítio, as funções urbanas na cidade, nas relações da cidade com o território próximo ou dominado por ela, nas relações da sociedade com o Estado, "[...] agiram umas sobre as outras e se modificaram, movimento este que o pensamento pode hoje reconstruir e dominar [...]" (LEFEBVRE, 2016, p. 64). Portanto, como já mencionado, o bairro não tem existência independente, Lefebvre anuncia que, toda formação urbana conhecerá "uma ascensão, um apogeu, um declínio" (2016, p. 64) e seus fragmentos e restos servirão, na sequência, em outras formações (LEFEBVRE, 2016).

Na tentativa de associar e ampliar essa discussão geográfica em torno do conceito de bairro, destacamos algumas considerações de outras naturezas. Apresentaremos duas contribuições importantes de Certeau, Giard e Mayol (1996), mais especificamente de Mayol (1996).

Para Certeau, Giard e Mayol (1996) a concepção de bairro assemelha-se ao conceito de lugar, diferenciando apenas em que o bairro está mais relacionado à ideia de contiguidade territorial e de permanência, já o lugar, está mais relacionado aos acontecimentos do cotidiano<sup>3</sup> e assim mais suscetível a mudanças. De acordo com Certeau, Giard e Mayol (1996) o mais importante na relação íntima com o bairro são os acontecimentos no seu interior, na vida de bairro, em sua rotina.

Na obra, *A invenção do cotidiano*, na primeira parte – Morar, o capítulo I, *O Bairro* – escrito pelo discípulo de Certeau, Pierre Mayol (1996, p. 37–45), trata de um estudo sobre as maneiras de morar na cidade e tem como objetivo esclarecer as práticas culturais de usuários da cidade no espaço do seu bairro. Para Mayol, o bairro é “[...] o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social ou [...] uma arte de conviver com os parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados [...] pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição” (MAYOL, 1996, p. 39).

Existe assim, uma regulamentação para articular uns aos outros (parcerias) na convivência do cotidiano de bairro, cada indivíduo contribui com uma cota para a vida em coletividade com o intuito de retirar daí benefícios simbólicos, os usuários se tornam parceiros de uma espécie de contrato social que todos são “obrigados” a respeitar para que seja possível a vida cotidiana de bairro. Assim, para Mayol (1996), o bairro é quase por definição:

[...] um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço *privado particularizado* pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. (MAYOL, 1996, p. 40).

Dessa forma, a fixidez das casas dos moradores no bairro, os costumes da vizinhança, os reconhecimentos recíprocos de identificação de cada usuário que se estabelece pela proximidade e coexistência concreta na vida diária de bairro, todos esses elementos da vida prática “se nos oferecem” como enormes arenas de exploração em vista de abarcar um pouco da vida de bairro. Mayol (1996), na

---

<sup>3</sup> Para Certeau, Giard e Mayol (1996), o cotidiano “é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão presente. Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. [...] é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase que em retirada, às vezes velada.” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 31).

continuidade de seu trabalho, tem cautela em responder à pergunta: *O que é um bairro?* Para essa situação, que ele mesmo declara como *embaraçosa*, evoca as contribuições de Henri Lefebvre, dizendo que

[...] para essa pergunta embaraçosa, os trabalhos dos sociólogos sugerem inúmeras respostas, das quais retiramos aqui preciosas indicações sobre as dimensões que definem um bairro, sobre suas características históricas, estéticas, topográficas, sócio-profissionais, etc. De todas elas vou reter sobretudo a proposta [...] de Henri Lefebvre, para o qual “o bairro é uma porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado”. O bairro surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma *caminhada*, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência. (MAYOL, 1996, p. 41).

Em sua argumentação, Mayol afirma que o bairro, em face das configurações impostas pelo urbanismo e da estratificação social interna ao espaço urbano, “o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer” (MAYOL, 1996, p. 42). Para o autor, o bairro possui uma dinâmica que requer constante aprendizado, que progride conforme a repetição e o engajamento do próprio usuário no espaço público até desempenhar aí um apoderamento.

Essa apropriação a partir do uso costumeiro, o bairro pode ser classificado, segundo Mayol, como a “privatização progressiva do espaço público” (1996, p. 42). É uma forma prática que tem como função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo, o espaço de *dentro* o da morada e o que é mais inexplorado, o espaço urbano, o de *fora*. Dessa forma, para Mayol (1996) o bairro compõe a fração média de uma dialética existencial entre o que está dentro e o que está fora. É nessa articulação entre um dentro e um fora, que aos poucos acaba virando um alongamento de um dentro, que se realiza a apropriação do espaço.

Nesse sentido, para Mayol, um bairro pode ser considerado uma extensão do habitáculo, para o usufruidor, “ele se resume à soma das trajetórias inauguradas a partir do seu local de habitação” (MAYOL, 1996, p. 42). Assim, na sequência de seus argumentos, Mayol (1996) afirma que

[...] o limite público/privado, que parece ser a estrutura fundadora do bairro para a prática de um usuário, não é apenas uma separação, mas constitui uma separação que une. O público e o privado não são remetidos um de



costas para o outro, como dois elementos exógenos, embora coexistentes; são muito mais, são sempre interdependentes um ao outro, porque, no bairro, um não tem nenhuma significação sem o outro. (MAYOL, 1996, p. 43).

Além do mais, para Mayol, o bairro é um espaço de “relação com o outro como ser social” (1996, p. 43) necessitando de um tratamento diferenciado visto que existe uma relação com o de fora, pois,

[O] Sair de casa, andar pela rua, é efetuar de tudo um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares etc.). A relação entrada/saída, dentro/fora penetra outras relações (casa/trabalho, conhecido/desconhecido, calor/frio, tempo úmido/tempo seco, atividade/passividade, masculino/feminino...). É sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social. É organizadora de uma estrutura inaugurável e mesmo arcaica do "sujeito público" urbano pelo pisar incansável porque [é] cotidiano, que afunda em um solo [determinando] os germes elementares [...] de uma dialética constitutiva da autoconsciência que vai haurir, nesse movimento de ir-e-vir, de mistura social e de recolhimento íntimo, a certeza de si mesma enquanto imediatamente social. (MAYOL, 1996, p. 43).

Portanto, a prática de bairro desde os primórdios é uma forma de apropriação e reconhecimento do espaço vivido, é o seu lugar de atividades cotidianas, de pertencimento. Um simples caminhar pelas ruas do bairro desperta diversos sentimentos: lembranças do tempo passado aniquiladas pela história do lugar, as cores, os sons e os odores do bairro, o rebuliço da vizinhança, o acaso dos encontros com os velhos camaradas, à saída da fábrica, o alvoroço dos operários, enfim, todos os acontecimentos, de ontem e de hoje, são produzidos no contato com a rua, com o de fora.

Por todas estas razões, para Mayol (1996), o bairro é um objeto de consumo do qual se apropria o morador no modo de privatização do espaço público, favorecendo a partir dessa relação o conhecimento dos trajetos diários, a relação com a vizinhança, os problemas arrolados no bairro, a relação com os comerciantes, etc. Dessa forma, é fortalecido o sentimento de pertença ao lugar, tudo isso acumulado e combinado cria no decorrer da história do bairro o lugar de um ambiente social, de coexistência e de reconhecimento.

Na sequência, Seabra (2003), em seu estudo apresentado como requisito para obtenção do título de livre-docência na Universidade de São Paulo cognominado: *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em*

*metrópole, a partir das transformações no Bairro do Limão*, afirma que os bairros foram suporte *doméstico* básico do processo de industrialização e urbanização, “sob o ideário do progresso material [...] [e no qual inicialmente foi sendo] forjado um tempo próprio do bairro, tempo comum e cotidiano” (SEABRA, 2003, p. 4).

Para Seabra (2003), o bairro, como prática social é “compreendido por relações de vizinhança, de compadrio e de parentela, inscrevendo-se no espaço” (p. 9), integra-se aos processos citadinos e que gradativamente se moldam a um modo de vida urbano, e ainda, forma-se “um âmbito de relações de qualidade a partir de experiências vividas” (p. 9), para Seabra, é no nível do espaço vivido que as tramas são articuladas, “que ligam e que separam os indivíduos” (p. 9), e que o processo de industrialização/urbanização, como totalidade, tem implicância direta nas metamorfoses visíveis tanto nas cidades, como também nos seus bairros, pois na ideia de sustentação de seu estudo Seabra diz que a “sociedade industrial é movida por uma lógica interna que rompe e redefine os nexos da vida imediata” (p. 12–13) onde os sentidos e as finalidades eram determinados.

Para Seabra (2003) o bairro, considerado como um fenômeno histórico e social, é uma unidade de vida imediata onde é possível ver o desenvolvimento da vida de bairro, a partir das trocas de experiências e realizações contidas nesse processo e que vão afirmar a identidade do bairro, “ele [o bairro] foi acontecendo ao nível da prática social, foi ganhando objetividade, tornou-se empiricamente observável” (p. 14) derivados das contiguidades históricas, que sistematizavam por dentro a vida de bairro. Cada bairro, nas palavras de Seabra (2003), possui um perfil derivado dos “conteúdos que lhes são específicos” (p. 14), erguendo-se como um lugar excepcional para a análise da metamorfose urbana.

No entendimento de Seabra (2003), os bairros (mais antigos) não expressam homogeneidade, não são funcionais e, apresentam quase sempre entraves a mobilidade urbana, para a autora esses espaços são:

[...] residuais que guardam permanências históricas com as quais se pode indagar sobre as genealogias, sobre as coexistências, sobre as continuidades e descontinuidades, sobre as temporalidades e sobre o devir [...]. Apresentam-se superpostos, vazios e cheios, recortados, separados, mas nunca independentes uns dos outros. E, além do mais, se excluem e se incluem, sem que seja possível imputar-lhes nenhum poder de transformação, no sentido de restaurar o tempo, como, [...] a vida de bairro. (SEABRA, 2003, p. 17).

Considerada em seu movimento histórico, a cidade guarda em si seus pertencimentos mais profundos, o bairro, de forma semelhante, também produz pertencimentos como consequência de “práticas simples, comuns e cotidianas”, por conseguinte, cidades e bairros, realizam-se como “prática social e como conceito dotado de historicidade” (SEABRA, 2003, p. 18). Desde o seu primórdio, na concepção de Seabra (2003) o bairro, despretensiosamente “[...] tem sido, na história urbana, a tradução de conteúdos sociais da vida imediata” (p. 19) e direta ligada a parentela, a consanguinidade, as relações pessoa-pessoa e a amizade ou ao amor.

É no bairro, como indivíduos e famílias que o morador, segundo a autora, se torna carregado de muitos tempos e com uma bagagem diversificada de conteúdo, alicerçados nas experiências do cotidiano da vida de bairro, onde vivem e sobrevivem os embates resultantes da modernização do espaço capitalista.

Afinal, como já dito, para Seabra (2000), o bairro tem como amálgama a vizinhança, o parentesco e o compadrio, dando vida ao cotidiano e formando o enraizamento do bairro.

Por fim, para Conceição (2013)<sup>4</sup>, em seu artigo “*A polissemia da palavra bairro*” diz que o *bairro* ou um *bairro* é:

[...] uma parte da cidade habitada, que apresenta características distintas que a tornam reconhecível face às restantes zonas urbanas, podendo tais características distintivas ser de várias ordens; apesar disso, trata-se sempre de um conjunto urbano com função [...], identificável pela diferenciação sociológica. (CONCEIÇÃO, 2013)<sup>5</sup>.

Assim, para Conceição (2013), a dificuldade reside em deixar claro a palavra *bairro* pode ser pelo fato desse conceito puramente urbano ter sido associado e fortemente dependente de um conteúdo sociológico e ter ficado por um longo período de tempo com dois sentidos básicos a partir de noções teoricamente contrárias: a separação e ao pertencimento.

---

<sup>4</sup> Pesquisadora do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.estudoprevio.net/artigos/29/dossier-bairros-margarida-tavares-da-conceicao--a-polissemia-da-palavra-bairro>>.

## 2.3 URBANIZAÇÃO, REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO E A SUA PERIFERIA

“Os chamados problemas urbanos, [...] prosseguem e se agravam cada vez mais. Agravam-se os problemas de habitação, os loteamentos clandestinos, os de saneamento e de transportes”.

(VILLAÇA, 1999, p. 225).

A base do crescimento periférico está associada diretamente ao processo tardio e acelerado de urbanização/industrialização brasileira. Cabe nesse momento, esclarecer o sentido da palavra urbanização. No Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013), esse substantivo aparece como: “1. .Ato de urbanizar. 2. Ciência ou teoria do arranjo citadino (sanear, engrandecer, embelezar)”<sup>6</sup> ou seja, um conjunto de medidas técnicas, administrativas, econômicas e sociais que visam o desenvolvimento do meio urbano.

Segundo o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (CUNHA, 1997, p. 804), o termo *urbanização* ou *urbanizar* oriundos do francês, *urbanisation* e *urbaniser*, respectivamente, é datado de 1813, ambos os termos estão relacionados as palavras urbano e urbanidade, qualidade de pessoa educada, cortês e que, por sua vez, deriva de *urbe* (latim) e que estão conexos à qualidade de vida numa cidade, um modo de vida específico do meio urbano para diferenciar do modo de vida no meio rural.

De acordo com o Dicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa (AULETE, 2008) *urbanizar* significa dar a “(um lugar) as características e recursos de cidade, ou adquiri-las” (p. 988). Assim, é um processo de crescimento da população, da infraestrutura das cidades e da sua malha urbana. No entanto, Villaça (1999) faz uma advertência sobre o uso da palavra *urbanismo*, que levamos em consideração. Ele pondera que

É preciso atentar para uma possibilidade de confusão quando surge a palavra *urbanismo*. Esta pode ter três sentidos. O primeiro corresponde ao conjunto de técnicas e/ou discursos referentes à ação do Estado sobre a cidade; corresponde em inglês, ao *city planning*, ao francês *urbanisme* e ao português

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/urbaniza%C3%A7%C3%A3o>>.

*urbanismo*, no sentido antigo. Esse sentido existe no Brasil desde seu aparecimento na França, no início deste século. O segundo corresponde a um estilo de vida (Wirth, 1973, publicado em 1938), sendo designado, em inglês, por *urbanism*; finalmente o terceiro refere-se ao conjunto das ciências – e supostas ciências – que estudam o urbano; este último só passou a ser utilizado no Brasil em décadas recentes. [...] Neste aspecto, é preciso cuidado para não identificar o urbanismo enquanto mero discurso, conjunto de ciências e supostas ciências (ideologia)<sup>7</sup> com políticas urbanas. Estas devem referir-se às reais ações e às propostas consequentes de ação do Estado sobre o urbano. Inserem-se no campo da política. Aquele, como retórica, insere-se no campo da ideologia. As políticas públicas urbanas, enquanto ação real do estado sobre nossas cidades, são ainda de difícil estudo, pois permanecem predominantemente ignoradas, uma vez que, poucos são os levantamentos sobre tais ações; note-se aliás que elas envolvem os três níveis de governo. Devem abordar principalmente as políticas de saneamento e meio ambiente, transportes e habitação. Quanto ao urbanismo enquanto discurso, enquanto ciência, estilo de vida ou ideologia, estes são mais visíveis, estão nos livros e nos artigos de revistas e – no Brasil – nos “planos diretores”. (VILLAÇA, 1999, p. 180)

Dessa forma, o termo urbanização, entendido como processo social, consiste na adoção de hábitos e atitudes peculiares à vida urbana como os bons costumes, a polidez, nas interações sociais. Portanto, o processo de urbanização no território e na sociedade possibilita a vida em cidades bem estruturadas, pois oferece as condições necessárias à reprodução do trabalhador e a sua inserção nas atividades econômicas, aos recursos materiais e imateriais da vida citadina e afinal a um modo de vida.

Em relação à urbanização no Brasil, Santos (1993) observa que:

A urbanização brasileira conhece, nitidamente, dois grandes regimes, ao longo das diferentes periodizações que se proponham. Após os anos de 1940-1950, os nexos econômicos ganham enorme relevo, e impõem-se às dinâmicas urbanas na totalidade do território [...] e, antes desse momento, o papel das funções administrativas tem, na maior parte dos estados, uma significação preponderante. (SANTOS, 1993, p. 24).

Foi entre os anos de 1940-1980, escreve Santos (1993), que se dá a “[...] verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira” (p. 29),

---

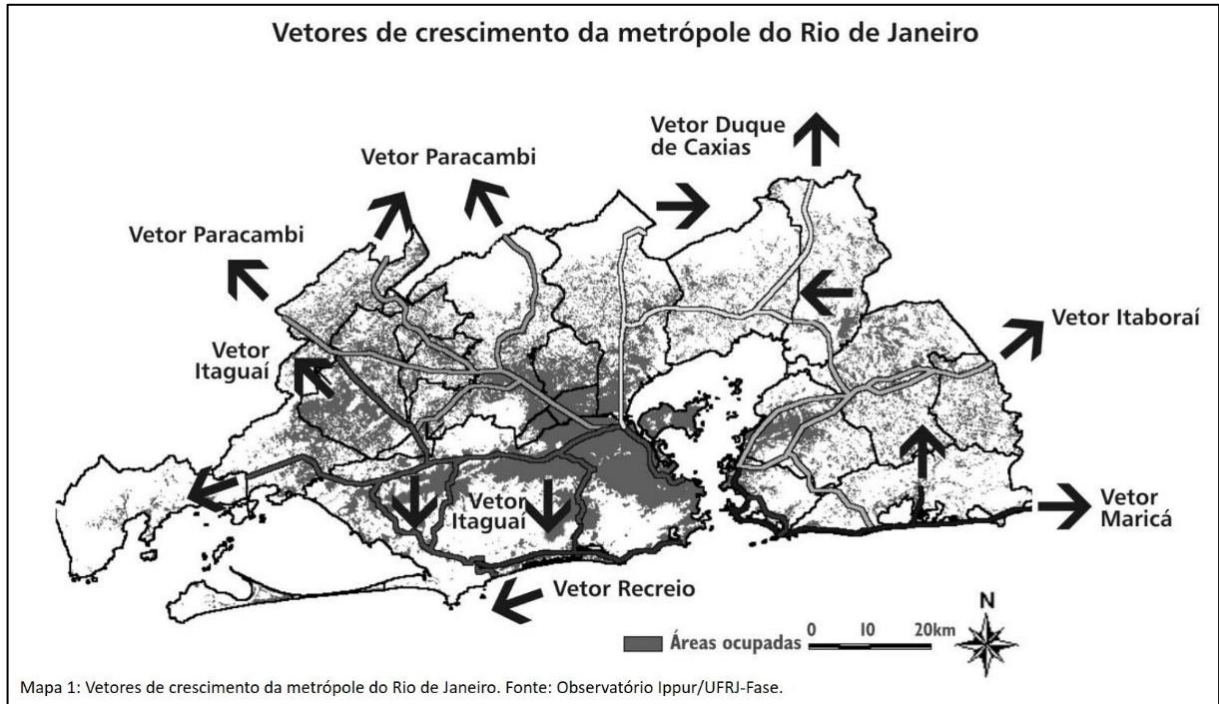
<sup>7</sup> Aqui, segundo Villaça a ideologia é entendida “o conjunto de idéias [*sic*] fundamentais desenvolvidas pela classe dominante visando facilitar a dominação, ocultando-a. Segundo Chauí (1981, p. 87). ‘a ideologia nasce para fazer com que os homens criem que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a Natureza, os deuses ou Deus, a Razão ou a Ciência, a Sociedade, o Estado) que existem em si e por si e às quais é legítimo e legal que se submetam’. No caso do planejamento urbano, os destaques são para a razão, a ciência e o Estado. A ideologia precisa ser analisada historicamente em termos de filosofia ela praxis<sup>2</sup> como superestrutura (Gramsci, 1983, p. 376), pois ‘enquanto não houver um conhecimento da história real, enquanto a teoria não mostrar o significado da prática imediata dos homens. enquanto a experiência comum de vida for mantida sem crítica e sem pensamento, a ideologia se manterá’ (Chauí, 1981, p. 87).” (VILLAÇA, 1999, p. 183–184).

pois o intenso processo de urbanização observado a partir do final da Segunda Grande Guerra Mundial é,

[...] contemporâneo de um forte crescimento demográfico, resultado de uma natalidade elevada e de uma mortalidade em descenso, cujas causas essenciais são os progressos sanitários, a melhoria relativa nos padrões de vida e a própria urbanização. (SANTOS, 1993, p. 31).

Nesse sentido, a urbanização e a industrialização fluminense, na década de 1940, mas sobretudo, a partir de 1974, quando foi criada a Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro (RMRJ)<sup>8</sup>, doze meses após as demais Regiões Metropolitanas do país, possibilitou a ampliação da mancha urbana e a dispersão da população por sua área, especificamente direcionados para os municípios da Baixada Fluminense, localizados nas franjas da cidade do Rio, como indica os vetores de crescimento no Mapa 1, a seguir.

Mapa 1 – Vetores de crescimento da metrópole do Rio de Janeiro



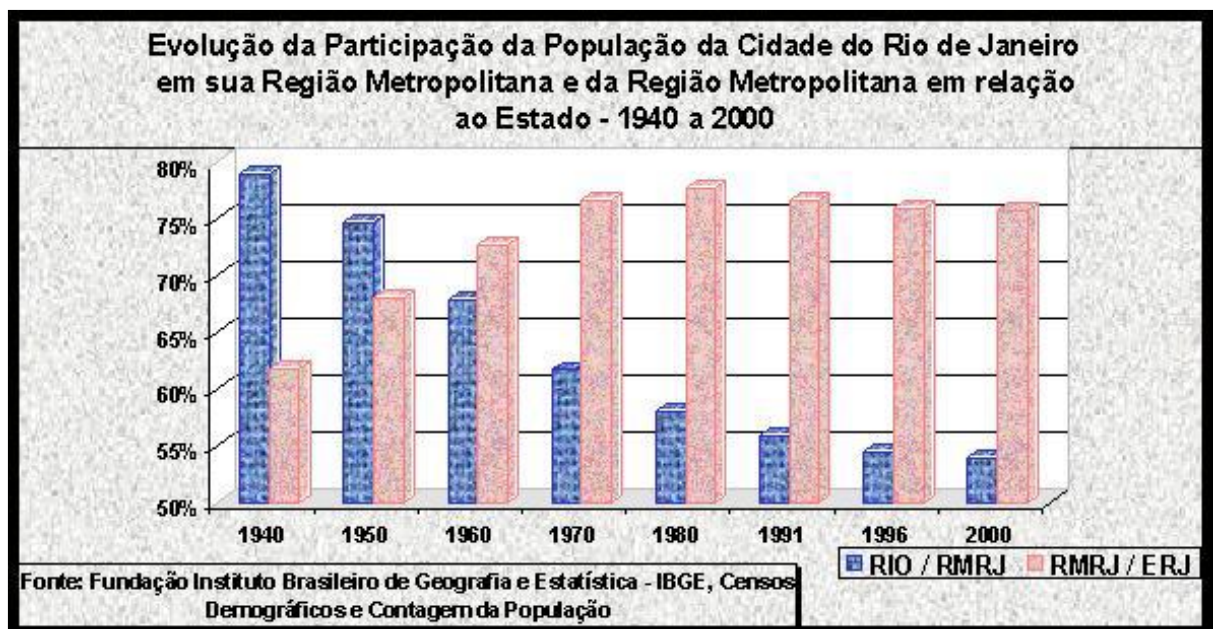
Fonte: CARDOSO; ARAÚJO; COELHO, 2007, p. 49

<sup>8</sup> “Em razão das mudanças trazidas pela Constituição Federal, que passou para os governos estaduais a competência para a criação das áreas metropolitanas no país, foi promulgada a Lei Complementar [(BRASIL, 1974)], que dispôs sobre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sua composição, sua organização e gestão, e que definiu as funções públicas e os serviços de interesse comum. Desde a sua criação até a edição dessa lei complementar, a principal alteração na composição da RMRJ foi a [autoexclusão] do município de Petrópolis [em 1993]” (CARDOSO; ARAÚJO; COELHO, 2007, p. 44).

A RMRJ abrange uma área de 5.645 quilômetros quadrados e representa 12,91% da superfície do Estado do Rio de Janeiro. Entre o ano de 1991 e 2000, ocorreram novas configurações.<sup>9</sup> na região metropolitana, passando de quatorze municípios que integravam a RMRJ (o município-sede, Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Itaboraí, Itaguaí, Magé, Mangaratiba, Maricá, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, São João do Meriti, e São Gonçalo) para dezenove com a emancipação de cinco novos municípios – Guapimirim, Japeri, Queimados, Seropédica e Tanguá.

Quanto aos dados populacionais, a evolução histórica aponta que entre o ano de 1940 e o ano de 2000 houve um declínio sucessivo da participação da população da cidade do Rio de Janeiro em seu espaço metropolitano, de 79,1% para 53,8% (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Evolução da participação da população da cidade do Rio de Janeiro em sua região metropolitana e da região metropolitana em relação ao Estado do Rio de Janeiro, 1940 a 2000



Fonte: CARNEIRO, 2001, p. 1

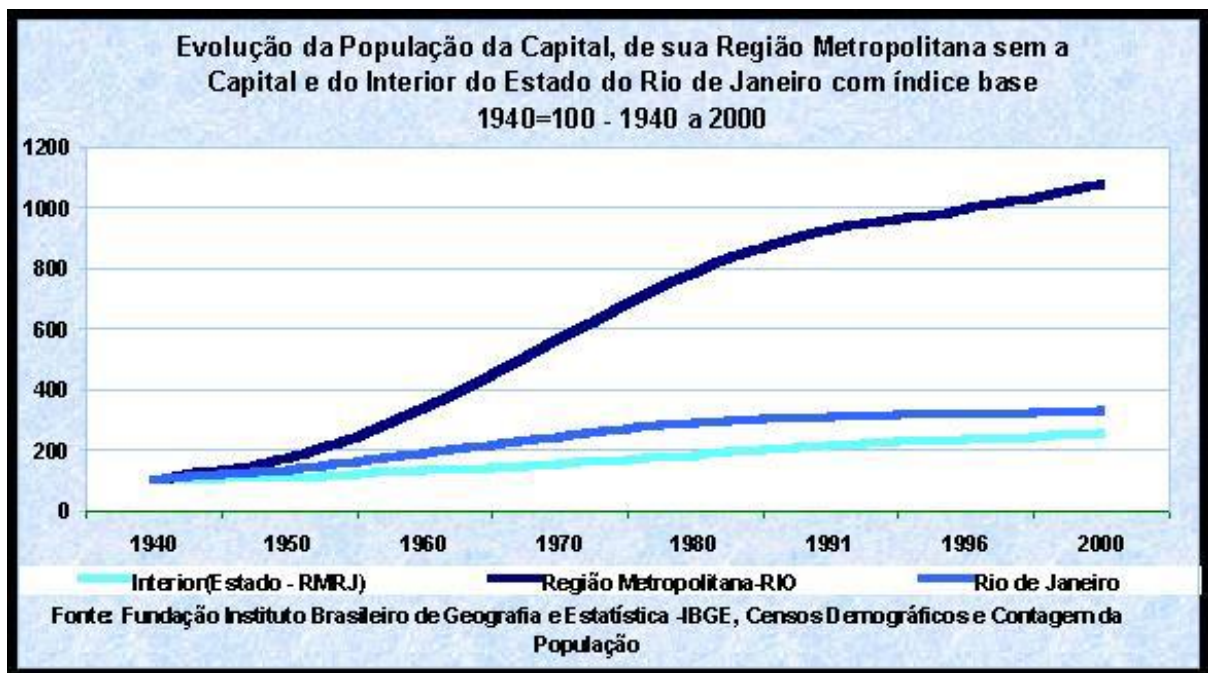
<sup>9</sup> “Em 1997, foi aprovada a Lei Complementar Estadual (LCE) 87, que modificou a composição da RM e revogou a LCE 64, de 1990. Em 1998, a LCE 89 dispôs sobre o Conselho Deliberativo da Região Metropolitana. Após 2000, foram feitas novas alterações na composição da RMRJ por meio da Lei Complementar 97, de 2001, que excluiu Maricá, e da Lei Complementar 105, de 2002, que incluiu o novo município de Mesquita (emancipado em 1999) e excluiu os municípios de Itaguaí e Mangaratiba” (CARDOSO; ARAÚJO; COELHO, 2007, p. 46).



Já na relação entre a RMRJ e o Estado do Rio de Janeiro, apresenta um forte dinamismo, visto que, parte de um nível de 61,8% no ano de 1940, numa evolução constante até o ano de 1980, quando alcança o seu ponto de inflexão no nível de 77,7% para em seguida, declinar devagar até atingir 75,0% no ano de 2000.

O Gráfico 2 mostra o dinamismo da população entre o ano de 1940 e o ano de 2000. Observa-se claramente que as taxas de crescimento da periferia urbana do Rio de Janeiro têm superado e muito, as taxas de crescimento do Centro ou mesmo as do interior do Estado.

Gráfico 2 – Evolução da população da capital, de sua região metropolitana sem a capital e do interior do Estado do Rio de Janeiro, 1940 a 2000



Fonte: CARNEIRO, 2001, p. 2

Segundo Carneiro (2001), o crescimento exagerado da RMRJ fica ainda mais evidente “[...] quando verificamos que um em cada três moradores desse estado mora na capital ou ainda mais grave, três em cada quatro fluminenses residem em sua região metropolitana” (p. 1) que é em grande parte desassistida socialmente. Há outro dado comparativo importante destacado por Carneiro (2001), em São Paulo,



“[...] ao instituir sua Região Metropolitana tinha em seu entorno um ABCD<sup>10</sup> que sempre produziu bens e gerou empregos de qualidade, em quantidade” (p. 4), reproduzindo dessa maneira uma qualidade nos serviços públicos e do alto padrão de vida a força de trabalho.

Esse dado é confirmado por Martins (2001) em depoimento à Revista Espaço & Debates afirmando que o

[...] [ABC], tem uma das mais altas rendas per capita do país; tem todas as ruas calçadas, com água, esgoto e energia elétrica, um dos melhores padrões de vida do Brasil, uma das mais altas expectativas de vida, um dos melhores índices de atendimento da infância. Tem um quadro completo de escolas de primeiro e segundo grau, todas com alto padrão de construção. Os dois grandes hospitais públicos do município [São Caetano] foram construídos pelo próprio povo, nos anos quarenta e cinquenta, com base em arrecadações, de rifas, quermesses, doações, belos frutos da mentalidade suburbana. (MARTINS, 2001, p. 78).

A partir dos estudos do processo de evolução e expansão da RMRJ, conforme indicam Cardoso, Araújo e Coelho (2007), desenhou-se uma estrutura metropolitana, desse modo, segundo esse autor, pode ser caracterizada da maneira a seguir:

**O núcleo** – formado pela área central e zonas norte (parte), sul e oeste (parte) do município do Rio de Janeiro – Centro – zona sul e Tijuca; e [parte – Barra da Tijuca]), e pelo município de Niterói, concentra, em termos sociais, as camadas de mais alta renda, maior escolaridade e faixa etária mais elevada, bem como a maior quantidade de equipamentos e serviços.

**A zona urbana** – formada pelos bairros dos subúrbios cariocas, concentra camadas de renda média e conta com um atendimento razoável em termos de oferta de serviços públicos, [...].

**A periferia consolidada** – formada pelos bairros da zona oeste do município do Rio de Janeiro, pelos municípios da Baixada Fluminense (Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Nova Iguaçu, Nilópolis, Queimados e São João de Meriti) e pelo município de São Gonçalo, apresentou altas taxas de crescimento populacional entre os anos 1940 e 1970 e concentra uma população pobre, com menor escolaridade, mais jovem, mais negra e com pouco acesso a serviços e equipamentos urbanos.

**A periferia em expansão** – formada pelos municípios de Guapimirim, Itaguaí, Magé [município fronteiro ao de Petrópolis], Mangaratiba, Maricá, Paracambi, Tanguá, Seropédica e Itaboraí, é a região mais distante do núcleo, com relativa presença de áreas rurais, e, mais recentemente, tem apresentado taxas mais elevadas de crescimento populacional, indicando uma expansão da mancha urbana em sua direção. (CARDOSO; ARAÚJO; COELHO, 2007, p. 49–50).

---

<sup>10</sup> Estas siglas representam os municípios industriais da Região Metropolitana de São Paulo: (A) Santo André, (B) São Bernardo do Campo, (C) São Caetano do Sul e (D) Diadema.

Isto posto, ainda que Petrópolis não pertença mais a RMRJ, o município faz fronteira com Magé e Duque de Caxias, vetores de crescimento da metrópole do Rio de Janeiro e as consequências desse crescimento periférico, historicamente tem reflexos e são visíveis em Petrópolis, cujo exemplo (provisoriamente entendido), é o bairro Meio da Serra.

Assim, nessa forma classificatória descrita acima, poderíamos considerar presumidamente, que o Meio da Serra poderia se encaixar na descrição de área que está em provável processo de ocupação, não provida de infraestrutura, de planejamento prévio ou de serviços urbanos adequados, supostamente caracterizando-se em área de periferia devido, tanto a expansão da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, como também, aos processos socioeconômicos ocorridos no município de Petrópolis.

### **2.3.1 Periferia, periferias**

Na medida em que temos a necessidade de entender a formação e a expansão da periferia, a luz do processo de urbanização “que produz população para o capital” (BONDUKI; ROLNIK, 1979, p. 81), esbarramos num conceito pleno de dualidade. Tais abordagens conceituais estão bem expostas em quantidade e qualidade em diversos trabalhos acadêmicos, em livros de autores de arquitetura e urbanismo, de sociologia urbana e de geografia, entre outros.

Na visão dos urbanistas, Bonduki e Rolnik (1979), o conceito de periferia é de uso indiscriminado, usado para definir ao mesmo tempo uma visão geográfica e outra sociológica, ou seja, de forma dual. Para os autores, é imperativo aclarar o que eles entendem o que vem a ser periferia, dizendo que

[...] Normalmente, essa definição é utilizada indiscriminadamente para designar ao mesmo tempo, uma visão geográfica, os espaços que estão distantes do centro metropolitano e na faixa externa da área urbanizada e, numa visão sociológica, os locais onde a força de trabalho se reproduz em péssimas condições da habitação. Aparentemente é consenso que as duas definições estão falando da mesma coisa; no entanto, este uso indiscriminado do termo leva a uma série de imprecisões na sua utilização. (BONDUKI; ROLNIK, 1979, p. 84).

Todavia, para dar maior consistência ao conceito segundo Bonduki e Rolnik (1979) é a *baixa renda diferencial* que definirá a *periferia* ou *periferias* com maior

precisão, assim como “vincular concreta e objetivamente a ocupação do território urbano à estratificação social [...], estando o terreno onde estiver no espaço urbano” (BONDUKI; ROLNIK, 1979, p. 85).

Para esses autores,

[...] não se pode usar somente o critério distância ou ‘recência’ para definir periferia. Existem parcelas da cidade que mesmo não sendo recentes nem estando distantes do centro, propiciam baixa renda diferencial. E temos ainda, na faixa exterior da área urbanizada, parcelas do território que apresentam alta renda diferencial. (BONDUKI; ROLNIK, 1979, p. 85)

Destarte, emerge como nova estratégia e tendência no mercado imobiliário os condomínios horizontais fechados, como exemplo, aqui no Rio de Janeiro, podemos citar a área da Barra da Tijuca, de urbanização recente e distante do centro tradicional carioca, onde se instalam praticamente lado a lado os condomínios de luxo (Alphaville Barra da Tijuca) e loteamentos para a população de baixa renda (Cidade de Deus).

Assim como o condomínio Alphaville em São Paulo, o Alphaville Barra da Tijuca é um loteamento de alto padrão, oferece diversidade de equipamentos públicos e fácil acesso, que resulta de altos investimentos e “que lhe confere *alta renda diferencial*”. Portanto, o Alphaville de São Paulo ou do Rio de Janeiro, não podem ser enquadrados como sendo *periferia* “se quisermos atar essa definição ao conceito de segregação espacial”. Logo, para Bonduki e Rolnik (1979),

[...] não existe uma periferia, mas muitas, com características diferentes, pois mesmo dentre os territórios da cidade mal servidos, isto é, que apresentam baixa renda diferencial, há uma gradação – desde o que não tem ruas até o que tem água e não asfalto [...] (BONDUKI; ROLNIK, 1979, p. 85).

No discurso desses autores, as periferias, com a expansão da mancha urbana, não formam absolutamente “círculos concêntricos”, se bem que, “seja possível identificar algo parecido com esta configuração em alguns setores ou vetores de expansão da metrópole”, reforçam ainda que, essas áreas são mal atendidas pelo serviço público em geral e que estabelece dessa forma, as periferias como “o ‘locus’ de reprodução da força de trabalho como um todo, sem as pequenas diferenciações de estratos de renda” (BONDUKI; ROLNIK, 1979, p. 85)

Por fim, Bonduki e Rolnik (1979) ressaltam que na periferia urbana o loteamento passa a ser a maneira predominante e paulatinamente incentivado, pois, a partir dele que há “uma reprodução do sistema através da ideologia da casa própria” (BONDUKI; ROLNIK, 1979, p. 86).

Nesse caso, predominam as autoconstruções, forma de habitação construída pelos próprios moradores, muitas vezes em regime de mutirão e serve tanto para o uso da família, como para auferir renda, reforçando dessa forma, o direito da propriedade.

A partir do momento que esse tipo de habitação se expande, aumenta a desorganização da cidade, realçando a desordem urbana, “evidência da contradição entre a organização da produção da fábrica e anarquia da produção social” (BONDUKI; ROLNIK, 1979, p. 86).

O conceito de *periferia* ou *periferias* é relevante como suporte para o entendimento das hipotéticas transformações do objeto da pesquisa, qual seja, o bairro Meio da Serra. Justifica-se todavia, por se tratar de um tema complexo, “dada a infinidade de interpretações que ele suscita” e de grande interesse em diversas áreas acadêmicas e em várias partes do mundo (ABREU, 1986).

A concepção da noção de periferia urbana é oriunda de estudos realizados em decorrência do acelerado crescimento e expansão de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro e de sua população urbana, que foi uma peculiaridade frequente em todos os países capitalistas dependentes do mundo.

Para Abreu (1986), esse crescimento está enquadrado

[...] perfeitamente na lógica do sistema capitalista, que, ao separar o trabalhador dos seus meios de produção e ao restringir os locais onde ele poderá vender a sua força de trabalho, ocasiona uma forte mobilidade interna em direção a esses locais, que são, via de regra, os grandes núcleos urbanos. (ABREU, 1986, p. 62).

Nesse caso, explicar as tramas políticas e sociais desse processo capitalista de produção do espaço, envolve um aprofundamento no estudo da cidade e suas demandas.

Estudar nomeadamente a cidade sob seus diversos aspectos, foge um pouco do foco desta dissertação. Em vista disso, procuramos observar e relatar especificamente como vem ocorrendo o processo de transmutação de um bairro ex-industrial têxtil para um bairro ‘residencial’ que presentemente apresenta diversos

problemas de infraestrutura urbana insatisfatória, de desemprego, de acessibilidade, de acentuada e progressiva ocupação irregular (com destaque para as autoconstruções) à margem da legalidade, definitivamente, de exclusão espacial e socioeconômica.

Para melhor compreensão do tema, outra contribuição pertinente é a de Corrêa (1986). Para Corrêa, a periferia urbana é produto de “acumulação de capital”, a partir da “incorporação e produção imobiliária”, da “extração da renda fundiária” e também do uso de “terrenos baratos” para fixação de indústria e serviços variados, assim como, faz parte do processo o controle social feito “através da reprodução segregada das diferentes classes sociais e suas frações” (1986, p. 73), para o autor, tanto a acumulação quanto a reprodução, são questões interligadas na produção do espaço periférico.

É interessante notar que Corrêa (1986) reconhece o fato de haver distintas *periferias urbanas*, argumentando da seguinte maneira:

esta não se constitui em uma faixa circular homogênea, tanto em terrenos naturais como sociais, em toda a cidade. Há periferias e periferias. Melhor seria falar em setores periféricos: assim, à guisa de exemplificação, a *periferia litorânea* da cidade do Rio de Janeiro – Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes – reverte-se de características naturais, como amenidades microclimáticas e beleza natural, e sociais, que não caracterizam a *periferia interiorana*, a Baixada Fluminense, por exemplo” Esta diferencialidade da periferia, que se verifica em quase todas as cidades capitalistas, não só é um reflexo de práticas já efetivadas, como constitui-se em urna excelente condição para que essas práticas sejam reproduzidas no presente e no futuro próximo, reproduzindo ampliadamente a diferencialidade da periferia. (CORRÊA, 1986, p. 73).

Esta diferença entre a periferia litorânea e a periferia interiorana é característica-padrão em diversas cidades capitalistas, como salienta o autor (CORRÊA, 1986). Ele descreve e associa a periferia litorânea à periferia do bem-estar, da alta sociedade, “é terra esterilizada [...]” (1986, p. 75). Já a periferia interiorana é a periferia popular, do ‘povão’, das áreas distantes, “do trem do subúrbio e [das] horas desperdiçadas no transporte, da autoconstrução [...]” (1986, p. 74), do pessoal da baixa renda. Distingue-se uma da outra pelo seu conteúdo e por sua situação. Assim, periferia popular e periferia da elite se tornam áreas “[...] de reprodução do exército de reserva e dos dirigentes” (1986, p. 76), respectivamente.

Na visão de Corrêa, o espaço urbano no capitalismo é articulado, promovendo relações espaciais que contém em si a “circulação de decisões e

investimentos de capital, mais-valia, salários, juros, rendas, envolvendo ainda a prática do poder e da ideologia” (1995, p. 8), definindo em consequência disso, um espaço ao mesmo tempo articulado, mas também fragmentado, como afirma Corrêa, “um campo de lutas” (1995, p. 8), onde quem pode pagar o seu valor é que vão ter acesso as melhores áreas e conseqüentemente, as melhores moradias. Os demais devem se contentar a buscar seus espaços distantes desses grandes núcleos urbanos e ‘conquistar’ a sua moradia em loteamentos extremamente precários de infraestrutura (ABREU, 1986).

Na análise de Moura e Ultramari (1996), após a anexação constante de “milhões de hectares [...] agregados a malhas urbanas” (p. 7) nas duas principais cidades do Brasil – São Paulo e Rio de Janeiro – o crescimento da periferia urbana, possivelmente, tenha sido o acontecimento mais inquietante e com maior relevo na história do crescimento das cidades na América Latina.

A noção de periferia urbana para Moura e Ultramari (1996) refere-se

[...] a um lugar longe, afastado de algum ponto central. Todavia, esse entendimento meramente geométrico não representa a verdadeira relação entre o centro e a periferia das cidades. Neste caso, os afastamentos não são quantificáveis apenas pelas distâncias físicas que há entre os dois, mas, sim, revelados pelas condições sociais de vida que evidenciam nítida desigualdade entre os moradores dessas regiões da cidade [...]. As periferias urbanas são áreas de concentração de moradias de população de baixa renda, carentes dos serviços básicos essenciais e que sofrem os efeitos de longos deslocamentos para o trabalho, o consumo e o lazer. Reforçam um ciclo de pobreza cada vez mais difícil de romper. (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p.11).

Na citação anterior, nota-se, ainda, que as periferias são definidas como áreas com carências de serviços básicos, destinadas a moradores com baixa renda e distantes do centro polarizador. Como visto antes, devemos atentar que na atualidade existem áreas periféricas com alto padrão de infraestrutura e serviços à disposição de quem pode pagar por essa mercadoria valiosíssima, pois, “morar [é] uma questão de mercado” (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p. 24).

Para Moura e Ultramari, na grande maioria das cidades, a periferia não conhece seus limites físicos oficiais, começa no interior deles, mas, expandem-se para muito além, penetram os municípios vizinhos, “[...] seguindo os trajetos de infraestruturas econômicas já instaladas (ferrovias, rodovias, velhos caminhos)”

(1996, p. 17) e exercem a função de vetores da ocupação de novos e distantes solos urbanos.

Por esta razão, essas áreas dos municípios transformam-se em periferias, onde a ocupação do solo é mais tolerante. Para se adquirir ou “ocupar” um lote, o custo é bem mais acessível a massa pobre trabalhadora em relação aos espaços “centrais” bem providos de estrutura. Outras vantagens também são pesadas nesse momento, a fiscalização é desapertada, quando tem, e os impostos “pagos” são mais baratos. Assim, “as periferias oferecem condições de uma menor renda diferencial, compondo um valor de mercado cujo acesso financeiro é relativamente facilitado. Assim, tornam-se o espaço que recebe grandes contingentes de população” (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p. 28).

Nestas perspectivas, para Moura e Ultramari, por um lado, esses espaços aparecem “[...] como um potencial de procura aos moradores de menor renda que para lá se dirigem” (1996, p. 17), por outro lado, os próprios moradores quando não são atendidos em suas demandas básicas tornam-se poluidores potenciais do próprio ambiente em que vivem.

A formação da periferia, como exposto anteriormente, foi consequência do início da expansão horizontal urbana a partir do final do século XIX, consolidando-se nos anos posteriores no contexto do aceleração da urbanização e o estabelecimento da economia industrial no Brasil. Na visão de Martins, é “um desenvolvimento econômico e urbano anômalo, carregado de débitos sociais” (MARTINS, 2001, p. 80). A periferia urbana, para Martins (2001) tende a ser concebida como “[...] um produto da especulação imobiliária” (p. 78), com ruas e calçamentos estreitos, quando tem. Com ocupação tumultuada, de aparente desorganização e “[...] da falta de efetivas alternativas de inserção no mundo urbano” (MARTINS, 2001, p. 79). Na visão desse autor, significa dizer que a periferia urbana é:

[...] um amontoado de habitações mal construídas, precárias, provisórias, inacabadas, sem infra-estrutura que começaram a disseminar-se no entorno da cidade a partir dos anos sessenta. Essas eram as manchas de degradação da área metropolitana. [...] A periferia é a designação dos espaços caracterizados pela urbanização patológica, pela negação do propriamente urbano e de um modo de habitar e viver urbanos. [...] A periferia é a negação das promessas transformadoras, emancipadoras, civilizadoras e até revolucionárias do urbano, do modo de vida urbano e da urbanização. (MARTINS, 2001, p. 78).

Segundo Martins (2001), o conceito de periferia seria mais “um produto de ignorância do que de conhecimento”, pois, infelizmente, parte dos intelectuais de diversas áreas como: arquitetos, sociólogos, historiadores e mesmo geógrafos “tenham caído na armadilha política e ideológica de reduzir todo o entorno da cidade à pobreza” (p. 79) da concepção de periferia.

De acordo com Martins, quem estuda o tema, sabe distinguir os problemas desses espaços. O problema da periferia “é o problema do tumulto da ocupação, o da urbanização patológica, da exclusão, da falta de efetivas alternativas de inserção no mundo urbano” (MARTINS, 2001, p. 79). O tratamento dispensado ao conceito de periferia urbana pela sociologia, segundo Martins, está pautado num objeto “de interesse limitado, unicamente como lugar da exclusão social e da violência, coisa que ela é apenas em parte ou nem sempre é” (MARTINS, 2001, p. 83). Ainda, para esse autor, a sociologia urbana trata a definição com a “ideia equivocada” de onde a periferia é vista como o lugar da pobreza. Isso “contaminou a leitura” e converteu em conceito “o que efetivamente não o é. Um ‘conceito’ pobre de pobreza” (MARTINS, 2001, p. 83).

Nesse contexto, para entendermos a noção de periferia, tais análises, devem se dar conjuntamente pelas observações das condições e contradições socioeconômicas dos seus habitantes, pelas infraestruturas implementadas, assim como, “pelas territorialidades estabelecidas e reestabelecidas” (RITTER; FIRKOWSKI, 2009, p. 23). Em vista disso, nas alegações de Ritter e Firkowski (2009), a periferia urbana, ao longo do tempo no seu espaço, independentemente da sua localização geográfica na mancha urbanizada, já encontramos na modernidade bairros ou condomínios de alto padrão de saneamento e serviços em áreas urbanizadas recentemente, distantes dos centros financeiro, econômico e comercial tradicionais. Dessa forma, como afirmaram Ritter e Firkowski, fica evidente a dualidade do uso da palavra periferia e, portanto, a constante necessidade “das revisões e das atualizações teóricas e metodológicas” (RITTER; FIRKOWSKI, 2009, p. 23).

Este conceito ganha força, portanto, com a expansão das áreas metropolitanas num “intenso processo de periferização” (MAUTNER, 2010, p. 247), mas que não se resumiu apenas ao crescimento dos espaços urbanos do Rio de Janeiro e de São Paulo, abarca da mesma forma, outras cidades brasileiras como, Santos, Recife, Belo Horizonte e até mesmo um “grande número de cidades na



América Latina, como Lima, Caracas, Bogotá e Santiago” (LEEDS, A.; LEEDS, E.; LIMA, 2015, p. 198), todas convivendo com essa ocorrência preocupante da exclusão e a falta de perspectivas de uma vida mais fecunda.

Segundo a argumentação de A. Leeds, E. Leeds e Lima (2015), esses são espaços concebidos preconceituosamente, como espaços repletos de problemas, assim,

[...] como foram as *barriadas* de Lima, os *arrabaldes* de San Juan, os *ranchos* ou *barrios* de Caracas, as *callampas* de Santiago, as *vilas miserias* de Buenos Aires [...]. - porque, presumem-se, suas populações se constituem, em um dos extremos do mal, de assassinos, ladrões, assaltantes, maconheiros e viciados em drogas; em outro extremo do mal, de comunistas e outros tipos de ameaça em termos políticos e sociais; em um terceiro e mais brando extremo, dos pobres ignorantes, não educados, mal adaptados, imigrantes rurais caipiras; ou no melhor dos extremos, de seres humanos razoáveis, mas tristes e pobres, que moram em cabanas, promiscuamente, e criam um câncer social e urbanístico na cidade. (LEEDS, A.; LEEDS, E.; LIMA, 2015, p. 199).

Para A. Leeds, E. Leeds e Lima (2015), estas ideias são quase todas falsas ou distorcidas drasticamente da realidade vivida. Essas áreas ‘ocupadas’, “áreas urbanas de moradia não autorizada”, são reflexos visíveis da segregação espacial e social “da população de baixa renda” (p. 199), pois, nem todos, têm renda suficiente para ter acesso a um lote, são quase sempre invisíveis, produtos da ingerência do poder estabelecido.

Nesse sentido, para reforçar a ideia de pensar sobre a política urbana no Brasil, M. A. Souza (2015), diz que:

[...] é evidente que isto significa uma magnitude de necessidades no equipamento das cidades que não pode ser atendido de maneira espontânea, ao sabor das regulações que ignoram o espaço geográfico como instância a ser considerada na lida com o denominado social. (SOUZA, M. A., 2015, p. 113).

Para M. A. Souza (2015), essa é uma tarefa que desperta a curiosidade e, acima de tudo, se faz necessário quando a maioria da sua população, cerca de 80%, é urbana.

Como ficou evidenciado, no exame da literatura que aborda a noção de periferia (urbana), observou-se que há uma abordagem dual, imprecisa e indiscriminada do tema. Assim, quando o assunto se refere à palavra *periferia*,

imediatamente, pensa-se em um espaço urbano de degradação, dos pobres, recheado de problemas como a violência e a falta de saneamento básico, em contraste com a centralidade da cidade, arquitetada e acabada. Esta descrição, pertence a *periferia popular* da qual Corrêa (1986), trata em seu trabalho, além dessa, há concomitante a “periferia da elite”, a periferia do bem-estar, na faixa litorânea, ou em áreas previamente estabelecidas e exclusivas pelo empreendedor imobiliário para atender a burguesia, são as áreas das “amenidades microclimáticas e beleza natural, e social”, em evidente contraste com a periferia do “povão” (CORRÊA, 1986, p. 73).

A noção de periferia sincronicamente foi concebida também como um lugar geometricamente distante do centro de uma cidade, associada ao crescimento horizontal das cidades. Assim, com tais características, a noção de periferia (urbana) é um conceito bastante relativo, caracterizado, hoje, por diversos contextos e não mais aqueles ditados apenas pela distância em quilômetros com relação a um centro dinâmico, de uma cidade-polo ou de lugar localizado nos arredores de uma cidade.

Recorrendo novamente aos urbanistas, como Mautner, o conceito de periferia esclarece de forma significativa “um processo histórico de produção de espaço urbano que se desenrolou concomitante à extensão *interna* do trabalho assalariado” (MAUTNER, 2010, p. 253, grifo do autor). Para Mautner (2010), a periferia em São Paulo tem uma interpretação peculiar,

[...] reflete a visão dual que o senso comum atribui ao espaço urbano. Geograficamente significa as franjas da cidade. Para a sociologia urbana, o local onde moram os pobres, em contraposição à parte central da cidade, estruturada e acabada. Existem exceções, é claro, empreendimentos imobiliários de luxo que também podem ser encontrados nos limites da cidade, assim como cortiços nas áreas centrais – porém jamais seriam identificados como ‘periferia’ urbana. [...] A periferia é de fato um local onde vivem os pobres, é socialmente segregada, e o preço da terra é baixo, ao mesmo tempo, é um local mutante, sempre reproduzido em novas extensões de terra, enquanto velhas periferias [as periferias consolidadas] são incorporadas à cidade, ocupadas por novos moradores e reorganizadas pelo capital. (MAUTNER, 2010, p. 253-254).

Na citação anterior, Mautner (2010) já assinala que não existe apenas *periferia* e sim *periferias*, como visto anteriormente em Corrêa (1986), a periferia das elites (do luxo) e a periferia do Povão (da pobreza). Por conseguinte, na perspectiva de desvelar a transformação urbana que supostamente vem ocorrendo ao longo dos últimos quinze anos no bairro Meio da Serra, objeto de pesquisa desta dissertação, entendemos que o conceito de periferia, deve ser aplicado e interpretado na sua

dinâmica totalizante, ou seja, pelas condições socioeconômicas, de acessibilidade e de infraestrutura que se apresenta o bairro no tempo presente.

Dessa maneira, temos por hipótese que, o Meio da Serra pode ser ou está se tornando uma periferia no sentido duplo da palavra, tanto uma área isolada do centro do Primeiro Distrito de Petrópolis, assim como, parte da fronteira de expansão da RMRJ – é importante reter que, o bairro é fronteiro a um dos vetores de expansão da cidade do Rio, que circunscreve os municípios de Duque de Caxias e Magé, na Baixada Fluminense –, bem como, pode ser ou estar se tornando uma periferia no sentido de abrigar os “pobres”, marginalizados, excluídos e esquecidos pelas autoridades petropolitanas.

Portanto, analisados aqui os conceitos basilares de nossa pesquisa, no próximo capítulo apresentaremos o bairro no presente, as principais características físicas do espaço petropolitano e a atual configuração socioespacial do nosso objeto de estudo, o Meio da Serra, localizado no Primeiro Distrito do Município de Petrópolis, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro.

### 3 O BAIRRO MEIO DA SERRA NO PRESENTE

Esta parte da dissertação tem por objetivo apresentar as principais características físicas do sítio<sup>11</sup> petropolitano e a atual configuração socioespacial do nosso objeto de estudo, o bairro Meio da Serra, localizado no Primeiro Distrito do Município de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro.

#### 3.1 AS CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO PETROPOLITANO

Na configuração de um sítio de povoamento urbano é importante ressaltar alguns aspectos relacionados ao relevo, as fontes de água para consumo, os cursos ou massas de água disponíveis e as suas vias de comunicação.

Na escolha de Petrópolis, a maior parte dessas condições parece que foram observadas e levadas em consideração. Como nos esclarece Reis Filho (1968), esses fatores “[...] em princípio, [determinavam a] localização que oferecesse o máximo de comodidade” (p. 124) em relação aos locais onde foram ocupados pelos grupos iniciais e com posição privilegiada, nesse caso, em relação a cidade do Rio de Janeiro.

O município de Petrópolis apresentando em média 845 metros de altitude, dista aproximadamente sessenta quilômetros da cidade do Rio de Janeiro e localiza-se ao Norte e Nordeste da Baía de Guanabara, na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, com coordenadas geográficas entre 22°33' – 22°35' de Latitude Sul e 43°04' – 43°14' de Longitude Oeste.

A litologia petropolitana é composta “predominantemente por rochas pertencentes ao complexo granítico-gnáissico-migmatítico de idade Pré-Cambriana” (GUERRA; GONÇALVES; LOPES, 2007, p. 37). Estas rochas estão fortemente fraturadas e falhadas com diversos cumes arredondados e bastante abruptos que separam as pequenas bacias hidrográficas locais oferecendo imensa possibilidade para a fixação de indústrias têxteis ao longo do século XIX, pois facilitava o

---

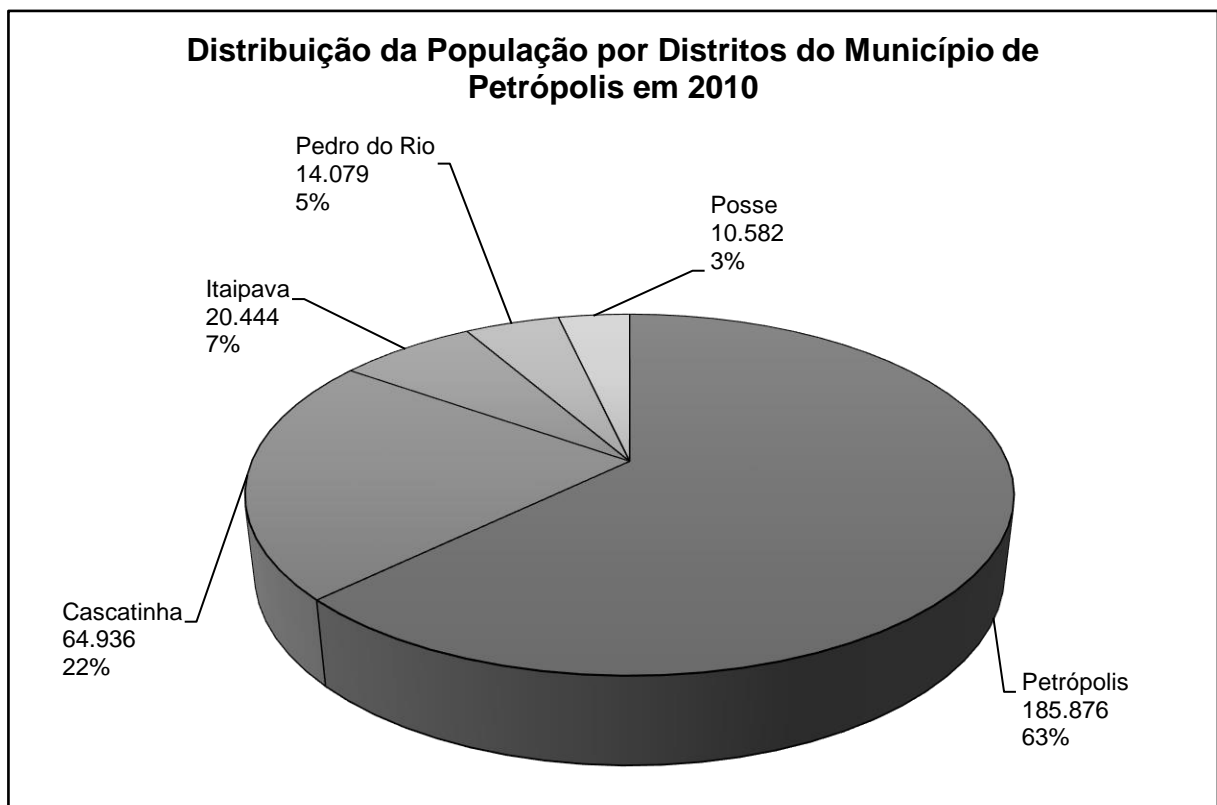
<sup>11</sup> A palavra *Sítio* (subst. masc.), aqui, se refere ao local ou terreno sobre o qual está localizado um aglomerado urbano.

represamento das águas, um importante recurso natural utilizado para as tinturarias e o alvejamento, para o abastecimento potável, bem como para a geração de energia.

Além desse caráter físico, é de se observar que na área de estudo, o clima Tropical de Altitude (mesotérmico brando superúmido), apresenta média anual de 2000 mm de chuvas, com temperaturas abaixo de 18° C no inverno (mês de julho) e de 21° C no verão (mês de fevereiro) com umidade do ar por volta de 83% ao longo do ano (GUERRA; GONÇALVES; LOPES. 2007). Esta característica climática local, fora ideal para indústria têxtil, pois o fio não produzia nós na superfície do tecido (MAGALHÃES, 1966).

Já no aspecto demográfico, a área de estudo – o núcleo originário do bairro Meio da Serra – está localizado no primeiro distrito ou distrito sede – Petrópolis. A distribuição desse quantitativo populacional pelos distritos petropolitanos de acordo com o IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2018a) pode ser conferida no Gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 – Distribuição da população por distritos, município de Petrópolis

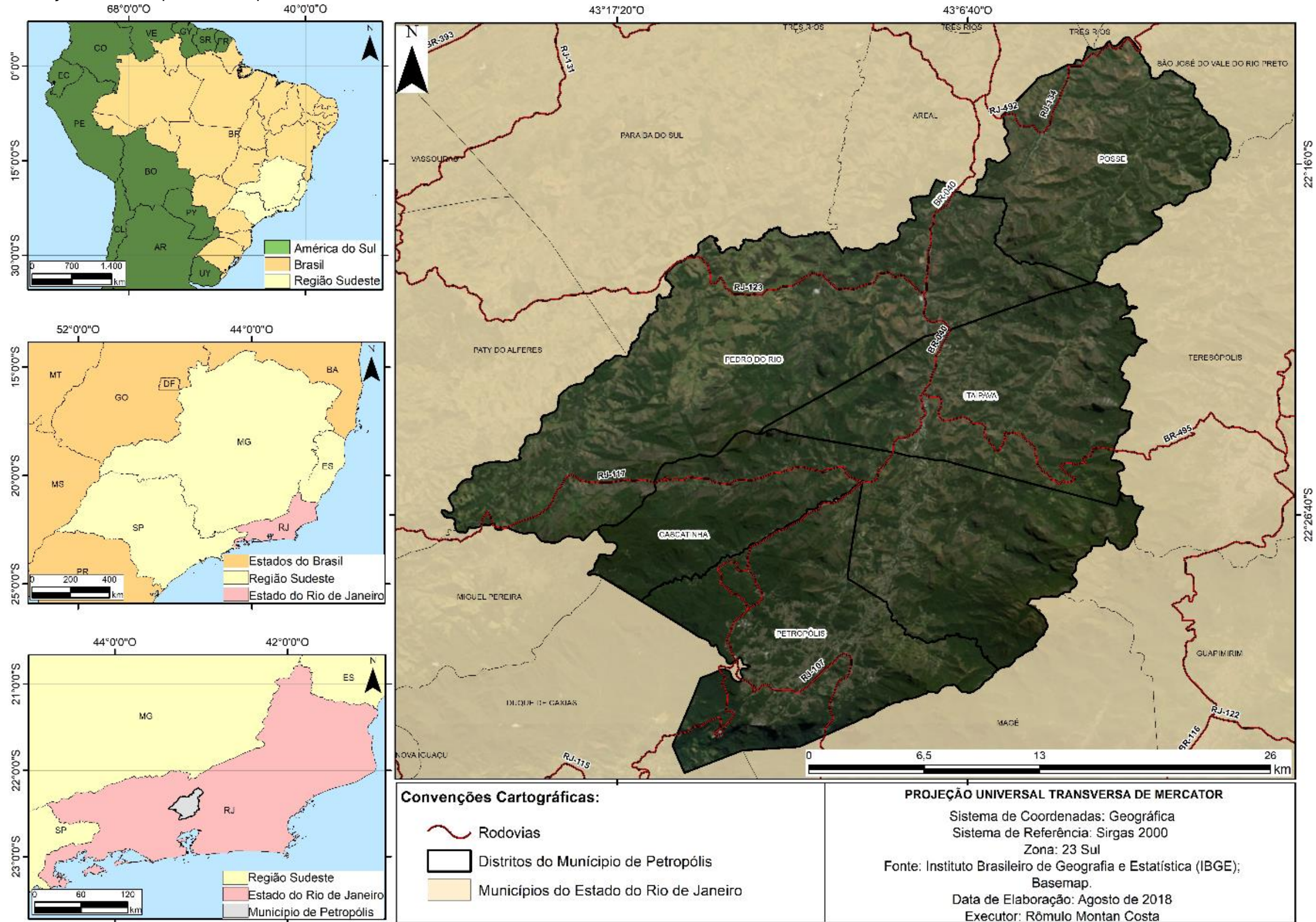


Fonte: O autor, 2018

De acordo com o último censo demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município contava com uma população total de 295.917 habitantes, sendo que, 281.286 residiam na área urbana e 14.631 na área rural (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2018a). A população estimada para o município de Petrópolis em 2018 é de 305.687 pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2018b) Constituindo-se originalmente como “lugar de cura e descanso sazonal para as elites brasileiras” (AMBROZIO, 2013, p. 58) e centro industrial têxtil, o município de Petrópolis possui uma área de 791,144 km<sup>2</sup> (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2018b), encravado na Serra do Mar, ainda parcialmente coberto pela Floresta de Mata Atlântica (Mapa 2).



Mapa 2 – Localização do município de Petrópolis



Fonte: O autor, 2018

O município, como visto no Mapa 2, faz parte da Região Serrana Fluminense: ao Norte faz fronteira com Paraíba do Sul e Areal, a Nordeste está São José do Vale do Rio Preto, a Leste está Teresópolis e a Oeste, estão Paty do Alferes e Miguel Pereira; também é circundado pela superpovoada Baixada Fluminense fronteiro aos municípios de Magé ao Sul, Duque de Caxias a Sudoeste e Guapimirim a Sudeste.

### 3.2 A CONJUNTURA ATUAL DO BAIRRO MEIO DA SERRA

O objetivo desta subseção é descrever, ainda que sumariamente, o bairro pesquisado em relação a sua conjuntura atual no que se refere a sua localização, a sua condição de ocupação do solo, as autoconstruções e a situação ilegal dos assentamentos com ajuda de fotografias e mapas.

Na metade da Vertente Sul do município de Petrópolis, encravado ao longo do vale, emparedado por imponentes montanhas, irrigado pelo curso d'água do Cayuaba<sup>12</sup> com sua nascente no Morro do Frade, esse rio “despenha-se pela serra da Estrella recebendo varios afluentes; [como por exemplo o] São Paulo, que nasce na ex-fazenda do Campos, hoje arrabalde Independência” (MACHADO, 1938, p. 127) e corre para o vale exterior alcunhado de Tombo da Serra e ainda hoje encontra-se coberto por verdejantes, porém acanhados<sup>13</sup> remanescentes do bioma Mata Atlântica. Foi nessa pitoresca vertente que se formou o Bairro-Fábrica-Operário Meio da Serra (Figura 1).

---

<sup>12</sup> Aqui utilizamos o antônimo do rio “Cayuaba” conforme reproduzido na Planta e Perfil da 1ª Seção da Raiz da Serra à Petrópolis da E. F. Príncipe do Grão-Pará, assinada pelo Engenheiro Chefe J. M. Ribeiro Lisboa (s/d) o rio aparece grafado como “Cayoába”, contudo, na obra: *Nomenclatura Urbana de Petrópolis* (MACHADO, 1938).

<sup>13</sup> A cobertura florestal avistada nas figuras 1 e 2 (Uma Visão Panorâmica da Vertente Sul – Petrópolis, RJ), é predominantemente composta por floresta secundária. Floresta ou mata secundária é uma formação característica de área que foi alterada após grandes ações antrópicas ou naturais e que se *recultivou* naturalmente ou não, por alongado período de tempo, até que efeitos da alteração já não sejam tão percebidos na paisagem (LIMA; SILVA FILHO; ARAÚJO, 2016).



Figura 1 – Visão panorâmica da vertente sul, Petrópolis, RJ



Notas: 1. A – Oeste; B – Leste

2. Nas fotografias acima, contempla-se na encosta Oeste (A) da Serra da Estrela, a proeminente montanha do Cortiço<sup>14</sup>; a Leste (B), parte da montanha conhecida localmente como Cabeça de Negro.

Fonte: O autor, 2018

O bairro empiricamente é alongado no sentido Norte-Sul da vertente, influenciado supostamente por Petrópolis e a densa Baixada Fluminense, e inclui além do núcleo original fabril, as comunidades<sup>15</sup> de Lopes Trovão e Vila São Francisco que serão apresentadas na subseção 3.2.1, adiante.

O Meio da Serra, no tempo presente, é cada vez mais um lugar de trânsito serra-acima ou serra-abaixo. Ocupa uma área de aproximadamente 3,5 km<sup>2</sup> ao longo da antiga estrada Normal Serra da Estrela (RJ-107) e no antigo traçado da estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará, fazendo limite ao Norte com o bairro Alto da Serra e Lagoinha, ao Sul com Raiz da Serra (município de Magé), a Leste com a área de amortecimento do Parque Nacional Serra dos Órgãos (Parnaso) e a Oeste com os

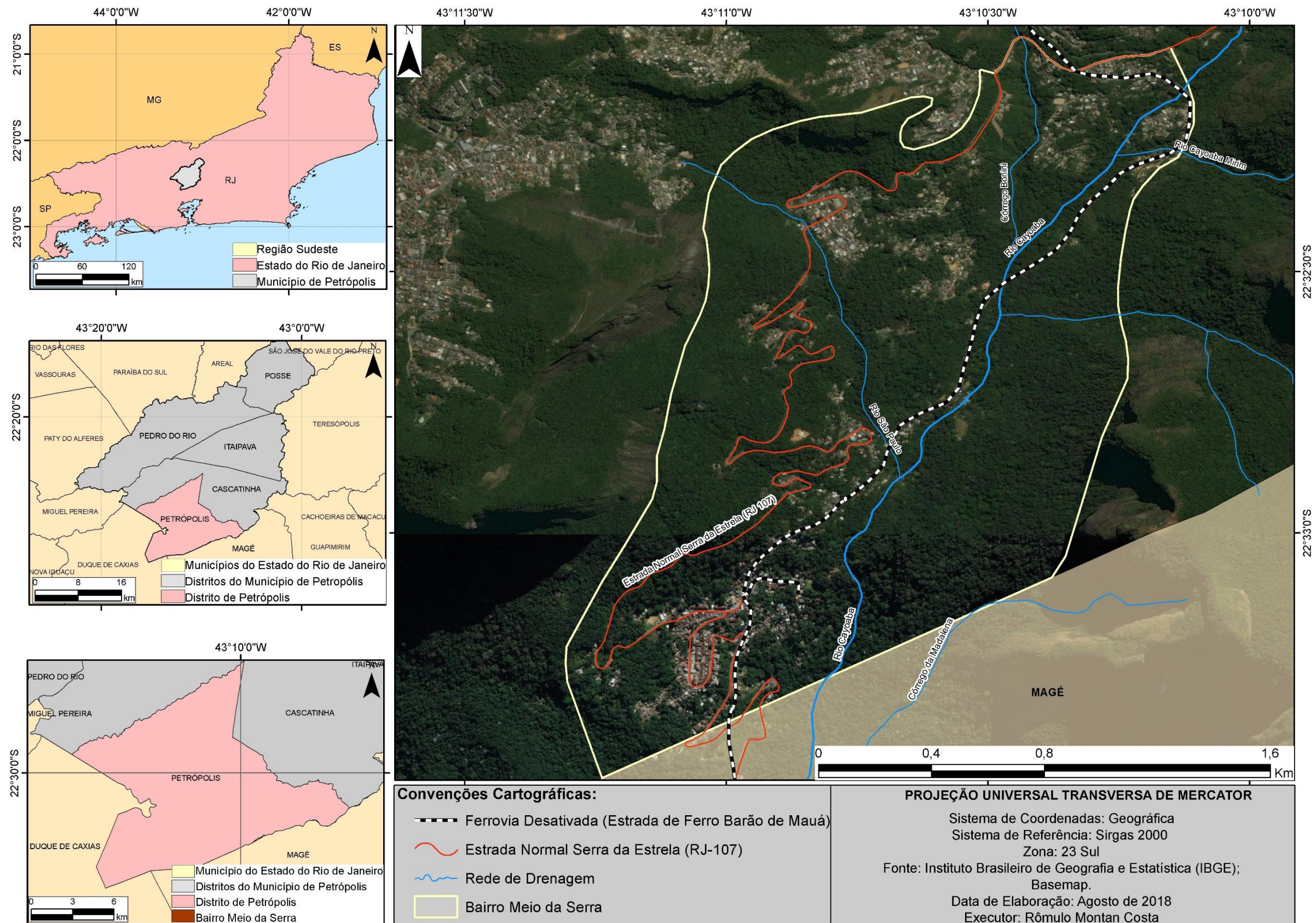
<sup>14</sup> Segundo Machado (1938), o cognome “Cortiço” provém de “um grande rancho ou barracão que existiu junto a esse monumento da natureza, mais ou menos no meio da serra” (p.142). Era utilizado como estalagem por trabalhadores empregados na construção da primeira estrada macadamizada do Brasil que fez a ligação entre a Vila Inhomirim, no sopé da serra e Petrópolis.

<sup>15</sup> Comunidade, aqui, refere-se a território ou localidade que foi ‘demarcado’ e no qual as pessoas experimentam a vivência do cotidiano. Conforme Giddens e Sutton (2017), é muito difícil determinar o conceito de comunidade de modo claro, pois atribui-se a essa abstração inúmeros significados. Alguns estudiosos continuam a contemplar as comunidades como grupos sociais com base territorial formadas por relações de parentesco, de vizinhança, de negócios e amizade. Acrescentando, ainda segundo Giddens e Sutton (2017), muitas pessoas podem estabelecer suas existências em estipulada comunidade, sem ter a ver umas com as outras.

bairros periféricos Siméria, São Sebastião, Independência, Vila Felipe e Chácara Flora (Mapa 3).



Mapa 3 – Localização do bairro Meio da Serra



Fonte: O autor, 2018



Na delimitação do Meio da Serra, uma tarefa difícil, partiu-se da compreensão e da visão dos moradores articulados com a história de fundação do bairro, as relações de vizinhança, compadrio e com o abairramento oficial realizado pela Secretaria de Planejamento e Urbanismo do município. Dessa forma, conclui-se que os limites socioespaciais do bairro Meio da Serra estão de acordo com os administrativos cartografados pela prefeitura.

No confronto descrito anteriormente, entre a delimitação administrativa oficial e a percepção dos moradores das comunidades de Lopes Trovão e Vila São Francisco ocorre um desacordo com o conceito de bairro de Mayol (1996). Diz Mayol que, o bairro, além do engajamento social está também ligado a concepção de contiguidade territorial e de permanência. É na visão desse autor “uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes)” (p. 39), ou mesmo a conceituação de Seabra (2003) que compreende as “relações de vizinhança, de compadrio e de parentela” (p. 9) inscrita no espaço. Dessa forma, não é a prática ou vivência social que foi observada e confrontada entre essas duas comunidades e o núcleo original do Meio da Serra, nesse caso, a industrialização/urbanização, na sua totalidade, não tiveram implicância direta nas metamorfoses visíveis destes locais.

Coexistem três razões para explicar a atual ocupação do solo no núcleo urbano histórico do Meio da Serra: a primeira está ligada ao encerramento das atividades produtivas da fábrica Cometa<sup>16</sup> no bairro, fragilizando a sua centralidade original, assim, facilitando o surgimento de autoconstruções, pois, a ocupação do solo no passado era ordenada pelos proprietários da fábrica, estes, valiam-se do poder fiscalizador das áreas do entorno tanto da fábrica, como das casas da Vila Operária, não permitindo nenhuma alteração no bairro ou modificação na vila.

A segunda razão, é que o bairro Alto da Serra, lindeiro ao Meio da Serra, “desceu” com o adensamento de sua população, mas que, ainda assim procura essa população se localizar próximo das fontes petropolitanas de trabalho, comércio e serviços, contribuindo para o nascimento, pela ordem, as comunidades de Lopes

---

<sup>16</sup> O final da década de 1960 assinala a fase de decadência desta centenária companhia com o fechamento da Cometa no Meio da Serra. Apesar disso, esta Matriz prossegue entregando os pedidos, aproximadamente, até o início da década de 1970, quando encerra definitivamente a sua operação na centralidade do bairro. Ao mesmo tempo, a filial no bairro Alto da Serra, mantém um razoável nível de produção até finalizar suas atividades em 15 de fevereiro de 1980, com somente quinhentos funcionários (COMETA: ..., 2007, p. 7).

Trovão e a Vila São Francisco e o próprio núcleo urbano histórico do bairro Meio da Serra.

E a terceira, foram as fortes chuvas registradas em fevereiro de 1988 que desabrigou muitas famílias, principalmente no Alto da Serra, Morin, Vila Felipe e Chácara Flora, todos bairros vizinhos ao bairro Meio da Serra, onde 134 pessoas perderam suas vidas soterradas por deslizamentos, desabamentos de casas ou levadas pelas fortes correntezas que se formaram com as chuvas contínuas, um rastro de destruição que deixou 3.614 desabrigados (DIÁRIO DE PETRÓPOLIS, 2017)<sup>17</sup>. O Meio da Serra, então, foi, certa espécie de desaguadouro ocupacional de muitas dessas famílias.

Assim, pelo axiomático cinismo do estamento local, alojado na área de planejamento urbano e ambiental petropolitano, pequenas “manchas urbanas e demográficas” foram se concentrando ao longo do eixo entre a metade da serra e a parte alta da serra, sem nenhuma planificação e provisão de serviços públicos, ocupando de modo esparso áreas antes pertencentes à Estrada de Ferro Príncipe Grão-Pará, como também ao longo da Estrada Normal da Serra da Estrela e, até mesmo, no terreno onde ainda é possível observar as ruínas da Cia. Fiação e Tecidos Cometa. É hoje, o bairro Meio da Serra, como descrito antes, uma comunidade de reduzidíssimo comércio e serviços, que vivem em função dos seus moradores, todos localizados na Via principal que originou o bairro.

---

<sup>17</sup> Segundo o jornal Diário de Petrópolis (2017), mais de 47 mil pessoas vivem em área de risco, diz a Prefeitura Municipal de Petrópolis (PMP). Conforme a Prefeitura, atualmente o déficit habitacional é de 12 mil moradias. Cerca de 47 mil pessoas estão em área de risco, próximo de 15% da população residente em Petrópolis.

### 3.2.1 As comunidades intrabairro: Lopes Trovão e Vila São Francisco

Efetivamente, o bairro Meio da Serra compreende na totalidade três comunidades distintas e que fazem parte do abairramento oficial: a primeira, exatamente o Meio da Serra, que impulsionou o mais antigo núcleo de povoamento (data da primeira metade do Século XIX), a segunda refere-se a Lopes Trovão, antiga rua da Serra, de fato um trecho petropolitano da Estrada Normal da Estrela, localizada exatamente entre o limite com o bairro Alto da Serra e a comunidade Vila São Francisco, esse nome foi dado em memória ao Dr. José Lopes da Silva Trovão<sup>18</sup> e a terceira comunidade, Vila São Francisco<sup>19</sup> (ou Horta), ambas datando do final da década de setenta para o início dos anos de 1980, portanto bem mais recentes que a primeira comunidade dada aqui como a centralidade do bairro Meio da Serra, local onde foi instalada a matriz da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, no final da segunda metade do século XIX (Mapa 4).

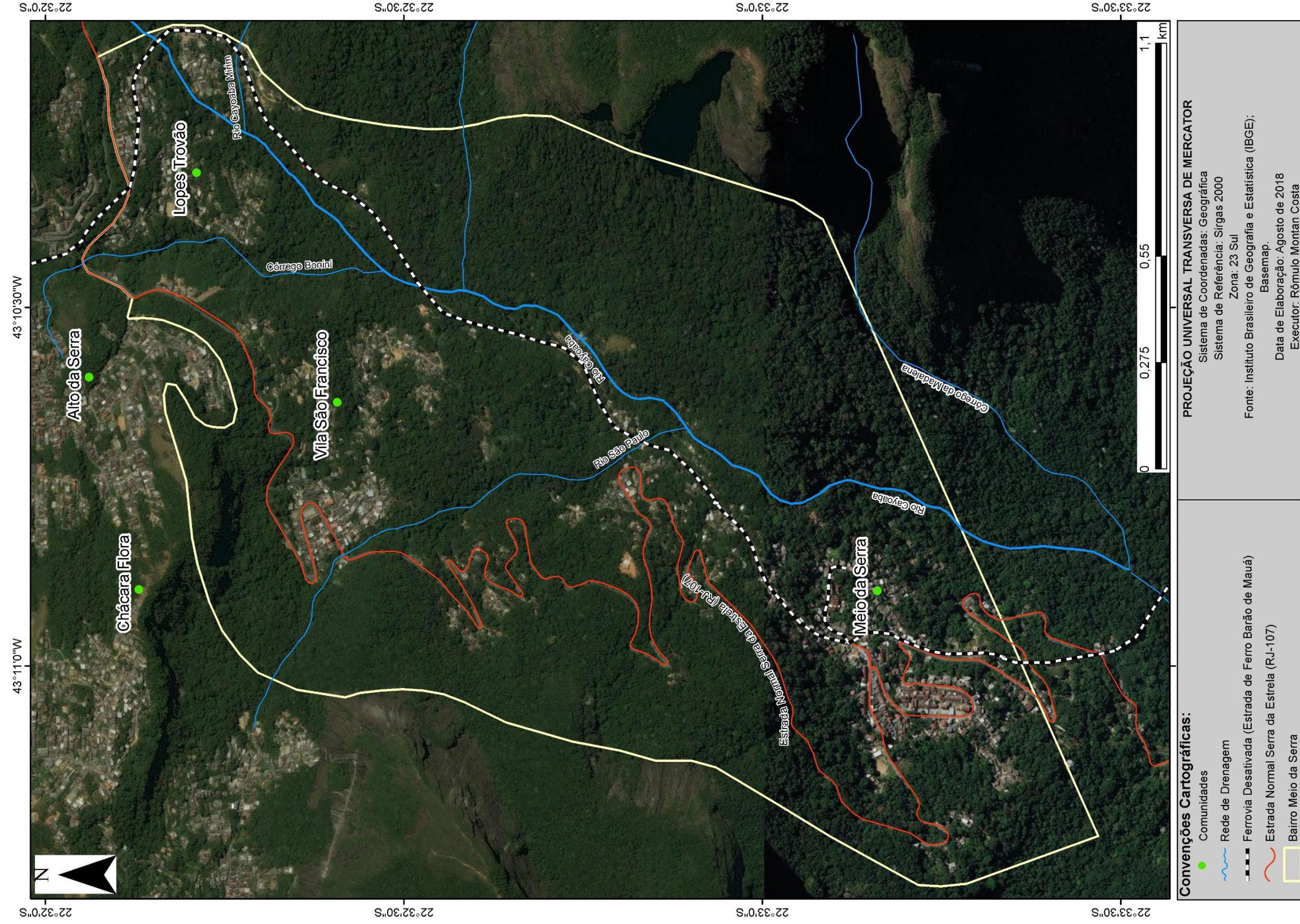
---

<sup>18</sup> Lopes Trovão foi um médico, jornalista e político, nasceu em Angra dos Reis (RJ) em 23/05/1848 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1925. Era envolvido no movimento contra monarquia, tendo participado na campanha pela libertação dos escravos. Feroz abolicionista, dizia que “a luta não deveria ser ganha somente no Parlamento, mas também nas ruas e nas senzalas”. Firmou-se assim como um “admirado tribuno popular” na defesa dessa causa (DANTAS, [21--], p. 1).

<sup>19</sup> A Comunidade foi rebatizada com o nome de Vila São Francisco em homenagem ao Padre Francisco Montemezzo (Bastia, Pádua, Itália – 13/07/1937), foi pároco por 32 anos na Igreja Matriz Santo Antônio no bairro Alto da Serra (de 1984 até outubro de 2015) onde atualmente é o pároco emérito. Padre Francisco chegou ao Brasil em 26 de abril de 1975 na Paróquia de São José do Itamarati, percorrendo pessoalmente as comunidades locais realizando diversos trabalhos sociais (DIOCESE DE PETRÓPOLIS, 2015).



Mapa 4 – Vista aérea da delimitação do bairro Meio da Serra e as comunidades intrabairro



Fonte: O autor, 2018

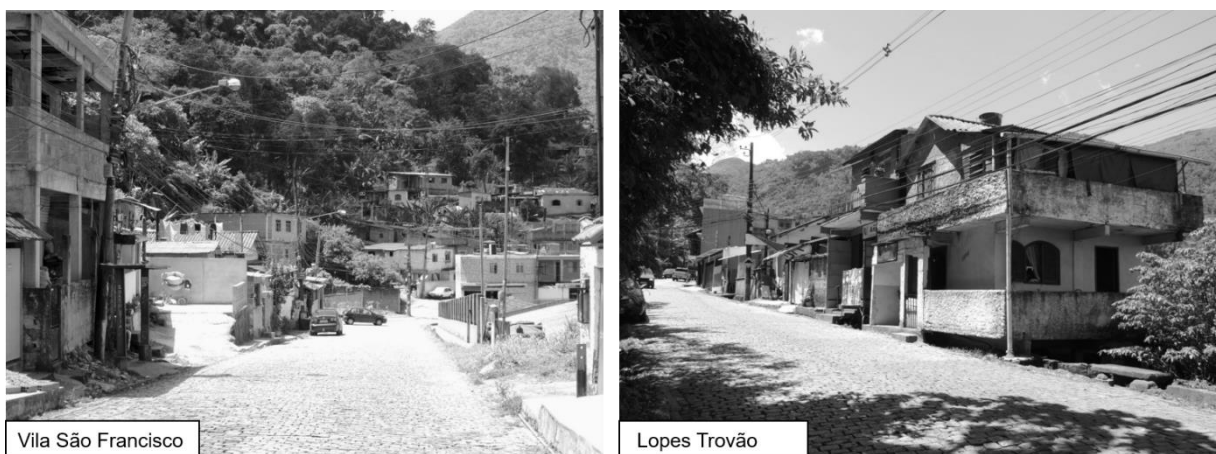


É importante ressaltar que as três comunidades se unem, a despeito disso, pelo sítio físico e pelas condições socioespaciais semelhantes, contudo, a presença histórica de Lopes Trovão e Vila São Francisco começa a partir do desdobramento do bairro vizinho Alto da Serra e não do mesmo impulso do núcleo originário do Meio da Serra, embora tenham sido acoplados administrativamente ao último pela Prefeitura do Município de Petrópolis.

Constatamos por entrevistas<sup>20</sup> que os moradores, tanto da Lopes Trovão como da Vila São Francisco não se consideram do bairro Meio da Serra, e ainda, talvez corroborando com essa apreensão, é de se notar uma espécie de hiato espacial entre as duas comunidades e o núcleo histórico do Meio da Serra – como pode ser avistado na figura posterior.

Cabe ainda sublinhar que no caráter arquitetônico e nas condições de habitabilidade, tanto na comunidade Lopes Trovão como na comunidade Vila São Francisco, predominam diversos imóveis de baixo padrão de construção, com um número médio de pessoas por cômodo impreciso (algumas com média de três pessoas e outras mais de oito); as habitações são de alvenaria e a maioria não é revestida de forma adequada como as moradias observadas na centralidade deste estudo, dessa forma, prevalece na paisagem as autoconstruções (Figura 2).

Figura 2 – Autoconstruções na Vila São Francisco e Lopes Trovão, respectivamente



Fonte: O autor, 2018

<sup>20</sup> Para coletar algumas informações dos moradores foi utilizado um questionário, disponível no Apêndice A, bem como foi colhida assinatura em um Termo de Assentimento para participar da pesquisa (Apêndice B).



Hoje nestas duas comunidades, poucas são as opções de comércio, contam-se alguns bares, uma pequena mercearia, uma “loja” que vende Bonsai, um “restaurante” e igrejas evangélicas.

A maioria dos moradores, tanto da Lopes Trovão como da Vila São Francisco, atualmente, apresentam certa semelhança em seus padrões de vida, encontram-se imersos em problemas relacionados a precariedade de infraestrutura, de aparente pobreza e alijados dos sonhos de uma vida cotidiana melhor, tal como seu núcleo.

Reforçando esta última ideia, lembra-nos Martins (2015) que

[...] os sonhos são documentos sobre o estado do relacionamento social entre nós e nós mesmos. São documentos sobre as mediações que nos roubam a autenticidade do viver; que nos fazem parecer, aos nossos próprios olhos, aquilo que não somos; que nos impedem de conciliar a nossa vontade com o nosso destino. [...] são resíduos submissos da racionalidade e dos poderes dela derivados que, ao invadirem a vida cotidiana, reduzem a imaginação ao imaginário, a criação à submissão, a coragem ao medo. (MARTINS, 2015, p. 59-60).

Observou-se, no geral, que os moradores dessas duas últimas comunidades têm poucas relações de vizinhança, parentesco ou compadrio com o primeiro local de formação da centralidade do bairro, curiosamente, há pouca percepção dos moradores de que estão incluídos na delimitação oficial do bairro Meio da Serra a partir de conversa informal nos trabalhos de campo realizados, pois, como já dito anteriormente, essas duas comunidades nasceram a partir da expansão do bairro Alto da Serra e foram oficialmente agregados ao bairro Meio da Serra.

Talvez por isso, se sintam mais próximos do Alto da Serra, embora suas condições de sítio físico e socioespacial se aproxime do núcleo Meio da Serra. Entretanto, que fique claro, apesar dessas comunidades (Lopes Trovão e Vila São Francisco), como observado, integrarem-se administrativamente ao bairro Meio da Serra, decidiu-se por não abordá-las de forma mais aprofundada no contexto do recorte espacial desta dissertação, pois, a área de estudo escolhida para a pesquisa<sup>21</sup> centra-se, fundamentalmente, no espaço próximo ao entorno onde foi instalada a Cia. Cometa de Fiação e Tecidos, hoje em ruínas, que impulsionou o processo de

---

<sup>21</sup> É importante insistir que a área de estudo é o local que originalmente nasce anexado à atividade industrial têxtil, diferente de Lopes Trovão e Vila São Francisco que, embora tenha sido fixado oficialmente pela Prefeitura Municipal de Petrópolis como a totalidade do bairro, guardam origem diversa da centralidade do bairro Meio da Serra.

industrialização e a formação de um núcleo urbano de reprodução produtiva capitalista, exatamente no trecho médio da Serra da Estrela em simbiose com os processos das cidades Imperial e do Rio de Janeiro, como veremos mais adiante.

### 3.2.2 O núcleo fabril originário do Meio da Serra<sup>22</sup>

O Meio da Serra possui uma população total de 4.698 habitantes, segundo dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2018a). Na área correspondente ao entorno próximo das ruínas da fábrica, a centralidade do bairro, encontram-se 1.942 habitantes, totalizando 608 famílias registradas e que são atendidas pelo Programa de Atenção Básica à Saúde da Secretaria de Municipal Saúde de Petrópolis<sup>23</sup>.

É no entorno do núcleo fabril, próximo das ruínas da Cia. Cometa Fiação e Tecidos no Meio da Serra que, a partir de 1970/1980, começaram aparecer muitas autoconstruções, botequins e igrejas evangélicas, assim como outras confissões de fé, tais como os terreiros de Candomblé, todos presentes no cotidiano do bairro. No Centro do bairro, não há supermercado, clube privado, academia de musculação, restaurante, instituição bancária, posto de gasolina, dentista, feira-livre ou mesmo ponto de táxi, e poucas áreas de lazer são oferecidas a população.

No minguado comércio local a única padaria do bairro produz o pãozinho de cada dia que alimenta os trabalhadores que vão para o “alto” ou para “baixo”; do mesmo modo alimenta também os estudantes que passam todos os dias indo em direção a uma das escolas públicas do bairro, nesse caso, a Escola Municipal Pedro Amado.

---

<sup>22</sup> Optamos por usar “Núcleo Fabril” e não “Vila Operária” conforme definido no trabalho de Correia (2001) pois o primeiro termo está vinculado a instalações fabris numa concentração englobando: moradias, igreja, escola, armazém de víveres, ferrovia, cinema, clube esportivo, campo de futebol, feira livre, teatro, abastecimento próprio de água e energia elétrica, açude, matas, banda de música e um reduzido comércio no local. Conforme Correia, o núcleo fabril refere-se a “pequenas aglomerações isoladas, diferentes de uma cidade em termos de escala e do grau de autonomia dos moradores e da vida local em relação à empresa. A denominação núcleo fabril expressa o vínculo do lugar à indústria que o gerou”. Já a vila operária diz respeito unicamente a “pequeno grupo de casas em cidades ou campo” (CORREIA, 2001, p. 94).

<sup>23</sup> Dados do Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB – 2015) fornecidos informalmente pela Secretaria de Saúde de Petrópolis em visita realizada *in loco*.

É interessante observar, na atualidade, que o morador desse núcleo urbano histórico convive com uma condição de isolamento da vida social que abarca em geral um meio urbano desenvolvido e repleto de serviços de todos os tipos, como é o caso do bairro central da cidade petropolitana.

É possível supor que se envolvam em algum tipo de atividade ou evento, que podem ir trabalhar em Petrópolis ou na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e nas horas livres do fim de semana ou feriados, encontrem alguma forma de diversão ou descanso nas duas referidas possibilidades, a de “cima” em Petrópolis ou a de “baixo” em Magé, evidentemente atrelados conforme os seus rendimentos mensais.

É nessa área que foi se constituindo a centralidade do bairro Meio da Serra a partir da instalação inicialmente da fábrica de papel Orianda,<sup>24</sup> posteriormente surgiu a Fábrica de Linha e Manufatura Estrella (sem registro oficial) e a construção mais imponente, a Cia. Cometa de Fiação e Tecidos e do seu núcleo fabril completo.

Essa vila de trabalhadores têxteis, seu “correr” de casas ainda bem preservado e resistindo ao tempo com algumas modificações evidentes (Figura 3) e o que restou da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – (Iphan) na década de 1980 e reconhecidos como patrimônio cultural.

---

<sup>24</sup> Em 1857, foi construída pelo Barão de Capanema (Guilherme Schuch) a pioneira Fábrica de Papel Orianda no Meio da Serra que “produziu papel de ótima qualidade” naquela época (COMETA FOI ..., 1990). Sua falência data de 1874. Era situada onde é a centralidade do bairro Meio da Serra, nas proximidades onde se encontra atualmente as ruínas da Cia. Cometa de Fiação e Tecidos, visitada por D. Pedro segundo registros de 1882, em suas viagens a Petrópolis (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO, 1857, p. 64–68). Esta fábrica será melhor descrita mais adiante na seção 4.4 – A fábrica de papel Orianda: o primeiro empreendimento.

Figura 3 – Casas da vila operária da Cia. Cometa no núcleo fabril, Meio da Serra



Fonte: O autor, 2018

O Meio da Serra conta hoje com um posto da Unidade Básica de Saúde da Família (UBS Meio da Serra I) (Figura 4) mantido pela Secretaria Municipal de Saúde, aberto diariamente entre 7h30min até as 16h30min de segunda a sexta, aos sábados e domingos permanece fechado. No expediente desse posto são feitos atendimentos com uma enfermeira técnica e atendentes para a prevenção, acompanhamento e encaminhamentos de doenças tais como: diabetes, alcoolismo, hipertensão, preventivo e hanseníase. Como dito anteriormente, esta Unidade Básica de Saúde - (UBS Meio da Serra I) – possui em seus registros 608 famílias, totalizando 1.942 moradores atendidos, sendo 989 mulheres e 953 homens, perfazendo uma média de 3,2 pessoas por domicílio cadastrado.

Figura 4 – Unidade de Saúde da Família Dr. Willian Jorge da Silva Seabra, Meio da Serra



Fonte: O autor, 2018

Em relação à educação uma escola funciona no núcleo histórico: a Escola Municipal Pedro Amado (Figura 5)<sup>25</sup>, construída e mantida pela Cia. Cometa de Fiação e Tecidos que, segundo os dados do censo escolar municipal de 2016, tem 250 alunos matriculados, sendo que 90% dos alunos moram no bairro e 10% juntam-se a eles vindos do município vizinho. Este núcleo escolar atende da educação infantil (pré-escola) ao ensino fundamental (anos iniciais até o 9º ano) divididos em dois turnos: de manhã, das 7 horas até o meio dia e o vespertino, com aulas a partir das 13 horas, finalizando as 17 horas (Figura 5).

---

<sup>25</sup> Escola criada pela Fábrica Cometa (s/d), localizada na centralidade do bairro Meio da Serra recebeu, inicialmente, o nome de Escola Cometa ofertava apenas o curso primário. Já em 1960, a Escola Cometa passou a fazer parte da Rede Estadual de Educação, recebendo o nome de Grupo Escolar Pedro Amado, homenageando um dos diretores da Companhia Cometa de Fiação e Tecidos. Em 2001, a prefeitura petropolitana municipalizou esta unidade escolar, batizando-a como Escola Municipal Pedro Amado.



Figura 5 – A Escola de Ensino Fundamental Pedro Amado



Fonte: O autor, 2018

A infraestrutura da escola conta com alimentação para todos os alunos, água de mina filtrada, fossa, o lixo é destinado à coleta periódica e internet de banda larga conectada aos computadores para os professores, os alunos e os funcionários de apoio. As dependências da EM Pedro Amado dispõe de cinco salas de aulas, vinte e oito funcionários, laboratório de informática, quadra de esportes coberta, cozinha, biblioteca, Sala de leitura e banheiros adaptados aos alunos com alguma deficiência ou mobilidade reduzida.

Concluído esta fase de aprendizado, ou seja, do ensino fundamental que só vai até o 9º ano, a maior parte dos moradores do núcleo original se deslocam para matricular os seus filhos no bairro Alto da Serra que possui uma escola tradicional e de grande porte do Ensino Médio, o Colégio Estadual Rui Barbosa (cerca de 1.200 alunos matriculados nas três séries do EM, em três turnos: manhã, tarde e noite) ou no Liceu Municipal Prefeito Cordolino Ambrósio, no Centro de Petrópolis.

Pode-se ainda, optar pelo 6º Distrito do município de Magé (Vila Inhomirim), em Raiz da Serra ou em Frágoso, aliás, cerca de 10% dos alunos matriculados são

moradores desse município vizinho, principalmente na EM Pedro Amado), para dar continuidade aos estudos no ensino médio.

No que se refere a mobilidade urbana, o transporte coletivo, o mais reclamado problema dos moradores, é feito pela empresa Petro Ita Transporte Coletivo de Passageiros Ltda., que transitam diariamente pela única e mal tratada rodovia estadual (RJ-107) que cruza o bairro e sem acostamento, criando sério perigo para os moradores que ali circulam, dessa forma, ligando o bairro Meio da Serra (Via rua Teresa) ao terminal Centro, integrado aos outros terminais, com horários diferenciados, de segunda a sexta, aos sábados e aos domingos e feriados, em média o percurso é feito em trinta minutos.

O primeiro ônibus sai do bairro às 5h05min, o último, saindo do Centro da cidade 01 hora da manhã ou 3h20min. Os moradores ainda têm uma segunda opção nos coletivos da empresa Transturismo Rei (TREL) que também ligam os municípios de Duque de Caxias e Magé, na Baixada Fluminense. Note-se que, de madrugada, o transporte coletivo tem um intervalo de tempo de duas horas e 20 minutos. Caso ocorra algum imprevisto, somente o transporte particular pode resolver.

Observamos que ainda não foi possível a formação de uma economia local considerável, apenas registramos a presença de alguns estabelecimentos comerciais de pequeno porte.

Atualmente, o trabalho é fora e longe, no centro da cidade de Petrópolis ou no Rio de Janeiro, mas a última conversa adocicada por aquela pinga mineira e o desenrolar da vida cotidiana é no bairro. O minúsculo comércio local, portanto, é mantido através de salários urbanos que convergem para o bairro a partir do trabalho alcançado quilômetros de distância do Meio da Serra.

Assim sendo, para as compras de maiores volumes os moradores têm que subir ao bairro Alto da Serra ou dirigirem-se ao bairro Centro, reiteradamente. Alguns moradores preferem descer a serra e alcançar Piabetá, onde os preços das mercadorias são mais módicos aos seus bolsos, mesmo pagando por uma passagem de ônibus o valor de seis reais e cinquenta centavos, somente a ida.

Destacam-se na centralidade do bairro, uma lojinha de multiutilidades, seis pequenas mercearias, uma padaria, um salão de beleza *unissex*, uma barbearia, uma lanchonete, uma loja de material de construções de porte pequeno – que garante parte dos insumos das autoconstruções observadas no bairro – e nove botequins, cada um deles constituindo ainda hoje, de certa forma, uma referência particular para alguns

moradores. Já em relação à religiosidade, foi construída pela Cia. Cometa em 1921, a Igreja de São Sebastião do Meio da Serra que celebra missas aos domingos às 7h30min. Embora esteja nos limites fronteiriços de Petrópolis, a igreja pertence à Paróquia de Nossa Senhora Imaculada Conceição, em Vila Inhomirim (6º Distrito) do município vizinho de Magé. Hoje, a Igreja de São Sebastião do Meio da Serra está perdendo a sua exclusividade na religiosidade do bairro e na vida de bairro devido a outras devoções que foram se estabelecendo com o tempo no centro histórico do Meio da Serra, como já visto anteriormente.

Dessa maneira, outros templos, no total de nove, nesse momento estão inseridos no espaço vivido do bairro, a Igreja Pentecostal Brasil Para Cristo e a Assembleia de Deus (Figura 6), por exemplo.

Figura 6 – A religiosidade presente no Meio da Serra – Assembleia de Deus



Fonte: O autor, 2018

Quanto ao saneamento básico no bairro Meio da Serra, os dados são preocupantes. Levando-se em consideração a planilha da Secretaria Municipal de



Saúde (2015)<sup>26</sup> com o número de domicílios atendidos pelo PSF 1 – Dr. Willian Jorge da Silva Seabra (616 domicílios no total), a forma de uso da água nos domicílios em sua maioria é filtrada (44,43%) ou sem tratamento (50,56%), ou seja, direto da nascente (mina). A minoria dos domicílios somente utiliza a fervura (3,65%) ou adiciona cloro à água (1,36%), antes do consumo.

Outras informações relevantes dizem respeito ao abastecimento de água, ao destino das fezes/urina, do lixo e o fornecimento de energia elétrica no bairro. Quanto ao abastecimento de água, nenhum dos domicílios possui rede pública para este fim, todos são abastecidos por poços ou nascentes, utilizados desde o período de funcionamento da Cia. Cometa no centro do bairro. Já em relação ao destino das fezes/urina dos domicílios, mais de 96% destinam os resíduos a céu aberto e os outros 4% restantes depositam em fossas. Por último, o destino do lixo é feito por coleta pública em 94% dos domicílios e o restante 6% são queimados/enterrados ou simplesmente jogado a céu aberto. A maioria dos domicílios (99,32%) dispõe de energia elétrica, apenas (0,68%) não tem, ou seja, aproximadamente quatro domicílios<sup>27</sup>.

Na época atual, no espaço intrabairro do Meio da Serra não há condições plenas de circulação de caminhões ou carros, as ruas e ruelas são, em sua maioria, sem calçadas, com iluminação pública somente em determinados trechos, sem asfalto e estreitas. Concorrem para esta visão, as diversas “valas negras” que dão destino aos esgotos, com muito desasseio e mal cheiro provenientes em sua maioria das autoconstruções observadas no bairro.

As circunstâncias atuais de (in)segurança pública no bairro também merecem considerações. Nos últimos anos, mesmo com dois Destacamentos de Policiamento Ostensivo (DPO), no Alto da Serra e na Vila Inhomirim (Raiz da Serra), vem ocorrendo paulatinamente roubos de carros na Serra Velha (RJ-107) assustando os moradores conforme a manchete de capa do jornal Diário de Petrópolis: “Assaltos e roubos de carros preocupam moradores e usuários da Serra Velha da Estrela”. De acordo com essa matéria, “[...] em menos de um mês, dois carros foram roubados” (ASSALTOS ..., 2017)<sup>28</sup> desassossegando os motoristas que trafegam diariamente pela Serra Velha da Estrela.

---

<sup>26</sup> Dados fornecidos informalmente pela Secretaria de Saúde de Petrópolis em visita realizada *in loco*.

<sup>27</sup> Dados fornecidos informalmente pela Secretaria de Saúde de Petrópolis em visita realizada *in loco*.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/assaltos-roubos-de-carros-preocupam-moradores-e-usuarios-da-serra-velha-da-estrela-131680>>.

Os moradores<sup>29</sup> mais longevos, especialmente os que experienciaram a plenitude do centro histórico do bairro, viveram nas últimas quatro ou cinco décadas com a pressentida perda de sociabilidade característica determinante na vida de bairro, aquela coisa que, nas palavras de Seabra (2003) se traduz como

[...] aquilo que fora próprio e genuíno do bairro, que lhe valeu um perfil, uma personalidade, ao se articular mais amplamente, iria se consumando e consumindo-se. Assim foi com a banda de música, com o futebol do bairro e até a Igreja teve que se reorganizar, organizando atividades rentáveis para sua manutenção. O ponto crítico parece mesmo um ponto de não-retorno, porque já indica a vitória das formas capitalistas mais desenvolvidas: o Estado e o dinheiro alçando-se sobre a vida cotidiana e transformando a vida de bairro. (SEABRA, 2003, p. 80).

Não obstante, antagonicamente, esses mesmos moradores experimentados daquela vida de bairro-operário-fabril do tempo passado no centro histórico, vivem hoje com novas experiências desse novo mundo moderno em diferentes escalas: a telefonia móvel, a internet ou mesmo como torcedor do distante time de futebol espanhol Barcelona, já que o time do bairro, o Esporte Clube Cometa, não existe mais. De outra forma, como sambistas, curtir o carnaval na “tela plana”, via satélite, direto do sambódromo do Rio ou São Paulo, é a solução imediata, pois o carnaval de rua no bairro que organizavam, também não existe mais.

Hoje, os moradores não ficam mais sentados tranquilamente em frente as suas casas, recolhem-se mais cedo, tem medo do movimento e das ações noturnas e isto é possível modificar as relações ao nível do espaço vivido do tempo comum e cotidiano, pois todos se conheciam antigamente, iam todos juntos à missa, aos bailes, os homens se uniam para o sagrado futebol de domingo no campo do bairro e depois colocavam as cadeiras nas suas calçadas para os comentários da partida, o motivo dessa perda está possivelmente associada à chegada de “muitos desconhecidos”, os de “fora”.

Para muitos, segundo Martins (2015), essa vida cotidiana, do homem comum observada nos diversos bairros em diversas comunidades espalhadas por todo país

[...] se tornou um refúgio para o desencanto de um futuro improvável, de uma História bloqueada pelo capital e pelo poder. Viver o presente já é uma

---

<sup>29</sup> Podemos afirmar que tais modificações “arquitetônicas” visíveis e a perda da sociabilidade foram mais sentidas pelo núcleo original e seus antigos moradores, muitos ex-operários da Cia. Cometa.

consigna que encontra eco numa sociologia do detalhe, do aqui e hoje, do viver intensamente o minuto desprovido de sentido, [...]. Se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos cétricos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais. (MARTINS, 2015, p. 51-52).

Dessa maneira, para os moradores mais vetustos possivelmente tenham mesmo que conviver com essas novas experiências sabendo que são tempos que se foram e sem recuperação. Já para os mais jovens, por certo, estabelecerão suas sociabilidades a partir das suas próprias necessidades impostas pela vida cotidiana que está sendo estabelecida diariamente.

Estas novas práticas sinalizam, de certa forma, a perda para o antigo morador, dos seus pertencimentos na sua vida cotidiana, traduzidos nas metamorfoses do bairro. Assim, é possível considerar a hipótese de que o Meio da Serra e similarmente a cidade de Petrópolis, entraram numa nova fase de reprodução, marcadamente, por enorme mobilidade e sobreposição de novas práticas espaciais.

Como já visto anteriormente em Bonduki e Rolnik (1979), “a baixa renda diferencial é o que define [uma] periferia”(p. 85), como também as suas particularidades, e conseqüentemente, o padrão de construção dos imóveis no bairro Meio da Serra segue e continua seguindo de acordo com a renda dos trabalhadores. Nessa perspectiva, a aquisição da moradia pelos estratos de renda mais baixos se insere como artifício do sobretrabalho. A autoconstrução, esta forma de habitação da classe trabalhadora representa verdadeiramente um drama para os menos abastados do Meio da Serra e, na definição de Bonduki e Rolnik (1979), a autoconstrução,

Esta forma de habitação para a classe trabalhadora apresenta vantagens flagrantes para a forma como o capitalismo se expandiu no Brasil na medida em que garante a reprodução da força de trabalho, com os trabalhadores assumindo a construção de uma habitação tanto para o seu próprio uso como para alugar, sem serem remunerados, realimentando a superexploração e ao mesmo tempo reforçando a direito da propriedade, como inconteste e como aspiração. (BONDUKI; ROLNIK, 1979, p. 86).

Como visto na citação anterior, a autoconstrução pesa sobre o trabalhador. Para realizar o sonho da casa própria, o proletário depende do seu tempo de folga, do dinheiro disponível para aquisição do material (quase sempre de baixa qualidade) para a construção, depende da mesma forma, da solidariedade dos amigos, ditando

dessa forma o ritmo da “obra”. Ele deve arcar com os custos e o processo de construção de sua morada. Essa é unicamente a forma que os trabalhadores dispõem para conquistar seus sonhos e com os moradores do bairro Meio da Serra não é diferente. Com o aumento das autoconstruções (Figura 7) no aspecto visível do bairro é lícito sugerir hipoteticamente que, novas relações podem ser estabelecidas nesse espaço vivido e forjar mais adiante, uma sólida identificação para os novos moradores com o bairro.

Figura 7 – Exemplos de autoconstruções



Notas: Ao fundo, vê-se a Igreja São Sebastião do Meio da Serra  
Fonte: O autor, 2018

Em trabalho de campo, como já observamos, o bairro Meio da Serra é, na atualidade, um lugar de passagem, de trânsito, uma ligação entre a baixada litorânea e a serra, uma alternativa à rodovia Rio-Petrópolis (BR-040).

As construções do tempo da Cia. Cometa: a Escola de Ensino Fundamental Pedro Amado, os correios de casas da Vila Operária e a Igreja São Sebastião do Meio da Serra, os elementos de nucleação, convivem com essa movimentação, à medida

que as novas moradias, ou melhor, as autoconstruções, são concebidas através de formas de ocupação e parcelamento ilegal do solo no bairro e avançam sobre as encostas da Serra da Estrela, aumentando consideravelmente, a “mancha urbana e a marcha demográfica” (AMBROZIO, 2013, p. 55). Ocupam até mesmo a antiga Estação Ferroviária do Meio da Serra.<sup>30</sup> Em consequência disso, hoje, o cotidiano dos moradores do bairro Meio da Serra é teórica e empiricamente muito diverso do bairro-fabril-operário que se formou no passado. Acha-se o bairro na atualidade em sucessivo processo de parcelamento irregular do solo, não é difícil encontrar uma plaquinha dizendo “vende-se” este terreno ou “aluga-se” este imóvel, dessa maneira, recorta-se e cria-se efeitos transformadores no espaço originário do Meio da Serra (Figura 8).

Figura 8 – A ocupação irregular nas encostas e a venda ilegal do solo na Serra da Estrela



Fonte: O autor, 2018

Que se retenha, afirmamos que a ocupação do solo na Vertente Sul é irregular e com venda ilegal de terrenos, baseado no Plano Diretor de Petrópolis (PDP) elaborado pela Secretaria de Planejamento e Urbanismo dessa Prefeitura (PETRÓPOLIS, 2014). Para tal diagnóstico foram utilizados os estudos realizados anteriormente como os dados estatísticos disponíveis no Censo de 2010 do IBGE e

---

<sup>30</sup> Como será visto no quarto capítulo, na seção 4.1 — As Transformações no Bairro Meio da Serra: de Núcleo Fabril a Bairro Periférico.

cartografia do ano de 1996 como consta no PDP (PETRÓPOLIS, 2014). De acordo com o PDP (PETRÓPOLIS, 2014),

O avanço das ocupações em encostas florestadas também é verificado na Serra da Estrela [...]. Lá, as ocupações [foram e estão sendo construídas] ao longo do leito da antiga estrada de ferro e nas margens da Estrada Velha [e Normal – RJ 107] da Estrela [...] imune à fiscalização e a multas [...] [com]  
Recorrência de assentamentos habitacionais irregulares, do ponto de vista urbanístico e jurídico. (PETRÓPOLIS, 2014, p. 37 e 73).

Para corroborar nossa afirmação, no PDP (PETRÓPOLIS, 2014) consta a seguinte afirmação sobre as autoconstruções na Estrada Velha da Estrela como “pontos fracos: Ocupações irregulares dentro da APA Petrópolis e lançamento de esgoto ‘in natura’ nos rios que cortam à área” (p. 83). Por fim, a própria prefeitura fere alguns artigos da Lei nº 7.167, de 28 de março de 2014, ao não promover, cnicamente, a regularização fundiária, a fiscalização das áreas de preservação, a proteção de áreas de interesse histórico, cultural ou paisagístico e a implementação de políticas habitacionais no município.

Como já visto anteriormente, o Meio da Serra localizado no Primeiro Distrito petropolitano está estabelecido na vertente Sul do Município, no pioneiro acesso à cidade pela Estrada Normal Serra da Estrela construída pelo jovem engenheiro civil germânico da Mogúncia, Júlio Frederico Koeler entre 1843 e 1850. Conforme Casadei (1991) o projeto dessa estrada é de autoria de Koeler. O início da construção foi em 11 de janeiro de 1843 e só em 1850 foi concluída. Segundo a autora, Koeler não testemunhou a etapa final da obra, por ter falecido em 1847 (CASADEI, 1991).

Nascido Júlio Frederico Koeler,

[...] chegou ao Brasil em 1828, integrou o corpo de estrangeiros do Exército, no qual foi primeiro-tenente. Pelo Ato do vice-presidente da província do Rio de Janeiro, Brás Carneiro de Almeida, em 28 de abril de 1841, o major foi nomeado chefe da 2ª Seção de Obras Públicas da mesma província. É de sua autoria o projeto da colônia de Petrópolis e o encarregado pela imigração alemã. Foi o responsável pela construção do Palácio Imperial, da urbanização de Petrópolis e ainda das obras da estrada ‘Normal’ entre o Porto da Estrela e Paraíba do Sul. (MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS, 2010).<sup>31</sup>

---

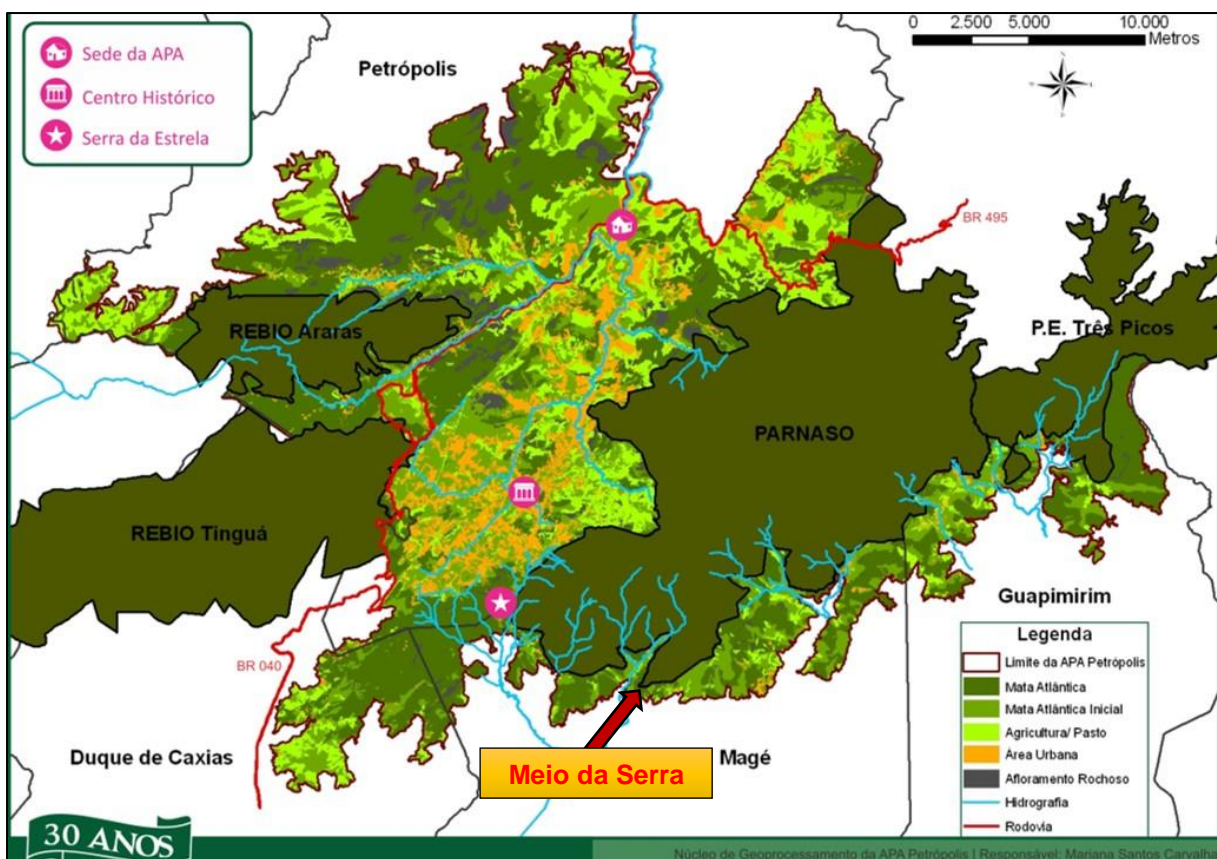
<sup>31</sup> Disponível em:

<<http://www.museuimperial.gov.br/palacio/arquivo-historico/27-colecao-julio-frederico-koeler.html>>.



Outro ponto que amplifica o quadro de problemas mencionados, é o bairro encontrar-se em Área de Proteção Ambiental (APA) da Região Serrana de Petrópolis (Mapa 5), é uma área protegida por Lei Federal, portanto, nenhuma das construções observadas ao longo do perímetro urbano do bairro Meio da Serra poderia estar ali, ou seja, todas as construções são irregulares e sem títulos de propriedade.

Mapa 5 – Área de Proteção Ambiental Petrópolis



Fonte: Adaptado de Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade<sup>32</sup>

No folheto oriundo do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, lê-se que o objetivo basilar da APA Petrópolis é:

[...] o fomento a práticas sustentáveis que visam a melhoria da qualidade de vida da população, a preservação do patrimônio cultural e histórico, a integridade dos recursos hídricos e a conservação da biodiversidade [...]

<sup>32</sup> Disponível em:

<[http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/folheto\\_final2.jpg](http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/folheto_final2.jpg)>. Acesso em 23 ago. 2017.

evitando impactos negativos [...]. (INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE, [201-])<sup>33</sup>

Contudo, como é possível constatar adiante, o que se vê no cotidiano do bairro não está de acordo com o objetivo principal.

A APA Petrópolis, Unidade de Conservação (UC), conta com uma área total de 68.223,5900 hectares, com perímetro de 428,532 km. Fundada pelo Decreto nº 87.561, de 13 de setembro de 1982, foi a primeira área de proteção ambiental criada no país e sua demarcação foi efetivada após dez anos pelo Decreto nº 527, de 20 de maio de 1992, abarcando áreas urbanas e periurbanas e rurais dos municípios de Petrópolis (68,32%), Magé (16,75%), Guapimirim (10,39%) e Duque de Caxias (4,54%). As coordenadas geográficas dessa UC estão entre a latitude norte 22° 20' 01", a latitude sul 22° 37'37", com longitude oeste 43° 22' 34" e a longitude leste 42° 54' 17". Esta UC abriga diversas espécies da fauna e da flora do Bioma Mata Atlântica, com destaque para os ecossistemas compostos por exuberante floresta ombrófila densa submontana, floresta ombrófila densa montana, floresta ombrófila densa altomontana e campos de altitude (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2007).

De acordo com o Plano de Manejo da APA-Petrópolis (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2007), na ficha técnica da Unidade de Conservação, constam atividades que são ou devem ser desenvolvidas pela Unidade Gestora Responsável (UGR), de comprometimento da equipe do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Parnaso), como por exemplo, a fiscalização e ações de prevenção e combate a incêndios florestais, enchentes e deslizamentos em parceria com o Batalhão de Polícia Florestal; projetos de pesquisas em diversas áreas, coordenados por Universidades e Instituições que atuam no Estado do Rio de Janeiro; planejamento de cursos de Educação Ambiental itinerante, publicações e *folders* aplicados e distribuídos nas escolas públicas de ensino fundamental e associações de moradores.

O que chama atenção são as atividades que afetam profundamente a área oficial da APA, na qual Petrópolis e todo o bairro Meio da Serra está assentado. Podemos inventariar, por exemplo, a expansão da ocupação urbana na Área de Proteção Permanente (APP); a degradação dos recursos hídricos, a especulação

---

<sup>33</sup> Disponível em: <[http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/folheto\\_final2.jpg](http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/folheto_final2.jpg)>. Acesso em: 23 ago. 2017.



imobiliária, a extração de exemplares da fauna e flora, como a captura de pássaros silvestres e especialmente, de bromélias e orquídeas.

Note-se que o Parque Nacional Serra dos Órgãos faz limite com o Meio da Serra na porção leste e o bairro é praticamente a sua zona de amortecimento<sup>34</sup> ou zona tampão<sup>35</sup>.

Essas áreas ou zonas de amortecimento não fazem parte das UCs, mas estando estrategicamente localizadas na circunvizinhança da UC, têm a incumbência de proteger seu entorno, é uma espécie de área de contenção contra as atividades humanas de degradação do ambiente natural.

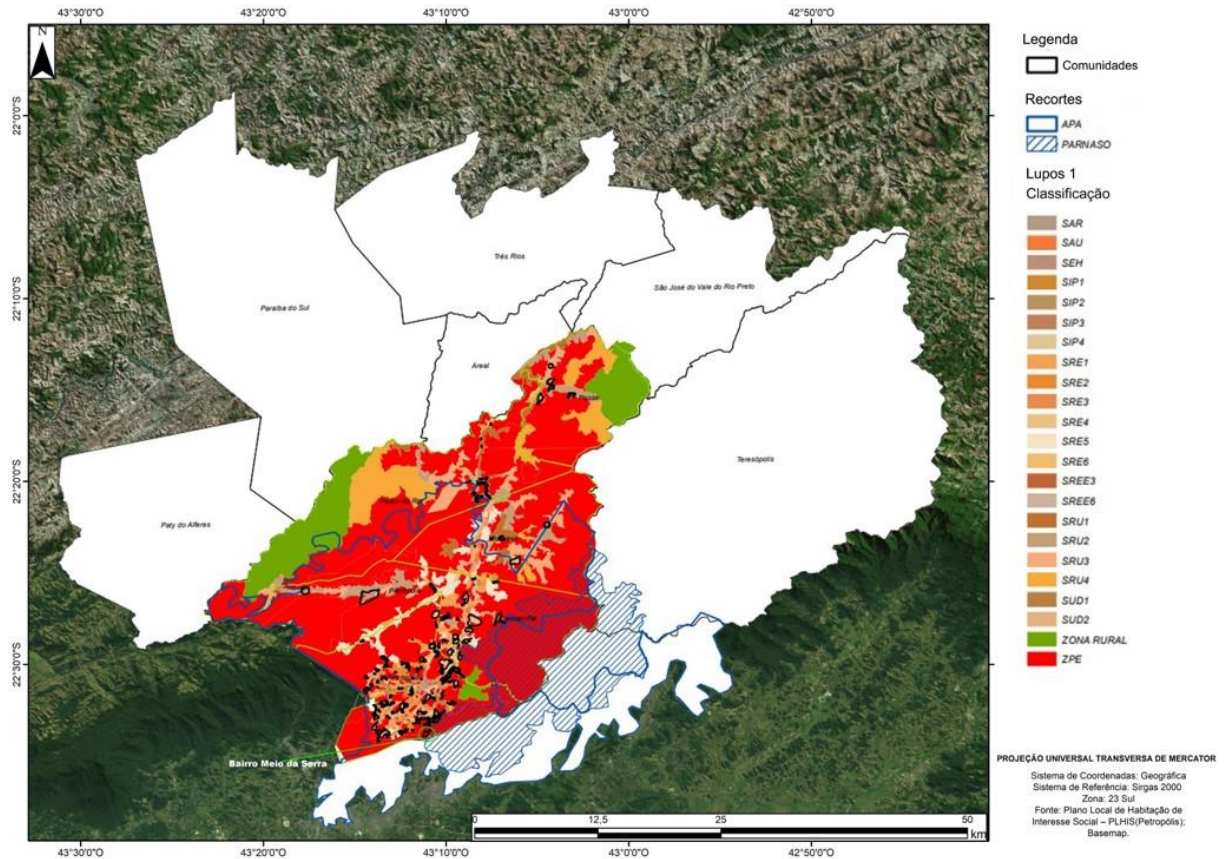
Além do mais, a totalidade do bairro Meio da Serra permanece como área natural e histórica protegida pelo Processo nº E-03/31.486/83 – Tombamento Provisório: 20 nov. 1984 (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2007, p. 1/38). Segundo o próprio Ibama esse tombamento de áreas naturais é um extraordinário instrumento para preservação e cuidado de sítios com acentuado “[...] valor histórico, artístico, paisagístico, arqueológico, cultural ou científico de uma determinada região [...]” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2007, p. 1/37), o que, na prática, não acontece no Meio da Serra. No Mapa 6 estão identificadas as zonas e setores estabelecidos pela Lei de Uso, Parcelamento e Ocupação do Solo (LUPOS), os assentamentos precários (as Comunidades), os limites da APA da Região Serrana de Petrópolis e a área do Parnaso.

---

<sup>34</sup> O artigo 2º, inciso XVIII da Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) nº 9.985, de 18 de julho de 2000, a descreve como “o entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade;” (BRASIL, 2000).

<sup>35</sup> A Zona de Amortecimento ou Zona Tampão é uma área determinada por lei ao redor de uma UC. Seu objetivo é de “filtrar os impactos negativos das atividades que ocorrem fora dela”, como: barulhos, poluição, espécies exóticas e evolução da ocupação humana (ASSOCIAÇÃO O ECO, 2014).

Mapa 6 – Mapa da lei de uso, parcelamento e ocupação do solo, Petrópolis



Fonte: PETRÓPOLIS, 2012, p. 82

Em Petrópolis, essas áreas protegidas estão na sede do município (1º Distrito), em Cascatinha (2º Distrito), em Itaipava (3º Distrito) e em Pedro do Rio (4º Distrito). Além disso, o bairro consta na Secretaria de Planejamento e Urbanismo (Certidão de Uso e Parâmetros) como Zona de Preservação Especial – ZPE<sup>36</sup>, subdividida em I – Setor de Preservação (SPE) e II – Setor de Proteção (SPR), portanto, uma zona na qual não deveria ser permitida a construção de qualquer edificação, “tendo em vista tratar-se de área [zona] de preservação ambiental especial” conforme constatado no mapa anterior, segundo a própria legislação municipal da Secretaria de Planejamento e Urbanismo de Petrópolis.

Na área demarcada para a preservação, estão os caminhos para as “Minas Gerais”, compreendendo os trechos como o da Estrada Normal Serra da Estrela, os

<sup>36</sup> Afirma a prefeitura de Petrópolis (via Secretaria de Planejamento e Urbanismo) na certidão de Usos e Parâmetros de Ocupação de ZPE. “Não é permitido a construção de nenhuma edificação, tendo em vista tratar-se de área de preservação ambiental especial. Todo o uso será determinado somente após conclusões dos estudos nas zonas de preservação demarcadas por Lei”.

fragmentos da calçada da pedra ou caminho de Inhomirim (*Caminho* do Bernardo Proença ou do ouro, como é conhecido no bairro pelos moradores mais antigos) como também o trecho da Estrada Taquara e partes da Estrada do Imperador.

Partindo-se de Vila Inhomirim (6º Distrito de Magé), o acesso mais rápido à sede da APA e do município petropolitano é feito por rodovia que rasga densas frações de Floresta Atlântica, especialmente na área do bairro Meio da Serra; Rodovia denominada Estrada Normal da Estrela (RJ – 107), conhecida também por “Estrada Velha”<sup>37</sup>, é pavimentada por paralelepípedos com precária manutenção e com intenso fluxo de caminhões, ônibus e veículos particulares, principalmente nos finais de semana e feriados prolongados, nos dois sentidos.

Como visto, pode-se perceber que na transfiguração do bairro Meio da Serra há diversas carências que envolvem e mesmo revelam a sua transformação cotidiana: o saneamento básico, a saúde, o transporte, a segurança, as condições de ocupação do solo urbano combinado com as (auto)construções e ao lazer.

Nesse sentido, como nos mostra Lefebvre, “*No podemos conocer la vida cotidiana sin efectuar un análisis crítico*” (1978, p. 86–88). Segundo ele, é na vida cotidiana, setor privilegiado da prática social, que se dá a apropriação do tempo e do espaço pelo cidadão e concomitantemente, é também o lugar da pobreza e da miséria, a cotidianidade revela a criatividade, as metamorfoses e a renovação infindável do ser humano através de duras provas no espaço vivido; se não sabemos traduzir ou ignoramos os sistemas complexos de signos ali presentes na vida de bairro, estamos fora na compreensão da história local (LEFEBVRE, 1978).

Em função disso, neste trabalho, a análise do espaço concreto construído e a observação da vida cotidiana do homem simples, traduzem-se em ferramentas de grande importância e não devem ser deixadas à parte para a compreensão das possíveis transformações no bairro Meio da Serra.

Encontramos aqui, mais uma vez, sustentação teórica em Martins (2015) quando ele afirma que

a explicação do todo concreto é incompleta e pobre se não passa pela mediação do insignificante. É nesses momentos e situações de protagonismos oculto e mutilado dos simples, das pessoas comuns, dos que foram postos à margem da História, [...] São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem explicação científica mais consistentes, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido

---

<sup>37</sup> Em relação a Rodovia Washington Luís (BR-040).

o visível e o invisível. [...] é na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta. (MARTINS, 2015, p. 11-12).

É de fundamental importância para este estudo a observação e a interpretação da dimensão socioespacial da vida de bairro, pois, em momentos históricos diferentes, os espaços são utilizados de formas distintas e manifestam significados diferenciados ao longo do tempo. Como nos lembra Seabra (2003) que “[...] não existe o espaço em si, e tampouco espacialidade do nada” (p. 146), dessa forma, esta pesquisa segue rumo ao encontro das bases históricas que permitiram para que nesse espaço geográfico se configurasse o núcleo fabril e histórico do bairro Meio da Serra.

#### **4 AS BASES DA FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL PETROPOLITANA: O CASO DA COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS COMETA E A FORMAÇÃO DO BAIRRO MEIO DA SERRA**

Nesta parte passaremos ao mergulho na formação da indústria têxtil petropolitana, colocando em evidência o caso da Cia. Fiação e Tecidos Cometa e a gênese do seu núcleo fabril, vinculado a formação do bairro Meio da Serra.

Nesta etapa, busca-se compreender as origens e a evolução da indústria têxtil no Brasil, correlacionando esse processo com a Cia. Fiação e Tecidos Cometa, mais especialmente naquilo que a vincula com constituição do bairro Meio da Serra, localizado na vertente Sul do município de Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro.

Foi através dessa vertente Sul que fluiu boa parte do capital nacional e estrangeiro para investimento nas companhias têxteis alocadas no município; foi também essa vertente que, ao mesmo tempo, propiciou o trânsito da aristocracia, e mesmo da burguesia industrial que subira a escarpa da Serra da Estrela em busca da vilegiatura petropolitana, tal como mencionou Magalhães (1966).

Dessa maneira, parte das elites fundiram-se, no que se refere a formação da indústria têxtil na cidade e, sobretudo, como consequência do desenvolvimento econômico brasileiro na época, por conseguinte, trouxeram um forte aporte técnico e financeiro na formação socioeconômica de Petrópolis.

No contexto da escolha do sítio para a localização da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, ou seja, isolada na vertente Sul, no antigo caminho que liga Petrópolis a cidade do Rio de Janeiro, a Cia. Cometa se estabeleceu e construiu para seus diretores, técnicos e operários uma certa espécie de ambiente fechado, ou núcleo urbano, construído junto à fábrica para garantir a permanência da mão de obra necessária para o desempenho de suas atividades, incluindo-se aí escola e igreja como parte disciplinadora importante fora do seu espaço de trabalho propriamente; núcleo urbano fabril, localizado em área pitoresca, que deu início ao viria a ser o bairro Meio da Serra.

#### 4.1 BREVE HISTÓRICO DAS ORIGENS DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL

É necessário, antes de tudo, fazermos uma análise da atmosfera econômica mundial e do Brasil no decorrer do século XIX, principalmente, no primeiro quartel desse século.

Para auxiliar-nos nessa empreitada, utilizaremos, aqui, na maior parte do texto, a monografia clássica de Stanley J. Stein (1979) como referência no processo histórico da industrialização do Brasil publicado originalmente em 1957, pela Harvard University Press. Obviamente, como declara Luz (1979) no prefácio à edição brasileira “[...] como qualquer obra que busca o conhecimento do passado, não responde todas as indagações e nem ilumina todos os ângulos” (p. 10), mas, para este trabalho, Stein consegue oferecer valiosas contribuições sob diversos enfoques que nos permite refletir sobre a evolução do processo de industrialização no país.

Sob esse aspecto, dois importantes movimentos revolucionários estavam em marcha na América Latina; o primeiro deles consiste na independência política das colônias portuguesas e espanholas da Europa; o segundo, um movimento econômico que ampliaria os contatos comerciais com a Europa e os Estados Unidos e ainda levaria a “aparição de algumas fábricas dispersas numa economia dominada pela agricultura, o comércio e a mineração” (STEIN, 1979, p. 19) no Brasil.

Esses movimentos eram reflexos das mudanças econômicas que estavam ocorrendo em outros recantos do mundo. As unidades fabris europeias, no século XVIII, já estavam em processo, e, no século seguinte, aumentou a necessidade das fábricas na Europa de novos mercados para dar escoamento às suas mercadorias, ao mesmo tempo que aumentavam nessas fábricas a demanda por matérias-primas. Desse modo, a América Latina contribuía para “satisfazer essas duas necessidades. [E] [transformava-se], assim, em [aro] da grande roda da economia mundial, cujo eixo era a Europa Ocidental” (STEIN, 1979, p. 20).

Por outro lado, conforme Stein (1979),

[...] alguns latino-americanos perceberam que seus países tinham potencialidades para o progresso industrial. Ponderavam que as matérias-primas exportadas e em seguida devolvidas sob forma de produtos manufaturados poderiam ser processadas em seus próprios países, com grandes ganhos para aqueles que se dispusessem a fundar indústrias domésticas. Na prática, esse projeto requeria mercados, capital para investir, máquinas e homens. No decorrer do século XIX, os experimentos realizados

no Brasil com esses ingredientes lançaram os fundamentos da expansão industrial do século XX. [...] Como em outros países da América Latina, o progresso industrial no Brasil no século XIX foi mais vagaroso do que os teóricos previam e só nas últimas décadas os seus frutos foram reconhecidos. A agricultura e o comércio, que se expandiram em ritmo acelerado para atender às necessidades das nações que se industrializavam em outras partes do mundo, continuaram a ser os pilares exclusivos da economia nacional. À sombra desse edifício, a indústria cresceu com dificuldades. (STEIN, 1979, p. 19-20).

Dessa maneira, segundo Stein (1979), ao fim do século XVIII, antes da transferência forçada da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, ainda permaneceria na estrutura econômica colonial brasileira, fortes fatores que manteriam as trocas comerciais com o exterior, pautadas na lavoura monocultora para exportação, conforme a política mercantilista da metrópole, entregando, dessa forma, o controle dessa produção a um grupo seletivo de comerciantes lusos que mantinham agentes na cidade portuária do Rio de Janeiro, bem como, em Pernambuco e na Bahia, constituindo o alicerce comercial e de navegação entre Brasil e Portugal. Após a chegada da corte portuguesa, o governo real precisava manter-se no exílio, desse jeito, novas fontes de rendimentos e trocas comerciais foram necessárias. A abertura das 'portas' do Brasil para o comércio exterior foi uma iniciativa imediata, com isso, ocorreu a fixação de comerciantes intermediários exportadores e importadores e estabelecimentos comerciais portugueses, ingleses, americanos e franceses, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, assim, após 1822, o Brasil transforma-se num império constitucional independente, regido pelo filho do rei de Portugal, estabelecendo nas décadas seguintes o modelo econômico brasileiro, "Esse modelo determinou o tipo de trabalhador que veio para o Brasil, a natureza do comércio [...], o papel do governo" (STEIN, 1979, p. 21) e, como consequência desses fatores, a cadência da industrialização brasileira.

Com o fim do tráfico negreiro, novos investimentos foram realizados pelos empresários comerciais, que "aplicaram seus capitais na fundação de bancos de desconto e depósitos (1850/1860)" (STEIN, 1979, p.22), assim como em companhias de construção de estradas, linhas de carruagem, navegação costeira e fluvial e, principalmente, em estradas de ferro planejadas para o escoamento dos gêneros agrícolas de exportação até os portos marítimos. A sólida influência dos grandes proprietários de terras e dos comerciantes na política econômica imperial, foram fatores fundamentais na falta de créditos em qualquer crise, por conseguinte, "as poucas indústrias existentes demonstrava que o país não estava preparado para a

industrialização em larga escala” (STEIN, 1979, p. 24-25), dessa maneira vários fabricantes têxteis queixavam-se do minguado ou inexistente crédito para seus empreendimentos.

Ainda segundo Stein (1979),

Apesar dos índices de crescimento da riqueza e da prosperidade nacional, assinalados pelas cifras de exportação (café, algodão bruto e açúcar) causarem forte impressão nos observadores dos anos setenta, havia quem apontasse a debilidade da balança comercial – referiam-se aos lucros registrados nos livros de contabilidade dos comerciantes estrangeiros que eram imediatamente retirados do país. Em 1865, Sebastião Ferreira Soares, [...] funcionário público por profissão e economista por vocação, alinhou fatos para provar que, embora a produção agrícola tenha crescido nas décadas anteriores, o Brasil acumulara um deficit comercial considerável, proclamou a necessidade de que o Brasil estabelecesse fábricas têxteis e outras indústrias para produzir ‘objetos de uso corriqueiro’, ou viveremos sempre trabalhando para as indústrias dos vizinhos estrangeiros, produzindo e vendendo matérias-primas para recebê-las de volta a preços elevados depois de terem sido manufaturadas; instalando fábricas, a maior parte do capital que sai para pagar objetos de uso comum permaneceria no país. [...] não representava um ponto de vista inteiramente isolado ou mesmo inédito. Tratava-se apenas de uma lucida recolocação de ideias em discussão desde o início dos anos quarenta. Naquela época, uma torrente de novos conceitos econômicos penetrara no Brasil através dos navios a vela ou a vapor que faziam as rotas comerciais do Atlântico. [...] A entrada de grande número de comerciantes estrangeiros implicou não só na proliferação de casas comerciais e na circulação de mercadorias, como [também,] na difusão das sementes de mudança. Os agentes diplomáticos e consulares brasileiros no exterior traziam, ao regressar ao país, informações, doutrinas e livros. Novas ideias eram difundidas pelas impressoras brasileiras, numa escala muito maior que nos tempos da colonização, quando o Brasil era destituído de qualquer espécie de imprensa. (STEIN, 1979, p. 26).

Conforme a citação anterior, as “sementes da mudança” foram implementadas com as casas comerciais e fortalecidas com a tarifa protecionista *Alves Branco*, de 1844, que taxava em 30% boa parte dos produtos estrangeiros manufaturados, inclusive os tecidos de algodão. Conforme Stanley Stein, foi uma proteção transitória, porém abriu caminho posteriormente com a instabilidade econômica oriunda do fim do tráfico de escravos (1850) e das crises comerciais na segunda metade do século XIX.

Ainda segundo este autor, utilizando-se do Relatório da Comissão de Tarifas (1853), o atraso na implementação da indústria no Brasil não estava relacionado “nem à falta de proteção tarifária adequada nem à concorrência dos produtos estrangeiros” e sim as carências normais no desenvolvimento de um pátio industrial em quaisquer nações vinculadas à falta de capital, a fragilidade no



investimento de capital em iniciativas mais produtivas, na complexidade de obtenção de máquinas e ‘instrumentos apropriados de invenção moderna’; em contra partida, destaca Stein (1979, p. 27) “nem a agricultura e nem a mineração proporcionaram tantas vantagens” como o tráfico de escravos, uma riqueza gigantesca.

O estímulo às fábricas têxteis no Brasil, afirma Stein, foi proveniente de dois fatores, a tarifa Alves Branco, de 1844; e a cessação “das taxas alfandegárias que incidiam sobre máquinas e matérias-primas, em 1846 e 1847” (STEIN, 1979, p. 28) criaram dessa forma grande incentivo a constituição de companhias de fiação e tecedura de algodão, como exemplo, duas delas, a de Santo Aleixo, atualmente, um bairro e sede do 2º distrito de Magé no Rio de Janeiro, e, segunda, de Todos os Santos, na Bahia, que conceberam, de fato, uma atmosfera industrial à manufatura têxtil de algodão nos anos de 1840. A maioria das fábricas de tecidos, segundo Stein (1979), foram fundadas nos anos de 1866 e 1867, sobretudo as fábricas da Bahia, transformando-se no primeiro centro manufatureiro têxtil de algodão no Brasil.

O clima econômico estava mudando. A maior parte das fazendas de café do Vale do Paraíba já sentiam os efeitos do “esgotamento do solo, do envelhecimento da mão-de-obra escrava e [...] da abolição da escravidão” (STEIN, 1979, p. 32). Além disso, outro fator foi cogitado pela Cia. Brazil Industrial, estabelecida no Rio de Janeiro, para superar mais um obstáculo ao desenvolvimento industrial nacional, que foi a substituição do carvão pela força hidráulica de suas províncias estimulando, assim, o desenvolvimento da indústria têxtil algodoeira no Brasil.

Destarte, no período compreendido entre 1850 e 1875, Stein (1979) afirma que

[...] pequenas fábricas salpicaram a paisagem brasileira; os tecidos [...] de algodão que elas produziam concorriam com os tecidos importados da Inglaterra. Afirmavam os fabricantes que a abundância e o baixo preço da matéria-prima e a perfeição e o baixo preço dos produtos acabados, aliados a uma demanda adequada, asseguravam um futuro estável à indústria nacional. Em 1866, as nove fábricas têxteis de algodão possuíam 13.977 fusos e produziam aproximadamente quatro milhões de metros de tecidos. Entre 1866 e 1885, a indústria têxtil expandiu-se rapidamente; no final deste período, quarenta e duas fábricas, com 66.466 fusos, produziam mais de vinte milhões de metros. O número de teares em operações aumentou cinco vezes, e o número de trabalhadores subiu de 795 para 3.172. Em 1885, trinta e três das quarenta e oito fábricas brasileiras estavam localizadas nas províncias do centro-sul (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), sendo que os subúrbios e a cidade do Rio de Janeiro concentravam o maior número de fusos e teares. O crescimento mais acelerado das fábricas de algodão no centro-sul do país e, especialmente, dentro e nos arredores da cidade do Rio

de Janeiro [Petrópolis] refletia a crescente importância política e econômica dessa região após 1850. (STEIN, 1979, p. 34-36).

Portanto, conforme a citação anterior, as condições eram bastantes favoráveis a constituição definitiva da indústria têxtil no Centro-Sul do país, com destaque para o Rio de Janeiro que se transformou e se consolidou como um imprescindível centro administrativo-financeiro e entreposto comercial do governo imperial. Em consequência, a população da cidade do Rio cresceu muito e rapidamente. Concomitantemente, os escravos negros e os imigrantes europeus que labutavam nas propriedades cafeicultoras, garantiam um mercado estável para os produtos feitos com algodão. Com a instabilidade na agricultura cafeeira, associada a alguns fatores como: a carência de mão de obra escrava, a degradação do solo somado ao baixo preço do café, alguns fazendeiros e comerciantes do Rio de Janeiro tomaram a iniciativa de investir capitais em plantas fabris têxteis de algodão.

Outro aspecto relevante após 1865, foi a retomada das exportações de algodão pelos Estados Unidos, que, segundo Stein (1979),

[...] deixou o Brasil com excedentes baratos de algodão, o que favoreceu a fundação de fábricas tanto em São Paulo como no Rio. Havia, ainda, força hidráulica em abundância perto da cidade do Rio e nas províncias de Minas Gerais e de São Paulo. (STEIN, 1979, p. 37).

Além do rápido crescimento e expansão da população e da atividade comercial e agrícola, como já visto anteriormente, Stein confirma que, nos anos iniciais das fábricas têxteis de algodão no Brasil, os diretores dessas indústrias consideravam o uso da água em lugar do carvão (muito caro, implicando diretamente no custo de produção dos tecidos). A água, uma fonte de energia farta e barata no país facilitaria a concorrência com os tecidos importados. Desse modo, muitas fábricas fundadas a partir de 1840, e, nesse caso, inclui-se a Cia. Fiação e Tecidos Cometa (do Alto e do Meio da Serra), a incorporaram a força motriz hidráulica.

Ainda conforme Stein (1979):

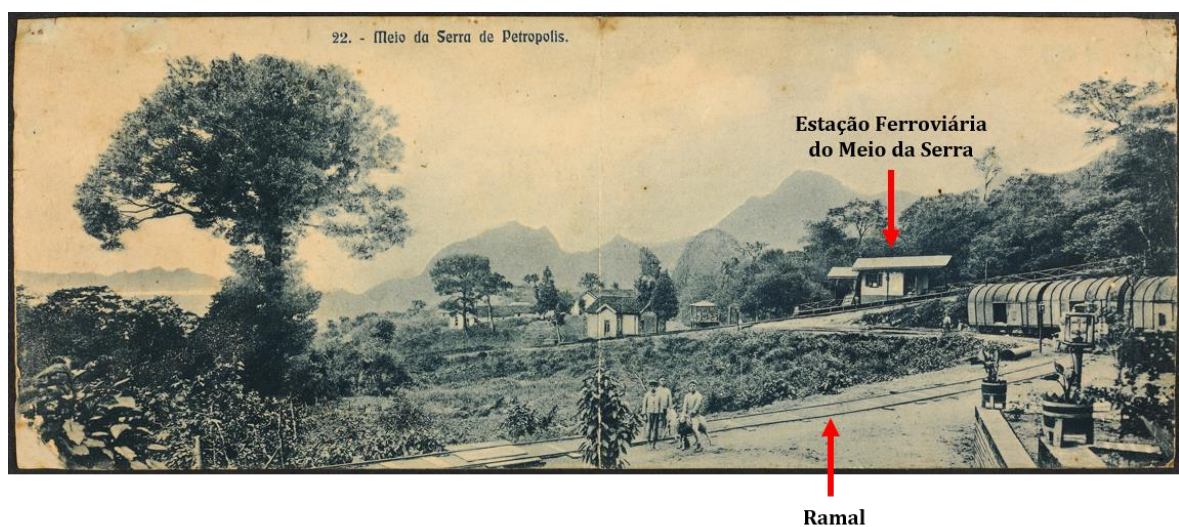
algumas fábricas, mais prevenidas, eram movidas exclusivamente a vapor: aqueciam as suas caldeiras ou com lenha das florestas próximas ou com o carvão. Parece, inclusive, que o principal benefício que tiveram as fábricas do Rio de Janeiro com o desenvolvimento do porto do Rio foi a possibilidade de adquirir carvão importado. (STEIN, 1979, p. 37).

O acesso ao carvão adquirido da Europa Ocidental, canalizado pelo porto do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, possibilitou grandemente a expansão “das manufaturas têxteis de algodão no Rio e em seus arredores” (STEIN, 1979, p. 37). Porém, de um modo geral, as condições de transporte na época tornavam muito dispendioso o uso do carvão para as fábricas do interior, não se tornando, portanto, uma vantagem econômica para estes estabelecimentos.

A implantação de uma rede de estradas de ferro conectando diretamente o principal eixo econômico do país – Rio de Janeiro a São Paulo a Minas Gerais – após 1860 contribuiu efetivamente para atrair as plantas têxteis da Bahia para a região Centro-Sul do Brasil. As estradas de ferro tiveram um impacto revolucionário para o surgimento das indústrias têxteis nesse eixo econômico descrito anteriormente (Figura 9). As fábricas existentes em Minas Gerais e São Paulo, no final do século XIX, estavam localizadas próximas as ferrovias na época, providas de algodão e da utilização da água corrente como força motriz.

Quanto ao Rio de Janeiro, além da implementação das estradas de ferro, o governo imperial “incluía ‘transporte grátis de todas as máquinas, peças das máquinas, ferramentas, etc. [...] e todo os materiais para a fábrica’” (STEIN, 1979, p. 38).

Figura 9 – Núcleo histórico do bairro Meio da Serra e o ramal ferroviário



Notas: No primeiro plano, ramal ferroviário que ligava a E. F. Príncipe do Grão-Pará ao portão principal da Cia. Cometa Fiação e Tecidos – 1902

Fonte: Adaptado de Acervo do Museu Imperial de Petrópolis, Divisão de Documentação Histórica

Esta concessão do governo possibilitou a expansão de algumas instalações fabris, no caso da cidade de Petrópolis a Cia. Cometa se beneficiou amplamente, pois havia um ramal da Estrada de Ferro Príncipe do Grão Pará à sua porta, facilitando a chegada da matéria-prima e a saída dos produtos acabados, com taxas de fretes *sui generis*. Em suma, achava-se ainda a indústria brasileira nos seus primeiros caminhos e mais modestos passos da prosperidade estritamente localizadas e favoráveis às plantas têxteis no eixo Rio de Janeiro – São Paulo – Minas Gerais. Assim, as empresas conviviam com o pleno processo de fortalecimento adquirido através de consideráveis vantagens locacionais e estruturais para seu pleno desenvolvimento produtivo.

Acresce observar que as tramas do poder e os interesses de maior volume estavam estabelecidos na cidade do Rio de Janeiro, onde se juntavam e se disseminavam os elementos geradores de riqueza para uma pequena elite dominante e abastada.

#### 4.2 AS BASES DA FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL EM PETRÓPOLIS

Atendo-se especificamente à Cidade Operária de Petrópolis, não podemos deixar de fazer menção às sesmarias em quadras que foram doadas na região, a partir do século XVIII, como base relevante para a ocupação e desenvolvimento econômico desse sítio montês. Os sesmeiros auferiam porções de terras “com meia légua de testada de cada lado da estrada, com igual extensão de frente aos fundos” (FAORO, 2004, p. 409), conforme a permissão estabelecida e normalmente utilizada para o plantio de subsistência, como também para o abastecimento das caravanas dos tropeiros que cruzavam este caminho. Outro grupo, os posseiros, juntou-se aos primeiros proprietários, “fixados para a pastagem de animais de trânsito, com roças de milho, feijão e cana” (FAORO, 2004, p. 409), ao longo dos caminhos em seus ranchos. Dessa forma, cumpria-se a política de distribuição do solo no período colonial, obrigando os proprietários a explorá-lo em determinado tempo ou arrendá-lo ou ainda, doá-lo para lavradores dispostos a cultivá-lo.

Como também nos esclarece Ambrozio (2013) sobre as sesmarias

[Essas] demarcações [...], eventualmente, penetravam serra acima; porém, isso não significava efetivo desbravamento dessa banda da serra do mar; pois esta permaneceria como estremadura assustadora e limitante do recôncavo da Guanabara até a aparição e fortalecimento dos motivos mineiros para a sua travessia e apropriação. (AMBROZIO, 2013, p. 107).

Assim, em função da necessidade de alcançar o interior com a “corrida do ouro”, foram “abertos” diferentes caminhos coloniais entre a planície litorânea e o planalto para suprir as demandas oriundas desse processo. O “Atalho de Bernardo Soares de Proença”<sup>38</sup> ou como também pode ser chamado de “Variante ao Caminho Novo”, foi a última dessas rotas coloniais que colocou Petrópolis no trajeto mais curto; esse atalho, ligava o Rio de Janeiro as minas gerais, servindo inclusive como pouso e passagem obrigatória para os tropeiros e outras “[...] pessoas vindas de diversas regiões da Colônia e mesmo de além-mar” (COSTA, 2005, p. 31), logo após a dificultosa subida da Serra da Estrela<sup>39</sup> ou mesmo depois da longa jornada de retorno do interior em direção à baixada litorânea e ao porto do Rio de Janeiro.

Como descreve Magalhães (1966) na citação a seguir,

[...] [a variante ao Caminho Novo construído por Bernardo de Proença aberto em 1724], [...] [foi o] mais utilizado, beneficiava extraordinariamente Petrópolis, pois era o mais curto entre o Rio de Janeiro e a região aurífera de Minas Gerais, tendo portanto intenso tráfego colonial [...] (MAGALHÃES, 1966, p. 19-20).

A partir disso, inicia-se a evolução no processo de ocupação das regiões interioranas e o seu arranjo no circuito econômico colonial. Por esse caminho na Serra da Estrela, após a difícil subida da escarpada muralha da Serra do Mar e a densa Floresta Tropical, os aventureiros eram conduzidos, primeiro ao vale do rio Piabanha, na sequência, rumava-se para Oeste encontrando novamente o “Caminho-Novo” e mais adiante o rio Paraíba do Sul, no atual município de Três Rios (RJ), situado na

<sup>38</sup> O Sargento-Mor Bernardo Soares de Proença, domiciliado em Suruí (Magé) construiu com autorização imperial, uma variante ao Caminho Novo que alcançava o vale do rio Piabanha, ligava-se ao porto da Estrela, no rio Inhomirim, no fundo da baía de Guanabara encurtando toda viagem em aproximadamente quatro dias.

<sup>39</sup> Segundo Ambrozio, “A denominação de ‘Estrela’, recebida por esta seção da serra do Mar e dada ao antigo porto de conexão de uma das vias terrestres e aquáticas do Caminho Novo para as Minas Gerais, originou-se do planeta Vênus, que despontando sobre a região serrana logo que o sol se põe, foi outrora importante marco de orientação noturna para os antigos tropeiros, principalmente no percurso sobre a baía da Guanabara, entre o cais dos Mineiros – na cidade do Rio de Janeiro – e o porto Estrela” (AMBROZIO, 2013, p. 57).

região Centro-Sul Fluminense, unindo-se, em seguida, ao rio Paraibuna em direção ao planalto mineiro.

Posteriormente, esse movimento constante, colocou a cidade de Petrópolis em maior vantagem e crescimento econômico e social em relação as cidades vizinhas de Nova Friburgo e Teresópolis. A cidade petropolitana de vilegiatura para os abastados que escapavam do calor 'infernol' da capital imperial, transformara-se também em centro industrial. Além do mais, o fiasco como colônia agrícola, na verdade liberava mão de obra para atuar no centro urbano que surgia e, por conseguinte, nas primeiras plantas têxteis na cidade.

Outros fatores são preponderantes para dar base ao início da industrialização têxtil petropolitana segundo Magalhães (1966), como "a posição que ocupa o sítio urbano em relação ao Rio de Janeiro – e a topografia da cidade" (p. 49). Na análise de sua evolução histórica, Petrópolis configurou-se desde sempre como uma cidade-satélite em relação à Cidade do Rio de Janeiro por possuir, esta última, relações de comando financeiro e relações técnicas com a cidade serrana, como destaca Magalhães (1966),

Estas íntimas vinculações com a metrópole carioca, transformaram Petrópolis desde o início de sua industrialização num satélite desta grande cidade. [...] para que uma cidade seja considerada um satélite industrial de uma metrópole, ou de um centro regional, são necessárias relações de dependência, avultando entre elas o domínio financeiro que se faz através da presença da sede das firmas na metrópole, o que condiciona a compra de matérias-primas e a venda de mercadorias pela matriz, permanecendo no satélite industrial o estabelecimento. [além disso], os capitais instalados na cidade menor, devem provir especialmente da cidade maior à qual se liga financeiramente. E realmente não estando em área agrícola, e ao mesmo tempo muito próxima do Rio de Janeiro, Petrópolis não pôde ter investido em sua indústria, capitais provenientes da agricultura, pôsto que êstes ao deixarem a agricultura cafeeira do vale do Paraíba, dirigem-se diretamente ao Rio de Janeiro para serem aplicados no comércio carioca. Recebendo capitais do Rio de Janeiro, ou através dêle, as firmas instalaram-se na metrópole em virtude das facilidades de comunicações com outros centros do Brasil e do exterior em virtude da existência nela de rêsdes bancárias. Daqui as firmas providenciaram a compra de matéria-prima, e a venda dos produtos. A elas se dirigem por telefone e telegramas todos os interessados ou os representantes que as firmas mantêm nos estados. (MAGALHÃES, 1966, p. 50).

Como visto na citação anterior (MAGALHÃES, 1966), fica claro que as indústrias com filiais estabelecidas em Petrópolis possuíam vinculações econômicas diretamente com a metrópole carioca, é o caso da Cia. Cometa de Fiação e Tecidos,

com duas fábricas em Petrópolis e sua sede comercial no Rio de Janeiro,<sup>40</sup> entre outras fábricas têxteis locais. Outra vantagem para o fortalecimento da base industrial petropolitana se deu em função de certa disponibilidade de mão de obra, apesar do quantitativo de pessoal não ser muito grande e nem qualificado para a produção fabril têxtil na época. Magalhães(1966) chama-nos a atenção para frisar que apenas a classe dos tecelões “[eram] considerados em estágio mais elevado dentro dos diversos misteres” (MAGALHÃES, 1966, p. 35-36).

Nesse contexto, buscamos amparo em Marx (1996) quando ele diz que

todo capitalista tem interesse absoluto em extrair determinado quantum de trabalho de um número menor de trabalhadores, ao invés de extraí-lo de modo tão barato ou até mesmo mais barato de um número maior de trabalhadores. [...] o desenvolvimento do modo de produção capitalista e da força produtiva do trabalho — simultaneamente causa e efeito da acumulação — capacita o capitalista a pôr em ação, com o mesmo dispêndio de capital variável, mais trabalho mediante exploração extensiva ou intensiva das forças de trabalho individuais. [...] além disso, que com capital do mesmo valor ele compra mais forças de trabalho ao deslocar progressivamente força de trabalho mais qualificada por menos qualificada, madura por imatura, masculina por feminina, adulta por adolescente ou infantil. (MARX, 1996, p. 266).

Marx argumenta que, há de forma abusiva o uso da “[...] maquinaria para transformar o próprio trabalhador [em autômato], desde a infância, em parte de uma máquina parcial” (1996, p. 55). Na medida que aumenta a velocidade do aprendizado do trabalho com a máquina, o conhecimento adquirido na adolescência desconsidera da mesma forma a necessidade de se preparar “uma classe especial de trabalhadores exclusivamente” (1996, p. 54) para a tarefa nas máquinas, a relação trabalhador-máquina se dá de forma direta, no chão da fábrica.

Dessa maneira, de acordo com Engels (1975), para o capitalista ávido por lucro incessante e com o avanço tecnológico, a máquina se torna o meio de utilizar trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento corporal imaturo, de crianças e também de mulheres, com remuneração pela metade ou mesmo um terço do salário pago ao homem, dessa forma, torna a força de trabalho braçal de homens adultos dispensável, como salientou Marx<sup>41</sup>.

<sup>40</sup> A Cia. Fiação e Tecidos Cometa possuía escritório à Rua Primeiro de Março, nº 48, centro do Rio de Janeiro (LAEMMERT, 1904, p. 684).

<sup>41</sup> Karl Marx adverte que, por tal inovação, a introdução do trabalho de mulheres e de crianças foi palavra de ordem capitalista. Foi igualmente, segundo Marx, um meio de substituição do “trabalho e

Em continuidade a formação da base industrial petropolitana, na geografia da cidade imperial, o recurso hidráulico abundante, enche seus vales com diversos empreendimentos e sendo igualmente estratégicos para obtenção de energia hidráulica e elétrica, que impulsionaram as primeiras indústrias têxteis no município, barateando os custos de produção.

As primeiras plantas têxteis instaladas na cidade, localizaram-se esparsamente, cada uma delas ocupando um vale específico para se beneficiarem desse recurso natural para garantir, segundo Magalhães (1966), às suas instalações “[...] o abastecimento de água necessário às tinturarias e ao alvejamento” (p. 43) como também a produção de energia hidrelétrica devido à grande quantidade de teares que consumiam enorme quantidade dessa energia.

Para Petrópolis em especial, esse bem natural alavancou o desenvolvimento de suas indústrias devido a sua disponibilidade local para seu consumo, ao contrário das matérias-primas e maquinários que chegavam de fora.

Portanto, desde o começo, esse foi um dos fatores locacionais petropolitano que esteve visceralmente atrelado a sua base econômica, impulsionando o seu progresso industrial têxtil.

De acordo com Magalhães (1966), para fortalecer ainda mais as bases da produção industrial local na década de 1940,

[...] foi assinado um contrato com a Companhia Brasileira de Energia Elétrica – CBEE, integrada ao grupo Empresas Brasileiras de Energia Elétrica, subsidiária da American Foreign Power – AMFORP comprada no final de 1964 pelo governo brasileiro. O consumo de energia elétrica (força industrial) para fins industriais fica em torno de 59,89% do consumo total dentro da cidade de Petrópolis. (MAGALHÃES, 1966, p. 44-46).

Como visto, a tacanha burguesia industrial que atuava em Petrópolis teve forte relação e influência política com o poder de Estado, recebendo apoio, dessa vez, através do fornecimento de energia elétrica fortalecendo ainda mais essas plantas têxteis instaladas na cidade.

Outro fator fundamental, do ponto de vista dos imigrantes, foi o clima tropical de altitude, muito agradável as primeiras levadas de trabalhadores estrangeiros “mais inclinados a viver num ambiente semelhante ao da Europa” (MAGALHÃES,

---

trabalhadores”, forçando o aumento do número de assalariados e lançando “todos os membros da família” ao “comando imediato do capital” (1996, p. 28), sem distinguir sexo e ou idade.



1966, p. 23), bem como para o desenvolvimento industrial têxtil e como já dito anteriormente, para sua importante função de vilegiatura.

Ao longo do século XVIII, Estrela foi um porto e entreposto muito importante que trouxe grande contribuição para fortalecer a ligação entre o litoral e o interior, assim como, as trocas comerciais entre os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás com o exterior, porém, com a concessão dada ao Barão de Mauá em 1852 para construção da primeira estrada de ferro brasileira, tanto a Vila da Estrela como o seu porto diminuíram de importância com o tempo. Ao contrário, as primeiras fábricas têxteis da cidade de Petrópolis, encontrariam maior desenvolvimento com a mudança e organização de uma nova rede de transporte, favorecendo imensamente a sua prosperidade e, conseqüentemente, as primeiras indústrias localizadas em seu território, tal como confirma Magalhães (1966):

[...] [em] 1883 [houve a] inauguração da E. F. Príncipe do Grão-Pará [...] estrada que passava pela cidade [de Petrópolis] era contingência da ligação entre o Rio de Janeiro com o interior; a estrada de ferro que atingiu o sítio petropolitano [no bairro Meio da Serra], visava atingir o vale do Paraíba e a zona da Mata mineira para a exportação do café pelo porto situado na baía de Guanabara. (MAGALHÃES, 1966, p.49).

Nesse contexto, a Estrada de Ferro Mauá inaugurada em 1854 foi fundamental. Seu percurso iniciava no Porto homônimo a estrada de ferro, onde funcionava um atracadouro para as embarcações que navegavam a partir da cidade do Rio de Janeiro, chegando o primeiro trecho até Frágoso; em 1856 a ferrovia alcançara à Vila Inhomirim, no sopé da serra, atualmente Raiz da Serra.

Em 1881, após problemas financeiros enfrentados por seu idealizador e financiador, Irineu Evangelista de Souza – o Barão e Visconde de Mauá – a ferrovia foi encampada pela Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará, completando o seu itinerário desde Raiz da Serra, após a íngreme subida da Serra da Estrela, até o bairro Alto da Serra (Petrópolis) em 1883. Assim, do ponto de vista econômico e estratégico, após concluídas as etapas de conexão entre o centro de poder na baixada litorânea com outro na cidade serrana pela Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará, estabelecia-se um sistema produtivo interdependente entre as duas cidades.

Além disso, com o objetivo de melhorar as condições de subida na Serra da Estrela e intensificar o desenvolvimento comercial e industrial de Petrópolis, uma nova estrada pavimentada foi projetada e executada por J. F. Koeler, a Estrada

“Normal” Serra da Estrela, ligando o Porto da Estrela, passando por Raiz da Serra (Magé) alcançando o bairro Alto da Serra (Petrópolis) seguindo em direção a Paraíba do Sul, que Magalhães (1966) afirma ser o marco do desenvolvimento da cidade.

Na segunda metade do século XIX, Petrópolis registra já “seis mil habitantes, mais de mil prédios e sessenta e três casas de negócio” (PONDÉ, 1971, p. 72). Assim, já havia em 1854 uma das primeiras sociedades dos colonos – a Sociedade de Agricultura e Indústria – dessa forma, o processo industrial petropolitano não tardaria superar a produção agrícola local, confirmando seu grande florescimento (Magalhães, 1966). Ainda conforme Magalhães, os primeiros colonos já se preocupavam com o processo de produção, iniciando os trabalhos em oficinas “como atividades caseiras” (MAGALHÃES, 1966, p. 27) alimentos em conservas no bairro Mosela, a criação de porcos para produção de uma iguaria alemã —“*Leber und Blutwurst*” (salsicha de fígado e sangue) — além de outros produtos como manteiga e queijo, logo consumidos na capital imperial.

Confirma-nos Castro (1980) que nas áreas de maior influxo germânico encontrávamos com maior frequência o consumo de cereais como aveia e centeio, de leguminosa como a lentilha e até mesmo de hortaliças e frutas, como também de carne, principalmente suína, sendo produzido numerosa variedades de salsichas, de bacon e presunto caseiros, carne defumada, tudo bem saboreado com chucrute, pão e muita cerveja. Além dessas atividades em oficinas caseiras, os colonos se dedicaram também, por exemplo, a construção de carroças, uma atividade ligada a serraria, aproveitando-se da abundância de madeiras de ótima qualidade oferecida pela Mata Atlântica e dessa forma dominando o meio de transporte na cidade que foi ainda otimizada pelo início do tráfego de diligências ligando as cidades de Petrópolis e Juiz de Fora.

Em 1853, conforme relatório elaborado por Alexandre Manuel Albino de Carvalho, diretor da colônia, citado por Magalhães, já existia na cidade, diferentes oficinas: três de cerveja, uma serraria para produzir tinhas, rodas e outras peças de madeira, uma de calçados e a “Ponto de Malha” do francês Alfred Gand.

Em conformidade com Magalhães (1966),

[...] os colonos preocupavam-se muito particularmente com a indústria da tecelagem e costumavam ter em suas casas teares; não tardou que uma fábrica surgisse para produzir tecidos, a do citado Alfred Gand, que constituiu a referência mais antiga de uma fábrica têxtil na cidade; trabalhava com

artigos de malha, empregando 30 pessoas e proporcionava emprêgo aos colonos alemães desiludidos das atividades agrícolas; embora representasse uma iniciativa promissora no gênero têxtil, que iria caracterizar o destino industrial de Petrópolis, parou de funcionar em 1854. (MAGALHÃES, 1966, pp. 27-28).

Logo, formou-se, um tripé econômico petropolitano: condições físicas da cidade, investimentos vindos do Rio de Janeiro e do exterior e mão de obra local. Ainda outro fator preponderante no fortalecimento das bases da formação da indústria têxtil em Petrópolis, apresentada no capítulo anterior com Stanley Stein e confirmadas aqui por Magalhães, foram as medidas de caráter financeiro para proteger a indústria petropolitana e de todo o Brasil contra a concorrência externa (principalmente inglesa), as Tabelas Alves Branco e os incentivos do governo ao surto industrializante do país devido ao aval à iniciativa privada.

Outros fatos inesperados colaboraram nessa ação governamental — referindo-se às duas grandes guerras mundiais — que gerou a necessidade de produzir, no Brasil, as “mercadorias impedidas de entrar em nossos portos pelo bloqueio naval inimigo” (MAGALHÃES, 1966, p. 23).

À vista disso, a cidade do Rio de Janeiro passou a funcionar como a sede das empresas localizadas em Petrópolis, de onde emanavam os capitais, a maquinaria e a matéria-prima, ao mesmo tempo que a cidade serrana ficou como polo produtor de indústrias destinadas, entre outros negócios, a fabricação na área têxtil.

O resultado disto ainda está, embora com algumas alterações, geografado na paisagem petropolitana. Na observação de Magalhães, diversos estabelecimentos industriais têxteis fixaram-se nos bairros da cidade, como exemplos a São Pedro de Alcântara no centro, a Petropolitana no Itamarati, no Alto da Serra a Dona Isabel, a Santa Helena no Morin e a Cometa no Alto e Meio da Serra, todas com seus complexos fabris construíram “uma feição residencial operária, contrastando fortemente com o aspecto residencial [de] outros bairros petropolitanos” (MAGALHÃES, 1966, p. 31).

Por fim, na localização espacial das indústrias em Petrópolis, Magalhães (1966) distingue duas fases: a primeira, a ferroviária, atuando até 1940, e ligando os bairros Alto da Serra e Itamarati ao Rio de Janeiro diretamente pela E. F. Leopoldina, por onde chegavam matérias-primas e saíam os gêneros fabricados para atender as demandas da sociedade carioca ou para exportar, via o porto do Rio.

A segunda corresponde ao período rodoviário: as fábricas, como por exemplo a Werner, ocuparam este espaço “quase sem exceção” entre 1941 e 1960; segundo Magalhães (1966), essa área é bem mais espaçosa e recente, ligadas ao bairro Bingen, ao rio Piabanha e aos seus tributários servidas pela obsoleta estrada União e Indústria.

Na atualidade, a estrada Rio-Petrópolis (Rodovia Washington Luís – BR 040), gera novas possibilidades de descentralização industrial na cidade serrana, mas isto é outra história, voltemo-nos ao foco específico da pesquisa, o bairro Meio da Serra, localizado na vertente Sul desse município.

#### 4.3 UMA VERTENTE COM A HISTÓRIA: DOS CAMINHOS DO OURO À ESTRADA NORMAL DA ESTRELA

*“A viagem em vapor, os instantes passados sobre a estrada de ferro e a subida da serra [da Estrela], oferecem aos amadores as vistas as mais agradáveis. Do ponto culminante desta montanha [o Alto da Serra] elevada de 1.000 metros, pouco mais ou menos, acima do nível do mar, um panorama imenso e de um aspecto verdadeiramente esplêndido encanta a vista. No extremo horizonte avista-se o Rio de Janeiro, com sua baía que o cinge, e que é tão vasta que poucas são conhecidas qua a igualem”.*  
(Revert Henry Klumb).<sup>42</sup>

Como já destacado anteriormente, essa vertente configurou-se como trajetória da história industrial da cidade de Petrópolis desde a primitiva abertura do “Atalho de Bernardo Soares de Proença” ou “Variante ao Caminho Novo” como também ficou conhecido no início do século XVIII, na proeminente Serra do Cayoaba ou Serra do Frade ou ainda, e como é mais conhecida, Serra da Estrela (Figura 10), segundo Machado (1938) em seu trabalho intitulado *Nomenclatura Urbana de Petrópolis*.

---

<sup>42</sup> Fragmento de texto extraído da obra *Cidade de Petrópolis: reedição de quatro obras raras* (TAUNAY et al., 1957, p. 66).

Figura 10 – A vertente sul, 1914



Nota: Panorama da Baía de Guanabara visto do alto da Serra da Estrela, Petrópolis, RJ  
 Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis, Divisão de Documentação Histórica

O rio Cayoaba<sup>43</sup> que compõe essa paisagem, segundo Machado (1938), foi muito importante para a localização dos primeiros empreendimentos fabris nessa vertente e como referência geográfica para os primeiros desbravadores em direção ao interior, às minas gerais.

Na descrição poética desse autor, o rio Cayoaba tem suas origens

[...] nas fragosidades do morro do Frade, despenha-se, em leito eriçado de pedras, pela serra da Estrela; fórma rumorejantes cachoeiras, recebe de ambos os lados, nas alturas e nas planície, diversos afluentes, e vae lançar-se na margem direita do rio que foi outrora, na baixada fluminense, o mais sulcado por embarcações carqueiras, - o Inhomirim. Quando das investidas dos primeiros devassadores do sertão, o valle do Cayoaba, [...] coberta de mattaria continua e bravia, offereceu a brecha mais acessível – mais curta, recta e commoda – para transposição da barreira encrespada em flancos escarpados, de serranias alcantiladas, que se estende da bacia de Magé á de Iguassú. Foi, incontestavelmente, o factor geographico que facilitou o caminho da civilização ás montanhas e valles da bacia do Piabanha. (MACHADO, 1938, p. 106–107).

<sup>43</sup> Vocábulo com várias decifrações: rio dominando a selva ou água das cachoeiras da matta e ainda o rio travessia do monte.

Como visto, a Vertente Sul foi um caminho incontestado para o interior, assim como, para a ocupação definitiva desse sítio montês e, definitivamente, para a formação precursora do bairro Meio da Serra.

De acordo com a descrição de Machado (1938) para esta vertente, a primitiva estrada (Velha) de subida da serra construída na época dos vice-reis, limitou-se a melhorar, – alargando, nivelando, empedrando – a trilha aberta nas encostas da Serra da Estrela, e cuja passagem, já vinha sendo percorrido por tropas e viajantes desde a primeira metade do século XVIII.

O grande investimento da época eram as ferrovias, como já salientado anteriormente em Stanley Stein, que *puxavam* atrás de si as indústrias. No vale do rio Cayoaba foi implementado por Irineu Evangelista de Souza – o Barão de Mauá – a estrada de ferro Barão de Mauá e posteriormente, E. F. Príncipe do Grão-Pará que almejou alcançar o alto da serra com o objetivo de chegar até as margens do São Francisco, conforme nos indica Machado (1938). Assim, um novo ciclo de negócios alarga-se e se fortalece, como já visto. Essa estrada de ferro aproveitava a vertente do Cayoaba seguindo o curso do rio atravessando-o em dois pontos. Ainda de acordo com Machado (1938), a primeira numa ponte de pedra com vãos na totalidade de 20 metros e altura de 12 m, sem, no entanto, dar a localização precisa.

A segunda atravessava o “viaducto da grotta funda” com sua imponente construção de cinquenta e oito metros de comprimento e vinte e cinco de altura, que pode ser apreciado nesse belo postal a seguir (Figura 11).

Figura 11 Vista panorâmica do belo viaduto da Grotta Funda, 1908



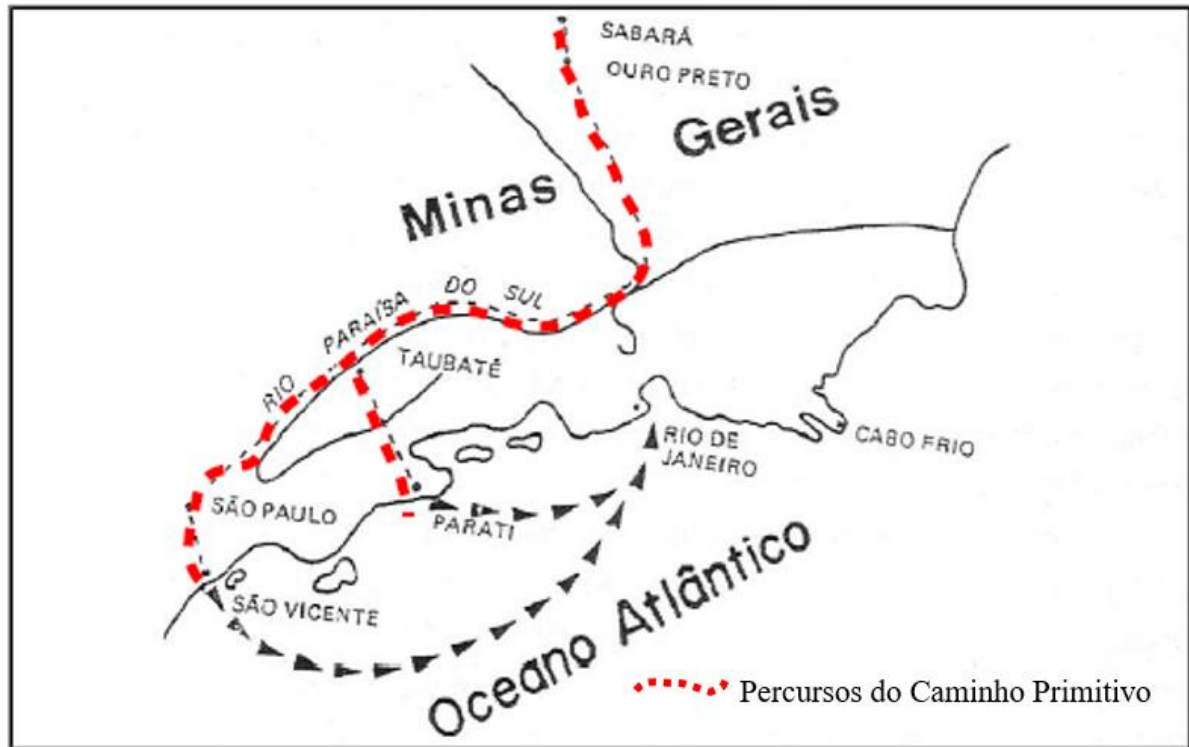
Enfim, a vertente Sul, que une a baixada litorânea à serra-acima, cavada pelo rio Cayoaba e seus tributários do Tombo da Serra, os córregos Bonini e do Cortiço na margem direita, e do rio Cayoaba-Mirim, na margem esquerda, subsumiram importante etapa na consolidação histórica dessa vertente. Foi nessa rede hidrográfica que se instalou a Cia. Cometa Fiação e Tecidos, dando impulso econômico e estratégico ao que viria a ser a centralidade deste estudo, o bairro-operário-fabril do Meio da Serra.

#### **4.3.1 Do caminho primitivo à Estrada Normal da Estrela**

Rememorando o espaço passado, a incessante busca pelo ouro colocou o sítio no qual Petrópolis se fixaria em um dos caminhos abertos e acessados por comerciantes, tropeiros e viajantes naturalistas do século XVIII em direção ao interior das minas gerais, desbravando as matas virgens das imponentes Serras do Mar e da Mantiqueira, respectivamente.

Como já dito, para alcançar as Minas Gerais, nessa época, tinha necessariamente que percorrer o “Caminho primitivo” (Mapa 7). Para tal empreitada, zarpava-se do porto do Rio de Janeiro navegando até São Vicente, como avistado no mapa a seguir. A partir daí, já no continente, penetrava-se no “Caminho-Velho” transpondo a Serra do Mar em direção a São Paulo na procura do rio Paraíba do Sul, para logo em seguida atravessar a monumental Serra da Mantiqueira com destino às cidades mineiras.

Mapa 7 – Os caminhos primitivos de subida da Serra do Mar



Fonte: Adaptado de RABAÇO apud AMBROZIO, 2013, p. 108

Posteriormente, o caminho primitivo foi substituído por um atalho entre Taubaté (SP) e o Porto de Parati (RJ), passando por Cunha, encurtando o percurso até as terras no planalto mineiro, percorrendo por Ouro Preto e Sabará, em Minas Gerais.

Analisando a história passada, Casadei (1991) escreve:

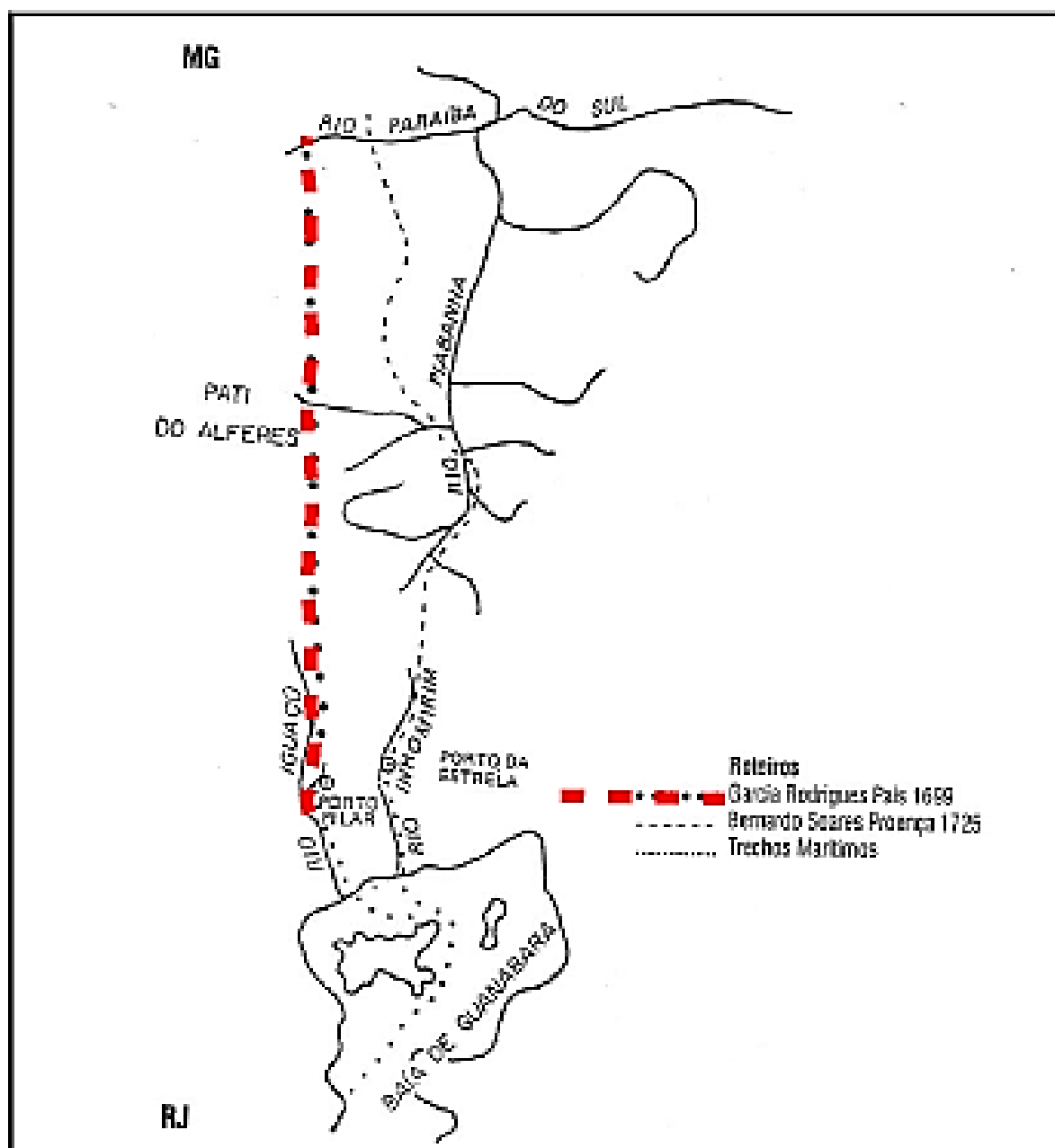
[...] recordando o passado, vemos que a procura do ouro pelos paulistas, intrépidos bandeirantes, fez surgir o chamado Caminho Velho, antiga trilha de índios que, do interior, iam em busca do mar, dos peixes e dos mariscos na localidade, hoje fluminense de Parati. Daí o nome de Caminho dos goianá ou, como querem outros, dos goianases pelo qual também é conhecido e, em sentido contrário, levava o viandante, pela serra, até o vale do Paraíba. Era ele misto, em parte marítimo, isto é, entre o Rio de Janeiro e Parati e o resto por terra; esse trecho marítimo foi sempre alvo dos piratas que atacavam as embarcações para roubar o ouro, trazido com tanto dificuldade das minas do centro do Brasil. (CASADEI, 1991, p. 51).

Na investida frequente contra a intrincada Mata Atlântica e a íngreme Serra do Mar, nova via de penetração foi aberta com um novo roteiro somente por terra: o



Caminho-Novo. Como pode ser observado no Mapa 8, o início de sua abertura é datado de 1699 e foi concluído em 1704.

Mapa 8 – Caminho Novo das Minas Gerais, 1699



Fonte: Adaptado de RABAÇO apud AMBROZIO, 2013, p. 110

O traçado dessa via, era feito, como nos indica Ambrozio, partindo-se do Rio de Janeiro “em busca do porto do Rio Pilar, afluente do Rio Iguaçu no fundo da

Baía de Guanabara, atravessando-se, depois, diretamente a Serra do Mar” (2013, p. 109) chega-se onde hoje é Paty do Alferes e na sequência, ao seu distrito de Avelar, como no outro caminho, em demanda dos rios Paraíba do Sul e Paraibuna, ambos no Estado de Minas Gerais atualmente.

Contudo, como nos relata Casadei (1991):

[...] por ele [o Caminho Novo] se chegava às minas, mas era difícil e perigosa a travessia da Serra do Couto, pelo seu relêvo acidentado e pelos matos que a cobriam. Pessoas e animais se acidentavam constantemente e as reclamações começaram a chegar ao Rei de Portugal, D. João V que ordenou ao Governador da Capitania do Rio de Janeiro que se ‘pusesse em execução o conserto do dito caminho’. Convocou-se [então] Garcia Rodrigues Paes, mas o sertanista, alegando sua avançada idade, não aceitou a incumbência desse conserto. (CASADEI, 1991, p. 51).

Com a evolução da atividade mineradora, conseqüentemente, o aumento da circulação dos tropeiros, o problema foi resolvido pela construção de uma variante mais curta e segura. Em dias de chuvas intensas como visto na citação, a transposição da Floresta Tropical e da escarpa íngreme da serra mostrava-se muito frequentemente perigosa. Por esse tempo, a variante ao Caminho Novo é aberta (Mapa 9). Nessa situação, entra em cena o Sargento-Mor Bernardo Soares de Proença, habitante de Suruí, atualmente distrito de Magé (RJ) como feitor do Caminho do Rio Inhomirim ou Caioaba até encontrar o Paraíba do Sul.



Magalhães, “a ocupação da Serra do Mar foi uma contingência da necessidade de abrir as vias de acesso [...] [em direção] ao planalto” (1966, p. 19) mineiro.

Ainda conforme Magalhães (1966), essa variante foi o caminho mais curto entre o Rio de Janeiro e a região aurífera de Minas Gérias subindo, alcançava-se Petrópolis no alto da Serra da Estrela, conduzindo os tropeiros ao vale do Rio Piabanha, que, por sua vez, iam para Oeste reencontrar o Caminho-Novo, chegando ao Rio Paraíba, no município de Três Rios, um percurso com registro de “intenso tráfego colonial”.

Para os moradores mais antigos do núcleo originário do bairro Meio da Serra, essa variante é conhecida pela alcunha de “Caminho dos Mineiros”, “Caminho do Ouro” ou “Estrada Velha”. Na pesquisa bibliográfica, os primeiros relatos sobre os habitantes do que viria a ser o núcleo histórico do bairro Meio da Serra, foram registrados em desenhos e fotografias, como pode ser observado nas figuras seguintes.

Em um período posterior ao intenso tráfego da variante de Bernardo Proença, havia no local, bem antes da chegada da ferrovia, um ponto de parada chamado *Botecuin* (Figura 12) literalmente no meio da serra, era uma estalagem na Estrada Normal Serra da Estrela que servia como apoio logístico para quem subia em direção a Petrópolis e ao sertão mineiro ou para quem descia a serra, em direção a capital.

Figura 12 – “Botecuin” na Estrada Normal da Estrela



Nota: Pintura por Hagedorn (1860) e fotografia de Revert H. Klumb (1874).  
 Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis; LAGO; LAGO, 2013, p. 73

Forçada com o aumento do tráfego de passageiros e de carga entre a Baixada Fluminense e o interior, a ‘estrada velha da serra’ não suportava o intenso fluxo e “alguns dos seus trechos se deterioravam nos dias de aguaceiros, necessitando reparos periódicos” (PONDÉ, 1971, p. 47), o que se tornava muito oneroso.

Nesse contexto, o Major Koeler encarregado de avaliar as condições do caminho concluiu que a ‘estrada’, íngreme e estreita, não era mais adequada a tal fluxo e nem era possível torná-la mais larga como uma estrada ‘do tipo normal’. À vista disso, Koeler, como já visto anteriormente em Casadei (1991), traçou a Estrada Normal da Estrela, desde o porto até a vila da Paraíba do Sul, nos anos seguintes, coadunada à União e Indústria, alcança Juiz de Fora em Minas Gerais.

As duas fotografias a seguir (Figura 13), a primeira da esquerda, datada de 1867, revela o local exato onde mais tarde seria edificado o Núcleo Fabril da Cia. Cometa do Meio da Serra, observa-se claramente os primeiros ranchos que foram construídos entre a “Estrada Velha” e a Estrada Normal Serra da Estrela.

Figura 13 – Vista da Serra da Estrela (1867) e o local onde mais tarde seria construída a Cia. de Fiação e Tecidos Cometa no mesmo local onde já havia a Fábrica de Papel Orianda (1874)



Fontes: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Divisão de Documentação Histórica

A segunda fotografia, de H. Klumb de 1874, exhibe por outro ângulo, o mesmo local de assentamento da fábrica Cometa anos depois, um pouco mais à esquerda da imagem. Em destaque, à direita e em primeiro plano, a fábrica de papel Orianda do Barão de Capanema. A vertente sul, com belas paisagens da serra

petropolitana, foi um caminho histórico, que no tempo remoto que correspondia a um antigo caminho indígena, um 'Peabiru',<sup>45</sup> vertente esta que serviu a Família Real, aos tropeiros, aos viajantes naturalistas do século XVIII e tantos outros anônimos. Como visto, a origem do núcleo histórico no bairro Meio da Serra está diretamente associada ao vale do rio Cayoaba e seus afluentes, que impulsionou grandemente a instalação de empreendimentos fabris à época, utilizando-se de sua rede fluvial.

Outras construções tiveram importantes contribuições indiretas para a fixação de futuros empreendimentos na localidade, como: o Porto do Estrela (1650 em diante), o Caminho de Bernardo Soares de Proença (1724), a Estrada (carroçável) Normal Serra da Estrela (1843), o Porto de Mauá e a Estrada de Ferro Mauá (1854), posteriormente Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará chegando até o alto da Serra da Estrela em 1883, já como The Leopoldina Railway Company Ltda. Caminho conhecido e apreciado por muitos no passado e hoje por poucos, tem seu início no sopé da serra, em Vila Inhomirim (Magé) e segue percorrendo a Serra da Estrela até Petrópolis e é, sem dúvida, um ícone histórico-concreto do desenvolvimento e da formação socioeconômica Brasileira.

#### 4.3.2 A Serra e o Porto do Estrela

A região começa a ter relevância para o conhecimento científico com as expedições do Barão de Langsdorff, que fez de sua *Fazenda Mandioca*, no sopé da Serra da Estrela (Figura 14), uma base para importantes botânicos, pintores, zoólogos, astrônomos e naturalistas, tais como: Johann Baptist von Spix e o Carl Friedrich Philipp von Martius, Auguste De Saint-Hilaire<sup>46</sup>, J. Moritz Rugendas, Thomas Ender e Hagedorn. A presença desses e muitos outros naturalistas viajantes no Brasil dos séculos XVIII ao XX, explica-se essencialmente pelo grande interesse e

---

<sup>45</sup> Conforme Beltrão (2005) enuncia, "Antes de o Brasil ser 'descoberto', já estava interligado por uma rede viária a que frequentemente se chamou 'peabiru', cujo significado, em tupi, é 'caminho que se percorre'. Esses caminhos, criados pelos indígenas, ligavam as aldeias aos seus acampamentos e a outras aldeias localizadas em regiões diferentes, inclusive fora do 'Brasil'. Eram trilhas abertas na mata, tendo, em geral, cerca de 2,50 m de largura e aproximadamente 1400 km de extensão. Possuíam singular importância em uma terra estranha e desconhecida. Foram, também, muitas vezes utilizados nas *entradas*, isto é, nas expedições de caráter oficial, que partiam da costa leste, de reconhecimento da terra e pesquisa de metais preciosos, especialmente no século XVI" (BELTRÃO, 2005, p. 65).

<sup>46</sup> Para aprofundar veja: *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (SAINT-HILAIRE, 2000).

curiosidade por nossa fauna e flora, assim como pela população “exótica” que aqui vivia.

Figura 14 – Vista da Fazenda da Mandioca vindo do Porto do Estrela



Nota: Casa Grande da Fazenda da Mandioca e a ‘Pedra’ da Tocaia Grande ao fundo, com o rancho no primeiro plano, ambos à esquerda, era onde pousavam os tropeiros e viajantes naturalistas – Aquarela de Thomas Ender – 1817

Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Divisão de Documentação Histórica

Em relato de viagem à Província de Minas Gerais, em 1816, Saint-Hilaire (2000) descreve:

[...] este moço, o Sr. Langsdorff, cônsul da Rússia, e eu, partimos do Rio de Janeiro a 7 de dezembro de 1816, acompanhados do meu criado, um jovem índio Botocudo, que servia ao Sr. Langsdorff, e finalmente, de um negro, e um mulato que pertenciam ao Sr. Ildefonso, e aos quais confiamos a condução dos burros. Deixando o Rio de Janeiro, tomamos o caminho de terra, aquele que já falei. Pelo espaço de algumas léguas este caminho, embora poeirento, é belo, bastante plano, e pode ser transitado por viaturas. [...]. A direita pequena distância nos separava da baía, da qual vislumbrávamos às vezes trechos deliciosos; à esquerda avistávamos um vale semeado de colinas e de casas de campo entre as quais viam-se gramados e terrenos cultivados; mais além percebíamos as altas montanhas da Tijuca, cujas encostas são cobertas de matas virgens. Talvez cousa



alguma no mundo se compare em beleza aos arredores do Rio de Janeiro. (SAINT-HILAIRE, 2000, p. 35).

Temos que realçar Saint-Hilaire por sua contribuição em inúmeros relatórios de viagens por diversas porções do Brasil, como por exemplo: Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e às nascentes do rio São Francisco. Entre as mais importantes obras de Saint-Hilaire figura *Flora Brasiliae Meridionales*, de grande interesse para a geografia, a história e a etnografia, publicada em Paris entre 1824 e 1833.

Ainda cabe ressaltar, a importância dos estudos elaborados em relatórios pelos pesquisadores Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius, na obra Viagem pelo Brasil.<sup>47</sup>

A área conhecida como Serra da Estrela, entre Magé e Petrópolis, permaneceu praticamente desconhecida pelos colonizadores até o início do séc. XVIII. Assim, como já descrito anteriormente, o grande paredão de mais de 1.000 m de altitude da Serra do Mar, com sua mata fechada, constituía um obstáculo à ocupação da região.

A Variante ao Caminho Novo aberto por Bernardo Proença, visto antes, possibilitou uma nova subida pela Serra da Estrela aproveitando uma antiga trilha de índio<sup>48</sup> que habitavam estas cercanias, partindo de Suruí (Distrito do Município de

---

<sup>47</sup> Para aprofundar ver: A grande aventura de Spix e Martius. Coleção Documentos. Instituto Nacional do Livro . 1 ed. Ministério de Educação e Cultura. Brasília, 1972.

<sup>48</sup> De acordo com o trabalho de Freire e Malheiros (1997), no entorno da Baía de Guanabara, na Serra do Mar e interior, haviam aldeamentos. O contato dos índios com os primeiros europeus, casou enorme confusão na descrição desses povos. Os colonizadores caracterizaram genericamente esses grupos originários, deixando a impressão de que eram um único povo. Na realidade, eram centenas de nações com culturas próprias, com diversas formas particulares de organização social, possuíam diferentes habilidades tecnológicas e muitas crenças diferentes, havia diversidade de línguas faladas e muitas delas, não eram, nem mesmo, intercomunicantes. A forma pela qual os índios transmitiram sua cultura no Rio de Janeiro foi apenas por meio da palavra falada, não havendo documentos escritos que garantissem conhecer de fato a sua identidade, aliás, os índios “não se apresentaram”, pois, “não tiveram tempo” e quando se apresentaram “nem sempre foram compreendidos” (p. 11). Os europeus desconheciam completamente a cultura destes povos. Na localização dos territórios indígenas, segundo esses autores, a família *Tupi* ou *Tupi-guarani* estavam representadas pelo povo Temiminó ou Maracajá localizado na Baía de Guanabara (p. 14), mas nesse caso, foi descartado a possibilidade, pois estes povos, sobretudo os Tupinambás, habitavam o litoral. Outros povos que aqui estiveram presentes são da família *Puri* que se espraiavam pelos atuais estados de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo. Estes, foram separados em 23 línguas, sendo “doze delas [...] faladas no Rio de Janeiro” e ligadas ao tronco *Macro-Jê* pelo pesquisador Aryon Rodrigues, segundo Freire e Malheiros (p. 15). Desse modo, acreditamos que, no caso da subida da Serra da Estrela pelo “Caminho de Bernardo Proença” (1724), possa ter sido um dos diversos ‘*Peabirus*’ abertos como “rede viária” na Mata Atlântica exposta antes por Beltrão (2005) em sua pesquisa, mas não pelos *Tupis*. Nesse contexto, poderia ser o Coroado, “[...] em ramificações [na] Serra do Mar e nos vales dos rios Paraíba, Pomba e Preto. Subdividida em vários grupos, entre os quais: maritong, cobanipaque, tomprun e sasaricon”, porém habitavam o interior, na bacia do rio Paraíba e seus contribuintes e “ocupavam



Magé, Rio de Janeiro), passando por Raiz da Serra, galgando o alto da Serra da Estrela e a partir daí enveredando para o vale do Rio Piabanha.

Os objetivos desse novo traçado, como já visto, eram de encurtar o caminho até a região de exploração do ouro em Minas Gerais e principalmente, dar maior segurança e ‘conforto’ aos homens que conduziam os animais com cargas, os tropeiros.

Na observação de Saint-Hilaire (2000) os tropeiros são

[...] homens que conduzem as caravanas de burros destinadas a empreender essas viagens e outras semelhantes. As tropas um pouco consideráveis são divididas em lotes de sete animais, e cada um é confiado à guarda de um negro ou mulato que, caminhando na retaguarda dos cargueiros de que está encarregado, os incita e dirige por meio de gritos ou por um assobio bastante brando. Costuma-se carregar cada besta com oito arrobas (cerca de 120 quilos), e para não feri-los, iguala-se a carga com maior cuidado. (SAINT-HILAIRE, 2000, p. 41).

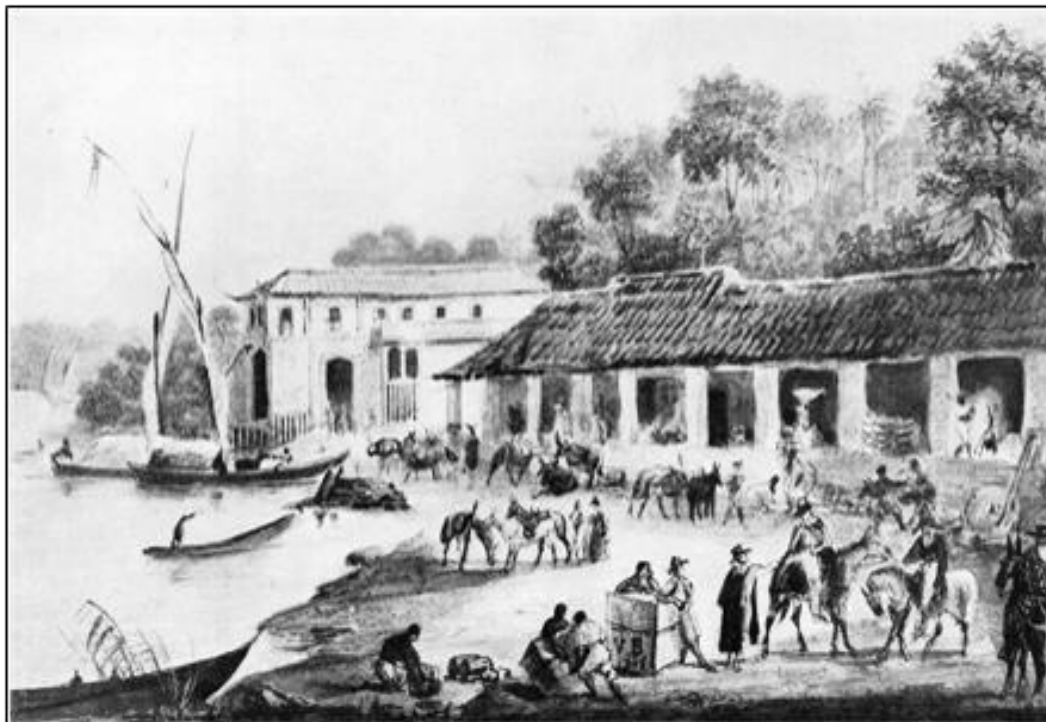
De acordo com a descrição, os tropeiros<sup>49</sup> eram os sujeitos encarregados de conduzirem ininterruptamente as bestas com suas mercadorias cruzando a Serra do Mar: de Minas Gerais aos portos estabelecidos nos rios que desembocavam no fundo da Baía de Guanabara. Um desses portos, o do Estrela (Figura 15), surgiu a partir desse próspero fluxo que se destinava ao Rio de Janeiro ou daí para o interior. Além do porto, no rio Inhomirim, formou-se ao mesmo tempo um arraial em torno da capela de Nossa Senhora da Estrela dos Mares construída em 1650 por ordem de Simão Botelho, fazendo parte da então Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Inhomirim até 1698, na ocasião em que, por alvará, Estrela passa a ser Freguesia.

---

territórios localizados em várias serras, de difícil acesso, e *não tiveram contato* direto e sistemático com o europeu nos dois primeiros séculos de colonização” (p. 30). Outro grupo, com grande possibilidade de trânsito nas cercanias do Meio da Serra e Alto da Serra em Petrópolis, foram os Guarus ou Guarulhos, conhecidos a época também por “guaruçus ou gessaruçus”, conforme citam Freire e Malheiros, povos que viveram “[...] na floresta, do outro lado da Serra dos Órgãos nas margens dos rios Piabanha, Paraíba e afluentes [...] com ramificações por Minas Gerais e Espírito Santo”, sendo descritos pela primeira vez por jesuítas como indica a “carta do padre Salvador do Vale, datada de 12 de setembro de 1648” (FREIRE, J. R. B.; MALHEIROS, 1997, p. 30).

<sup>49</sup> Que fique claro, os tropeiros circulavam pelo Brasil todo e não só na Serra do Mar.

Figura 15 – Porto “do Estrella”



Notas: Observa-se nesta sépia assinada por Victor Barat datada de 1838, o Porto do Estrela. Foi um importante entreposto de “mercadorias indo e vindo de Minas Gerais”, no plano intermediário da imagem, o rancho onde ficavam as mercadorias e os tropeiros que trafegavam neste percurso.

Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Divisão de Documentação Histórica

O Porto do Estrela, passadouro vital de toda as riquezas que circulavam entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais foi, extraordinariamente, o principal entreposto para o interior. Estava fincado no rio Inhomirim, como já citado, ao fundo da Baía de Guanabara, hoje, município de Magé (na época, uma cidade portuária bastante movimentada). Estrela foi sem dúvida alguma, um movimentado entreposto comercial importante das mercadorias que vinham do interior. Como se pode depreender, por este porto escoavam boa parte da produção de café, a pólvora da Fábrica de Pólvora fundada por D. João VI e transferida para Fragoso em 1831, como também, o ouro proveniente de Minas Gerais.

Assim, Estrela, elevado ao título de município em 1846, inclui nos seus limites territoriais Petrópolis (este último emancipado em 1857 pela Lei Provincial 961), passa a ser um ponto de ligação indispensável para todas as fortunas que circulavam entre o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso e mesmo depois do esgotamento das minas de ouro, continuou como o principal caminho rumo ao interior.

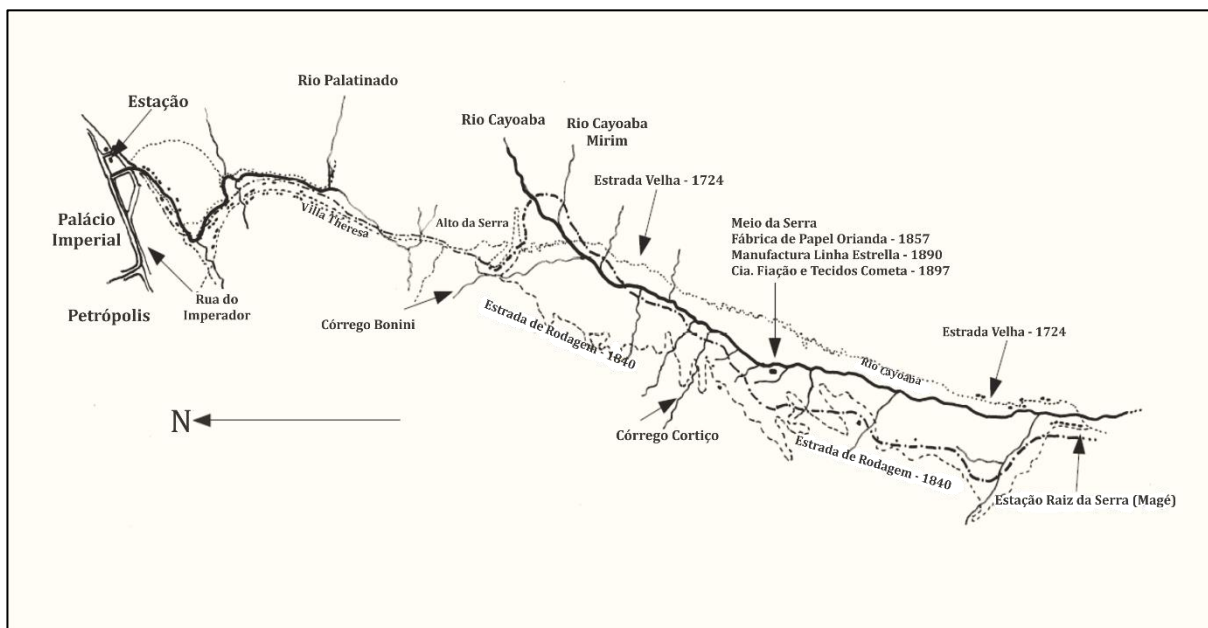
A decadência do município e do Porto do Estrela, como já visto, está associada, no princípio, a implementação do porto e da Estrada de Ferro Mauá (1854), a criação da Imperial Cia. de Navegação, o aumento do escoamento das riquezas através do porto de Mauá, agravando-se com a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, além da crise cafeeira do século XIX e o advento da Lei Áurea, findando com a epidemia de febre amarela que devastou o município de Estrela, anexado posteriormente ao município de Magé, convertendo-se em “terras inóspitas e desabitadas” (PONDÉ, 1971, p. 86).

#### 4.4 A FÁBRICA DE PAPEL ORIANDA: O PRIMEIRO EMPREENDIMENTO

O bairro Meio da Serra, como já dito anteriormente, tem registrado, em sua origem, a Fábrica de Papel Orianda, fundada por Guilherme Schuch, futuro de Barão de Capanema, demonstrando abertamente as alianças da elite aristocrática com a elite industrial na formação da Cidade Proletária de Petrópolis.

É de se reter que, em destaque, nessa planta e perfil topográfico (data provável 1883) do engenheiro Joaquim Miguel Ribeiro Lisbôa, adiante, que representa a ligação entre Raiz da Serra ao Alto da Serra pela Estrada de Ferro Mauá, na Vertente Sul do município de Petrópolis, está grafado como “fábrica de papel” o primeiro empreendimento do futuro bairro Meio da Serra e ainda, a Estrada Normal Serra da Estrela e a Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará (Mapa 10).

Mapa 10 – Adaptação da planta e perfil (data provável 1883) da primeira secção da Raiz da Serra à Petrópolis, Estrada de Ferro Mauá



Fonte: Adaptado de LISBOA, [1883?]

A fábrica de papel Orianda (Figura 16), o primeiro empreendimento registrado oficialmente na localidade, foi objeto do relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província do Rio de Janeiro pelo seu vice-presidente, na época, João Manoel Pereira da Silva, em 1857 (TAUNAY et al., 1957). Consta nesse relatório que a fábrica localizada na Serra da *Estrella* e que pertenceu ao Dr. Capanema, era totalmente nova conforme a descrição do coronel José Marianno de Mattos, o encarregado de realizar uma vistoria pelo vice-presidente da província (TAUNAY et al., 1957). Relata ele que, a fábrica ocupava uma área de “20,000 palmos”<sup>50</sup> quadrados, as paredes foram erguidas com pedra e cal e o volume do recinto era de 26,256 palmos cúbicos, não contando 948 palmos correntes de pilares de pedra facetada. O interior desse recinto possuía uma área 18,600 palmos onde estavam assentadas pedras cobertas de cimento hidráulico branco, que à sua prova de duração *reúne o agradável* à vista: este pavimento foi sem dúvida, dispendioso devido ao custo dos materiais que foram utilizados na construção.

<sup>50</sup> O palmo é uma unidade de medida de comprimento. Com a mão espalmada, mede-se da extremidade do dedo polegar a ponta do dedo mínimo, a medida encontrada equivale em média 22 centímetros.

Figura 16 – Fábrica de Papel Orianda



Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Divisão de Documentação Histórica

Como citado pelo relator, além de sua durabilidade, tal pavimento, gozava da “vantagem de não amolecer com o calor” (MATTOS apud TAUNAY et al., 1957, p. 64) como foi observado em outras substâncias utilizadas para o mesmo fim, protegendo o ambiente construído contra a umidade do local. As paredes da fábrica eram contíguas as rodas hidráulicas e as partes que poderiam receber umidade da montanha eram todas rebocadas também da mesma mistura de cimento, “que se torna como uma lage de pedra (MATTOS apud TAUNAY et al., 1957, p. 65).

Além do que já foi descrito anteriormente, o relator observa que uma outra “edificação” se encontrava em plena construção e que abrangia uma área de “10,000 palmos quadrados” e contava com “200 palmos” correntes de pilares idênticos ao já existentes. A cobertura dos *edifícios*, como consta no relatório, eram todas de zinco, material que

[...] apesar do preço subido a que fica n'aquellas alturas, sahe alguma cousa mais barato do que a telha, requer madeiramento muito leve, e dura tanto como aquella, uma vez que seja bem applicado sobre pinho, pois se o assentarem em taboado de grande parte de nossas madeiras de lei, no espaço de poucos dias apparecem furos, de que se apontão muitos exemplos em vários lugares. (MATTOS apud TAUNAY et al., 1957, p. 65).

Em conformidade com o exposto no relatório provincial, além do “edifício” principal da fábrica, existiram outras construções em anexo.

Aqui, é importante destacar que foram erguidas duas habitações para abrigar os operários locais, incluindo-se os operários europeus que eram especializados na produção de papel, estas edificações apresentavam a medida de 150 palmos sobre 34 a primeira, e sob esta, um espaçoso armazém para abrigar a matéria-prima construído com maior solidez e a segunda casa, com 60 palmos sobre 30. O terceiro domicílio, conforme a descrição do relator, era uma espécie de oficina, possuía em seu interior uma forja e seus acessórios para realizar pequenos reparos das peças do *machinismo* da fábrica e uma estribaria para os animais que eram utilizados nas carroças.

O relatório ainda evidencia que o acesso à fábrica Orianda era feito por uma via lateral macadamizada<sup>51</sup> ao lado da estrada geral (Estrada Normal da Estrela) e nesse trajeto custeado pelo Dr. Capanema, foi construído uma ponte e “*dous*” pontilhões sendo considerada uma obra que prometia longa duração sem reparos, prevenindo dessa forma, segundo Mattos, qualquer interrupção do acesso à fábrica.

Conforme o descrito, num empreendimento de tal natureza, a interrupção de transportes poderia ocasionar graves prejuízos e depreciação no mercado, ou

---

<sup>51</sup> Uma técnica para pavimentação de estradas desenvolvida pelo engenheiro escocês John Loudon McAdam. A técnica envolvia o assentamento de camadas sucessivas de pedra (brita) e saibro, esta mistura era compactada por rolo compressor, possibilitando maior durabilidade da estrada facilitando, com mais segurança, o transporte de pessoas e cargas em todo o mundo. No Rio de Janeiro, esta técnica foi utilizada na estrada União e Indústria que ligou Petrópolis (RJ) a Juiz de Fora (MG). Foi construída por Mariano Procópio e inaugurada por D. Pedro II em 1861 (ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA, c2018).

ainda pior, a suspensão dos trabalhos por “desconcerto do maquinismo”, pois muitas vezes a fábrica tinha que honrar o compromisso de entregar os produtos no dia combinado, sem admitir a menor espera pelo cliente, principalmente, nesse caso, quando “se [obrigava] a fornecer papeis para jornaes” (MATTOS apud TAUNAY et al., 1957, p. 65), informação essa confirmada no artigo publicado na Tribuna de Petrópolis em 20 de janeiro de 2010, subscrito por Silveira Filho (2010), professor, pesquisador e membro de Instituto Histórico de Petrópolis – IHP, no qual lê-se que a Orianda guarneceu os jornais cariocas como: o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Correio da Tarde* e o *Correio Mercantil* e igualmente as publicações de *O Paraíba* e *O Mercantil de Petrópolis*, confirmando a informação relatada por Mattos (apud TAUNAY, et al., 1957).

Temos mencionada, ainda no relatório, a apresentação essencial do “*machinismo*” da Fábrica Orianda: em primeiro, são descritos os aparelhos de preparação e limpeza do trapo<sup>52</sup> ou qualquer outra matéria-prima, contendo um lixiviador de marca *Plonche & Reider*, o qual cozinhava os trapos a vapor em movimento de rotação, uma máquina de cortar e um desempoeirador com dois tambores; em segundo, foram relacionados quatro aparelhos para a preparação das massas, dois deles eram desfiladores e dois refinadores; em terceiro, aparelhos para branqueamento, incluindo todos os seus acessórios; em quarto, os depósitos de massas, consistindo-se em duas tinas, com agitadores mecânicos e outra menor para massa de papel à mão; em quinto, possuía a fábrica Orianda um aparelho regulador para distribuir na máquina uma quantidade de massa para a folha de papel, qualquer que fosse o movimento, ele ficava sempre com a mesma espessura; em sexto, uma máquina contínua, onde era colocado a massa líquida e, posteriormente, em minutos, saía uma longa folha de papel, depois subdividida nos formatos da encomenda; em sétimo, uma caldeira a vapor que secava o papel; Por fim, outras máquinas acessórias à produção, uma para era cortar o papel do tamanho solicitado, um aparador de resmas e uma porção de recipientes e filtros para fabricar papel ou papelão manualmente. Todas as máquinas foram movimentadas por duas rodas hidráulicas, a

---

<sup>52</sup> A pasta de trapo, ou tecidos usados, foi o primeiro material usado para a fabricação do papel, eram por sua vez classificados, limpos, e posteriormente retalhados manualmente; as máquinas cortadoras simples entraram no processo num momento posterior. Os trapos, na sequência, são submetidos a um processo de maceração ou de fermentação para a produção de um bom papel (MOURA ENCADERNAÇÃO, 2010).

primeira roda toda de *Tapinhoan*<sup>53</sup> com “46 palmos” de diâmetro e a segunda em ferro, com “22 palmos” de diâmetro recebiam a água limpa por encanamento próprio que vinham direto do rio Cayoaba.

Retenha-se que, nesse aspecto particular, a condição de pureza da água, que era essencial a produção do papel de alta qualidade da Orianda, o relator afirma que,

Sendo condição essencial que as aguas para lavagem do trapo, e principalmente depois de branquaeado, assim como a necessária para diluir a massa antes de a fazer correr pela *machina*, sejam perfeitamente puras, o Dr. Capanema construiu um filtro com 1,300 palmos de superfície, podendo conter um volume de agua de 5,000 palmos cubicos. Esta precaução foi indispensavel, pois o rio [Cayoaba] acarreta sempre arêa, e em tempos de chuvas, as aguas ás vezes pelo espaço de 15 dias tão lamacentas, que é impossivel fazer papel branco sem cõa-las. O referido filtro é todo murado de pedra e cal, [...] com um revestimento cimentado. (MATTOS apud TAUNAY et al., 1957, p. 66).

Assim sendo, com a preocupação manifesta de controle e qualidade da água do rio Cayoba, a Fábrica de Papel Orianda funcionou regularmente produzindo papéis de excelente qualidade para a imprensa, segundo os padrões da época, sendo “exportado para as províncias, e [até mesmo] para fóra do império” (MATTOS apud TAUNAY et al., 1957, p. 66) como, por exemplo, para Argentina. Produzia também, segundo a apresentação do relatório, papel para o selo fixo, com qualidade superior ao que o governo comprava do exterior e com a vantagem de poder ser a produção fiscalizada pelo tesouro em cada etapa.

A Fábrica de Papel do Barão de Capanema ainda produziu, no período de seu funcionamento, uma espécie de papelão preparado para cobrir casas, com experiência de quatro anos de produção e excelentes resultados comprovados que, segundo Mattos, poderia vir substituir com grande vantagem as “taboinhas” utilizadas em Petrópolis para a mesma finalidade. O relatório observa ainda que, em se “tratando da fábrica d’Orianda, que [foi] importante para a indústria geral do paiz, e talvez nella se possa buscar o principal motivo de não prosperarem muitas fabricas entre nós, assim como da queda de outras” (MATTOS apud TAUNAY et al., 1957, p. 67), o Dr.

---

<sup>53</sup> Hoje: *Tapinhoã*, sm. BOT. Árvore de grande porte (*Mezilaurus navalium*), da família das lauráceas, nativa do Nordeste (BA), Sudeste e Sul do Brasil, de madeira de ótima qualidade, de cerne amarelado, com veias escuras, folhas alternas, panículas axilares e bagas em forma de elipse; canela-tapinhoã (TAPINHOÃ, 2015).



Capanema mandou arregimentar operários através de um agente consular brasileiro na Europa.

Dessa maneira, chegaram aqui, na primeira leva, um diretor de máquinas de papel-contínuo, um guarda de caminhos de ferro, um impressor litográfico como mestre branqueador de massa e um caldeireiro como fabricante de massa, já a segunda turma encomendada não foi como a primeira, logo nos primeiros dias de trabalho deram provas do contrário, sendo necessário manter nas máquinas os antigos operários e adestrar os novos ao trabalho de fazer a massa.

A Fábrica de Papel Orianda chegou a produzir, em 12 horas de trabalho, cerca de 800 libras (aproximadamente 362 kg) de papel. Se houvesse matéria-prima em maior quantidade, poderia atingir a produção de 1.200 libras (aproximadamente 544 kg) de papel para impressão.

Um detalhe que vale ser destacado conforme o relato de Mattos (apud TAUNAY et al. 1957), é que, ao longo do tempo de produção na Fábrica Orianda, aconteceram experimentos com excelentes resultados empregando diversos tipos de matérias primas, como por exemplo, cascas de arroz, folhas de bananeiras e outras matérias fibrosas, apesar disso, todas esbarraram num percalço, o custo, eram muito dispendiosas a extração dessas fibras.

Mais uma vez, de acordo com o já citado artigo publicado na Tribuna de Petrópolis em 20/01/2010 (SILVEIRA FILHO, 2010), consta que, não somente por problemas relacionados as dificuldades financeiras, a Fábrica de Papel Orianda foi atingida por uma epidemia de Peste Bubônica no ano de 1855, vitimando seus operários enfraquecendo sua produção, além do mais, um problema com a aquisição dos trapos utilizados para obtenção da pasta base de celulose eram importados, encarecendo a sua produção, dessa forma, a Fábrica Orianda finalizou suas atividades, decretando sua falência no ano de 1874.

É importante sublinhar que, nesse mesmo *edifício* da Fábrica de Papel Orianda também funcionou a Cia. Manufactureira Linha Estrella, antes mesmo da Cia. Fiação e Tecidos Cometa-Meio da Serra iniciar a construção do seu núcleo fabril. Em pesquisa, encontramos apenas três referências a este estabelecimento, uma pequena citação no jornal Tribuna de Petrópolis (1991) (Figura 17), um certificado assinalando como sendo uma manufatura “constituída em 27 de agosto de 1888” (data no alto à

esquerda) e por fim, temos em mãos uma cópia da certidão<sup>54</sup> expedida pelo Cartório do 1º Ofício de Magé (Estado do Rio de Janeiro) assinado pelo tabelião e escrivão Domingos Corrêa Lage em dezanove de novembro de 1890. Tal documento, uma certidão de escritura, registra a venda da propriedade na Serra da Estrella, no extinto município da Estrella ao comprador e cuja construção está em terreno da Manufatura Linha Estrella. Nenhum outro tipo de documento descritivo foi encontrado, apenas o pequeno excerto, esta apólice que identifica o Estado do Rio de Janeiro como a origem e datada de 30 setembro do ano de 1890 (Figura 18) e esta certidão que comprovam efetivamente, tal empreendimento manufatureiro no local.

Figura 17 – Citação no jornal Tribuna de Petrópolis (1991)



Fonte: Tribuna de Petrópolis, 9 fev.1991

<sup>54</sup> Esta certidão de escritura consta no livro de notas do referido cartório sob o número 4 do extinto município da Estrella, fls. 142 e 143. Nesse documento está citado a escritura da venda de metade das vertentes das terras no lugar conhecido como "Cortiço" [Fazenda do Cortiço]. Descreve ainda que o referido imóvel possui "[...] uma casa de vivenda, coberta com zinco sita na Serra Velha da Estrella" edificado em terreno da "Companhia Linha Estrella" em 19/11/1890, sendo posteriormente, vendido à Companhia Fiação e Tecidos Cometa.

Figura 18 – Apólice da Cia. Manufactureira Linha Estrella do ano de 1890



Fonte: Antônio Ferreira, Leiloeiro Público<sup>55</sup>

A Fábrica de Papel Orianda, como descrito, foi o negócio mais completo antes da “Cometa”, com aporte de capital, utilizou-se das águas do rio Cayoba, com ampla clientela tanto dentro como fora do país, com produto altamente aceitável no mercado pela qualidade do papel produzido a época, utilizou maquinário adequado e incluiu casas para os operários e transporte privativo. Foi o primeiro empreendimento registrado na sua relação com a produção do espaço no núcleo histórico do Meio da Serra e onde, posteriormente, a Cia. Fiação e Tecidos Cometa-Meio da Serra, se estabeleceu.

#### 4.5 A FÁBRICA E O NÚCLEO FABRIL DO MEIO DA SERRA

Encravada na longa Serra do Mar e na metade da Serra da Estrela, a Cia. Fiação e Tecidos Cometa fixou seu núcleo fabril na segunda metade do século XIX,

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://www.antonioferreira.lrl.br/peca.asp?ID=72927>>. Acesso em: 6 mar. 2018

integrando alguns aspectos naturais particulares à construção social daquele espaço, implicando na industrialização e urbanização dessa localidade. Nesse contexto, o fato de ter existido uma área com abundância de recursos naturais<sup>56</sup> essenciais para a produção material da Cia. Cometa, formou-se o núcleo fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa e o que viria a ser o bairro operário do Meio da Serra (Figura 19).

Figura 19 – Vista parcial da Cia. Fiação e Tecidos Cometa – Meio da Serra (1897)



Nota: O bairro Meio da Serra surgiu em função da Cia. Cometa que construiu um núcleo fabril para produzir tricolins, fustões<sup>57</sup>, flanelas e panos para colchões e abrigar os operários e suas famílias. Observa-se, em primeiro plano e à esquerda, a construção que abrigou anteriormente a fábrica de papel Orianda.

Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Divisão de Documentação Histórica

A Cia. Fiação e Tecidos Cometa constituiu clara indicação de que adequou-se aos fatores de localização e às condições naturais excepcionais do local e foi concretizado de acordo com as circunstâncias gerais do avanço do capitalismo e do desenvolvimento na formação social e econômica no Brasil, já assinalada

---

<sup>56</sup> Abastecida de excelente água a partir da disponibilidade de recursos hídricos dos rios Cayoaba e Cayoaba Mirim nas declividades da vertente Sul, situada numa pequena área plana na subida da Serra da Estrela, entre as cotas 300-370 metros de altitude no limite fronteiro entre os municípios de Magé e Petrópolis

<sup>57</sup> Fustão é um tipo de tecido natural ou sintético, de algodão, linho, seda ou lã, encordado, que tem o avesso liso e o direito em relevo. Já o Tricolins (Tricolines) são tecidos leves e sedosos produzidos a partir do algodão para confeccionar vestidos ou camisas.

anteriormente por Stein (1979), deixando um testemunho concreto na paisagem do bairro. Além do mais, a identificação dos fatores de localização industrial, segundo Manzagol (1985), impressionou os teóricos do século XIX pela complexidade das mudanças ocorridas com o advento das tramas da revolução industrial nos modos e na base da produção fabril, a partir disto, segundo este autor, é necessário esclarecer que:

A escola de Saint-Simon enfatiza o papel das estradas de ferro. Mesmo antes de Marx, procura-se explicar as condições de distribuição da indústria; segundo Ure, em sua *Philosophy of manufactures*, é preciso distinguir, entre as causas determinantes, a energia barata, a população, o mercado, a existência de um porto e o papel dos empresários. [...] Ross privilegia o papel dos transportes, mas distingue também a influência das matérias-primas, do mercado, do capital e também dos fatores físicos como clima. (MANZAGOL, 1985, p. 21).

De fato, tais condições foram bem identificadas no caso da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, como visto na citação anterior: a energia hidráulica barata, o crescente mercado consumidor avizinhado, os portos do Estrela e Mauá, a proximidade com a cidade do Rio de Janeiro, foram fatores, entre outros anteriormente já citados, que possibilitaram a localização das atividades econômicas na localidade, primeiro, como já visto, a Fábrica de Papel Orianda, seguido pela Cia. Manufatureira Linha Estrella e posteriormente a Cia. Cometa do Meio da Serra.

Cabe ainda destacar que, a segunda metade do século XIX foi o momento de maior transformação da produção econômica na história do país. Este processo, comandou a organização da produção do espaço no que viria a ser o bairro Meio da Serra. Todo esse progresso brasileiro, reforça-nos Prado Júnior (2004),

[...] entra bruscamente num período de franca prosperidade e larga ativação de sua vida econômica. No decênio posterior a 1850 observam-se índices dos mais sintomáticos disto: fundam-se no curso dele 62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 de seguros, 4 de colonização, 8 de mineração, 3 de transporte urbano, 2 de gás, e finalmente 8 estradas de ferro. (PRADO JÚNIOR, 2004, p. 192).

Relembra-nos, ainda, este mesmo autor, que essa ebulição econômica foi fruto do prolongamento do estágio precedente, “[...] e resulta em última análise da emancipação do país da tutela [...]” (PRADO JÚNIOR, 2004, p. 192) político-econômica da metrópole lusitana, portanto, foi uma fase de mudança, de ajustamento



à nova situação criada pela independência e autonomia nacional. Nessa conjuntura, inicia-se uma nova fase de vida moderna e de atividades mais rentáveis, diz Prado Júnior (2004), são os primeiros e modestos passos dados aqui pelo incipiente capitalismo, que resultou numa completa remodelação material do país.

Foi nesse contexto que a Cia. Fiação e Tecidos Cometa se ergueu como um grande empreendimento, com duas fábricas instaladas em Petrópolis, uma no que viria a ser o núcleo histórico fabril do bairro Meio da Serra, construída a partir de 1890, e a segunda fábrica instalada no bairro Alto da Serra, em 1903 (Figura 20). Em conformidade com de Cusatis (1993) as duas fábricas funcionaram no início com 336 teares a vapor num conjunto de 9.000 fusos. Em pesquisa aos registros de operários no Sindicato das Indústrias Têxteis de Petrópolis, revelou-se mais de treze mil fichas de operários que chegaram a produzir quatro milhões e meio de metros de fazendas.

Figura 20 – Vista parcial da Cia. Fiação e Tecidos Cometa do Alto da Serra em 1934



Nota: Esta unidade fundada em 1903 na rua Teresa, nº 1.379/99 no bairro Alto da Serra, foi uma grande fomentadora do desenvolvimento socioeconômico deste bairro operário. A fábrica encerrou as suas atividades em 1980 com cerca de quinhentos trabalhadores.

Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Divisão de Documentação Histórica

Não havia, até o final do século XIX, um mercado pleno de mão de obra capitalista organizado no país, somente nas décadas seguintes é que seria possível

a formação desse mercado de trabalho, singularmente após a liberação da mão de obra escrava. Em Petrópolis, foi o caso da Cia. Cometa, da Cia. São Pedro de Alcântara e da Cia. Petropolitana, só para citar as maiores e especialmente de imigrantes alemães e italianos, formando núcleos fabris nos bairros afastados do centro petropolitano.

No período compreendido entre 1880 e primeiros anos de 1900 diversos empreendimentos industriais foram instalados na cidade do Rio de Janeiro e seu entorno, portanto, antes da fundação da Cia. Fiação e Tecidos Cometa já havia outras plantas industriais em plena atividade. A cidade de Petrópolis englobou um conjunto importante de fábricas com núcleos fabris com vilas operárias: a Cia. Têxtil Petropolitana (1874) implementou o seu núcleo fabril no bairro Cascatinha com trezentas casas; a Fábrica São Pedro de Alcântara (1873) no centro da cidade; a Cia. de Tecidos Dona Isabel, próxima ao bairro Morin, com as suas atividades fabris iniciadas em 1889. Notadamente, o Rio de Janeiro assume papel importante como o primeiro e grande centro industrial e maior concentrador do contingente de operários da indústria têxtil no Brasil, tendo sido superado apenas na década de 1920 por São Paulo.

A produção das indústrias de fiação e tecidos de algodão no Distrito Federal foi bastante relevante e muitas delas fundadas até 1891, participaram da Exposição Nacional no Brasil em 1908<sup>58</sup> (Figura 21).

---

<sup>58</sup> Foi uma exposição comemorativa do primeiro centenário da abertura dos portos do Brasil as nações amigas e para fazer um inventário econômico do Brasil no período, realizada no Rio de Janeiro entre 28 de janeiro e 15 de novembro de 1908 no bairro da Urca. Esta exposição foi fracionada em quatro segmentos produtivos: agricultura, indústria pastoril, indústrias têxteis e artes liberais.

Figura 21 – A vertente sul em postal para Exposição Nacional de 1908 no Rio de Janeiro



Notas: Nesse postal, observa-se, em segundo plano, a Baixada Fluminense e parte da Baía de Guanabara, ao fundo e a esquerda, o Pão de Açúcar, monumento natural conhecido no mundo inteiro.

Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Divisão de Documentação Histórica.

Outros estabelecimentos com importantes núcleos fabris surgiram no Rio de Janeiro ou no seu entorno nesse mesmo período: A Fábrica de Tecidos e Fiação Pau Grande (1878), a Fiação e Tecidos Aliança (1880), a Confiança Industrial (1885), a Fiação e Tecidos Carioca (1886), a Fábrica São Cristóvão (1889), a Fiação e Tecidos Corcovado (1889), a Fábrica Cruzeiro (1891) e a Fábrica Bonfim (1891).

Em consonância com Oliveira (2006) em seu estudo sobre as estratégias para a formação da Cia. Progresso Industrial do Brasil (Fábrica Bangu), fundada no dia 6 de fevereiro de 1889 na Zona Oeste do Rio de Janeiro e da qual se originou o bairro de Bangu, confirma a liderança da Capital Federal e as estratégias do capital industrial no domínio do seu território, diz ele:

[...] a materialização de cada um desses arranjos espaciais apresentou correspondência com as etapas da acumulação de capital, combinando as condições específicas de realização do empreendimento fabril (Fábrica Bangu) com as condições gerais de desenvolvimento do capitalismo na formação social brasileira. [...] Não é por acaso que o maior crescimento industrial se dá exatamente no Rio de Janeiro, primeiro centro econômico do país, cuja principal região produtora de café, o Vale do Paraíba, se encontrava em franca decadência. Além da inversão de capital oriundo, direta ou indiretamente da economia cafeeira em crise, outros fatores também importantes para criar condições favoráveis ao investimento industrial têxtil no Rio de Janeiro, tais como: a ampliação do mercado de trabalhadores



livres, a presença de uma política tarifária com efeitos protecionistas, as mudanças ocorridas na legislação no sentido de facilitar a organização de empresas, e a disponibilidade de bens de capital no mercado internacional, já que as economias centrais entravam na fase do capitalismo monopolista. [...] Até o final da década de 1880 o Rio de Janeiro já possuía a maior concentração operária e fabril do país. A instalação de estabelecimentos fabris na capital e adjacências, a partir de meados do século XIX, deveu-se a um conjunto de fatores, dentre os quais a acumulação de capitais provenientes da empresa agrícola ou dos negócios do comércio exterior, a facilidade de financiamento dos grandes bancos, cuja sede estava localizada na capital do país, um mercado de consumo de proporções razoáveis, abrangendo não só a cidade como a região tributária, servida pela rede de ferrovias, e a substituição da água pela energia a vapor como força motriz. Acresça-se a tudo isto, ainda, o peso da presença do aparelho administrativo da capital federal e a estrutura portuária, facilitando o acesso às matérias primas e as máquinas necessárias à produção fabril. (OLIVEIRA, 2006, p. 2-6).

Nesse contexto, a Cia. Fiação e Tecidos Cometa foi, com efeito, uma indústria têxtil que encontrou condições favoráveis e específicas de fixação no Meio da Serra, além de se estabelecer aí como desdobramento das referidas condições gerais de desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Assim, a fábrica construída no Meio da Serra, pouco a pouco, foi criando e organizando seu núcleo fabril e a vida socioeconômica no bairro que surgiu em função desse empreendimento.

#### **4.5.1 Meio da Serra: um núcleo fabril da Cia. Cometa**

A história territorial do bairro Meio da Serra inicia-se, como já visto anteriormente, com o intenso e contínuo fluxo de pessoas e mercadorias entre a cidade do Rio de Janeiro em direção ao Vale do Paraíba e posteriormente ao sertão mineiro e vice-versa, primitivamente pela 'estrada' ou variante de Bernardo de Proença e mais tarde pela estrada "Normal" da Serra da Estrela, territorializando-se a partir do ponto de parada estratégico onde era feita a troca dos animais das diligências e do descanso para o cafezinho no 'Botecuím, já citado antes, e finalmente pela Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará. Do ponto de vista histórico cronológico da formação inicial do bairro Meio da Serra, os eventos mais importantes na gênese do bairro e que tiveram incontestemente participação, estão apontadas na figura adiante.

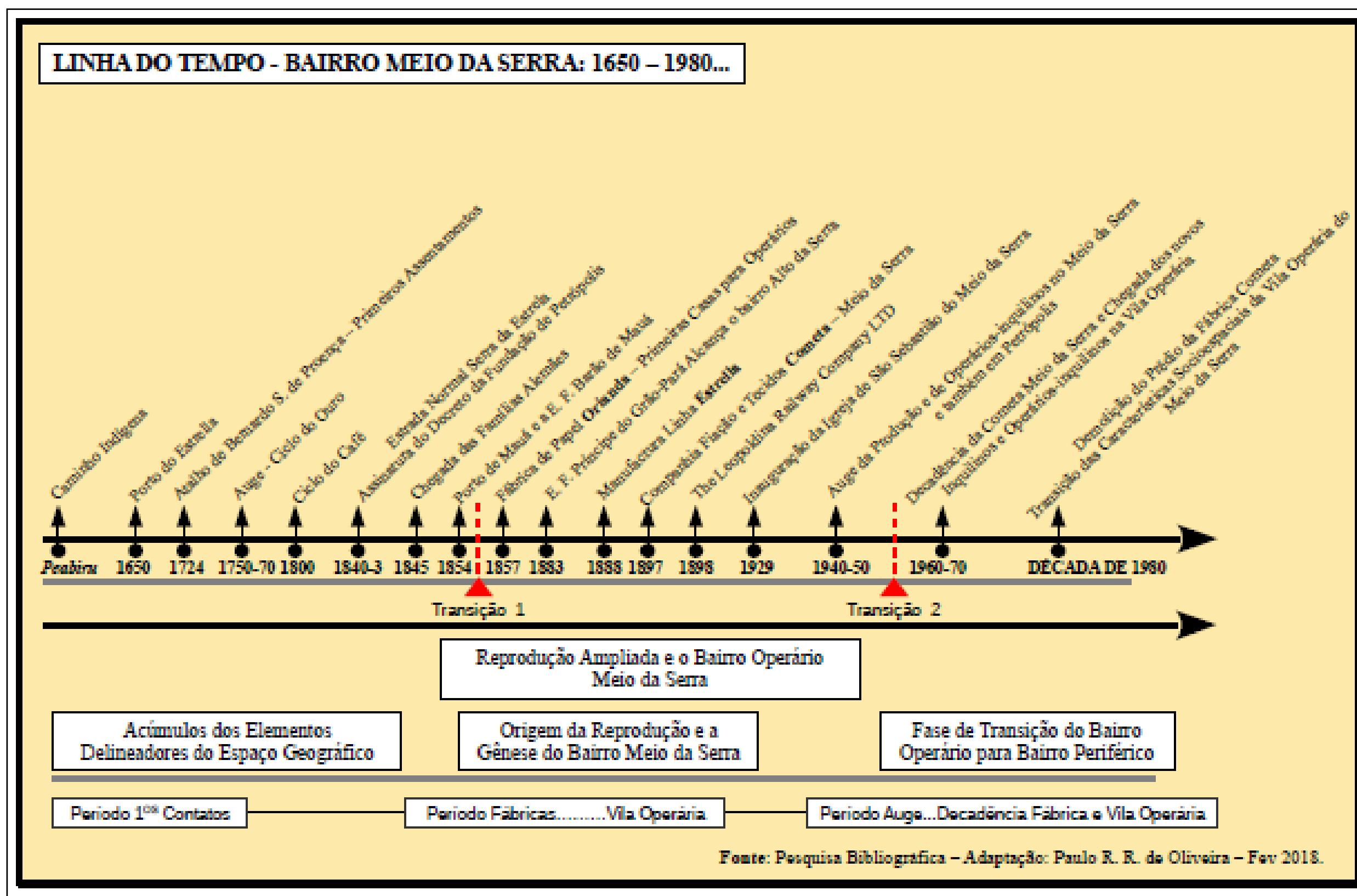
Incorporar essas temporalidades à história de ocupação primitiva no que se refere à gênese do bairro-operário-fabril é possível. Pondé (1971) reforça-nos esta afirmação. Diz ele:

[...] a estrada da serra, [...], apesar de verdadeiro caminho 'de cabras', foi sendo cada vez mais freqüentada, à proporção que se desenvolvia a região de Minas, e ser ela a única que, em menos tempo, conduzia os tropeiros ao mercado do Rio de Janeiro. Até aquela época, não havia verdadeiramente caminhos nem estradas, e as picadas, que davam passagem pela serra aos viajantes, e eram suficientes para o transporte de ouro em bestas, ofereciam-lhes muitos perigos, especialmente no inverno, quando espessos nevoeiros e enormes lamaçais as tornavam quase intransitáveis. O tráfego, porém, pela variante de Bernardo Proença era crescente e movimentado, quanto as cargas e viajantes, que *levantavam seus ranchos nas margens da estrada*. (PONDÉ, 1971, p. 40-41).

Nesse sentido, o caminho de Bernardo Proença era tão importante que o vice-rei, D. Fernando José de Portugal, determinou a sua melhoria e o seu calçamento. Essa obra de engenharia ficou a cargo do capitão Aureliano de Sousa Oliveira.

O encadeamento histórico adiante (Gráfico 4), segue da Proto-História do bairro até a extinção das condições que fixaram sócio, econômico e espacialmente o bairro Meio da Serra. Nele estão apresentadas as diversas fases do processo estabelecido que evoluiu de acordo com os eventos históricos ocorridos ao longo do tempo na localidade, como também da relativa extensão na formação da cidade de Petrópolis.

Gráfico 4 – Fases históricas do Bairro Meio da Serra



Fonte: O autor, 2018

Observa-se nessa linha do tempo, a presença das diversas inserções de objetos técnicos,<sup>59</sup> na fase de acúmulos, sobre o mesmo trecho da vertente Sul, que sustentarão os conteúdos interagindo na base original do bairro que esculpiria tanto os moradores como o lugar. É possível conceber momentos diferentes de acumulação dos elementos que definirão as práticas sociais no bairro Meio da Serra, quer seja no trabalho ou na devoção, com mudanças complexas. É possível, da mesma forma, considerar que o bairro, após a implantação da Cometa (1890), inaugura um momento de mudança qualitativa, começa a definir o seu perfil de bairro e a vida de bairro operário, a sua centralidade em relação a cidade de Petrópolis, assim como em relação à conjuntura de formação da metrópole carioca.

É fundamental compreender que, nessa localidade, desde o advento da Fábrica de Papel Orianda (1857) já estava estabelecido as relações capitalistas de produção na localidade, bem como um reduzido número de habitantes, formando um originário e pequeno núcleo urbano na fase inicial de acumulação e gênese do bairro.

Assim sendo, nas palavras de Santos (1988)

[...] a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. [...] É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. As casas, a rua, os rios canalizados, o metrô etc., são resultados do trabalho corporificado em objetos culturais. Não faz mal repetir: suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço. (SANTOS, 1988, p. 23–24).

Em cada momento histórico, o bairro foi se moldando, cada fase correspondendo a um determinado trabalho complexo, onde “modos de fazer são diferentes exigindo mudanças correspondentes às inovações” (SANTOS, 1988, p. 24). Portanto, como assegurou Santos (1988), a partir das adições e subtrações sucessivas em cada fase de evolução socioespacial, as próprias inovações técnicas vitoriosas resultam num conjunto de acúmulos de objetos que se sobrepõem promovendo as alterações na paisagem, sendo, pois, a paisagem um objeto em

---

<sup>59</sup> Conforme Santos (2014), são objetos técnicos: as fábricas, as estradas de rodagem, as estradas de ferro, os portos entre outros. É a interação entre os sistemas de objetos fabricados e os sistemas de ações. Dessa maneira o espaço está marcado por esses acréscimos que lhe dão o conteúdo técnico.

constante metamorfose, ela não é “dada para todo o sempre” (p. 24), portanto, a paisagem é uma espécie de registro histórico do trabalho, dos procedimentos, sendo possível até datá-los,.

#### 4.5.1.1 O núcleo fabril

Conforme a pesquisa bibliográfica e iconográfica o Núcleo Fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, considerada um patrimônio de Petrópolis, contava com equipamentos de uso coletivo, organizados harmoniosamente na área entorno da construção principal, a fábrica (Mapa 11).



Mapa 11 – Núcleo Fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa – Meio da Serra e a mancha das autoconstruções



Fonte: O autor, 2018

A política social implementada pela Cia. Fiação e Tecidos Cometa no Meio da Serra, guarda semelhanças com outros estabelecimentos da época. De acordo com von der Weid e Bastos (1986) foi “[...] uma tentativa dos empresários de solucionar os problemas relativos à permanência, ao controle e à formação da força de trabalho” de acordo com von der Weid (p. 157), que extrapolavam aquele ambiente exercido apenas ao nível do trabalho no chão da fábrica.

Esses mecanismos no núcleo fabril do Meio da Serra foram gradualmente estabelecidos e institucionalizados, assim como, de forma similar, em quase todas as fábricas desse período, revelando-se o controle diretamente sobre o dia a dia dos operários em vários sentidos.

Na moradia, com a construção da vila operária onde uma parte dos operários eram abrigados por um aluguel reduzido (Figura 22), mas que não era barato para o salário do operariado; na educação, a partir da construção da escola primária *Cometa* e da creche, para atender os operários e seus familiares; na saúde, mediante o provimento de assistência médico-ambulatorial e farmácia; na religião, com a construção da Igreja Católica de São Sebastião do Meio da Serra (Figura 23) para o *atendimento espiritual*; na provisão de alimentos pela iniciativa da cooperativa, que para a maioria das famílias o preço das mercadorias oferecidas era mais elevado que o comércio na baixada e da feira-livre nos finais de semana; na cultura e lazer, através do teatro e da sala de cinema, com grandes promoções de bailes e festividades, da banda de jazz 18 de junho (Figura 24) e do clube esportivo (Esporte Clube Cometa – ECC) que levava ao campo de futebol centenas de pessoas.



Figura 22 – Recibo do aluguel de um dos domicílios da vila operária no Meio da Serra – 1946

N. ~~34~~ Cr\$. ~~2000~~

Recebemos do ..... Sr. .... a quantia de

~~duzentos e cinco cruzeiros~~

do aluguel de A. Luiz da casa que ocupa em Luiz da Serra n. .... vencido em 30 de Novembro de 1946

Aluguel..... Cr\$ .....  
 Taxa sanitaria Cr\$ .....  
 Pma d'agua.. Cr\$ .....  
 Selado com Cr\$ 1,30

H. Rio da Serra, 30 de Novembro de 1946  
 Pela Cia. Fiação e Tecidos Cometa  
 [Assinatura]

A' vista da Pap. Editora - Av. 18 de Nov. 344 - Petrópolis - estado - G

Fonte: Acervo particular da Família Gastaldo

Figura 23 – Parte da Vila Operária da Cia. Fiação e Tecidos Cometa no Meio da Serra – 1930



Notas: No primeiro plano da fotografia, parte do correr de casas dos operários. No plano de fundo a Igreja de São Sebastião no Meio da Serra, inaugurada em 28 de maio de 1921

Fonte: Acervo particular da família Gastaldo



Figura 24 – A banda de jazz “18 de Junho” dos operários da Cometa que alegrava o bairro



Nota: Data provável: 1925

Fonte: Acervo particular da família Gastaldo

Além dessas práticas de controle da vida cotidiana do operariado, o núcleo fabril ainda contava com: uma cooperativa que vendia secos e molhados (Figura 25), ferramentas entre outros utensílios; uma oficina mecânica para manutenção e reposição de materiais necessários a produção; um açude que abastecia e servia de reservatório para a fábrica; uma estação ferroviária, que fez aumentar consideravelmente a circulação de pessoas no bairro, e por fim, a produção de energia elétrica e hidráulica próprias.<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> Conforme o relatório da diretoria da Companhia Fiação e Tecidos Cometa apresentado em “Assembléa Geral e Ordinária do Srs. Accionistas” no dia 20 de fevereiro de 1926, a diretoria declara que “A fim de defender o regimen das águas que alimentam a força motriz no Meio da Serra, adquirimos as cabeceiras do rio Cayoaba, numa extensão de 111.223 m<sup>2</sup>”.

Figura 25 – A Cooperativa da Cometa no Meio da Serra



Notas: Ao fundo vê-se parte da vila operária. Data provável: 1925.  
 Fonte: Acervo particular da família Gastaldo

Quanto à assistência médica no Meio da Serra, havia uma farmácia junto ao núcleo fabril para atender os operários-inquilinos. Ela fornecia remédios e eventuais curativos eram realizados, sendo ainda prevista a visita médica em casos de impossibilidade de locomoção. A epidemia de febre amarela que atingiu o bairro Meio da Serra e em um correr de casas da vila da Cometa, grassou uma família de operários inteira, como declara o Sr. C. R. G:

[...] sei que houve uma epidemia de febre amarela que minha bisavó contava... morreu essa vila aqui onde eu moro toda... uma família que veio morar aqui contaminada aí o mosquito daqui mordeu e contaminou todo mundo!<sup>61</sup>

A Cia. Fiação e Tecidos Cometa do Meio da Serra, a primeira unidade fabril dessa empresa, manteve-se isolada das outras indústrias têxteis de Petrópolis. Tinha

<sup>61</sup> Depoimento do Sr. C. R. G. (72 anos) nascido e criado no bairro que vive até hoje. Bisneto, neto e filho de operários da Companhia Fiação e Tecidos Cometa do Meio da Serra, todos de origem italiana.

uma característica distinta das outras com a cidade do Rio de Janeiro, era a mais próxima, cerca de 58 quilômetros aproximadamente, além de contar com a Estrada Normal da Serra da Estrela e a Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará à sua porta.

Assim, conforme o estudo de Giroletti (2002)<sup>62</sup>, esse primeiro espaço estabelecido nas indústrias têxteis incorporado ao núcleo fabril foram regidos, afirma o autor,

[...] por regulamentos próprios, formavam o primeiro ambiente fechado, distinguindo operários de não-operários, moradores de não-moradores. Os familiares eram obrigados a seguir as mesmas normas enquanto residissem ali. O ingressar e o permanecer na vila significava adesão às regras de convivência estabelecidas. A inadimplência por uma razão ou outra seria punida com o desligamento para que não ocorresse a 'desmoralização' do lugar. (GIROLETTI, 2002, p. 192–193).

O Núcleo Fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, não fugiu a estas regras. Foram construídas, em terrenos anexos à fábrica, cento e vinte domicílios hierarquizados conforme a função exercida no chão da fábrica, para abrigar seus gerentes, técnicos, operários e seus familiares, todas em alvenaria e bem-acabadas.

As casas dos operários, assentadas de forma geminada, obedeceram ao sentido da rua, ou melhor, da Estrada Normal da Serra da Estrela, todas situadas próximas a fábrica e foram construídas em seis grupos, abrigando todos os operários, tanto solteiros como famílias. A configuração do bairro operário do Meio da Serra, uma comunidade fechada em torno da fábrica, assemelhava-se às de muitas outras vilas operárias que pertenciam a indústrias têxteis surgidas no Brasil na virada do século XIX, como por exemplo, a Fábrica Pau Grande (Magé), primeira unidade fabril que pertenceu a Cia. América Fabril a partir de 1878-1930, com características de fábrica-fazenda.

Conforme von der Weid e Bastos (1986) destacam, tais empreendimentos, acompanhados de

[...] suas vilas, configuram um modelo de cidade vila-operária pois, para sobreviver, tiveram que criar todo aparato urbano que permitiu aos operários inquilinos gozarem de certa autonomia em relação às cidades mais próximas. A existência de tal modelo correspondia à estratégia desenvolvida pelo

---

<sup>62</sup> Obra que apresenta a formação da sociedade urbana e industrial brasileira a partir da segunda metade do século XIX, voltado a compreensão histórica da industrialização e modernização do Centro e do Norte de Minas, nas fazendas do Cedro (Sete Lagoas) e Cachoeira (Curvelo), dos irmãos Mascarenhas entre 1872 e 1875.

empresariado têxtil de então visando garantir uma mão-de-obra fixa, hábil e sob seu controle, numa época em que ainda não se havia formado um 'exército industrial de reserva'. (VON DER WEID; BASTOS, 1986, p. 158).

No caso particular da Cia. Fiação e Tecidos Cometa instalada no Meio da Serra, essa constatação é particularmente válida, visto que, a sua localização e de seu Núcleo Fabril estão isolados, periféricos ao centro mais urbanizado de Petrópolis (11 quilômetros) e cerca de 2,5 quilômetros distantes de Raiz da Serra, em Magé. Dessa forma, esta distância de aglomerados próximos, possibilitou os procedimentos para implementação da política desenvolvida pela diretoria da companhia em termos de construção das casas da vila operária, da infraestrutura no seu núcleo fabril e dos serviços complementares de cunho social, já ia dizendo assistencialista, como visto, com o objetivo claro de trazer e manter os trabalhadores nas proximidades.

De acordo com Giroletti (2002), a construção de núcleos operários de diversas dimensões foi uma prática comum entre "os países que passaram pelo processo de modernização capitalista" (p. 211), construídas em áreas praticamente isoladas do meio urbano e com grande semelhança, no nosso caso, com o núcleo fabril do Meio da Serra. No Brasil, ainda segundo o mesmo autor, este modelo foi reproduzido "em todas as regiões", em áreas largamente industrializadas, como no Rio de Janeiro e São Paulo, assim como em Minas Gerais e alguns estados do Nordeste, menos industrializados.

Praticamente, o que viria a ser o bairro Meio da Serra era um lugar fracamente habitado, sem infraestrutura urbana, como já explicitado anteriormente, apenas servindo de acesso ao alto da Serra da Estrela, como parada 'obrigatória' para os animais de carga, para quem transitava pela localidade nas diligências e alguns poucos moradores dos ranchos já fixados ao longo desse percurso. Encontramos, aqui, uma congruência entre von der Weid e Bastos (1986) e Giroletti (2002), quando da caracterização do modelo dos núcleos fabris:

[...] [como] eram lugares pouco habitados [...] exigiam esforços adicionais dos empresários como a construção de casas e da infra-estrutura [*sic*] urbana como condição para recrutar mão-de-obra e para garantir a permanência dos trabalhadores nas fábricas. (GIROLETTI, 2002, p. 211).

Além disso, esse sistema de núcleo fabril se constituiu, como já explicitado, em uma extensão do poder dos empresários sobre os operários(as) fora dos muros

da unidade produtiva, cerceando a vida social e privada dos funcionários no âmbito da comunidade que se formava em qualquer planta fabril desse período, como Giroletti (2002) nos salientou em sua pesquisa. Dessa forma o núcleo fabril do Meio da Serra não escapou a essa regra de controle fabril pela direção da Cia. Cometa.

Esse padrão de fábrica com vila operária, ou melhor, com Núcleo Fabril, foi explicitamente, uma condição para que os empresários garantissem a permanência da mão de obra, oriundas das classes mais pobres da população urbana, inclusive feminina e infantil, próximas e disciplinadas, para os fins da produção fabril, bem como no controle político e ideológico exercido sobre a massa trabalhadora fora do ambiente de produção. Dessa maneira, na Cia. Fiação e Tecidos Cometa foi o que possibilitou ter maior controle sobre a força de trabalho. Este tipo de gestão, se deu conjuntamente pela catalogação num livro e nas fichas de registro dos operários por unidade fabril o “[...] que permitiu [...] um [maior] controle do número de operários em cada fábrica e sua alocação na produção”, além de outras anotações sobre a conduta do operário naquela seção (VON DER WEID; BASTOS, 1986, p. 179).

Confrontando este mecanismo de controle da Cometa com o da Cia. América Fabril (1911), as datas do início de identificação coincidem. Na Cometa, os operários começaram a serem catalogados em fichas na década de 1910.

Ao cruzarmos os registros feitos nas fichas da Cia. Fiação e Tecidos Cometa (Figura 26), com as da Cia. Petropolitana da Cascatinha e da Cia. América Fabril, há uma clara coincidência no caráter de informações encontrado entre elas, portanto, ocorrendo uma espécie de padronização no perfil de informações que interessavam as indústrias têxteis da época. Conforme von der Weid e Bastos, os registros nas fichas: “[...] procuravam retratar a trajetória do operário, assinalando os fatores que levaram à sua admissão, acompanhando o seu desempenho, mudanças de cargo ou salários, endereços, aluguéis e até dívidas quando havia” (VON DER WEID; BASTOS, 1986, p. 234).

Figura 26 – Ficha de Registro da Cia. Fiação e Tecidos Cometa – Meio da Serra

**REGISTRO DE OPERARIOS**

COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS "COMETA" – MEIO DA SERRA

237286

Nome Marcelina Gastaldi

Nascido em 15 de Junho de 1883

Local do nascimento Italia

Nacionalidade Italiana Estado civil casada

Filho de Antonio Oliveri

e de Regina Oliveri

Categoria ou ocupação habitual Tecido

Salário Cuprentada

Forma de pagamento \_\_\_\_\_

Residência Meio da Serra

Nome dos beneficiarios José Gastaldi


Assinatura do empregado \_\_\_\_\_

N.º de ordem \_\_\_\_\_

N.º da carteira profissional \_\_\_\_\_

Serie 26

Admittido em	Sahido em
<u>1/6/1917</u>	<u>15/6/1946</u>
<u>1/1/1</u>	<u>1/1/1</u>
<u>1/1/1</u>	<u>1/1/1</u>
<u>1/1/1</u>	<u>1/1/1</u>



Fonte: Arquivo do Sindicato das Indústrias Têxteis de Petrópolis

Essas fichas, na parte frontal, indicam todos os dados essenciais à identificação, nome completo, data de admissão na fábrica, o lugar e a data de nascimento, a filiação, o estado civil do operário, a natureza do cargo ou serviço assumido no chão da fábrica, o ordenado mensal ou diária, os vencimentos ou as gratificações recebidas e o local de residência.

Os escritórios registravam no verso das fichas para controle dos diretores, os “acidentes do trabalho ou doenças profissionais” e o período de férias gozadas. No item “observações” descrevia a punição, sumariamente, que eventualmente o operário havia recebido, ou mesmo a sua saída dos quadros da companhia, como pode ser constatado na figura antecedente que relata: “*Em 4 de agosto de 1963 foi suspenso 3<sup>1/2</sup> dia por motivo de ter se negado a cumprir as ordens de serviço, que lhe foram dadas por seu superior hierárquico*”.

Os trabalhadores, solteiros ou em famílias, se distribuíam na produção. Conforme pesquisa nas fichas dos registros de operários encontrados no Sindicato Têxtil de Petrópolis, desde de 1890 até 1970, indicaram um contingente de 2.073 funcionários, sendo que destes, 1.570 trabalharam e residiram na vila operária do

Meio da Serra, os outros 503 funcionários da companhia, trabalharam na unidade do Alto da Serra, mas residindo na mesma vila operária do Meio da Serra.

Observando a Tabela 1, percebe-se uma concentração dos operários-inquilinos na vila operária do bairro entre as décadas de 1920 e 1950, totalizando 1.256 moradores nas casas, caracterizando o auge da produção da companhia.

Tabela 1 – Moradores na Vila Operária da Cometa no Meio da Serra, 1920 – 1970<sup>63</sup>

Décadas	Gênero				Total (habitantes)
	Masculino		Feminino		
	Adultos	Crianças	Adultos	Crianças	
1920	65	43	97	31	236
1930	172	68	117	61	418
1940	246	108	158	90	602
1950	67	81	57	57	262
1960	65	14	16	19	114
1970	158	75	54	46	333
<b>Total Geral</b>	<b>773</b>	<b>389</b>	<b>499</b>	<b>304</b>	<b>1.905</b>

Fonte: O autor, 2018<sup>64</sup>

A discrepância dos números de habitantes nas décadas de 1960 e 1970, se deve ao fato de a empresa ter remanejado os operários que trabalhavam na unidade do Alto da Serra e que requisitaram moradia na vila operária após a finalização da produção da unidade no Meio da Serra, como também, do aluguel para outros inquilinos, sem qualquer vinculação com a fábrica, pois na vila, nesse período havia tal possibilidade, já que algumas casas estavam sem operários. Contudo, não há condições de afirmar com exatidão o número total de moradores no bairro, pois havia alguns domicílios, cerca de dez, já estabelecidos no Meio da Serra antes da implantação do núcleo fabril da Cometa e não há dados oficiais disponíveis para consulta ao tempo passado do quantitativo desses primeiros moradores.

<sup>63</sup> Isentamos as décadas de 1890, 1900 e 1910, devido as informações encontrarem-se incompletas. No somatório, o período totaliza 108 operários, dos quais, 7 são menores de idade (5 meninas e 2 meninos) e 101 são adultos (55 homens e 46 mulheres), mas que fazem parte da totalidade dos operários residentes no bairro.

<sup>64</sup> Foram pesquisadas as fichas dos operários das duas unidades fabris, do Alto da Serra e do Meio da Serra, no Sindicato das Indústrias Têxteis de Petrópolis.



Apesar disso, a análise e totalização das fichas dos operários que residiram no Meio da Serra demonstrou que, dos 66,24% dos registros correspondiam a operários adultos e 33,76% referiam-se à admissão de menores entre doze e 17 anos.

Com relação aos adultos residentes na vila operária do Meio da Serra, 828 eram homens, concentrados em maior parte nas funções de fiação, de tecelão e como trabalhador braçal ou, como eram conhecidos, o pessoal da “turma”, no falar operariado. Já as operárias maiores de idade, contabilizavam 545 mulheres distribuídas nas seções de dobação<sup>65</sup> e na função de tecelã, que tece o pano ou atua em teares (Figura 27).

Figura 27 – Operárias(os) da ‘Secção dos Carretéis’ na Cia. Fiação e Tecidos Cometa-Meio da Serra, 25 de fevereiro de 1911



Fonte: Acervo particular da família Gastaldo

É oportuno ressaltar que, o trabalho operário do sexo feminino (incluindo crianças), notadamente, foi uma categoria introduzida no Brasil a partir dos meados do século XIX, quando as primeiras fábricas têxteis que começaram a ser fundadas

---

<sup>65</sup> Seção onde se enovela, ou melhor, enrola o fio da meada de lã ou algodão formando um novelo.

absorveram nessas fábricas mulheres adultas e meninas em grande quantidade e dos mais baixos estratos sociais geralmente alocadas em atividades consideradas complementares à produção, leves e semiqualficadas, ou em funções atreladas à assistência, como escola, a farmácia e a creche, ou para atuar como tecelã. Nesse caso, para trabalhar no centro da produção fabril era exigido qualificação.

Na Fábrica da Cometa no Meio da Serra, esta realidade funesta pode ser constatada na imagem antecedente. O instante da tomada dessa fotografia, revela claramente jovens meninas operárias com vestidos bem abaixo dos joelhos, conta-se no total 54 mulheres/meninas e apenas sete homens da 'secção dos carretéis'. As crianças eram concentradas, majoritariamente, na seção de fiação que transforma o algodão em fio, como aprendizes. Foram registrados 391 meninos-operários e 309 meninas-operárias e a experiência na formação profissional, como era comum na época, dava-se diretamente na relação com o maquinário.

Ainda de acordo com o levantamento feito nas fichas do registro de operários da Cia. Cometa do Meio da Serra, foram assinaladas 203 crianças nascidas no bairro operário. Referem-se a 115 meninos e 88 meninas, a maioria dos nascimentos foram entre 1900 e 1930, com destaque para a década de 1920, com maior número de natalidade registrado (79 nascimentos no total, 40 meninos e 39 meninas). Cabe ainda frisar que a Cia. Fiação e Tecidos Cometa do Meio da Serra contratou operários europeus, 18 no total, dos quais 12 operários eram homens e seis do sexo feminino. Da Itália vieram oito, de Portugal o mesmo quantitativo e dois trabalhadores da Inglaterra, como indicam os registros da Cometa do Meio da Serra.

Os operários na condição de analfabetos também foram averbados nas fichas da Cia. do Meio da Serra. Nas fichas, aparecem 54 no total, sendo 24 operários do sexo masculino e 30 do sexo feminino, representando a minoria da mão de obra utilizada na fábrica.

É importante registrar, embora não seja o foco de nossa pesquisa, que nessas indústrias têxteis da época, existiram sistema de *penalidades* e/ou de cunho mais progressista ou de *premiação*, conforme relatório da Cia. Cedro e Cachoeira (MG) de 1884, citados em Giroletti (2002). Tais mecanismos agiam manipulando o poder econômico e ideológico no interior e no ambiente externo à fábrica, relacionados ao exercício da disciplina no núcleo fabril. No caso da Cia. Cometa do Meio da Serra, encontramos nas observações das fichas de registros dos operários casos de punição

e em pesquisas a periódicos, igualmente, de ações dos superiores hierárquicos que atestam tais mecanismos.

Conforme o semanário *A noite ilustrada*, do dia 4 de maio de 1943, os diretores da Cometa mostraram preocupação permanente com a produção e com a situação econômica do trabalhador, “procurando ampará-lo, mercê de realizações de caráter social”, assim sendo, a diretoria da companhia distribuiu entre os seus funcionários e operários – do mais graduado ao mais humilde – 213 mil cruzeiros a título de “premiação” pelo empenho e dedicação demonstrados durante o ano findo, acontecimento reiterado por de Cusatis (1993).

Em conformidade com o artigo no jornal *Diário de Petrópolis* (SOUZA, A., 2011a) encontramos um relato sobre punição explícita, confirmada em entrevista com o Sr. C. R. G., um ex-operário da fábrica Cometa e da quarta geração de trabalhadores dessa empresa, nascido e criado na mesma casa da vila operária no Meio da Serra:

[...] Meu pai começou a trabalhar como carimbador de tecelagem com nove anos de idade e minha mãe com oito. E tem uma coisa: as crianças *apanhavam* dos chefes se fizessem alguma coisa errada. (SOUZA, A., 2011a, p. 9, grifo nosso).

Como visto, certamente, por desatenção à atividade exercida ou por descumprimento da ordem do seu superior imediato, fato atribuído ao mestre geral ou de seção, a punição do operário era exercida de acordo com as instruções emanadas dos diretores, em obediência ao regulamento interno da fábrica para reprimir pequenas infrações (GIROLETTI, 2002).

#### 4.6 A VILA OPERÁRIA E A VIDA COTIDIANA DE BAIRRO

A cidade e o bairro, como salienta Seabra (2003, encontram-se “em simbiose”, em processo de transformação continuada “como se fossem fios” (p. 4) em copiosas contiguidades. Assim, tais “[...] continuidades [são] expressas em leis, em regulamentos, em hábitos, crenças, valores..., que vêm de um outro tempo histórico [...]” (SEABRA, 2003, p. 4) e é como entendemos inicialmente a organização socioespacial do núcleo fabril no bairro Meio da Serra.

Constituído o núcleo fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa no Meio da Serra, inicia-se, dessa forma, o suporte fundamental para o processo de industrialização e urbanização, como também a vida de bairro-operário-fabril da Cia. Cometa nessa localidade. A ficha adiante (Figura 28), que foi encontrada na pesquisa, é o registro da operária-inquilina mais antiga da vila operária do Meio da Serra, datada em 2 de janeiro de 1897.

Figura 28 – Ficha da operária com admissão mais antiga da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, 1897

**REGISTRO DE OPERARIOS**

COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS "COMETA" — MEIO DA SERRA 237303

Nome Maria da Silva

Nascido em 25 de Dezembro de 1873 N.º de ordem

Logar do nascimento Meio da Serra - G. da Serra

Nacionalidade Brasileira Estado civil solteira

Filha de Benedicto Marques da Silva

e de Leocadia da Silva

Categoria ou ocupação habitual Doadora

Salario Empreitada

Fôrma de pagamento

Residencia Meio da Serra

Nome dos beneficiarios

Assinatura do empregado \_\_\_\_\_ Data 1/1

Admittido em 21/1/1897 Sakhido em -/-/-


Admittido em / / Sakhido em / /

Admittido em / / Sakhido em / /

Admittido em / / Sakhido em / /

N.º da carteira profissional 2689

Serie 265



9-1-1916

68516

Fonte: Arquivo do Sindicato das Indústrias Têxteis de Petrópolis

Cabe aqui um registro sobre a 'compra' da força de trabalho feminino (e infantil), conforme o estudo de Pena (1981),

Comprar a força de trabalho feminina (e infantil) para operar as primeiras unidades fabris no Brasil correspondia a única alternativa viável numa conjuntura na qual a economia enfrentava escassez de mão-de-obra; em outras palavras, as mulheres foram introduzidas na condição clássica de exército industrial de reserva. Mas como tal, marcaram sua presença na organização industrial que se desenvolveria definindo um patamar salarial

extremamente baixo, frequentemente aquém de qualquer cálculo do custo da reprodução da força de trabalho. (PENA, 1981, p. 123).

Dessa maneira, a vida cotidiana de boa parte das operárias deveria seguir com esforço adicional para manter um padrão da sobrevivência da família de forma a superar os custos de vida com estes baixos salários, assim a rotina duplica em serviços pessoais por parte das crianças ou das próprias mulheres.

Já sobre as residências operárias, pode ser estabelecido uma analogia com relação a industrialização e a existência das vilas operárias observadas na Inglaterra, como afirma Mesquita (2012), “[...] a organização do operariado em vilas anexas ao empreendimento industrial reflete uma tradição fabril própria da Inglaterra” (MESQUITA, 2012, p. 56). As vilas operárias e os problemas decorrentes dela também foram uma prática na arquitetura das plantas têxteis na cidade ‘imperial’, podemos apontar como destaque em Cascatinha, um bairro do segundo distrito, a vila operária da Cia. Petropolitana e, no primeiro distrito, o núcleo fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, com sua vila operária, assentada no bairro Meio da Serra, salientando que os dois núcleos fabris originaram e desenvolveram as suas localidades.

A vida cotidiana na centralidade do bairro em estudo, o Meio da Serra, considerado por seus moradores como pacato e isolado, começaria a ser definido como uma singularidade socioespacial somente a partir do final do século XIX derivado, principalmente pela presença dos operários e suas famílias, mas também dos mascates que apareciam sempre no dia do pagamento, do comércio itinerante, do movimento da feira livre, das festas populares e pelo futebol no campo do bairro, nos dias livres. Um lugar de partidas e chegadas, de encontro e desencontros, enfim, das práticas cotidianas, ganhando desse jeito características comuns que deram forma à vida de bairro.

Outra dificuldade relatada na vida cotidiana e comum no bairro foi a questão de ‘pegar a lenha’. Como não havia fogão a gás na época, os moradores tinham que ir pegar lenha na mata, era o caso da maioria ou comprá-la, e nesse caso, exclusivamente poucas famílias podiam se dar a esse luxo,

[...] era comum [pegar lenha], todo mundo pegava, porque não tinha gás, o fogão, era tudo fogão a lenha e a lenha era difícil porque todo mundo cozinhava com lenha, aí a lenha ficava longe buscar e tinha que buscar cada vez mais longe, porque não podia derrubar nada, só galhos secos [...] a fábrica não permitia desmatamento, tinha o *guarda-mato*. Tinha o *guarda-mato* da Fábrica de Pólvora, tinha o *guarda-mato* da Cometa. Eles *passava*,

fazia ronda pelo mato, [...] se escutasse um barulho de facão ou de machado ia lá. Só do chão é que podia pegar. Derrubar só com ordem da fábrica. [...] Tinha que ir lá [na direção da fábrica pedir] [...] nunca num lugar só para não criar desmatamento e beira de água não pode mesmo, do riacho, porque seca as nascentes né! Tinham mais noção do que hoje! [...] (Sr. C. R. G., março de 2018).

Após a leitura da citação anterior, foi ressuscitado aqui o primeiro ensaio escrito por Marx, em 1842, “*Debates acerca da Lei do Furto de Madeira*”. Nele, vemos que recolhimento da madeira morta na floresta era visto como crime e, conseqüentemente, punido com prisão naquela época (MARX, 2007).

No Meio da Serra, embora não fosse crime, este ato foi regulado e oficializado pela diretoria da Cia. Cometa por intermédio da função do ‘Operário Guarda-Matta’ (Figura 29), ou seja, o ato de recolher lenha caída e apanhada no chão da floresta para cozinhar e aquecer suas residências, um hábito rotineiro, uma tarefa comum aos membros da família operária, foi restringido após a fixação de uma propriedade privada.

Figura 29 – Ficha do operário na ocupação de guarda-matta, 1909

**REGISTRO DE OPERARIOS**

COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS "COMETA" — MEIO DA SERRA

1918  
1909  
84

237187

Nome Silverio da

Nascido em 14 de Junho de 1854 N.º de ordem 195

Logar do nascimento Petrópolis - P. Fria

Nacionalidade \_\_\_\_\_ Estado civil casado

Filho de João Pereira da

e de Margarida de da

Categoria ou ocupação habitual Guarda Matta

Salário 1014000

Fôrma de pagamento mensal

Residência Petrópolis

Assinatura do empregado \_\_\_\_\_

Nome dos beneficiários \_\_\_\_\_

Admittido em 15 | 6 | 1909 Sáhido em \_\_\_\_\_

Admittido em \_\_\_\_\_ Sáhido em \_\_\_\_\_

Admittido em \_\_\_\_\_ Sáhido em \_\_\_\_\_

Admittido em \_\_\_\_\_ Sáhido em \_\_\_\_\_

Falecido em

N.º da carteira profissional 41868

Serie 26<sup>a</sup>

1918

Fonte: Arquivo do Sindicato das Indústrias Têxteis de Petrópolis

Dessa forma, o ato de cozinhar pela operária-dona de casa não era tarefa simples:

[...] era no fogão a lenha, quem podia comprava [...] mas quem não podia comprar, [...] no final de semana botava a família toda *pra ir pro mato pra* cortar lenha e nos meses de inverno, tinha que fazer igual à formiga né” (Sra. B. F. C. Z., março de 2018, grifo nosso).

Como pode ser visto, o ato e a arte de cozinhar não era incumbência fácil para as operárias e donas de casa no Meio da Serra. Podemos imaginar que na cozinha rústica proletária é necessário avaliar a execução da tarefa, a ida ao mato para procurar a lenha seca, o gasto para não exceder o salário, o tempo para não atrasar quem vai para a labuta diária ou a escola. É fundamental saber avaliar num piscar de olhos o que será mais vantajoso no sentido do preço, da preparação e sabor (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996).

As relações cotidianas mais comuns que se realizavam entre as famílias dos operários da Cometa geraram um certo grau de sentimentos profundos e duradouros e de união no núcleo do bairro, um pertencimento provocado pelo vivido:

[...] era tudo como parente mesmo né! Um pai de família olhava o outro, ninguém fazia nada errado. [...] os adultos desempregados tomavam conta [das crianças] [...] minha mãe pagava Dona Natalícia, que eu fui criado na casa dela, [ela] tomava conta de cinco ou seis crianças, *pras mães poder trabalhar*, porque a creche [da Cometa] era até um ano de idade só, aí depois de um ano não podia ficar mais na creche da fábrica, aí tinha que arranjar alguém pra tomar conta [...], aí tinha várias que tomavam conta para as mães poder trabalhar. Ficava na casa dela, minha mãe levava meu lanche [...] se ela fosse pro mato pegar lenha, levava *as criança* junto, onde ia levava né! (Sr. C. R. G., março de 2018, grifo nosso).

A vila operária da Cometa do Meio da Serra, com mais de cem domicílios, foi implementada pela diretoria da fábrica ao longo do tempo de produção no bairro, com o objetivo evidente de garantir um conjunto de operários como mão de obra fixa, apta e sob controle, analogamente as vilas da Cia. América Fabril pesquisadas por von der Weid e Bastos, no ano de 1986.

Variados testemunhos diziam que para ter direito a uma dessas casas na vila operária, no núcleo do bairro, o operário(a) pleiteava habitação ao superior hierárquico, geralmente um gerente, e através de requerimento, por sua vez, davam



conhecimento aos diretores da companhia a demanda da solicitação, a partir daí o operário aguardava a vez.

Os operários solteiros e as operárias solteiras ficavam numa vila de casas para este fim. Era um correr de casas, próximo à escola da fábrica e, na época, “falavam ‘os quartinhos’, eram quartos pequenos, com espaço para uma cama com banheiro comunitário” (Sr. C. R. G., março de 2018).

O acesso imediato a uma das casas na vila operária do Meio da Serra, não era coisa tão fácil assim,

[...] era difícil, era muito difícil! O pessoal vinha trabalhar na fábrica, minha bisavó, ela sempre acolhia lá, na casa dela – fica aqui até arranjar uma casa – ela agregava as pessoas até sair uma casa [...] [se fosse demitida] tinha que entregar o imóvel num prazo de um mês, já tinha um outro operário na espera [...] e cada vila de casa tinha um preço de um aluguel pelo tamanho da casa e vinha descontado na folha de pagamento (Sr. C. R. G., março de 2018).

O mesmo ocorria em outras vilas operárias da época como relatam von der Weid e Bastos (1986), sobre as moradias da Cia. América Fabril, o operariado devia

[...] apresentar certificado de vacina e se submeter ao regulamento interno, que compreendia uma série de exigências relativas ao comportamento dos moradores e à higiene e conservação das casas, sob pena de perda do direito à moradia. Cada morador era responsável pelos danos causados no prédio, e as despesas com os reparos seriam descontadas do seu salário. Só era possível residir nas casas da Cia. pessoas que trabalhassem [na respectiva fábrica], não se permitindo a sublocação de quartos ou partes da casa sem prévio conhecimento do chefe da Seção do Operariado e do gerente. (VON DER WEID; BASTOS, 1986, p. 168).

Vemos que von der Weid e Bastos (1986) narraram com suas palavras acontecimentos que provavelmente foram gerados de entrevistas. Por outro lado, é interessante ler a viva observação. Logo, é lícito imaginar que com esses adventos, a formação do núcleo fabril e a disponibilidade de moradias para os operários, impõem uma inflexão na história de formação e reprodução capitalista no Meio da Serra e adensa a vida cotidiana de bairro.

Quem eram esses primeiros moradores da vila operária? De onde migraram? O que se sabe, a partir do levantamento inédito das fichas do registro de operários da Cia. Fiação e Tecidos Cometa é que eram constituídos por um grupo de operários locais e de migrantes que vieram de vários estados brasileiros,

principalmente do Estado do Rio de Janeiro e seguido do Estado de Minas Gerais, da mesma forma foram identificados alguns operários(as) do exterior, e no decorrer do tempo, os próprios indivíduos nascidos no bairro. Cabe, aqui, uma nota de singelo reconhecimento aos migrantes do Estado de Minas Gerais. Para isto, vamos fazer uso das palavras de Ambrozio (2005), escritas em seu ensaio “*Geografia Petropolitana*”:

[...] é verdade que os migrantes geraram a cidade, mas o laço com Minas foi sempre mais antigo. Toda a vida, o mineiro cruzou esta terra. Com o fim do ouro, e, mais, a fundação de Petrópolis, simplesmente aumentou seu deslocamento. É exatamente devido a esse trânsito remoto que nunca se deu importância à migração mineira; fala-se de alemães, italianos, mas desse sujeito, vindo de Minas, que marca a fundo o cotidiano da cidade, nenhuma nota. Qual a cozinha petropolitana não conhece o angu? Qual a mulher da cidade que não tem as curvas da mineiridade? O grande colono não foi o europeu, ele inscreveu um período importante, sem dúvida, mas quem, invisível, verdadeiramente se espalhou pela região, foram os mineiros. (AMBROZIO, 2005, p. 24).

No levantamento das fichas dos registros de operários da Cometa do Meio da Serra, esta realidade tomou formas concreta e expressiva, foram registrados 259 operários e 173 operárias, totalizando 432 migrantes mineiros, boa parte de menores de idade que trabalharam na fábrica. Em continuidade, chamou nossa atenção da Região Nordeste, Sergipe, de onde migraram 27 homens e 35 mulheres, Alagoas com 54 homens e quatro mulheres e o Espírito Santo, com 42 homens e oito mulheres, respectivamente.

Cabe destacar que, segundo von der Weid e Bastos (1986) era bastante comum o “[...] intercâmbio de emprego entre as fábricas da região [...]” (p. 165) fato este constatado pelas pesquisas nas fichas de registros dos trabalhadores da Cia. Cometa, onde boa parte dos operários ou operárias vinham do entorno imediato; Pau Grande e Santo Aleixo, onde já existiam fábricas têxteis na mesma época, ambas em Magé.

A partir de testemunhos dos antigos operários da fábrica Cometa e no tempo presente ainda moradores do Meio da Serra, constatamos como foram os primeiros momentos cotidianos e a vida de bairro. Na vida operária cotidiana, todos se conheciam e o modo de vida tradicional foi descrito como sendo demasiadamente tranquilo, as famílias operárias se articulavam bem entre eles. Alguns grupos familiares eram e ainda são, de certa forma, vinculados a história do núcleo histórico do bairro como pais e mães, tios e tias, todos nascidos na vila operária ocupando

variadas funções no chão da fábrica, cada membro tinha uma função específica no coração da família operária.

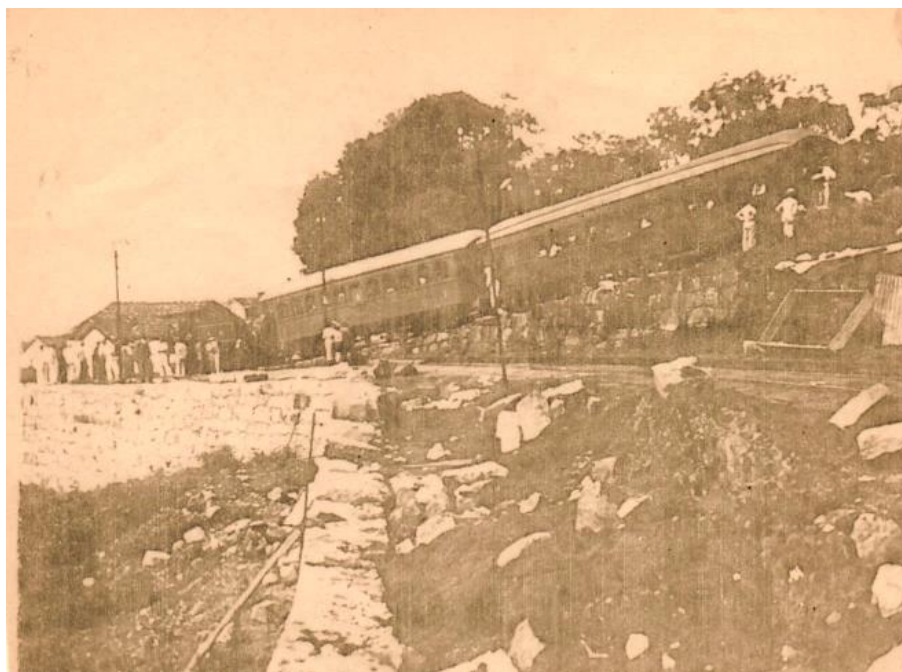
No tempo de criança, que se esclareça, antes dos dez anos de idade, o ritmo de vida no bairro era determinado por *estudo* e muitas brincadeiras. Na Escola Cometa as crianças estudavam na parte da manhã, após as aulas, o almoço e após um descanso breve, muitos meninos iam para o campo do Esporte Clube Cometa pôr em prática a arte do futebol, jogavam bola a tarde quase toda.

Outras brincadeiras eram cotidianas na vida da criançada da vila operária: brincar de corrida e bandeirinha na rua, ‘pegar’ passarinho, tomar banho no rio Cayoaba – nesse caso somente acompanhados por um adulto – andar de bicicleta, embora nem todas as crianças possuíam este cobiçado brinquedo, mas que havia uma socialização do bem em uso para dar uma ‘voltinha’. Rodar pião, coisa que boa parte da molecada de hoje nem sabe o que é. E ‘soltar’ pipa, uma diversão muito disputada entre os meninos.

No bairro, um momento especial eram as festas do final de ano, o Natal e o Ano Novo. Segundo os relatos, a confraternização era coisa comum, quase todos entravam nas casas uns dos outros para celebrar essas datas com uma caneca de vinho tinto, comer uma coisa aqui e outra ali, iam assim, solidificando a vida de bairro, naquele hábito cotidiano que Seabra (2003) enxergou muito bem, fortalecendo durante um largo tempo, as relações familiares ligadas à vizinhança, ao parentesco e ao compadrio.

A passagem do trem, um hábito comum no Meio da Serra. Era corriqueiro um encontro compartilhado no cotidiano dos moradores do bairro. Quem não estava na labuta diária no chão da fábrica, corria em direção a estação ferroviária para ver o trem que subia ou descia a Serra da Estrela, permanecendo por algum tempo na estação, como pode ser observado na Figura 30.

Figura 30 – Estação Ferroviária Meio da Serra, por volta de 1930



Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Divisão de Documentação Histórica

A relação cotidiana do trem com o bairro criou uma diversão à parte, era uma “festa”.

todo mundo ficava na beira da linha esperando o trem pra ver quem chegava, pra ver quem pegava o trem, pra dar tchau para as pessoas que estavam dentro [...], ele passava de vagarinho [...] era muito bonito, muito bom, uma festa o horário do trem [...] era um tipo de diversão... ele apitava, era um evento, uma festa e fazia um barulho (Sra. B. F. C. Z., 2018).<sup>66</sup>

No núcleo fabril do Meio da Serra, após a implantação da estrada de ferro passando pelo bairro na segunda metade do século XIX, o movimento cresceu muito e o ir-e-vir tornou-se uma *diversão* única para os moradores e, principalmente, para as crianças do bairro.

Sobre a implantação dos *caminhos de ferro*, a localização de fábricas lindeiras à ferrovia estava em concordância com “a lógica do uso do espaço identificada desde a primeira fase da industrialização. Em todo mundo, as articulações entre unidades fabris, ferrovias e portos formavam as estruturas materiais

<sup>66</sup> Depoimento da Sra. B. F. C. Z., (72 anos) nascida e criada no bairro em 18 de novembro de 1942, filha de trabalhador da Cia. Cometa, foi admitida em 20/03/1963 como professora na escola da fábrica e, posteriormente, após a estatização do ensino, foi transferida para a loja de varejo da Cometa no Alto da Serra, em 1 de abril de 1966.

fundamentais dos processos em curso” (SEABRA, 2003, p. 163). No caso da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, esse sistema serviu tanto para o recebimento das matérias-primas como para escoar os produtos acabados em direção ao porto de Mauá e em seguida ao porto do Rio de Janeiro, na metrópole carioca, perdurando até o advento do “rodoviarismo, como política de Estado” (SEABRA, 2003, p. 163).

Castro (1980) chama-nos a atenção e observa que as estradas de ferro foram utilizadas “exclusivamente para ligar os centros de produção com os portos de embarque” (p. 284) dos produtos acabados, assim como, já dito acima, para receber as matérias-primas e menos como meio de transporte para as pessoas. Continua esse autor considerando que “[...] por trás dessa estrutura com aparência de progresso – progresso de fachada – permaneceram [...] o atraso, a ignorância, o pauperismo e a fome” (p. 284), tudo isso a serviço da burguesia industrial, a essência do nosso desenvolvimento.

A questão da fome, conforme Castro (1980) ressalta, era comum em grandes centros urbanos e evidentemente, nas classes mais pobres. Em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro foi constatado pelos pediatras o aumento progressivo da incidência extremamente alta dos edemas da fome, das distrofias malignas entre as crianças socorridas nos hospitais públicos, nos bairros operários e nos subúrbios devido ao surto industrializante e da crescente aglomeração do proletário no meio urbano brasileiro, tornando-se uma “zona de subnutrição crônica” (CASTRO, 1980, p. 278).

Confrontando a vida cotidiana no núcleo fabril do Meio da Serra com a experiência narrada por Engels (1975) no Reino Unido, a classe trabalhadora do bairro foi também marcada, de forma similar ao passado britânico, por períodos de carência alimentar, desemprego e crises, privando-os desse “pequeno mínimo vital” na vida cotidiana, é o que confirma o Sr. C. R. G.:

[...] aquele restante da compra, que sobrou do mês passado, ela distribuía com os vizinhos com o poder aquisitivo, financeiro menor, ela dava [...]. Minha avó ajudava os menos favorecidos. Quando ela fazia macarronada aqui, que ela era de família de italiano, [...], ela botava um prato de macarronada na janela de cada vizinho (Sr. C. R. G, 2018).

Ou ainda, como Dona P. F.<sup>67</sup> (2006) experienciou

---

<sup>67</sup> Entrevista concedida em 22 de julho de 2006 ao Professor e Historiador Norton Ribeiro.

[...] 'todo mundo' sem dinheiro... nós, lamentavelmente, tivemos vários amigos que os filhos, as crianças morreram de fome por inanição... isso em... 1964, mais ou menos... 'dá pra' ficar doido né?' conhecidos da gente, pessoas que trabalharam com a gente 30, 40 anos dentro de uma empresa e a gente ver os filhos 'morrer' de fome?

#### Outro relato que concedeu Dona P. F. (2006) como prova

[as mulheres] *tinha* força de luta muito grande por que a gente... *tava* vendo 'nossos filhos passar fome...' [sobre as doações] 'aí, vinha gente de outros lugares, e que iam, levavam caminhões' traziam 'pro' sindicato, traziam também 'pras' igrejas... só que na igreja católica, mas eles só davam se a pessoa tomassem comunhão e confessasse, aí o padre dava mil *conselho* para a pessoa não se misturar... o pessoal de Pau Grande *soube* disso e vieram na minha casa.

Sobre o caráter público dos trabalhadores ingleses, conclui Engels, “[...] o operário é muito mais humano do que o burguês” (1975, p. 175) e como visto nas citações acima, esta particularidade, ainda bem, não se manifestou somente na Inglaterra. E ainda sobre a condição humana, Engels disse que, “[...] É a classe trabalhadora que suporta todos os males possíveis e imagináveis” (p. 1975, p. 175) em referência as graves condições humanas, ambientais e estruturais da classe assalariada nos bairros operários da Grã-Bretanha, especialmente na Inglaterra, do século XIX, mas não somente na Europa, o modelo inglês foi reproduzido em muitos casos.

Na sua vivência de pesquisa na Inglaterra, Engels (1975) afirma que:

[...] existe outro grupo de doenças cuja causa *directa* é mais a alimentação dos trabalhadores do que propriamente o seu alojamento. A alimentação das classes trabalhadoras, já indigesta para os adultos, é totalmente imprópria para as crianças. [...] o trabalhador não tem nem tempo nem meios de procurar uma alimentação mais conveniente para os seus filhos. [...] consequência desta insuficiência alimentar durante os anos de formação e crescimento é o raquitismo, muito frequente entre os filhos da classe trabalhadora. [...] É já inútil dizer a que ponto tais males se encontram agravados pelas vicissitudes a que as flutuações do comércio, o desemprego e os escassos salários dos períodos de crise expõem os trabalhadores. [...] privação [...] que todos os trabalhadores sofrem pelo menos uma vez na vida [...] (ENGELS, 1975, p. 145–146).

Constatamos que, muitas vezes, os salários da Cia. Cometa do Meio da Serra atrasavam e a diretoria da fábrica autorizava os operários a se dirigirem à loja de varejo (Figura 31), que ficava no Alto da Serra, sempre ou no período dos anos

finais da fábrica, para retirarem tecidos (panos, como se dizia) ou na cooperativa do bairro para pegarem outros objetos no valor do salário para vender,

Figura 31 – Loja de Varejo da Fábrica Cometa, na rua Teresa, Alto da Serra, 1978



Nota: Esta belíssima construção foi demolida em 1979. Fotografia de Alfredo Hutz  
 Fonte: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Divisão de Documentação Histórica. Acesso: 24 março de 2018

[...] as pessoas iam pegar o tecido ali, porque as vezes não tinham o pagamento... pegavam pra vender, quando atrasava o pagamento, eles vendiam por conta dele, pelo valor que ele queria dar o tecido, era bastante frequente isso! [...] (Sra. B. F. C. Z., março de 2018).

Em momentos de crises, com desemprego, muitas famílias passavam por dificuldades:

[...] [no bairro Meio da Serra] nós ficamos, desde que fechou a fábrica aqui, ela sempre operou em crise, tinha que trabalhar três meses para receber o pagamento, todo mês [...], recebia um vale, vamos supor, hoje, [o salário era de] novecentos reais, aí [...] ganhava cinquenta reais no final da semana, aqueles vales, isso foi por muitos anos... [para atravessar esta fase] pegava pano na cooperativa lá, vendia também, vendia até sapato, passo-double... (Sr. C. R. G., 2018).

Nessas condições de falta ou atraso demasiado do salário, era quase impossível um trabalhador, de qualquer lugar, mas precisamente da Cia. Fiação e Tecidos Cometa do Meio da Serra, se manter e manter a sua família em boas condições de saúde, as necessidades eram muitas e certamente isso explicava, em parte, “a saúde débil de boa parte dos operários” (ENGELS, 1975, p. 147) tanto aqui, como na comparação com as mesmas condições em que viviam a classe operária na Inglaterra revelada por Engels.

Engels apontou, em sua pesquisa, outra causa como responsável pela debilidade operária, o alcoolismo, disse que “para eles [os operários], a aguardente é quase a única fonte de alegria” (ENGELS, 1975, p. 147). No bairro Meio da Serra, de forma similar, é possível imaginar que o operário extenuado pelo trabalho no chão da fábrica, sem receber o seu salário, em número expressivo, chegava em sua habitação esgotado, encontrava uma pequena casa sem o mínimo de conforto e pouco acolhedora, assim, não restava outra necessidade “imperiosa” de distrair-se e fazer valer as péssimas condições de seu trabalho e ainda ter que enfrentar a insuportável “[...] perspectiva do amargo amanhã [...]” (ENGELS, 1975, p. 147), eles acabavam fazendo uso do álcool, de forma semelhante, tanto na Europa narrada por Engels, quanto aqui na vila operária da Cometa do Meio da Serra.

Sobre a relação de alguns operários com o álcool na Cia. Fiação e Tecidos Cometa do Meio da Serra, foi relatado pelo Sr C. R. G. que

[...] quase todo mundo [era] normal tomar uma pingazinha né! Tinha até alguns que exageravam um pouco, tinha alcoolismo até de cair, meu avô mesmo era um que às vezes vinha bêbado da coisa [fábrica], caiu uma vez aqui em frente de casa, o meu outro avô, que morava aqui [no bairro], foi lá socorreu, arranjou um pacote, botou as compras dele dentro... meu avô morreu moço, com trinta e poucos anos... não tinha quarenta anos [...] (Sr. C. R. G., 2018).

Outras vezes, escreve Engels (1975), por se sentir “deprimido, mal disposto” (p. 147) o operário acabava fazendo uso indiscriminado de medicamentos, convertia-se em um ser humano sorumbático, impossibilitado; em caso de alguma afecção, não conseguia recorrer ao auxílio de um bom médico, devido ao elevado valor cobrado pela consulta, o operário não conseguia solucionar os problemas de ingestão de bebidas alcoólicas, somado ao trabalho excessivo e mal remunerado e



uso de medicamentos, com essas condições reunidas em muitos casos levavam o operariado envelhecer muito cedo e morrer muito novo, como alegou Engels (1975).

Dessa maneira, concordamos com Engels (1975), quando ele diz que a responsabilidade pelas condições nocivas do operariado “cabe àqueles que fizeram do trabalhador um simples objeto” (p. 148), a burguesia industrial, egocêntrica e destituída de escrúpulos. Em suma, a burguesia, afirma Engels (1975), referindo-se aos operários ingleses, só lhe deixou dois prazeres “o consumo sem freio de bebidas espirituosas e o desregramento sexual” (p. 180), vício de numerosos trabalhadores. A esse respeito, no caso do Meio da Serra, ao contrário de Londres, com mulheres enchendo as ruas todas as noites, não havia prostituição no bairro, só existia um bar (do ‘Seu’ Modesto) que reunia os operários para beber pinga e cerveja, com sinuca e espaço para jogar *bocha*.

Não era somente da exploração, do domínio, da punição e da premiação que se vivia o dia a dia e o mundo do trabalho na Fábrica Cometa do Meio da Serra. No isolamento da vida cotidiana no núcleo fabril do Meio da Serra, os diretores da Cometa, nos tempos áureos, ou melhor, da maior exploração do trabalho vivo, fomentavam em janeiro a procissão de São Sebastião do Meio da Serra que percorria as ruas do bairro chegando até a porta principal da fábrica (Figura 32). De certa maneira, esta prática gerou pertencimento e enraizamento em boa parte dos operários, mesmo não sendo todos devotos do catolicismo.

Figura 32 – Procissão de São Sebastião do Meio da Serra



Nota: Em todo dia 20 de janeiro, desde a inauguração da igreja em 1929, o dia de São Sebastião é comemorado anualmente. Data provável: 1950.

Fonte: Acervo pessoal da família Gastaldo

Para esses eventos, chama-nos a atenção Seabra (2003) afirmando que “as separações dos momentos e das circunstâncias da vida” (p. 264) são sempre recombinações “nas formas de emprego do tempo” (p. 264) correlato às mudanças “nas formas de uso do espaço” (SEABRA, 2003, p. 264).

Assim, em todo dia vinte de janeiro, desde a inauguração da igreja (1929) na rua do principal do núcleo fabril, o Dia de São Sebastião foi (e é) comemorado anualmente. No tempo inicial do núcleo urbano histórico no Meio da Serra como bairro fabril, esta comemoração integrava as práticas cotidianas ritualizado pelas atividades da igreja. Portanto, os moradores-operários juntavam-se para a festa.

[...] era uma festa do padroeiro, muito frequentada, muita gente de fora, e o povo aqui não tinha essa divisão de religião, era mais católicos, e mesmo porque o dono da fábrica o Dr Alceu de Amoroso Lima, ele era um pensador católico. [...] São Sebastião aqui na redondeza era o único na época, então as pessoas vinham. Tinha a procissão que percorria todo o bairro. O percurso era saindo da igreja ia até o campo, voltava, ia na fábrica e voltava para a igreja. Tinha a quermesse, barraquinhas com quitutes de festas, brincadeiras de criança, queima de fogos e hoje em dia a gente nem conhece mais [...] eu não peguei. Mais era aquele tipo, meu avô fazia os fogos, fazia em casa. As pessoas contam que [...] ele fazia um quadro que a medida que ia queimando ia desenrolando e aparecia a imagem [do santo em questão][...] era um efeito pirotécnico. Concentrava mais de cem pessoas, era o bairro todo porque não

tinha outra religião e as pessoas que praticavam outra religião, por exemplo, os espíritas ou umbandistas, se tinha, eles nunca falavam, [diziam] sou católico, sou católico! Então no dia de festa não tinha outra coisa, ficavam ali na festa mesmo (Depoimento da Sra. B. F. C. Z., 2018).

A procissão, com a imagem de São Sebastião no andor, iniciava-se com uma missa reunindo os moradores do bairro, unia-se “o alegre ao triste, o sadio ao doente, o puro ao pecador, as autoridades ao povo” (DAMATTA, 1997, p. 65), os católicos aos não-católicos, todos na rua, como em qualquer outra festa da igreja católica o santo homenageado recebia suas orações e suas odes e terminava numa quermesse no adro da igreja. Seguindo este ritual litúrgico nas ruas do bairro, a igreja católica celebrava, e ainda celebra, esta data homenageando à figura de um dos santos mais reverenciados e icônicos do Cristianismo reunindo devotos em procissão e romaria pela principal rua do bairro, como podemos ver na figura a anterior.

A respeito das procissões em bairros, Seabra (2003) expõe que

[...] eram as procissões momentos importantes de reunião; nelas, melhor do que em outras circunstâncias da vida de bairro, por longo período, ocorrera o desfile de uns para os outros, de exposição de arte, de poder e de prestígio. Daquilo que eram capazes de expor os moradores. Nos trajes bem cuidados para a ocasião, nos andores em louvor aos santos de devoção, nos ornamentos expostos nas janelas por onde a procissão passava, realizavam-se ainda solenemente, com profundo alcance popular, esses preceitos da Contra-Reforma. Contudo, como se verá, a vida de bairro não era absolutamente sagrada. Era o sagrado que se fazia solene pelos eventos de cunho religioso inscritos num calendário anual. (SEABRA, 2003, p. 240).

No Meio da Serra a vida de bairro era muito dinâmica culturalmente no passado, fato é que, o carnaval festejado com os dois blocos de rua do bairro que eram “rivais”, o “da Baiana” e o “Verde e Amarelo”, era um evento de rua animado, agrupava os operários nesses momentos, além dos bailes de matinê para as crianças nos três dias de folia.

[...] os blocos [...] eram diferentes, a gente percebia assim, um era mais elitizado, o verde e amarelo por ter uma função melhor na fábrica [tecelões e mestres]. Era um pouco dividido, porque tinha essas funções na baiana também, não era tão dividido assim. Tinha aqueles que se diziam mais..., não é que eram melhores não [...] mais orgulhosos [...] que não eram melhores do que os outros, nem na função, mas eram orgulhosos. A baiana era mais o povão, o pessoal do chão da fábrica (Sra. B. F. C. Z., 2018).

Na época de carnaval, esta festa, com sua ordem e formalidades, contava apenas com a participação dos operários da fábrica.

[...] O próprio povo do bairro reunia, meu pai, por exemplo era diretor do Bloca da Baiana, então, quando chegava a época de carnaval ficava trancado dentro de um quarto fazendo as fantasias, aquelas coisas[...] o enredo era de acordo com as músicas que saía de carnaval... teve um ano que saiu uma música da cegonha - '*ai, ai, ai dona cegonha, saiu risonha pra trabalhar*' ... - [...] uma época que já *tavam* [...] não deixando ter muitos filhos né, convencendo as pessoas não ter muitos filhos, então a cegonha quase não tinha trabalho né, porque ninguém queria ter muito filho, não tinha influência do Rio de Janeiro, nós vivíamos isolados, rádio era pouco, ouvia algumas músicas no rádio... (Sr. C. R. G., 2018).

Os operários, o povo, que confeccionavam as fantasias, desenvolviam o enredo, afinavam e cuidavam da manutenção dos instrumentos utilizados. Nessa época, quase todos eram parentes, amigos ou vizinhos de décadas, dessa forma, mantinham-se e fortaleciam-se, os laços de vizinhança, parentesco, compadrio e amizade, como requer a vida de bairro de fato.

Na observação de DaMatta (1997) o carnaval é uma folia com caráter aglutinador de pessoas, sendo um acontecimento previsto com uma roupagem apropriada, a fantasia. Conforme DaMatta (1997) as fantasias no carnaval

[...] criam um campo social de encontro, de mediação e de polissemia social, pois, não obstante as indiferenças e incompatibilidades desses papéis representados graficamente pelas vestes, todos estão aqui para 'brincar'. E *brincar* significa literalmente 'colocar brincos', isto é, unir-se, suspender as fronteiras que individualizam compartimentalizam grupos, categorias e pessoas. [...] forma-se então o que pode ser chamado de um campo social aberto, situado fora da hierarquia. (DAMATTA, 1997, p. 62–63).

No caso dos operários da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, certamente esse evento, no passado, com uso de fantasias carnavalescas (Figura 33), fazia com que os operários escapassem das suas rotinas de vida do chão da fábrica para, no final de tudo, mergulharem novamente no mundo da vida cotidiana.

Figura 33 – Carnaval no bairro Meio da Serra



Nota: Na fotografia, 'desfile' do Bloco Carnavalesco Verde e Amarelo do Meio da Serra. Ao fundo, a Cia. Fiação e Tecidos Cometa – Meio da Serra. Data provável: 1950.

Fonte: Acervo pessoal da família Echternacht Fernandes

Outro espetáculo à temática vida cotidiana de bairro que nos interessa, que era organizado também somente pelos funcionários da Cia. Fiação e Tecidos Cometa do Meio da Serra, que animava os domingos no bairro e que produzia intensos laços de identificação e socialização foi o futebol com o time da fábrica. O Esporte Clube Cometa (ECC) (Figura 34), um clube majoritariamente de operários da fábrica reunia, como numa festa popular, muitos moradores do bairro Meio da Serra e gente de fora. Por muitos anos consecutivos, suas partidas foram disputadas em campo próprio no Núcleo Fabril. Assim, nas palavras de Seabra, o futebol de bairro foi “tratado como algo mais comum e cotidiano [e se] opôs o negócio ao lúdico, ao ócio” (SEABRA, 2003, p. 310).



Figura 34 – O Esporte Clube Cometa do Meio da Serra (data provável 1950).



Fonte: Acervo pessoal da família Echternacht Fernandes

Vale registrar de forma correlata que o *Bangu*, no Rio de Janeiro, talvez tenha sido na história dos times de fábrica o mais emblemático entre eles. Mantido pela Cia. Progresso Industrial (Fábrica Bangu) foi fundado pelos seus funcionários em 1904 com o nome *The Bangu Athletic Club* e está em atividade até os dias atuais (ANTUNES, 1994).

Em conformidade com Seabra (2003), o futebol,

[Como] uma febre, foi invadindo todas as ruas, quintais, portas de fábricas, terrenos baldios e o que mais houvesse. As práticas lúdicas do futebol integravam com muita força as novas sociabilidades que a sociedade industrial punha em marcha. Formaram-se times em profusão e os times de bairro defrontavam-se com os times de fábrica, com times de escola, com times de rua, com times de paróquia, com times de vila, com times de cidades. A rua de cima disputava com a rua de baixo e dentro de inúmeras fábricas havia disputas com festivais entre as seções de trabalho. (SEABRA, 2003, p. 312).

Foi o caso do ECC, todo domingo o seu *estádio* lotava de gente, as partidas animadas eram disputadas nas categorias infantil, juvenil e adulto (primeiro e segundo times) e em conversa descontraída com o Sr. C. R. G., ele dispara: “toda fábrica em Petrópolis tinha time de futebol” e o “nosso time era muito bom!”.

Provavelmente, em ambos os casos, ou seja, o carnaval e o futebol de fábrica, eram oportunidades para o extravasamento das condições de repressão e opressão a que era submetido o trabalhador desse e de outros núcleos fabris na época, onde eram deixados de lado o seu ‘uniforme’ de operário para o uso das vestes apropriadas – as fantasias carnavalescas ou a camisa do time – nesse cenário, era uma representação das personagens periféricas do mundo socioeconômico brasileiro, dos atores sociais em cena, que delineavam a história dos diversos bairros operários brasileiros.

Em continuidade, é importante destacar que, na época de implantação das primeiras plantas têxteis no Brasil, como já visto, o trabalho infantil era um rito comum, assim como a construção de escolas no Núcleo Fabril com objetivo de produzir e reproduzir a sua força de trabalho (AGUIAR, 1994). Sobre essa temática, da condição moral e cultural dos trabalhadores na Inglaterra, Engels (1975) afirmou que

[...] se a burguesia só lhe deixa da vida o estritamente necessário, não nos devemos espantar com o *facto* de só lhes conceder a cultura que o seu próprio interesse exige; e não é muita. Comparados aos montantes populacionais, os meios de instrução são incrivelmente reduzidos. Os raros cursos que funcionam durante a semana e que estão à disposição da classe trabalhadora só podem ser frequentados por um número mínimo e além disso nada valem. (ENGELS, 1975, pp. 156-157).

De forma análoga à burguesia industrial inglesa, está de acordo com a sistematização da política assistencialista implementada pela diretoria da fábrica, a escola foi construída e mantida pela Cia. Cometa, oferecendo o ensino para o que lhes convinha, ou seja, a *educação* necessária para atuar dentro da fábrica. No Meio da Serra, essa instituição inicialmente chamava-se Escola Cometa e visava a alfabetização dos filhos (as) dos operários, oferecendo instrução somente até a terceira série do ensino fundamental, quer dizer, muito pouco.

Concordamos com Engels (1975), quando ele afirma que o conhecimento oferecido nas escolas de fábricas “[...] não poderia ser de outro modo, pois a burguesia tem pouco a esperar mas muito a temer da formação intelectual do operário”

(p. 157), reina, portanto, a ignorância no seio da classe trabalhadora, que é o objetivo final da burguesia industrial.

Na escola da Cometa do Meio da Serra não foi nada diferente, o estudo não valia de nada, dá-nos prova disso, este relato:

[...] a escola [...] [era] paga por Pedro Amado. A fábrica é que pagava as professoras lá. [...] Anteriormente era onde é o clube, no tempo da minha mãe, 1930 e pouco. O professor Borges que era de minha mãe, ela estudava antes de ir pra fábrica, com nove ou dez anos já ia pra fábrica, estudava pouco né! Aí o professor Borges vinha, dava aula para as crianças. E depois iam pra fábrica, não tinha como estudar mais né! E tem que dar graças a Deus porque o governo nunca se interessou e a fábrica se interessava em educar as crianças né! Ia até a terceira série. O que eu aprendi até hoje foi ler... agora, depois a gente desenvolve, que a gente vai lendo... quando eu estudei era no local atual escola Cometa depois passou pra grupo escolar Pedro Amado, aí foi entregue ao Estado. No meu tempo a Cometa pagava duas professoras D. Elvira e D. Elza e, D. Dulce de Matos recebia da prefeitura de Magé. Estudei a cartilha, as letras, depois um pouco de número, de Geografia e de História do Brasil. Não tinha hora de merenda, não tinha água. Comia [a merenda] [que] levava dentro da pasta, comia lá dentro da sala mesmo quando dava vontade. Estudava das sete as onze. Eu não trabalhava, no meu tempo só depois de quatorze anos [...] já tinha a lei do menor (Sr. C. R. G., 2018).

Como frisam von der Weid e Bastos (1986) , desse jeito, a escola Cometa encerrou o mesmo papel de outros núcleos de fábricas têxteis na formação e controle da disciplina dos meninos e meninas, filhos dos operários, foi um espaço de formação que a burguesia industrial ‘propiciava’ aos educandos a doutrina imprescindível para desempenhar uma função no chão da fábrica ou aos “ensinamentos indispensáveis às exigências comuns da vida” (p. 179), embora não oferecesse aos discentes o ensino técnico ou profissionalizante.

No já citado relatório da diretoria apresentado aos acionistas em fevereiro de 1926, consta também que a escola do Meio da Serra contava com 120 alunos matriculados para os  *cursos* nos períodos diurno e noturno, mas não se sabe ao certo quantos alunos frequentavam a sala de  *aula*.

Concordamos mais uma vez com Engels quando ele observa que frequentar o ensino noturno, “na realidade, seria [...] pedir [demais] a esses pequenos operários que se esgotaram durante 12 horas que vão depois à escola das 8 às 10 da noite” (ENGELS, 1975, p. 157).



Por fim, foi somente na década de 1960, antes da extinção da Cia. Cometa, que a escola passou a fazer parte da rede estadual de ensino, sendo rebatizada com o nome de Grupo Escolar Pedro Amado, como tributo a um dos diretores da Cometa.

#### **4.6.1 O movimento operário em Petrópolis e alguns de seus vestígios no bairro Meio da Serra**

O movimento operário brasileiro, desde a sua gênese, está subordinado ao período histórico do passado, ao estágio de desenvolvimento das forças produtivas capitalistas e com as formas institucionalizadas e ideológicas atinentes à época. Desse modo, o desenvolvimento socioeconômico brasileiro, na segunda metade do século XIX, nasce tardio e dependente da evolução do sistema capitalista dominante que, por sua vez, ligou-se à gênese do movimento operário fabril brasileiro, ambos reprodução, em boa parte, do seu congênere europeu.

Queremos deixar claro que o nosso intuito nessa subseção não é o de aprofundar a discussão acerca desse tema complexo, que envolve pujanças econômicas, jurídicas, políticas, religiosas e ideológicas. Intencionamos aqui relatar, rapidamente, poucos vestígios do movimento operário em Petrópolis intrinsecamente ligados ao bairro Meio da Serra, sobre os quais tivemos acesso.

É importante evidenciar que Petrópolis, para além da imagem produzida na história, como cidade da elite imperial e de veraneio, foi também um intenso aglomerado predominantemente monoindustrial têxtil, com uma massa operária de proporções consideráveis, atividade que entrou “pela porta dos fundos no interior do projeto concebido pelo Segundo Império e continuado pela República” (AMBROZIO, 2013, p. 264), possibilitando o surgimento de bairros que nasceram nucleados à fábrica e não à igreja. Essa massa operária a partir da sua formação, principalmente no decorrer da década de 1890, foi reflexo da multiplicidade ideológica e organizacional do velho continente. Houve influência qualitativa na organização sindical e partidária no âmago do movimento operário brasileiro a partir da imigração. Os assalariados urbanos que aqui chegaram trouxeram na sua bagagem a “experiência de luta e de organização, de pensamento e reivindicação” (CARONE, 1984, p. 5), de fato um modelo de fora. Apesar disso, o proletariado nacional assumiu

um caráter particular em seu “grau e ritmo de desenvolvimento” reflexo condicionado “do subdesenvolvimento da nossa sociedade” (CARONE, 1984, p. 6) e dos padrões de desenvolvimento econômico regional.

É desnecessário dizer que foi no eixo Rio de Janeiro – São Paulo que se concentrou a maior parte do proletariado e foi nesses Estados que se deu os maiores feitos históricos das lutas de classes. Não há imagem mais reveladora desse momento de aglutinação de operários como a da fotografia a seguir: a massa de trabalhadores das indústrias têxteis reunida em frente ao sindicato, no centro da cidade *imperial* (Figura 35).

Figura 35 – Massa Operária em frente ao Sindicato dos Trabalhadores Têxteis na rua Aureliano Coutinho, Centro, por volta de 1930



Fonte: RIBEIRO, [201-]<sup>68</sup>

Logo, a cidade ficou marcada por diversas lutas operárias de grande relevância para a sua trajetória, mas não ganhou notoriedade por isso. Como cidade de veraneio, assegurava Arbos (1943) ela “[...] não teria passado de proporções modestas [...] e limitada [...]”. Como cidade industrial, ela “[...] fixou uma população permanente e fortemente acrescida que a mantém [...] em movimento e em atividade”

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://historiaversushistorias.blogspot.com.br/p/fotos-historicas-de-petropolis.html>>.

(p. 217). No entanto, na história petropolitana, essa mesma cidade, de inúmeras lutas operárias, permanece obscura para muitos.

Ao percorrermos a *Cidade Imperial* é muito fácil percebermos a desconsideração *pela memória operária*: existe o Museu Imperial, a Casa do Santos Dumont, o Palácio de Cristal, o Museu da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e a última *aquisição* cultural: o Museu de Cera. Entretanto não existe sequer uma sala, um pequeno espaço para evocar a luta de classe operária petropolitana.

A desconsideração pela classe operária está nitidamente grafada na paisagem da *cidade-satélite* imperial pelo abandono das antigas plantas industriais têxteis, quando não desmantelados, como no caso da Cia. Fiação e Tecidos Cometa no bairro Meio da Serra ou pela construção de gosto duvidoso do Hiper Shopping ABC, na rua Teresa, que substituiu a maravilhosa arquitetura industrial da Cometa no bairro Alto da Serra, ou ainda, desvalorizando o seu passado, tal como descrito por Ambrozio, na “desfibrada presença estampada nos velhos e decadentes galpões ou edifícios industriais sem uso, com outros usos, pouco utilizados ou ainda parcelados por diversas empresas” (AMBROZIO, 2013, p. 252).

Desse modo, com um olhar mais atento nas ruas da cidade é simples captar as marcas da territorialidade forânea deixadas pela elite, que produziu um espaço à sua imagem. Esses vestígios estão registrados nos monumentos, nos nomes das praças, das escolas, dos edifícios e na nomenclatura de ruas centrais ou não – é o caso do próprio Presidente Getúlio Vargas que, aliás, talvez devesse ter nome em rua central e, contudo, não tem. O engajamento dos operários petropolitanos na luta por melhores condições de trabalho e vida social já era observado em fins do século XIX como atesta Ribeiro (2014). Nessa época, as plantas têxteis já estavam funcionando, e a partir da primeira metade do século XX aumenta consideravelmente o número de operários migrantes, o volume da produção e, conseqüentemente, os problemas com os donos do poder, a burguesia industrial.

É necessário nesta parte aludir Marx e Engels (1996), que escreveram:

[...] o proletariado passa por vários estágios de desenvolvimento. Com seu nascimento, começa a sua luta com a burguesia. No início, a disputa é conduzida pelo indivíduo trabalhador, depois pelos operários de uma fábrica, depois pelos artífices de uma classe profissional, em uma localidade, contra o indivíduo burgues que os explora diretamente. (MARX; ENGELS, 1996, p. 21).

Dessa forma, a ação operária contra a injustiça do trabalho começou a ser enfrentada, baseada na herança rica de lutas da explorada classe trabalhadora europeia. Ainda assim, muito pouco evidenciada na literatura petropolitana nos periódicos, nas revistas publicadas ou nos livros didáticos que circulam nas escolas do município; fato este que muito explica desconhecimento de muitos sobre esse passado; com isso, a outra face da história petropolitana, ou seja, a História da vida operária e popular, de homens, mulheres e crianças cai no esquecimento. São esses inclusive os motivos que dificultam quase absolutamente o conhecimento das características específicas do movimento operário no Meio da Serra.

Dá-se muita ênfase a *Serra Verde Imperial*, como pode ser visto, por exemplo, nas placas turísticas nas vias de acesso à cidade, contudo, nenhum reconhecimento de peso ao passado do movimento operário ou para aqueles que, de fato, contribuíram para o crescimento socioespacial dessa cidade, à custa de muito sangue e suor. Encontramos um reforço dessa ideia em outro historiador (MESQUITA, 2012) residente na cidade, que afirma:

Petrópolis [da] vilegiatura tinha o ar aristocrático necessário aos finos pulmões da Corte e dos elementos que gravitavam ao seu redor. Versalhes tropical de clima ameno e bom passadio para repouso da elite. Por trás desse cenário nascia a indústria de tecelagem e fiação do algodão. (MESQUITA, 2012, p. 22).

Acrescentemos aqui, imediatamente, o testemunho de Ambrozio, quando ele comprova que “Petrópolis, [...], arranjou-se como um território no qual o subúrbio elegante à maneira da vilegiatura criaria inibições, mas não proibiria, a existência de [um] subúrbio industrial-proletário em um mesmo espaço montês e urbano” (AMBROZIO, 2013, p. 18).

Como visto já basta para se constatar que havia dois ambientes socialmente distintos, mas não fraturados, existia um trato manso e diário entre o subúrbio elegante e o ambiente da classe operária no subúrbio industrial-proletário. “Foi a industrialização têxtil, inaugurada na década de 1870, que transfigurou a solidão dos grotões coloniais em localidades de enraizada vida cotidiana” (AMBROZIO, 2013, p. 264). Dessa maneira, tanto os nobres, quanto a nascente classe operária conseguiam respirar o mesmo ar puro da serra que a fina-flor criou, como asseverou Mesquita (2012).

Os bairros operários deram feições mais populares ao primeiro distrito de Petrópolis com a inserção dos fixos industriais, as fábricas e suas vilas operárias, ou melhor, seus núcleos fabris. Como já dito acima, a introdução das plantas têxteis na década de 1870 mudaram a dinâmica da cidade, nesse sentido Ambrozio (2013), aponta que:

[...] em relação ao Alto da Serra [e o Meio da Serra, na periferia urbana], a estação ferroviária e a concentração de fábricas e casas de operários e ferroviários, assim como o vizinho bairro Morin, teriam desenredado o espaço vivido ao largo das fábricas. Tanto no Alto da Serra [e Meio da Serra] quanto Cascatinha foram lugares de muitos clubes, campos de futebol, notáveis festas religiosas e desfiles carnavalescos, além de fortes núcleos de trabalhadores com suas rumorosas greves. (AMBROZIO, 2013, p. 267).

Nesse sentido, não há como negar uma dimensão “esquecida” de Petrópolis, a de uma Cidade Proletária, de bairros inteiros com forte presença operária, como o Alto da Serra, Morin, ou mesmo unicamente operária, como o bairro Meio da Serra.

O Brasil atravessou fases de colapsos na liberdade de expressão, nas formas de organização da sociedade e de menoscabo da memória histórica e que “levou a destruição de arquivos nos sindicatos, arquivos pessoais e demais documentos” (RIBEIRO, 2014, p. 105) que poderiam aclarar e mesmo confirmar a tradição operária em Petrópolis. Talvez, por esse motivo se explique o porquê do bairro Meio da Serra não aparecer tanto nas narrativas, além claro, de ser ofuscado pelo movimento operário intenso no bairro Alto da Serra, a centralidade política dos bairros Meio da Serra e Morin. Ainda assim, conseguimos capturar alguns relatos a partir dos discursos da classe operária a favor dos seus ideais propalando as adversidades entre a classe operária e a burguesia industrial.

O conflito entre os operários e a força policial constantemente no dia 1º de Maio foi tratado como caso de polícia. A maioria das greves eram contra a opressão capitalista e as injustiças aplicadas aos proletários: os diminutos salários; as exorbitantes horas de trabalho, de 12 a 16 horas por dia; as péssimas e insalubres condições de trabalho tanto das mulheres como dos menores, como sustentou Carone (1984).

Um desses embates<sup>69</sup> acabou sendo presenciado por Dona P. F.<sup>70</sup> – operária aos onze anos de idade na Cia. Fiação e Tecidos Cometa nascida em 18 de outubro de 1924 e criada no bairro Meio da Serra –, foi ela testemunha viva da truculência policial contra os trabalhadores da Cometa do Meio da Serra, pelo seu testemunho, tiveram que fugir para a mata fechada porque, simplesmente, exigiam o registro em carteira de trabalho, o direito às férias e aposentadoria.

Dona P. F., filha de operário, com sua infância interrompida, cresceu sobre um teto que ‘respirava’ conscientemente a luta em defesa da causa operária. Como a repressão era constante e os conflitos também, os companheiros de luta do seu pai eram reiteradamente perseguidos e ela procurava ajudar da melhor maneira possível, numa dessas escapadas, levou comida dentro da gaiola de passarinho para alimentar os operários envolvidos com as manifestações e que se refugiaram na mata.

Sobre essa mesma temática um outro depoimento reforça o de Dona P. F., fato que também ocorreu no bairro Meio da Serra. O Sr. C. R. G., morador na mesma casa de sua infância até o presente, bisneto, neto e filho de operários da Cometa Meio da Serra, afirmou que seu avô e outros operários fugiam muitas vezes para a mata na luta contra o patrão, mas nesse caso, foi pela implementação das oito horas diárias de trabalho, já que trabalhavam entre 12 e 16 diárias.

Contou ele que, em contrapartida, os donos da fábrica quando percebiam a aglomeração chamavam a polícia para reprimir os operários que se agitavam em frente ao portão principal da Cometa gritando: “*abaixo a burguesia e essa escravidão!*”.

Da mesma maneira que Dona P. F. fez para ajudar os seus pares, a avó do Sr. C. R. G., mandou por seus tios comida para os manifestantes que permaneceram escondidos por dois ou três dias e depois voltaram.

Outras manifestações estremeceram os bairros operários nas décadas de 1940 e 1950 sobretudo por questões salariais. Muitas indústrias têxteis paralisaram, a “Cometa do Meio da Serra, a Aurora, [a] Petropolitana, a São Pedro de Alcântara, a

---

<sup>69</sup> Não foi possível precisar a data desse episódio na entrevista. No entanto, como ela se declarou operária aos onze anos de idade na Cia. Cometa do Meio da Serra e tendo nascida em 1924, logo, deve estar entre os anos de 1935 e 1945.

<sup>70</sup> Repetindo. Entrevista concedida ao Professor e Historiador Norton Ribeiro em 22 de julho de 2006 e reproduzida parcialmente em seu livro: *Petrópolis, cidade operária: a trajetória do movimento operário na indústria têxtil (1930-1964)* (RIBEIRO, N., 2014).

Werner” (RIBEIRO, 2014, p. 85). Dessa maneira, algumas reivindicações foram aceitas, com o sacrifício de muitas prisões e repressão da polícia.

Por fim, com a crise<sup>71</sup> instalada no Rio de Janeiro — o suicídio de Getúlio Vargas, a mudança da capital federal para Brasília, o fortalecimento da industrialização paulista — afetou obviamente as grandes indústrias têxteis de Petrópolis, no nosso caso especificamente, a Cia. Fiação e Tecidos Cometa onde a situação já era delicada, piorou. Nessa época famílias inteiras, como relatado anteriormente, ficaram sem salários passando por muitas necessidades no Meio e no Alto da Serra e a saída pensada foi a venda da fábrica, o que não se concretizou. Assim, entre outros motivos, era o começo da desindustrialização petropolitana, precipitando o fim da Cometa, inicialmente, a do Meio da Serra (RIBEIRO, 2014).

Nesse contexto, a partir desse momento, engendrou-se uma forte instabilidade na organização socioeconômica e espacial no nosso objeto de estudo, o núcleo originário do bairro Meio da Serra, com reflexos imediatos na vida cotidiana com brusca queda no padrão de vida dos moradores da vila operária, perdurando até os dias atuais.

Em conclusão a esta parte, como visto, situamos a gênese do bairro Meio da Serra a partir da estratégica fixação do núcleo fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa nos idos de 1890 na metade da Serra da Estrela, conforme nos indicaram Gunn e Correia (2005), aproveitando a bacia do Rio Cayoaba e as vias históricas construídas em momentos diferentes, como pode ser observado no Gráfico 4<sup>72</sup> – Fases Históricas do Bairro Meio da Serra – na linha do tempo histórico do bairro em questão.

Nesse período evolutivo, a cidade de Petrópolis, encontrava-se em plena era do seu desenvolvimento industrial e de sua formação socioespacial, com destaque para as indústrias têxteis e seus núcleos fabris, atraindo grande fluxo de trabalhadores

---

<sup>71</sup> Conforme Stein (1979), já havia uma crise domiciliada por essas bandas que se arrastava com o rompimento do modelo internacional de produção e trocas que prevalecera nos últimos anos afetando a indústria têxtil brasileira ao fim da Primeira Guerra Mundial. Entre 1930 e 1950, período considerado por Stein como o terceiro estágio evolutivo das grandes plantas têxteis brasileiras, a intervenção estatal foi vital à sua permanência. Porém, com o término da Segunda Guerra Mundial e a súbita perda dos mercados externos alcançados nesse mesmo período, os burgueses industriais assinalaram que a indústria têxtil entrara em crise ao mesmo tempo que aumentava a insatisfação do mercado consumidor com os seus produtos. Uma indústria têxtil de algodão centenária tornou-se, em certos aspectos, um fragmento concebido de uma economia capitalista subdesenvolvida, dócil e dependente. Ainda, segundo Stein (1979), os industriais apenas reproduziram o comportamento tradicional da oligarquia agrária e comercial agraciada com concessões e privilégios pelo Estado. Tudo isso sem contar com a obsolescência tecnológica e administrativa e a visão estreita desses empresários.

<sup>72</sup> Apresentado na p. 129 deste estudo.



oriundos do próprio Estado do Rio de Janeiro e de áreas vizinhas, como também de outras regiões do país, assim como de imigrados, gerando, com isso, a demanda das vilas operárias, organizadas pela classe dominante. Assim sendo, desde a desindustrialização, inicia-se no núcleo primitivo do bairro Meio da Serra, um intenso processo de ocupação do solo de forma desordenada e que resultará nas transformações das características socioespaciais ao longo das décadas seguintes.

Apontados os importantes eventos históricos e as principais características naturais que engendraram a história de formação do bairro Meio da Serra, vejamos adiante, quais foram os impactos ocasionados pelo final de operação da Fábrica Cometa nesse espaço urbano em constante transformação.

## 5 O MEIO DA SERRA: DE NÚCLEO FABRIL A BAIRRO PERIFÉRICO

Nesta parte que se inicia, abordaremos com apoio dos segmentos anteriores, o quadro de inflexão socioespacial no núcleo histórico do bairro Meio da Serra sob o ponto de vista das ranhuras e contradições com destaque para os fenômenos que deram algum sentido, sob certos aspectos, às transformações de sua forma e seu conteúdo a partir do processo de fixação da Cia. Cometa na segunda metade do século XIX e que definitivamente induziu a formação desse bairro. Como já visto antes, o bairro Meio da Serra está localizado no primeiro distrito de Petrópolis – RJ.

Retoma-se aqui a situação especial do núcleo fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa que fundou a centralidade deste objeto de estudo, estribado em documentos, narrativas e imagens que evidenciaram as memórias da vida de bairro, seu entrelaçamento com a história industrial na cidade de Petrópolis, além da sua relação com a metrópole carioca e ainda com o processo dinâmico da exploração capitalista mundial.

As formas do passado na cidade serrana de Petrópolis, com foco especial no primeiro distrito, como já disse Ambrozio (2013), exerceram considerável influência na realidade (contemporânea) territorial da cidade, em uma época em que, sem dúvida, a vilegiatura unida à enfiteuse<sup>73</sup>, como projeto imperial de um subúrbio elegante, organizaram este território montano, e mesmo a atividade industrial têxtil passada fixada no município no decurso do século XIX.

### 5.1 AS TRANSFORMAÇÕES NO BAIRRO MEIO DA SERRA: DE NÚCLEO FABRIL A BAIRRO PERIFÉRICO

O núcleo urbano fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa constituiu no passado uma enorme vantagem para este empreendimento capitalista, como componente disciplinador e catalisador da mão de obra para o trabalho industrial e na

---

<sup>73</sup> “Significado de enfiteuse. [Jurídico] Num contrato perpétuo e/ou transmissível para herdeiros, o direito real através do qual o dono de um imóvel transfere para outra pessoa o seu domínio útil, por meio do pagamento de uma pensão anual (foro); aforamento” (EFITEUSE, c2018).

implementação de sua política social/assistencialista. De forma similar a outros empreendimentos fabris têxteis da mesma época, os recursos destinados à construção das casas padronizadas na vila operária do Meio da Serra, a questão da moradia, foi solucionada e sem demora nos primeiros anos de instalação e funcionamento da fábrica, precisamente garantir a presença constante e o controle da classe operária no núcleo fabril, que no tempo viria a ser transformado em bairro operário.

Dessa maneira, a arquitetura pretérita do bairro constituiu-se como um conjunto de habitações coerentes ao processo industrial local, materializando-se diretamente, como espaço vivido de uma parcela do operariado e sua vida cotidiana no lugar de moradia e trabalho, cuja ambiência, a despeito de industrial, guardava alguma harmonia com o meio natural.

Incorporado ao surto industrializante de Petrópolis, o bairro Meio da Serra, ou melhor, o núcleo fabril projetado pela Cia. Cometa, subsumia características urbanas de subúrbio operário no ‘coração’ da floresta, provocando modificações na paisagem, tal como descreveu Arbos (1943):

[...] A medida que se afasta [do núcleo] da cidade, mais espessadas se tornam as casas. Surgem as fábricas, algumas mesmo às portas da cidade. Mas não se tem em Petrópolis impressão duma cidade industrial, não só porque as fábricas estão espalhadas em diversos bairros, como também porque não carregam a atmosfera de poeira e de fumaça. A indústria não mancha a natureza, pelo contrário, às vezes forma com ela quadros pitorescos [...] cujos edifícios formam com a floresta, onde se situam, um conjunto que lembra certos recantos dos Vosges. [...] as habitações construídas pelas próprias fábricas para os seus operários não formam conjuntos imponentes e compactos [...] e não deixam [...] de se confundir com o verde da paisagem. (ARBOS, 1943, p. 223–224).

Arbos (1943) observou que Petrópolis era “toda encaixada na verdura do meio”, e, no caso do centro da cidade, chegou a se dar conta que as águas “correm vagarosamente, com um aspecto duvidoso” (p. 222) e não causavam qualquer admiração aos transeuntes, mesmo sabendo que serviam apenas para o esgoto citadino.

À vista disso, no núcleo fabril do Meio da Serra, era certo que os resíduos da produção têxtil da Cometa, como também, os dejetos das casas da vila operária, eram e ainda são, todos despejados, *in natura*, diretamente no rio Cayoaba, ocasionando a sua contaminação; além disso, adicionemos o desmatamento

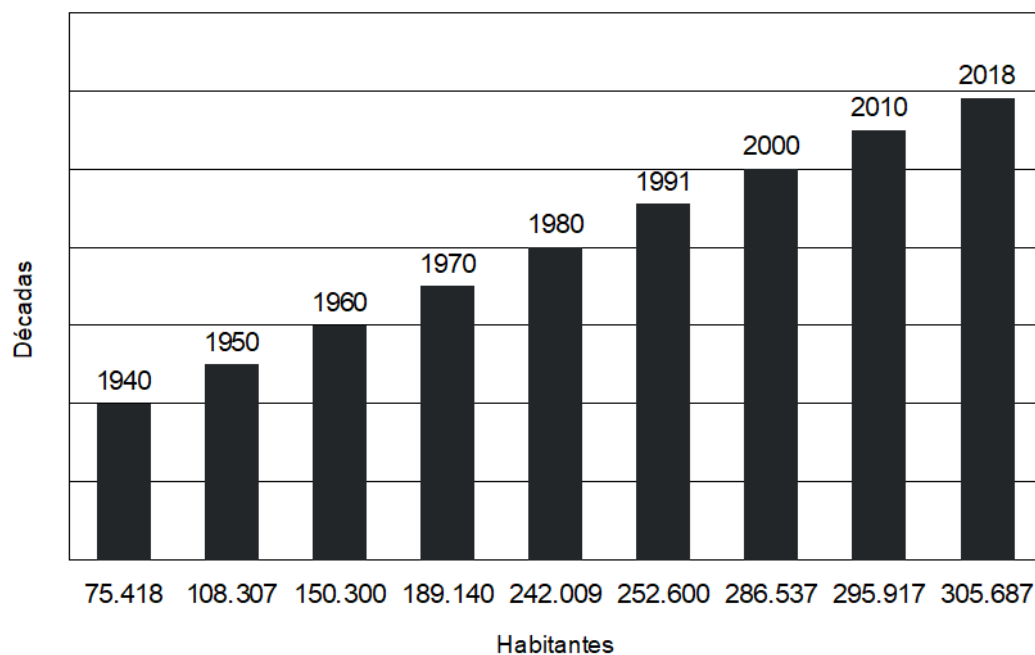
provocado pela fixação desse empreendimento capitalista em meio a Mata Atlântica e de onde boa parte da madeira fornecia e ainda fornece, o combustível necessário à vida cotidiana na arte de cozinhar e aquecer-se do frio no inverno aos moradores do tempo presente.

As indubitáveis transformações socioespaciais em processo no espaço da centralidade deste trabalho estão estritamente ligadas às formas do passado como destaca Ambrozio (2013). Formas estas que desencadearam, por décadas, o referido processo de domínio e apropriação do espaço urbano – diríamos também, hoje, processo de exclusão socioespacial dos “filhos da terra” menos privilegiados da periferia urbana petropolitana<sup>74</sup>.

Desse modo, toda a cidade foi sendo, ao longo do tempo, ocupada comprovadamente pelo alargamento demográfico a partir da década de 1970, como pode ser percebido no Gráfico 5, principalmente no primeiro distrito, pelas “classes populares”. Assim, todo esse processo do decênio de 1970, está vinculado aos vetores de crescimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro nas décadas anteriores com as transformações ocorridas sob a ótica da industrialização/urbanização, a migração interna foi intensa.

---

<sup>74</sup> Referimo-nos aqui à periferia atrelada aos conceitos sociológico e geográfico do termo, apontados em nosso primeiro capítulo.

Gráfico 5 – Evolução da população urbana de Petrópolis, 1940-2018<sup>75</sup>

Fonte: O autor, 2018

Em Petrópolis, os reflexos desse movimento, não foram observados somente pelas habitações populares que já estavam apinhadas nas encostas e cumeadas dos antigos quarteirões imperiais na década de sessenta, mas também, e principalmente, pelos novos moradores atraídos para os diversos edifícios de classe média, construídos na “zona central” do primeiro distrito, nas décadas de 1960 e 1980 (AMBROZIO, 2013, p. 58).

A esta intervenção urbana para a elite, deve ser acrescentado as diversas unidades multifamiliares dos conjuntos habitacionais populares inauguradas entre 1970 e 1980, produzidas pelo governo do Estado e financiado pelo antigo Banco Nacional de Habitação (BNH), além dessa demanda de consumo coletivo, foi também o uso da energia elétrica que propiciou, conforme a enunciação de Ambrozio, um “[...] forte estímulo migratório para a cidade” (AMBROZIO, 2013, p. 58–59).

Dessa forma, é definitivamente marcado, o declínio do poder “simbólico e material dessa avoenga Vila Imperial” (AMBROZIO, 2013, p. 258), ruína esta, oriunda da urbanização de Petrópolis orientada pela vilegiatura, turismo e indústria. Existia a

<sup>75</sup> Conforme o IBGE, a população estimada para 2018 é de 305.687 pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2018b). Demais informações a respeito do quantitativo de habitantes foram obtidas no banco de dados do Ipea (ipeadata.gov.br).

despeito da força centrípeta industrial, até a década de 1960, alguma coerência urbana que foi rompida com a ascensão para os morros, pois o vale estava nos anos 1960/1970, como visto, já ocupado.

Diferentemente dos outros bairros petropolitanos que também receberam plantas industriais têxteis de grande importância no decorrer do tempo passado, como por exemplo: Alto da Serra, Morin, Cascatinha e Centro, se comparado a estes na atualidade, o bairro Meio da Serra não evoluiu a ponto de manter um padrão na qualidade de vida cotidiana dos seus moradores, como antes existiu minimamente com o advento da fábrica Cometa no núcleo originário do bairro.

Com efeito, foi através do surto industrializante petropolitano antecedente que bairros inteiros, como os citados acima, fincaram as suas raízes e forjaram suas centralidades, desse jeito, formaram-se os frutíferos espaços familiares ligados à vizinhança, ao parentesco e ao compadrio de intensa vida de bairro como declarou Ambrozio (2013), referindo-se a tríade de Seabra (2003).

E ainda conforme este autor, o fato é que:

[...] foi a industrialização têxtil, inaugurada na década de 1870, que transfigurou a solidão dos grotões coloniais em localidades de enraizada vida cotidiana. A vida paroquial pré-industrial não chegou a existir nessas paragens serranas, [...] [a maioria nasceria] como reflexo da expansão urbana e industrial da cidade. (AMBROZIO, 2013, p. 264).

Comprovadamente, é o caso, por exemplo, do bairro em tela e também dos outros aludidos anteriormente; a igreja de São Sebastião do Meio da Serra, inaugurada em 1929, não foi “a raiz ou matriz geradora” (AMBROZIO, 2013, p. 265) da vida de bairro na localidade, e, sim, nesse particular, foi a Cia. Fiação e Tecidos Cometa. Foi, aliás, o investimento do Estado em providenciar a construção da Estrada Normal Serra da Estrela e da Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará, respectivamente, que atraíram para a localidade, a burguesia fundadora da Cia. Fiação e Tecidos Cometa.

Posteriormente, com a fixação do núcleo fabril e a construção das habitações na vila operária, os seus inquilinos-operários (os sujeitos históricos das transformações por várias gerações), migram ocupando esta periferia geográfica nesse sítio montês, sendo determinada pela lógica do modo capitalista de produção.

Nesse caso, há uma constatação idêntica a esse movimento dos operários no trabalho de Martins (2008) sobre a região industrial do ABC paulista a partir dos anos de 1930, disse ele:

[...] a população trabalhadora moveu-se cautelosamente na direção das novas referências sociais decorrentes da expansão da indústria num cenário em que as moradias eram inserções no espaço intersticial entre as fábricas, apêndices e extensões, mas também resíduos da sua lógica produtiva e da sua disciplina. (MARTINS, 2008, p. 10).

Dessa forma, o subúrbio operário fabril petropolitano, assim como o da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, do qual Petrópolis fez parte entre 1974 e 1993, foi se constituindo gradativamente nesse movimento.

Cabe ressaltar que as transformações ocorridas no Meio da Serra não foram apenas um benefício da elite industrial local, foi também, no espaço e no tempo, a imposição de uma pedagogia do trabalho: “a indissociação entre trabalhar, habitar e ser” (MARTINS, 2008, p. 22) que propiciou a classe trabalhadora uma vida cotidiana de fato no bairro.

Em meio às transformações socioespaciais que ocorreram no passado e que ainda ocorrem no presente no “velho bairro tradicional” do Meio da Serra, ficou constatado que talvez na vida cotidiana os vizinhos quase não se reconheçam mais com o aumento demográfico recente. Até onde percebemos, o espaço público está “anêmico” e o comércio de bairro está “amesquinhado”, comparando-se aos serviços oferecidos pela fábrica no passado e ao comércio dos outros bairros citados anteriormente.

De certo modo, o núcleo urbano histórico do bairro ainda sobrevive com um conteúdo composicional distinto, ainda que, com um conteúdo simbólico passível de reconhecimento, mas o conteúdo interacional decerto sofreu e continua sofrendo com os impactos e as modificações socioespaciais consideráveis das últimas décadas, dessa forma, na atualidade, só encontramos alguns fragmentos da vida cotidiana do que foi o primitivo e dinâmico centro histórico do bairro Meio da Serra.

No caso desse núcleo urbano, certamente no passado o seu conteúdo composicional foi caracterizado por relativa homogeneidade da classe operária fabril, pela especialização de certas funções nas atividades têxteis, somado ao conteúdo interacional da autonomia contingente que usufruía a centralidade do bairro para os

seus habitantes. A familiaridade, o comércio de bairro, o lazer no bairro, as festas populares nas ruas do bairro, estavam possivelmente em completa harmonia no que diz respeito aos valores e comportamentos manifestados num bairro clássico.<sup>76</sup>

No período contemporâneo, tornaram-se visíveis, na textura no entorno das ruínas da Cometa e no núcleo urbano histórico do bairro Meio da Serra, as “sombras” de periferia que marcam presença no arruamento precário e, principalmente, nas novas construções, ou melhor, nas autoconstruções.

É possível traçar uma analogia com o trabalho de Bonduki (1998), sobre as habitações da periferia paulistana, são diversas as designações empregadas para definir este padrão de construção: “casas domingueiras, casas de periferia, casas próprias autoconstruídas, casas de mutirão” (p. 281). A principal característica desse *empreendimento* segundo Bonduki (1998) é:

[...] serem edificadas sob gerência direta de seu proprietário e morador: este adquire ou ocupa o terreno; traça, sem apoio técnico, um esquema de construção; viabiliza a obtenção dos materiais; agencia a mão de obra, gratuita e/ou remunerada informalmente; e em seguida ergue a casa. [...] a casa própria, para a maioria da população, [significa] auto-empreendimento [sic] em loteamento periférico, [...]. A extraordinária expansão do auto-empreendimento não é um processo isolado, mas faz parte da ‘desmercantilização’ do processo de produção da moradia popular, ou seja, da desestruturação do mercado de moradias populares produzidas por empreendedores privados. Neste quadro, transferiu-se para o Estado e, sobretudo, para o morador, a responsabilidade pela produção da moradia. (BONDUKI, 1998, p. 281–282).

Assim, em consequência da ‘ausência’ do poder público para resolver esta situação nas periferias das grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, foi facilitada a ocupação do solo de forma irregular de um bem fundamental à subsistência da classe trabalhadora. As *habitações* chamam a atenção tanto pela área ocupada quanto pelo padrão de construção, por certo, em consequência da exclusão socioespacial oriundas da ‘crise’ habitacional que se arrasta por décadas no Brasil e que resultou num processo predominante em grande parte das cidades brasileiras.

---

<sup>76</sup> O Bairro clássico na concepção de Souza refere-se a um bairro “com seu centro catalisador, com sua feira e seus botequins sociabilizadores, com os locais de brincadeiras da criançada, com os contatos frequentes e não raro entre vizinhos, era um lugar vivenciado em bloco; realidade coesa, com significativa unidade composicional, com muita pessoalidade, [...]” (SOUZA, M. J. L., 1989, p. 156). Assim, por seu isolamento relativo, o Meio da Serra talvez tenha sido o bairro petropolitano mais característico do conceito de bairro.



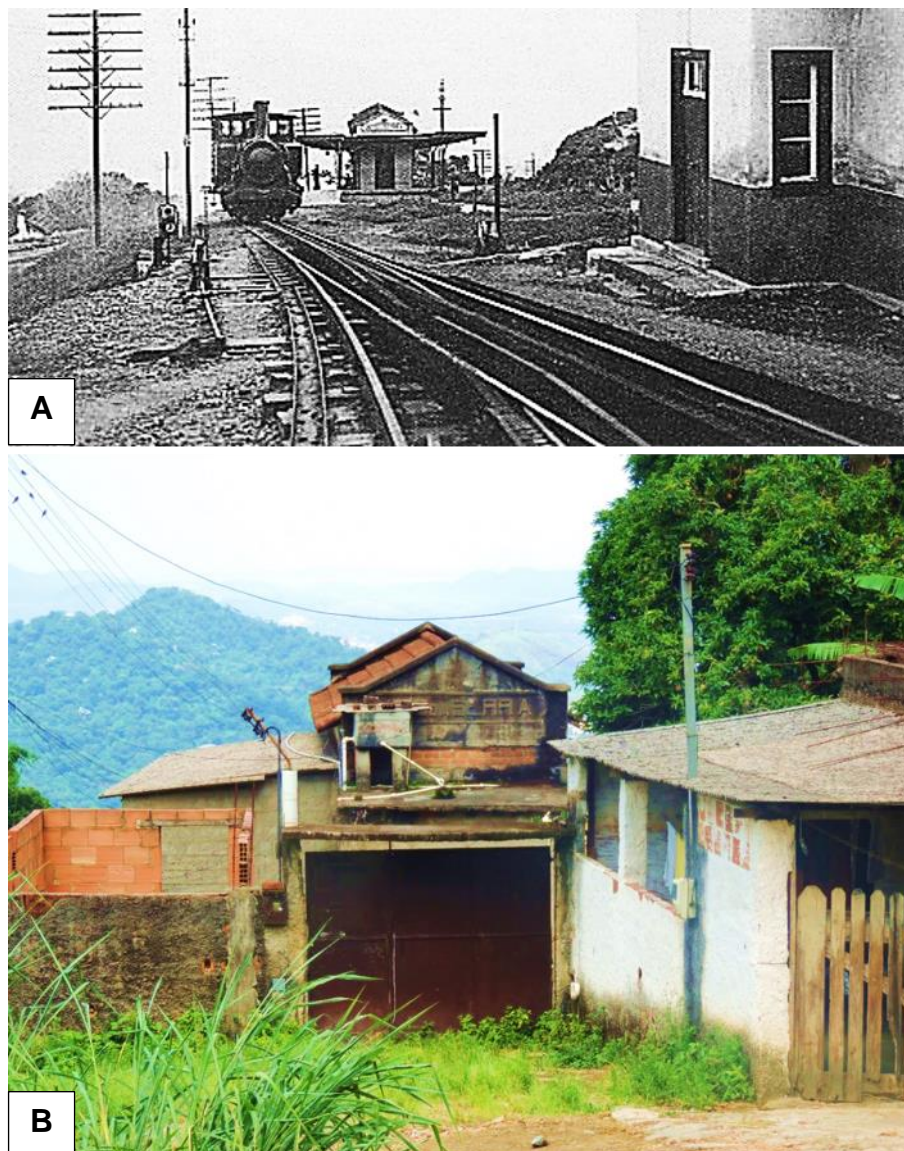
Traçando um paralelo com as condições habitacionais atuais na centralidade do bairro e a conceituação de Martins (2001) para periferia como lugar de “ruas estreitas, calçadas estreitas, terrenos minúsculos, casas ocupando na precariedade de seus cômodos” (p. 78), percebemos que o entorno próximo das ruínas da Cia. Cometa e o centro histórico do Meio da Serra atualmente possuem estas características vivas no seu conjunto espacial urbano.

A maior parte dessas casas foram e ainda hoje são construídas pelos próprios novos moradores que se desdobram como sobretrabalho nas autoconstruções; a maior parte deles, que vive na localidade, desconhece a história territorial do bairro Meio da Serra e suas *habitações* encontram-se à margem do mercado formal e do Estado. Evidencia-se facilmente essas autoconstruções num simples caminhar pelo bairro.

Esta é a dinâmica que predomina atualmente no visível do bairro. A cada visita ao objeto de estudo constatamos uma ampliação ou uma nova autoconstrução. As fotografias adiante são representativas desse fenômeno: transformações que ocorreram e vem ocorrendo no espaço vivido do bairro atualmente.

Nas fotografias adiante (Figura 36), a primeira em preto e branco (A), observa-se a ferrovia e a estação Meio da Serra na década de 1930 em pleno funcionamento com o trem indo serra-acima. Esta estrada de ferro foi, sem dúvida alguma, construída substancialmente para atender as demandas das indústrias têxteis petropolitanas, entretanto, uma ‘exclusividade’ da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, já que esta tinha um ramal, à direita, no sentido de alcançar o portão da fábrica para receber a matéria prima e posteriormente para a retirada dos produtos acabados que seguiam em direção ao Porto de Mauá. Na segunda fotografia, a colorida (B), um híbrido de autoconstrução, a mesma estação ferroviária do Meio da Serra está ocupada no presente por famílias que chegaram posteriormente ao encerramento, de fato, das atividades na fábrica a partir da década de 1970. Observa-se ainda no plano intermediário da fotografia, a remanescente Mata Atlântica.

Figura 36 – A estação ferroviária no bairro Meio da Serra no passado e no presente



Nota: A ferrovia, uma lembrança pálida e emblemática de inovação técnica e social da modernidade na passagem pelo bairro Meio da Serra

Fontes Foto A: Acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Foto B: O autor, 2018

A maioria das habitações construídas e/ou acrescentadas ao redor das ruínas da fábrica e da vila operária no núcleo fabril do Meio da Serra após o fechamento da Cometa, se comparadas com outras casas das periferias brasileiras, seguem o mesmo padrão de baixa qualidade de construção, conforme o levantamento de Ferro os materiais utilizados:

[...] sempre os mesmos, são os de menor preço: o tijolo e as telhas de barro, feitos nas olarias neolíticas, o barro como aglomerante, a madeira não

aparelhada de 3ª para estrutura do telhado [...]. Em tese outros materiais poderiam ser empregados. Mas uma série de restrições orienta a escolha: o preço reduzido do material é básico, ele precisa estar disponível perto para evitar o transporte oneroso, deve possibilitar compra parcelada com reservas de cada salário [...] A vinculação, [...], de tais materiais à casa popular não é questão de gosto, higiene, estabilidade ou conforto: é resultado do baixo nível de consumo permitido por seu salário. (FERRO, 2006, p. 61–62).

O surgimento das ‘sombras’ de periferia no bairro foi/é um fenômeno complexo, decorrente da forte industrialização/urbanização e da conseqüente expansão da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, aumentado também essas sombras pela falta de alternativas habitacionais do poder público municipal após a desindustrialização local. O resultado desse movimento é a produção de um espaço potencializado de autoempreendimento à margem da legalidade, ‘construções’ quase todas parecidas, um produto padrão de miséria e precariedade. Falta o acabamento externo, falta a pintura, apenas o necessário para acomodar a família das fortes chuvas de verão e do rigoroso frio no inverno.

Observando as autoconstruções na centralidade do bairro localizado na periferia do centro mais dinâmico de Petrópolis – como disse Bonduki “edificadas sob gerência direta de seu proprietário e morador” (1998, p. 281) – estas ‘edificações’ são desprovidas de benfeitorias urbanas, em sua maioria foram/são construídas em etapas de acordo com a disponibilidade de recursos financeiros, por isto, desde o princípio do estudo, percebemos a rudeza das casas, não há luxo, apenas um lugar de inúmeras carências permanecendo atualmente inacabadas e precárias.

A maioria desses domicílios no entorno das ruínas da fábrica e ao longo do ‘caminho do trem’, nesse núcleo histórico, são de dois quartos com um banheiro para atender em média três pessoas e estão localizadas em ‘rua’ sem asfaltamento ou qualquer tipo de calçamento. Cabe frisar que boa parte dos ‘novos’ moradores são filhos, netos e bisnetos dos antigos operários da Cia. Cometa que não migraram do bairro, porém, como a família cresceu, ao longo desses quase cinquenta anos, a única forma de ter a sonhada casa própria, foi ocupar um lote nas proximidades desse núcleo urbano histórico.

Com o extremo sacrifício das suas condições de vida, esse atual morador/trabalhador de baixa renda do bairro Meio da Serra, tornou-se também um ‘proprietário’ e locador de autoconstruções edificadas para aumentar a renda familiar ou para abrigar a parentela recém-migrada, reproduzindo lotes descontínuos e

desarticulados no espaço urbano intrabairro, expandindo dessa maneira a mancha de periferia.

O importante, na atualidade, para esses novos moradores, é o valor de uso social dessa “verdadeira produção doméstica, não-capitalista, de um bem essencial à sobrevivência” (BONDUKI, 1998, p. 282) da classe trabalhadora, a autoconstrução, que contrasta visivelmente com os palacetes bem estruturados do centro da cidade imperial. No que se refere ao terreno onde são construídas estas recentes autoconstruções e, também, quanto ao aumento da mancha demográfica no núcleo histórico do bairro Meio da Serra, há um evidente embate com a preservação legal do núcleo fabril.

A este respeito, em seu artigo *Preservação do patrimônio industrial e direito à moradia: potencialidades de preservação e utilização da vila operária no Meio da Serra – Petrópolis*, Rosa (2012) nos adverte para um outro problema em processo:

[...] [esse] conjunto urbano de interesse cultural – que apesar de deteriorado, não perdeu suas principais características arquitetônicas – está inserido em uma área com características naturais que demandam preservação e são legalmente protegidas. [...] a ocupação desordenada do Meio da Serra, especificamente das áreas de entorno ao conjunto fabril tombado da antiga fábrica Cometa, vem acarretando consequências adversas à conservação do ambiente cultural [...] e natural que caracteriza o local. (ROSA, 2012, p. 5–7).

O bairro Meio da Serra, como já mencionamos, está inserido numa área protegida por Leis, com sérias restrições de uso do solo e da utilização dos recursos naturais ali existentes, portanto, a ocupação irregular torna-se uma preocupação com a preservação não somente dos recursos naturais, mas também com a preservação do patrimônio cultural do bairro, visto que, os novos moradores ocupam qualquer terreno sem a preocupação com a área de tombamento e até mesmo acrescentando modificações nas casas da vila operária, que é um conjunto arquitetônico tombado pelo Iphan (Figura 37).

Figura 37 – Um testemunho do acréscimo na atual situação habitacional no núcleo originário do Meio da Serra



Nota: No primeiro plano, a presença marcante das autoconstruções no bairro Meio da Serra no entorno da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, na servidão o arruamento é estreito e falta calçada. No ponto intermediário da fotografia destacada, mais à esquerda, parte visível de um testemunho do passado, uma das casas construídas no núcleo fabril pela Cometa no bairro para o controle da estação ferroviária. Ao fundo e à direita a montanha “Cabeça de Negro” ou “Frade”

Fonte: O autor, 2018

Segundo Rosa (2012) a degradação ocorre pela “falta de informação, falta de recursos econômicos e inércia do Poder Público Municipal” (p. 7), concorrendo dessa forma, para o agravamento da já precária infraestrutura urbana na centralidade do bairro.

Para dar reforço teórico às ideias de Rosa (2012) e às nossas observações na área de estudo quanto o papel das administrações municipais em relação ao uso e a ocupação do solo urbano, a professora, arquiteta e urbanista e ativista política Maricato (1994) sustenta que, do ponto de vista da ocupação e uso do solo urbano, são sintomático as polêmicas que envolvem grande parte das administrações públicas municipais brasileiras sobre a falta de eficiência — *ou cinismo* — para resolver os



graves problemas socioespaciais do tempo pretérito que se acumulam no tempo atual. Em suas palavras:

[...] a maior parte das nossas grandes cidades é constituída de *imóveis ilegais* (em relação ao parcelamento do solo, código de obras e lei do zoneamento). A quase totalidade da máquina administrativa atua baseada nas normas legais, desconhecendo a *cidade real*. Grande parte dos funcionários se 'especializa' nas entrelinhas da legislação ignorando que além da lei e do seu restrito poder de aprovar ou desaprovar projetos, a cidade se estende ilegal e inexoravelmente, criando áreas de risco, comprometendo o meio ambiente acrescentando problemas aos tantos já existentes. Mesmo se atentarmos para a chamada *cidade formal*, as administrações municipais são ineficazes devido a fragmentação das competências. (MARICATO, 1994, p. 317).

A infraestrutura urbana no núcleo histórico do bairro Meio da Serra encontra-se hoje de forma insatisfatória. A coleta de lixo funciona regularmente, embora em alguns domicílios o acesso é restrito devido a falta do arruamento. Dados da secretária de saúde do município, revelam que a maior parte do lixo é encaminhado à coleta pública, mas que o destino de outra parte é queimando ou enterrado no próprio local ou ainda é descartado a céu aberto, da mesma maneira que era feito antigamente no bairro operário.

Como no passado, e ainda hoje, o esgoto é vazado em fossas ou em valas a céu aberto, um problema grave, pois, o abastecimento de água das casas da vila operária e das autoconstruções continua sendo da mesma maneira que era no tempo da produção da fábrica, provida por mina, portanto está sujeita ao perigo da contaminação do lençol freático e as doenças decorrentes dela.

O fornecimento de energia elétrica no passado era suprido pela própria Cometa, às vinte e duas horas a energia era desligada só retornado o fornecimento no dia seguinte – detalhe sinistro, nem para velório de ex-funcionário da Cometa, que na época era realizado em casa, era levado em consideração. Atualmente, o suprimento é de responsabilidade da Ampla Energia e Serviços S.A.<sup>77</sup>, abrangendo praticamente a maioria dos domicílios, mas ainda com alguns problemas pontuais.

Dessa forma, os moradores mais antigos que permaneceram nas casas da vila operária, nas suas práticas sociais, resistem as transformações apesar do

---

<sup>77</sup> A Ampla Energia e Serviços S.A. é uma empresa distribuidora de energia elétrica controlada pelo grupo Enel que atua em mais de sessenta municípios do Estado do Rio de Janeiro abrangendo 73% da área estadual (AMPLA ENERGIA E SERVIÇOS S. A., c2016).

aumento desordenado da ocupação no entorno das ruínas da Cometa, observado nas últimas décadas.

Com relação a resiliência nas práticas diárias dos moradores do bairro Meio da Serra, fazendo menção a outro trabalho, encontramos um paralelo nos estudos de Lefebvre (1978), quando nos diz que “[...] existe uma ideologia de bairro em declínio, [porém, ainda não se perdeu o núcleo], o seu público-alvo e nem a sua influência” (1978, p. 195, tradução nossa), portanto, percebemos que ainda há uma resposta, uma reação as transformações socioespaciais processadas nas últimas décadas na vida cotidiana de bairro e do bairro Meio da Serra, embora seja constatado com perplexidade, na atualidade, que a Lei e a norma não estejam presentes.

O bairro Meio da Serra, na totalidade, hoje, é atendido razoavelmente por duas concessões de linhas de transporte público, uma do município Petrópolis, que liga o bairro ao centro dessa cidade e outra que vem de Piabeta (Magé), na Baixada Fluminense, passando pelo bairro e seguindo até o bairro Alto da Serra. No passado, estas ligações serra-acima ou serra-abaixo eram feitas por conduções particulares e de forma precária.

É importante sublinhar que o bairro Meio da Serra como espaço urbano foi, e ainda é, “um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado” (CORRÊA, 1995, p. 8) e que, ao longo do tempo, vão deixando suas marcas cristalizadas nas formas espaciais, são, portanto, os testemunhos das formas passadas no presente. Desse modo, percebe-se que o bairro foi transformado por intervenções realizadas ao longo do passado, impondo no presente a desigualdade socioespacial refletida nas diferenças de moradias construídas pela fábrica e nas autoconstruções no período mais recente, habitadas pelos moradores mais novos, indicando, dessa maneira, o surgimento de uma crescente mancha periférica no bairro.

Na atual situação, os habitantes mais antigos do núcleo histórico no Meio da Serra, poucos ex-operários-inquilinos que ainda existem por ali, convivem nas últimas quatro décadas com a perda de convívio social, com a ausência de seus pertencimentos e da vida de bairro que vivenciaram intensamente no passado na vila operária, em decorrência do processo de expansão horizontal no núcleo histórico do bairro induzido pelos novos habitantes desenraizados que chegaram posteriormente ao fechamento da fábrica.

O atual processo de periferização do bairro, afirmamos, além da desindustrialização no primeiro distrito de Petrópolis, foi também consequência do processo mais amplo de industrialização e urbanização no Brasil, que atraiu grandes massas de migrantes do campo para as cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, como este processo é excludente, boa parte dos trabalhadores com renda insuficiente para habitar a cidade do Rio de Janeiro, procuraram áreas mais baratas para aquisição/ocupação de seus lotes para a construção da sonhada casa própria. De fato, além do exposto, a cidade Petrópolis na evolução da sua mancha demográfica, não ficou de fora desse processo, observa-se com clareza um ponto de inflexão na década de 1970.

De acordo Santos (1993), é entre 1940 e 1980 que acontece “a verdadeira inversão quanto ao lugar de residência” (p. 31) dos brasileiros. Em 1940, o índice de urbanização era de 26,35%, já em 1980 atinge 68,86%. Nesse mesmo período, a população absoluta do Brasil triplica e enquanto a população urbana brasileira multiplica-se por sete vezes e meia. No censo demográfico do IBGE de 2010, a população urbana no Brasil passa dos 84%.

Dessa maneira, com o forte crescimento das grandes cidades, entre elas o Rio de Janeiro, a consequência posterior desse processo foi o crescimento das favelas e a expansão da periferia urbana com o aumento da pobreza concentrada na segunda mais importante cidade brasileira.

Em concordância com Ambrozio foi este o decênio (1970) “[...] no qual a vida dos bairros tomou o rumo do núcleo do município [...]” (2013, p. 269). Foi ele também que assinala o momento final da vilegiatura e da indústria que testemunham o processo de periferização de Petrópolis. É sintomática esta passagem que Júlio Ambrozio nos revela:

sob o ângulo do processo das determinações urbanas oriundas de 1843, dir-se-ia que o vocábulo revelador desse tempo de transbordamento dos bairros seria o termo decadência ou degradação, visto que – passo importante – este mesmo vocábulo [...] também deve ser compreendido como expressão reveladora de certa espécie de transformação urbana experimentada pelo município de Petrópolis a partir desse exato decênio delimitador de 1970. Refiro-me a uma espécie de transe ou momento aflitivo, na qual entrou em crise aquela cidade suburbana de cura e industrial que fora outrora Petrópolis, [...] Além da crise da vilegiatura e do desfibramento industrial, é preciso lembrar a presença demográfica expansiva nessa delimitadora década de 1970. Consequentemente, os bairros e, por conseguinte, o próprio centro de Petrópolis – sem deixarem absolutamente de ser bairros e núcleos urbanos alcançaram em certos aspectos o estado de coisas periféricas [...], o fim da



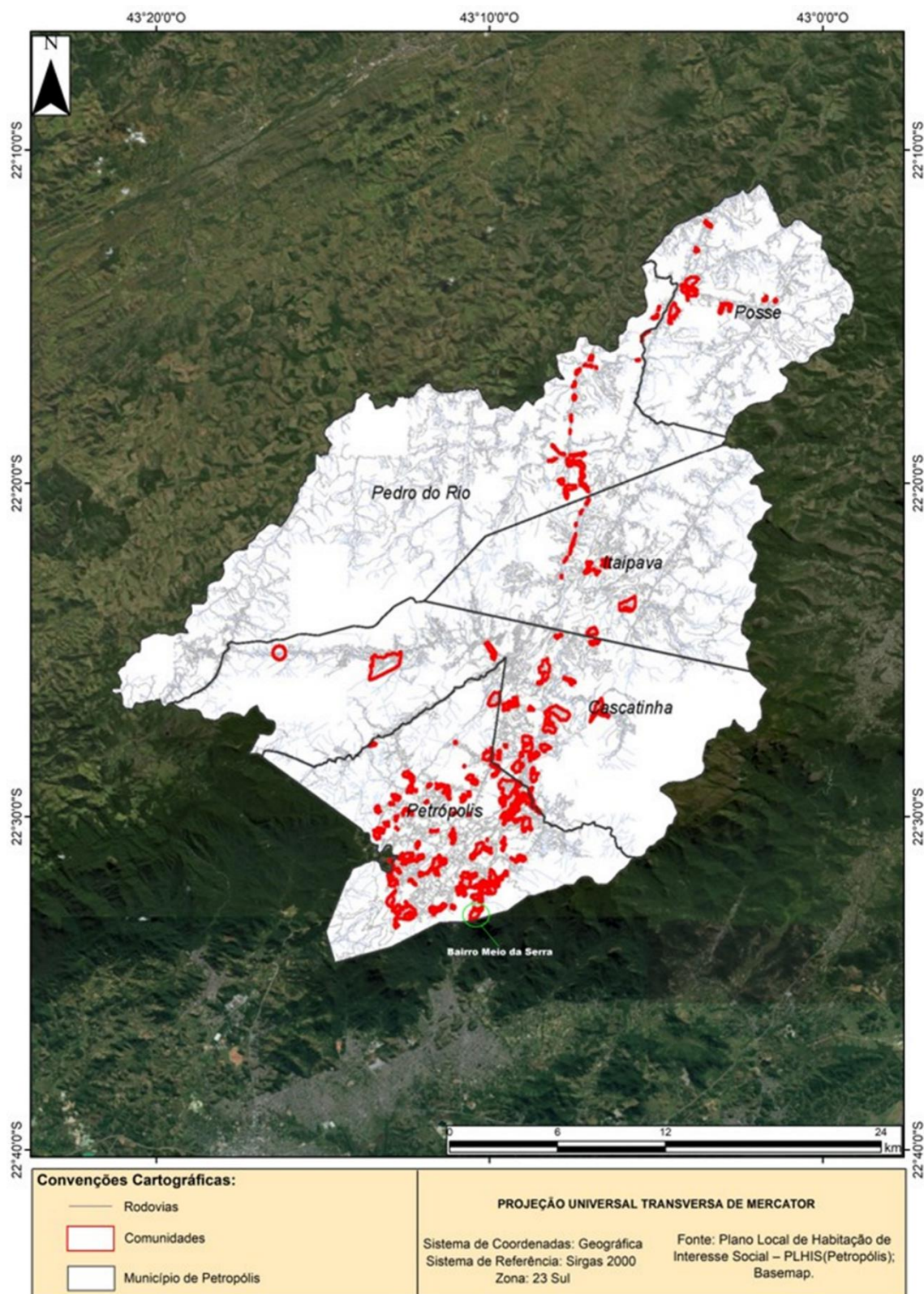
vilegiatura, a desindustrialização, o crescimento demográfico, o recrudescimento especulativo fizeram surgir nos anos de 1970, em contraponto, nas encostas e cumeadas desses estreitos vales, ruelas e escadarias sem fim, lotes diminutos e em aclive ocupados inteiramente por moradias de cômodos reduzidos e, demasiadas vezes, sem saneamento [...] a pobreza agravada transbordou para o núcleo urbano. (AMBROZIO, 2013, p. 269–270).

O Meio da Serra, com a expansão definitiva da luz elétrica (1970), facilitou e intensificou a ocupação do solo urbano no centro originário do bairro – com um ponto de energia elétrica no lote, iniciava-se o autoempreendimento. Quando a nova leva de migrantes chega na localidade, não existe mais a fábrica, somente as casas da vila já ocupadas. De fato, não somente no bairro Meio da Serra, mas em quase todo o município de Petrópolis expandem-se áreas constituidoras de periferização ou “assentamentos precários de interesse social”, como denominou a prefeitura petropolitana em 2012.

Esta espacialidade encontra-se grafada no mapa anterior, ela indica claramente que é no Distrito Sede seguido do Segundo Distrito de Cascatinha onde estão concentrados a maior quantidade dos problemas habitacionais em Petrópolis, com diferentes níveis de assentamentos, conforme visto na citação antecedente de Ambrozio, em “estado de coisas periféricas” (AMBROZIO, 2013, p. 270).

Sendo assim, estas novas e precárias áreas e os tipos de ‘construções’ foram oficialmente reconhecidos pela administração municipal (PETRÓPOLIS, 2012) (Mapa 12) e agrupadas em: A) assentamentos que apresentam infraestrutura precária e com presença de algum risco geológico; B) espaços com alta densidade populacional e precariedade nos acessos, como por exemplo as infundáveis escadarias, devido a topografia local; C) áreas com forte ocorrência de autoconstrução no cume das montanhas; D) espaços com autoconstruções nas margens dos rios e nas áreas de preservação ambiental.

Mapa 12 – Assentamentos precários de interesse social no município de Petrópolis, 2012



Nota: Áreas em processo de periferização em Petrópolis

Fonte: O autor, 2018

Embora a administração pública municipal tenha realizado este oneroso e importante levantamento, nada ou quase nada foi feito para que alterasse substancialmente o espaço vivido e a vida cotidiana dos seus moradores nestas identificadas comunidades periféricas ou assentamentos precários. No núcleo originário do bairro Meio da Serra, as novas práticas indicam claramente um movimento em direção ao assentamento progressivo de uma periferia urbana, deixando transparecer ao longo do tempo essas mudanças qualitativas na vida de bairro.

Na centralidade do bairro, os novos moradores começaram a chegar e/ou ocupar esta localidade a partir dos anos de 1970, principalmente as áreas no entorno das ruínas da fábrica e da vila operária, como também no percurso da extinta estrada de ferro, serra-acima, constituindo hoje uma vasta área de autoconstruções em assentamentos irregulares. Na época atual, circulando pelo bairro e observando a proliferação das autoconstruções que estão inseridas na paisagem, vê-se um aspecto desolador, acrescido da falta de saneamento e de infraestrutura básica para o atendimento dos mais de quatro mil e setecentos moradores.<sup>78</sup>

Como espaço de relações, o bairro foi no passado, sobretudo, o lugar de convivência das famílias operárias, elas constituíam a força de trabalho disciplinada pela Cia. Fiação e Tecidos Cometa, eram o suporte de reprodução ampliada do capital na fábrica. Hoje, não existe mais aquele espaço de representação do tempo pretérito, como a banda de *Jazz 18 de Junho*, o time de futebol do Esporte Clube Cometa, o cinema, o carnaval de bairro, o bate-papo na calçada, a feira livre no Meio da Serra. A vida prática e cotidiana de bairro foi e está sendo transformada a um ponto de não-retorno do padrão anterior.

Na pesquisa realizada em alguns jornais da cidade encontramos relatos sobre as condições que se encontrava o bairro. Optamos pelo Diário de Petrópolis do dia 13 de maio de 2011, na coluna *Diário nos Bairros* (p. 9), assinada por A. Souza com a manchete: *Serra Velha. Fábrica originou o [núcleo do bairro] Meio da Serra* (SOUZA, A., 2011b).

A matéria abre relatando a importância que a centenária Cia. Fiação e Tecidos Cometa teve na gênese do bairro com a construção do seu núcleo fabril e da

---

<sup>78</sup> Resultado do último levantamento feito em 2015 pela Secretaria de Planejamento do município.

vila de casas, ressaltando a descaracterização ou acréscimos irregulares das casas que abrigavam as famílias de seus operários.

Com a “chegada do trem”, diz o colunista, a movimentação de pessoas aumentou consideravelmente no centro urbano e histórico do Meio da Serra. De acordo com a matéria, “Hoje a fábrica tem seu prédio em ruínas e a estrada de ferro desativada em 1964 está em grande parte ocupada por casas de alvenaria”, habitações construídas, como visto antes, por conta do atual trabalhador.

Desse modo, analisa A. Souza (2011b), os antigos moradores que tiveram relação direta com a Fábrica Cometa “clamam por melhorias”, e que, de fato, o núcleo histórico do bairro está absolutamente abandonado pelos órgãos (in)competentes e que os moradores originários recordam com orgulho os tempos esplêndidos da convivência de vida cotidiana de bairro que levavam.

Pensando em um contexto exógeno mais amplo, mas que guarda certa relação com o núcleo fabril da Cometa no Meio da Serra, Harvey (2016) escreve que é bastante natural para o capitalismo a reprodução do espaço em seu benefício, moldando uma paisagem geográfica vantajosa e estribada nos recursos que a natureza lhes proporciona e na exploração da classe operária de todos os lugares imagináveis no mundo. Da mesma maneira, é natural para o capitalismo o abandono desses espaços que não mais atribuem certos valores ou serventia, que assim, são deixados ao léu. O capital é movediço, ele opera num mundo intrinsecamente variável por diversas razões que sejam, econômicas, técnicas, políticas ou sociais, como explicita Harvey (2016).

Nesse cenário, o bairro Meio da Serra, na sua totalidade e mais especificamente na centralidade deste trabalho, sofreu e ainda sofre com o abandono sistemático das elites e do poder público constituído, desse modo, as mutações na paisagem geográficas dão provas disso, elas são seus testemunhos vivos e inegáveis do aparecimento da periferia no bairro, em decorrência do abandono do capital.

## 5.2 VISÕES ATUAIS DO BAIRRO MUTANTE

As transformações socioespaciais observadas atualmente no Meio da Serra são convincentes sob o ponto de vista de atuação no passado da produção

capitalista nesse corroído núcleo histórico, elas estão nitidamente visíveis na paisagem, nos acréscimos nas casas da vila operária e na vida cotidiana dos habitantes desse periférico bairro. O número de habitantes que nasceram no núcleo histórico do Meio da Serra, pós fechamento da fábrica, alcança mais de dois terços dos atuais moradores; um terço são de migrantes que residem a pelo menos dez ou mais anos no núcleo histórico do bairro e a maioria desses se declaram proprietários de suas casas.

O nível de escolaridade também não é dos mais satisfatórios. No geral, é composto por pessoas que não concluíram o ensino fundamental e com baixa renda, a maioria com dois rebentos e a massa dos votantes tem como domicílio eleitoral o município de Petrópolis.

Respondendo uma das nossas indagações iniciais. O fato de se posicionar fronteiro, um tanto isolado, nas bordas da baixada populosa, qual é o grau de interveniência de Petrópolis e da Baixada Fluminense no Meio da Serra?

Atualmente, o local de continuidade do estudo dos moradores do núcleo histórico é predominantemente em direção serra-acima, em Petrópolis, sendo que uma pequeníssima parcela se desloca serra-abaxo para estudar ou complementar os estudos em cursos preparatórios. Para realizarem as compras do mês, em função de preços mais acessíveis, a maioria segue para a Baixada, nas localidades de Fragoso ou Piabetá, ambos localizados no município fronteiro de Magé.

Da mesma maneira a cidade de Petrópolis ainda exerce forte influência sobre os que estão atualmente empregados e é o local de trabalho da maior parte dos moradores, geralmente no comércio; a outra pequena parte se encontra dividida, exercendo alguma função no mingüado comércio do bairro ou se deslocando para a baixada próxima ou ainda para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Nos finais de semana e feriados a diversão ou a busca por atividades culturais é muito equilibrada entre as possibilidades ofertadas pelos dois municípios, com ligeira vantagem para Petrópolis mesmo sendo mais longe e mais caro alguns serviços, como: cinema, boates e bares.

Para o atendimento médico hospitalar ou consultas periódicas, quando não é resolvido no posto médico do próprio bairro, os moradores se deslocam serra-acima onde há maior infraestrutura na área de saúde, portanto, Petrópolis mantém ainda uma forte influência socioeconômica sobre este bairro periférico.

O núcleo histórico do bairro Meio da Serra, que foi materializado no passado pelo impulso da industrialização nesse sítio montês, não é o mesmo de outrora, a não ser na memória dos mais longevos operários que permanecem ainda hoje como moradores, não mais terão o entrelaçamento na vida cotidiana que experienciaram antes pela dinâmica capitalista fixada no bairro por longo tempo. Contudo, no momento presente, ainda há quem sinta saudades do período passado, seria a manifestação recôndita do “*ethos da vida de bairro*”? Aquilo que está latente ainda hoje no Meio da Serra?

Seabra (2000) demonstra que esta espacialidade elementar chamada *bairro* possui vínculos estreitos com a industrialização quando afirma que

[...] a industrialização é concentradora, maximizadora do uso do tempo e do espaço. Por sua lógica reúne aquilo que está disperso e potencializa enormemente o que reúne. Foi assim que os primeiros imigrantes [e migrantes], operários [...] foram se estabelecendo [...], relacionando-se [...], [assim,] [...] por suas práticas fortemente enraizadas acabaram criando o *ethos da vida de bairro*. (SEABRA, 2000, p. 13).

A despeito de Seabra (2000) narrar a industrialização e urbanização de São Paulo, com foco no bairro do Limão, acreditamos ser lícito a correlação com a formação do núcleo urbano histórico do bairro Meio da Serra, por guardar certas homogeneidades entre a industrialização como indutora da urbanização e vida cotidiana do bairro em estudo, principalmente no que diz respeito ao futebol, as festas populares e a procissão.

A propósito, a partir desse processo dinâmico do capitalismo, ao mesmo tempo que ele estruturou a vida jornalreira no núcleo desse bairro, foi ela, a (des)industrialização, a responsável pela desestruturação da vida cotidiana no núcleo histórico do Meio da Serra. Foi nesse contexto que conseguimos entender outra das nossas indagações iniciais.<sup>79</sup>

Para ser um bairro, como foi exposto na primeira parte deste trabalho, deveria haver no núcleo histórico do Meio da Serra uma “*fisionomia própria e caracterizada por traços distintivos*”, mas que atualmente não há mais, o prédio da Cometa foi demolido e as casas da vila operária sofreram e sofrem alterações constantes na sua edificação original.

---

<sup>79</sup> Questionamo-nos: O bairro Meio da Serra permanece inteiro como bairro ou existiriam sinais latentes de uma mancha periférica — o que chamaríamos de sombras periféricas?

Para Lefebvre (1978), um bairro, qualquer bairro, deveria ser plenamente um “tipo de módulo social ou de sociologia, verificável e ratificável” (1978, p. 195 tradução nossa). No núcleo urbano do Meio da Serra na atualidade, ainda conseguimos distinguir o conjunto de ruas e a praça, ambas para vivência cotidiana dos moradores na realização de “suas próprias vidas”, apesar disso, hoje, este núcleo urbano está sem o seu caráter particular cabal, sem os seus costumes tradicionais, sem as suas manifestações populares da vida de bairro.

Um bairro íntegro deveria possuir no seu interior uma forte *identidade socioespacial*, mas, para M. J. L. Souza (2000), esta referência vem pouco a pouco sendo transformada após o encerramento das atividades produtivas na fábrica e a ocupação do núcleo histórico do Meio da Serra pelos novos moradores e a sua expansão autoconstrutiva. Percebemos, em alguns moradores, um certo constrangimento quando se fala do lugar onde mora. Seria uma mutação para outra *identidade socioespacial* (MATTOS apud TAUNAY et al., 1957, p. 65)?

Um bairro, na ideia de Bernardes e Soares (1990), deveria ser um conjunto que tem sua própria originalidade, baseada num sentimento coletivo dos habitantes, que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro. Esta singularidade e este coletivo está se dissipando inexoravelmente nas últimas décadas.

Reverendo Certeau, Giard e Mayol (1996), a centralidade do Meio da Serra está mais para lugar do que um bairro, pois um lugar está mais relacionado aos acontecimentos do cotidiano e assim mais suscetível a mudanças, o que vem ocorrendo há tempos lá no núcleo histórico do bairro. A comunidade não se distingue mais como um bairro operário e sim como lugar de passagem ou bairro-dormitório.

Por fim, para Seabra (2003), um bairro, caracteriza-se por sua prática social pautada nas relações de vizinhança, de compadrio e de parentela, assentado num espaço próprio, ou ainda, o bairro deveria ser um acontecimento ao nível da prática social, ganhando objetividade, tornando-se empiricamente observável, dessa maneira não observamos aquele bairro operário do passado, portanto, atualmente ele é, em teoria, um destroço em reconstituição, com perdas significativas na tríade exposta acima.

Portanto, na nossa concepção o bairro Meio da Serra do presente *não* permanece mais inteiro como o bairro de outrora e sim um lugar de passagem e lugar-dormitório fragmentando-se a cada dia com novas objetividades, formas e conteúdos.

O complemento da questão levantada inicialmente era se existiriam sinais latentes de uma mancha periférica – o que chamaríamos de sombras periféricas? A resposta é simples. Está em processo a periferização do Meio da Serra desde a década de 1970, desse modo, com as imagens e os dados apresentados ao longo do trabalho, ao nosso entender, não deixam dúvida quanto aos sinais, eles estão evidentes e não latentes indicando a expansão de uma periferia em sentido duplo.

No nosso objeto de estudo, o núcleo histórico do bairro periférico do Meio da Serra, as formas do passado estão em processo de mutação visível, temos como resultado desse processo capitalista fluído, o aumento descontrolado das autoconstruções na vertente Sul como um todo, a poluição sistemática do Rio Cayoaba e de seus afluentes, tudo isso acrescido da perda da identidade engendrada no passado espacial da centralidade do bairro, isto é, o possível desaparecimento dos “espaços familiares ligados à vizinhança, ao parentesco e ao compadrio” como uma consequência negativa para todos da comunidade.

Além disso, o bairro, assim como os outros bairros da periferia geográfica de Petrópolis, por exemplo, Alto da Serra, Morin (queremos dizer, as comunidades do Alto Pedro Ivo, assim como a de Lagoinha) e Cascatinha, a maioria da população dessas comunidades carecem de diversos serviços sociais e de infraestrutura ou perdem os que já tem e se tornam grupos de pessoas vulneráveis à exploração inaceitável do capital e por incrível que pareça, coadunado pelo abandono ou hipocrisia do poder municipal que deveria organizar e cobrar eficiência dessas estruturas que certamente mitigaria as carências provenientes do abandono sistemático dessas comunidades.

### **5.2.1 Os protagonistas das mutações**

Procurando entender essa textura espacial, foi necessário interligar os fragmentos da história que produziram profundas ranhuras no tecido socioespacial do núcleo urbano e histórico no bairro com os evidentes entrelaçamentos fixados entre os investimentos público e privado que proporcionaram a reprodução ampliada do capital na matriz da Cometa no seu núcleo fabril do Meio da Serra. Nesse sentido, as



ideias de Harvey (2016) endossam este argumento, deixando bastante claro, na nossa visão, que os protagonistas desse processo, o capital e o Estado capitalista<sup>80</sup>

[...] [tiveram e ainda têm] um papel fundamental na produção de espaços e lugares em que se realiza a atividade capitalista. É preciso muito capital para construir uma ferrovia, por exemplo. Se o propósito da ferrovia é ser rentável, então outros capitais devem utilizá-la, de preferência durante o tempo de investimento fixado. Se isso não acontece, a ferrovia vai à falência e o capital investido é perdido ou desvalorizado. Assim, o capital precisa usar a ferrovia, uma vez que a construiu. Mas por que o capital precisa de uma ferrovia? Tempo é dinheiro para o capital. Atravessar espaços custa tempo e dinheiro. A economia do tempo e do dinheiro é a chave para a lucratividade. Cria-se um prêmio para inovações [...] que reduzam os custos e o tempo de deslocamento espacial. [...] o que Marx chamava de ‘destruição do espaço pelo tempo’ é um dos santos graais da atividade capitalista. (HARVEY, 2016, p. 140).

Nesse contexto, o núcleo histórico do bairro Meio da Serra e a Cia. Fiação e Tecidos Cometa floresceram praticamente juntos com esses investimentos na implantação da estrada de ferro que passava praticamente em frente à sua porta principal. O capital e o Estado capitalista promoveram tal situação. É fundamental para ambos, mas para o primeiro é muito rentável a produção de espaços onde estão sendo realizados a produção capitalista e nada melhor do que obter o lucro, ou melhor, a exploração, com a maior velocidade possível, reduzindo os custos e o tempo do deslocamento no espaço geográfico. Para o investimento capitalista, portanto ainda vale a velha máxima: *tempo é dinheiro*, como visto na citação acima.

Concordamos com Harvey (2016), quando nos diz haver duas formas dos capitalistas reduzirem o custo e o tempo, a primeira delas é a inovação constante na modernização dos meios de transportes e comunicação; a segunda é a fixação das atividades produtivas numa localidade onde se possa minorar os custos com a busca de meios de produção (inclusive matéria-prima), mão de obra e acesso ao mercado nas áreas próximas onde há “economias de aglomeração”. Dessa maneira, entendemos que no passado foram estes interesses burgueses, “internos e externos,

---

<sup>80</sup> Sobre a atuação do ‘Estado capitalista’, encontramos um reforço teórico a mais nesta contenda em Fernandes (1974), quando ele disse que, “[...] o Estado não é, para as classes dominantes e com o controle do poder político, um mero comitê dos interesses privados da burguesia. Ele se torna uma terrível arma de opressão e de repressão, que deve servir a interesses particularistas (internos e externos, simultaneamente), segundo uma complexa estratégia de preservação e ampliação de privilégios econômicos, socioculturais e políticos de origem remota (colonial e neocolonial) ou recente. [...] Analisando-se as conexões [...] constata-se que o Estado surge, assim, como um instrumento por excelência de dominação burguesa, o que explica as limitações de sua eficácia: seus alvos são egoísticos e particularistas; e são raras as coincidências que convertem ‘o que interessa ao topo’ em algo relevante para toda a nação” (FERNANDES, 1974, p. 29).

simultaneamente” (FERNANDES, 1974, p. 29) que atingiram o núcleo fabril da Cometa no Meio da Serra, o mais próximo da cidade do Rio de Janeiro.

De um modo amplo, os capitais de diferentes origens se unem para investir e explorar ao máximo a mão de obra e os recursos naturais disponíveis, as informações e a infraestrutura local, tudo isso em ‘louvor’ à lucratividade e, nesse caso, com o processo de fato da industrialização/urbanização brasileira a partir do início do século XX, os investimentos capitalistas aproveitaram essa nova oportunidade de expansão e se deslocaram, gerando uma fuga de capitais para o Estado de São Paulo, com isso, o Rio de Janeiro entra em processo de bancarrota<sup>81</sup>.

A partir dessa reestruturação no eixo econômico/comercial nacional, a cidade de São Paulo se tornou o foco predominante da exploração do capital, convertendo-se na economia regional mais diversificada e competitiva com maior poder e influência nos cenários nacional e internacional; com este evento passado, Petrópolis e o núcleo histórico do bairro operário fabril no Meio da Serra sofreram juntos um impacto brutal em seu espaço socioeconômico causando desemprego e falência com reflexos alcançando os dias atuais. É notório que o capital não finca raízes profundas, ele é fluído, se movimenta em ciclos sistêmicos de acumulação. Assim, os circuitos do capital tendem a se deslocar com certa frequência de um espaço para outro, basta que os custos com a administração e a manutenção dos ganhos nos investimentos, ou melhor exploração, sofram algum incômodo e, por sua vez, causem problemas na competitividade que ele se reorganiza em outro território sobre novas bases.

Dessa maneira, mais uma vez nos apoiamos e concordamos com a análise de Harvey (2016). Na sua visão:

[Os] Custos de vida crescentes em um local levam demandas salariais que podem [tornar] uma região pouco competitiva. A mão de obra pode organizar melhor a sua luta contra a exploração em razão da concentração regional. O

---

<sup>81</sup> Conforme descrito no Relatório final do Observatório das Metrôpoles da UFRJ, publicado em 21 de dezembro de 2005, na década de 1940 a região metropolitana de Rio de Janeiro perdeu posicionamento em relação a São Paulo e, subsequentemente, às outras regiões, com destaque para os efeitos negativos da transferência da capital federal para Brasília em 1960. A cidade como capital alojava um significativo setor bancário, a sede de profusas empresas estatais e privadas e ainda contava com uma ampla rede de transportes. Ainda de acordo com o relatório, dois aspectos caracterizaram a instabilidade econômica fluminense na época: primeiro, a perda da eficácia competitiva de sua indústria, com o eixo mais moderno deslocando-se para São Paulo e sua região polarizada e, mais proximamente, para Belo Horizonte; segundo, a queda na atração de sedes de empresas, privadas e estatais para fixação no Estado, principalmente no âmbito da rede financeira (sedes de bancos) que, da mesma forma, transferem-se para a cidade de São Paulo.

preço da terra e das propriedades [aumentam] à medida que a classe rentista se aproveita do controle sobre uma terra cada vez mais escassa. [...] quando os custos locais aumentam rapidamente, os capitalistas buscam outros espaços na economia [...] para exercer suas atividades. (HARVEY, 2016, p. 142).

À vista disso, a concentração frutifica uma “centralização geográfica” e o capital flui em direção a essas novas áreas, onde a classe dominante em aliança com a classe hegemônica local, criará à sua maneira, as condições necessárias de controle, produção e consumo. De acordo com Harvey, tais estruturas, vão além das simples “mudanças econômicas [elas] englobam atitudes, valores culturais, crenças e até grupos religiosos e afiliações políticas” (2016, p. 142), que o autor chamou de “coerência estruturada” (HARVEY, 2016, p. 142).

No nosso entendimento, a desindustrialização, observada em Petrópolis a partir da década de 1970 com reflexos imediatos nos bairros operários, foi motivada por esse movimento do capital, deixando para trás um rastro de devastação pela decadência do Rio de Janeiro com relação a perda do seu poder econômico-político para São Paulo, pois trata-se uma contradição inevitável do capital, tal como afirma Harvey (2016).

Consequentemente, o Rio entra em espiral descendente de depressão e os resultados sinalizam uma mutação na paisagem geográfica que estão diretamente amalgamados a esse processo de fluidez do capital com provas evidentes e indicativas de periferização em Petrópolis e, obviamente, em nossa centralidade de estudo, o núcleo histórico do bairro Meio da Serra, que a esta altura já começa a ser tingido “pela nódoa das desigualdades socioespaciais” (AMBROZIO, 2013, p. 271), sobretudo a partir do encerramento das atividades da Cometa no núcleo urbano desse bairro.

Nesse enquadramento, não é desnecessário usar mais uma vez as palavras de Ambrozio (2013), testemunhando que a cidade de Petrópolis permanece com seus bairros e centro. Não obstante, os bairros, principalmente aqueles que receberam a industrialização têxtil no passado, hoje convivem “manchados pelo aprofundamento da pobreza” (2013, p. 272) desencadeados pela desindustrialização e pelo crescimento demográfico acentuado e desordenado nas últimas décadas com consequências graves, provocando ainda mais a produção expansiva desigual do espaço em bairros que, então, fixaram a periferia petropolitana.

Na Figura 38, esse quadro de mutação socioespacial e da desvalorização de uma parte do capital fixo da Cia. Fiação e Tecidos Cometa, as manchas de periferia são bastante nítidas.

Figura 38 – O núcleo original do bairro Meio da Serra, no passado e no presente



Notas: Meio da Serra na década de 1930 (à esquerda) e 2006, data provável (à direita). Fotografias tiradas aproximadamente do mesmo ponto focal. Ao fundo, a Igreja de São Sebastião do Meio da Serra e parte das casas da Vila Operária. Na segunda fotografia (à direita e em cores), as autoconstruções acrescidas ao patrimônio histórico do Meio da Serra que foi tombado pelo IPHAN na década de 1980

Fonte: Acervo da família Gastaldo

Nesse contexto, novamente buscamos apoio teórico em Harvey (2016) para declararmos que a culpa não é somente do município de Petrópolis, mas é igualmente do Estado no fomento à expansão da periferia.

O Estado é uma entidade territorial limitada, formado sob condições que pouco têm a ver com o capital, mas é um traço fundamental na paisagem geográfica. Em seu território, ele tem o monopólio do uso legítimo da violência, soberania sobre a lei e a moeda e autoridade reguladora sobre as instituições (inclusive sobre a propriedade privada), além do poder de cobrar impostos e redistribuir rendas e ativos. O Estado organiza estruturas de administração e governo que no mínimo, tratam das necessidades coletivas tanto do capital quanto, de maneira mais difusa, de seus cidadãos. Entre seus poderes soberanos, talvez o mais importante seja o de definir e conferir legalmente direitos de cidadania a seus habitantes [...] como entidade limitada, é da maior importância como são estabelecidos os limites do Estado e como eles são patrulhados em relação ao movimento das pessoas, das mercadorias e do dinheiro. [...] Os interesses do Estado capitalista não são os mesmos do capital. (HARVEY, 2016, p. 146-147).

Concordamos outra vez com Harvey e sabemos que não é tarefa simples a lida – às vezes, muitas vezes – coerente da função e o papel do Estado capitalista

na regulação dos interesses complexos e simultâneos das classes sociais dominantes (conservadoras) nacional, das estruturas internacionais de poder, das lutas sociais internas das classes assalariadas e dos setores marginalizados na definição de seus espaços e lugares – ainda mais no Brasil, um país dócil na periferia do mundo capitalista, dependente e subdesenvolvido<sup>82</sup>.

Se o poder do Estado, “suficientemente forte e dócil” (FERNANDES, 1974, p. 29), somente responde aos interesses egoístas da dominação burguesa (externa ou interna, ou ambos), o próprio, não cumprirá o seu papel fundamental, que é o de manter uma sociedade equilibrada com os seus direitos iguais e assegurados quanto ao acesso à educação, saúde e habitação para toda a Nação.

O fato é que, caso o Estado seja cínico em sua atuação, ele determinará que ampliadas parcelas da população serão jogadas na brutal adversidade – como nos parece ser o caso da centralidade do bairro em estudo, o núcleo histórico do Meio da Serra ou em qualquer outra cidade ou bairro no mundo – não é justo que a massa trabalhadora, os explorados pelo capital, sofram com este descaso, pois, como observou Harvey (2016), foi “o capital, e não as pessoas, que abandonou e desindustrializou Detroit, Pittsburgh” (p. 150), bem como o Rio de Janeiro e sua cidade-satélite Petrópolis, deixando um rastro de profunda degradação socioespacial.

Na cidade de Petrópolis, uma cidade capitalista, assim como outras espalhadas pelo mundo, a burguesia industrial e o poder aristocrático construíram seus palacetes, suas mansões e no presente os seus condomínios fechados, constituem-se em verdadeiras obras de arte arquitetônicas que contrastam com a antiga arquitetura da industrial têxtil do passado e da mesma forma, contrastam, no período contemporâneo, com as casas nos bairros, outrora de operários, que por sua vez, contrastam com a proliferação da periferia imperial com suas autoconstruções precárias e inacabadas, construídas pelos próprios trabalhadores.

Isso, como disse Harvey (2016) “é o ponto alto da tentativa do capital de parecer civilizado e representar a grandeza das aspirações humanas” (p. 150),

---

<sup>82</sup> A lógica da dominação burguesa apresenta-se em dois polos, como afirmou Fernandes em *Mudanças Sociais no Brasil*: “[...] um *interno*, representado por classes dominantes que se beneficiam da extrema concentração da riqueza, do prestígio social e do poder, bem como do estilo político que ela comporta, no qual exterioridades ‘patrióticas’ e ‘democráticas’ ocultam o mais completo particularismo e uma autocracia sem limites; outro *externo*, representado pelos setores das nações capitalistas hegemônicas que intervêm organizada, direta e continuamente na conquista ou preservação de fronteiras externas, bem como pela forma de articulação atingida, sob o capitalismo monopolista, entre governos dessas nações e a chamada ‘comunidade internacional de negócios’” (FERNANDES, 1974, p. 27).

podemos admirar as belas e verdejantes paisagens e palacetes do centro histórico imperial, no entanto, elas escondem, verdadeiramente, os processos e o trabalho operário imprescindível a sua construção.

Numa nova fase interna de desenvolvimento capitalista, “orientada e regulada a partir de fora” (FERNANDES, 1974, p. 37), a partir de 1970, precipita as intensas transformações socioespaciais de largo tempo (1840-1970...) nessa cidade serrana, na organização institucional das atividades econômicas, socioculturais e políticas, que beneficiaram apenas as classes altas e médias da elite no passado e ainda beneficiam os seus sucedâneos, no presente.

Embora essa nova fase afetasse todas as classes, os benefícios imediatos convergiram para uma pequena classe (setores senhoriais e ou quase-senhoriais)<sup>83</sup> unicamente que, lamentavelmente, impactaram de modo negativo a organização da vida cotidiana dos despossuídos, os da classe inferior, em nosso caso, o núcleo histórico do bairro Meio da Serra no período atual.

Posteriormente, complementa-se essa excludente transformação econômica e sociocultural através dos “reajustamentos internos e simultâneos ou sucessivos” como ocorreu anteriormente entre o sistema colonial para o neocolonial nos fins do século XIX em diante, como assevera Fernandes (1974).

É estarrecedor que a afirmação de Fernandes esteja ainda tão presente nos dias atuais, disse ele em 1974 que:

[...] há mais de um século e meio depois da independência e há mais de três quartos de século da universalização do trabalho livre e da proclamação da República, a mudança social ainda [hoje] não se dá para a sociedade brasileira como um todo, mas para uma minoria privilegiada, a qual pode ser estimada, para efeitos de clarificação social efetiva ‘no sistema’, no máximo em quarenta por cento, mas que não passa, na realidade, de dez por cento, em termos de concentração de renda ou de poder e de renda média compatível com o ‘padrão de vida decente’ das elites. (FERNANDES, 1974, pp. 43-44).

A leitura dessa conjuntura descrita acima e nos parágrafos precedentes sugerem, de modo geral, que os interesses e as condições de vida dos extratos das classes sociais mais baixas sofreram e ainda sofrem exclusão social com perdas

---

<sup>83</sup> Para Fernandes, “[...] graças à emancipação nacional [...] [ocorreu] a integração vertical dos estamentos senhoriais. Essa transformação operou-se através da integração desses estamentos em uma ordem civil, que detinha o monopólio do poder político, o qual conferiu aos senhores [...] o poder de controlar a máquina do Estado sem qualquer mediação” (FERNANDES, 1974, p.36).

significativas nesse processo ao longo do tempo, o que pode facilmente ser constatado empiricamente, no presente, na destruição paulatina do padrão de vida cotidiana do bairro Meio da Serra como um todo e culminando no agravamento das já arruinadas condições socioespaciais e econômicas no núcleo histórico, confirmadas pelo surgimento e expansão da periferia na paisagem geográfica do bairro.

Santos (2013), na apresentação do seu livro *Pobreza urbana*, disse, e concordamos com ele, que a pobreza urbana é um fenômeno incontestável na nossa realidade atual por dois grandes motivos: por abarcar a todos os países e de forma desumana os mais pobres e pelo fato da urbanização galopante trazer consigo e na mesma velocidade a expansão da pobreza, ainda que se manifeste de forma desigual e particular em qualquer nação e nas distintas cidades de um mesmo país.

Afinal, como assegurou Lefebvre (2016), a cidade, assim como os bairros influenciados por ela, foram e ainda são, ao mesmo tempo, “o local e o meio, o teatro e a arena dessas interações complexas” (p. 64). Formas, estruturas e funções, agiram e ainda agem umas sobre as outras e permanecem se metamorfoseando num processo que é possível de ser reconstituído.

Todo desenvolvimento urbano, e incluímos aqui o núcleo urbano histórico do bairro Meio da Serra, conheceu uma ascensão, um apogeu e um declínio, e seus destroços serão reutilizados em uma nova formação imposta a partir das constantes revitalizações do padrão do capitalismo dependente, sem, no entanto, amenizar a extrema desigualdade na distribuição da riqueza que provocou no passado e ainda provoca no presente, a intensa exclusão das classes mais pobres, as destituídas, como exemplo: a população do bairro Meio da Serra.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção desta dissertação foi fundamental, uma vez que possibilitou analisar e comparar como se encontra atualmente e como foi a ocupação no núcleo histórico do bairro Meio da Serra e a sua trajetória de descontinuidades entre o presente e o passado. Ao pesquisarmos o processo da gênese do bairro Meio da Serra se concluiu que o ponto de partida se deu pela instalação da Fábrica de Papel Orianda (1857) já com casas para os operários que aí trabalhavam, seguido da Manufactura Linha Estrella (1888) e posteriormente com a implantação do núcleo fabril da Cia. Fiação e Tecidos Cometa (1890), todos esses empreendimentos foram cristalizados no mesmo espaço que desde a origem se constituiu como espaço urbano.

Disso resulta a efetiva edificação do núcleo fabril a partir da segunda metade do século XIX no local que se configurou como a centralidade do bairro, portanto, pode se dizer que foi a fábrica da Cometa a indutora desse núcleo urbano histórico no Meio da Serra, fixado no antigo acesso para a cidade de Petrópolis.

Embora não tenha sido uma lei absoluta, as indústrias que surgiram nessa época foram implantadas nas franjas das cidades e, dependendo das possibilidades locais, se instalaram perto das fontes de energia (rios, florestas), dos meios de transportes (estradas de rodagem, 'caminhos' de ferro) e das reservas de mão de obra. Dessas circunstâncias pequenos centros têxteis foram sendo estabelecidos ao longo do tempo em diversos lugares, e aqui não foi diferente.

Desse modo, foi necessário buscar subsídios na bibliografia que assentassem uma base teórica que permitisse a compreensão dos processos/dinâmicas determinantes, de um lado, para o surgimento/desaparecimento desses empreendimentos capitalistas no passado e por outro lado, para compreender a proliferação das autoconstruções no entorno próximo das ruínas da Cometa e na sua vila operária na atualidade, principalmente, após o encerramento das atividades produtivas dessa indústria na década de 1970.

Como consequência do estudo e análise desse material constatamos que está em curso a queda no padrão de vida dos moradores e a exclusão socioespacial, como periferia nesse núcleo urbano originário.



Por isso, como pano de fundo deste trabalho, foram incorporadas as concepções de autores tanto da Geografia quanto de outras áreas do conhecimento em relação aos conceitos de bairro e de periferia urbana, com o intuito de aclarar como se manifestaram os complexos processos históricos de industrialização e urbanização que estão sobrepostos na realidade socioespacial de nosso objeto de estudo: o núcleo urbano original do Meio da Serra e suas mudanças significativas e inquietantes, em termos de degradação socioespacial intensa são facilmente observadas no ‘modo de viver’ e na paisagem geográfica do bairro como um todo.

Em decorrência das visitas à área de estudo, das análises nas diversas fotografias dos acervos pessoal e público que remontam o tempo anterior desse núcleo fabril, como também da bibliografia examinada, ficaram evidentes as transformações socioespaciais que ocorreram e ainda vem ocorrendo no núcleo urbano original do bairro nas últimas décadas, principalmente após o encerramento da produção têxtil na fábrica a partir da década de 1970.

Este processo está relacionado, entre outros fatores, a crise instalada na cidade do Rio de Janeiro devido a uma inflexão no processo de industrialização e urbanização de São Paulo, o que acarretou a desindustrialização local e a consequente perda de prestígio político e econômico do Rio. Assim, boa parte do capital migrou para esse novo espaço de exploração capitalista.

Nas palavras de Lefebvre (2016), “a passagem do capitalismo comercial e bancário e da produção artesanal para a produção industrial e para o capitalismo concorrencial” (p. 15) se fez acompanhado de uma intensa crise, portanto, uma certa descontinuidade do processo foi observada por aqui.

Neste momento da pesquisa, ficou claro o aspecto contraditório da exploração capitalista engendrado por um “duplo processo, [...] industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social” (LEFEBVRE, 2016, p. 17) na centralidade do bairro em estudo.

Dessa forma, num primeiro momento, cria-se o núcleo primitivo do bairro e a vida de bairro para mais adiante, num segundo momento, esse núcleo histórico do bairro ser desestruturado e embora, este núcleo urbano não tenha desaparecido por completo, restando então apenas um núcleo fabril deteriorado com outras sociabilidades degradadas na vida do bairro, em consequência das novas e promissoras espacialidades do capital em outro território.

No passado, com base em narrativas recolhidas e nas fotografias da época, a vida de bairro, em suas práticas cotidianas fervilhavam, como: o futebol, as festas promovidas pela igreja de São Sebastião do Meio da Serra e o carnaval de rua. Com o passar do tempo (após 1970), estas representações foram se esvaindo no espaço vivido na centralidade do bairro até ao ponto de hoje não ser mais reproduzido o carnaval e o futebol, apenas a festa católica ainda resiste, o que nos levou a entender que a realidade presente e a vida de bairro são outras, como expôs Lefebvre claramente afirmando que as descontinuidades “não se situam apenas entre as formações urbanas, [...] mas também entre as relações mais imediatas dos indivíduos e dos grupos” (LEFEBVRE, 2016, p. 63), o que desvela uma nova identidade socioespacial nesse núcleo urbano original do Meio da Serra.

Para descobrirmos a história passada da centralidade do bairro em estudo, o ponto de partida foi o presente, assim, pudemos então reconhecer a partir de “uma leitura e um olhar” (SEABRA, 2003, p. 419) as principais mutabilidades na paisagem do bairro — as autoconstruções: ‘casas’ edificadas nas ruas semioficializadas no entorno próximo as ruínas da fábrica e da mesma maneira em duas comunidades localizadas na Estrada Normal da Estrela (RJ-107), Lopes Trovão e Vila São Francisco, que fazem parte oficialmente do bairro Meio da Serra. As autoconstruções também estão fixadas em lotes ocupados ao longo da extinta estrada de ferro que passava pelo local até o bairro fronteiro (ao Norte), o Alto da Serra.

Assim, o bairro foi destampado e, tornou-se visível e datado. A partir disso, consideramos esta impressionante expansão informal uma resposta a uma das nossas indagações iniciais, confirmando a expansão da mancha de periferia ocasionada, entre outros fatores, por descaso e omissão do poder público em resolver o grave problema da moradia popular no município, após a desindustrialização local.

O que chama a atenção em todo o percurso de subida da Serra da Estrela são as ‘habitações’ de baixo padrão – Bonduki (1998) as denominou de “autoempreendimento na periferia” (p. 283) – construídas pelos próprios moradores para atender suas necessidades imediatas, com pouco ou nenhum vínculo com a avoenga história da Cometa no bairro e, ainda, em menor grau, e de se notar os acréscimos nas casas da vila operária que descaracterizam o patrimônio tombado pelo Iphan em 1980, no núcleo originário do bairro.

O bairro Meio da Serra na totalidade, não há dúvida, está em processo contínuo de expansão, tanto da “mancha urbana como da marcha demográfica” de

forma desorganizada, sem infraestrutura mínima, os arruamentos foram abertos de maneira precária e incorporados aos poucos ao uso urbano, ocupando áreas que atualmente são protegidas por Leis (Federal, Estadual e Municipal), dessa forma, concorrem para agravar o uso dos recursos naturais ali ainda existentes e indicam fortes marcas presentes de periferia, no sentido da Sociologia Urbana e da Geografia, necessitando urgentemente de serviços públicos.

Notadamente, o núcleo original do bairro passou e ainda passa por mudanças significativas em seu aspecto socioespacial no decorrer das últimas décadas, a qualidade relativa de vida que os antigos moradores da vila operária desse núcleo fabril vivenciaram no passado já não é mais a mesma. Ficou evidente que as mutações no núcleo inicial do bairro não ocorreram sem a perda da qualidade de vida das partes envolvidas, dessa forma fica patente a necessidade de melhorias qualitativas no atendimento aos moradores desse bairro em sua totalidade. A situação é crítica.

Finalizando, analisamos apenas uma fração da história atual e passada do núcleo urbano originário do bairro Meio da Serra, este espaço geográfico que é residual da industrialização e urbanização pretérita, que, de certa forma, ainda guarda variada memória dos conteúdos socioespaciais acumulados ao longo do tempo. Embora também no presente está sendo esvaziada gradualmente da história do subúrbio proletário que foi Petrópolis no passado.

Podemos concluir, pelo exposto nos capítulos, que o processo que culminou na gradual perda de identidade socioespacial e o aparecimento das 'sombras' de periferia na centralidade deste estudo a partir da década de 1970, foram induzidos por complexos fatores (exógenos e endógenos) de ordem econômica, ligados, sobremaneira, à desindustrialização local e somada a instabilidade política que vivenciaram as cidades de Petrópolis e do Rio de Janeiro, mutuamente.

Assim, todos esses fatores relacionados anteriormente contribuíram para as redefinições socioespaciais no núcleo urbano histórico do bairro Meio da Serra, que deixa de ser um bairro predominantemente operário fabril até a década de 1970 para se tornar um bairro periférico com marcas evidentes de degradação urbana e exclusão social.

No caminhar da pesquisa, um esforço guiado pelo método regressivo-progressivo, proposto pelo filósofo e sociólogo Henri Lefebvre, levou-nos a apreender espacialidades distintas, porém interligadas na história e no mesmo espaço urbano:

O 'Botecuíim', (o rural) um local de parada para o cafezinho e trocas de animais e se fosse necessário, uma hospedaria rústica, que atendia aos primeiros 'viajantes' que passavam pela Estrada Normal Serra da Estrela (1840); a implantação de fábricas, Papel Orianda, a Manufatura Linha Estrella e a Cia. Fiação e Tecidos Cometa e seu núcleo fabril (1857-1970), respectivamente, a gênese do bairro (urbano industrial) e o bairro na atualidade (pós 1970 – como periferia urbana no duplo sentido: geográfico e sociológico) resultado das constantes mutações decorrentes do processo capitalista que impactou fortemente esse espaço urbano.

Esse núcleo histórico urbano, portanto, foi tramado pelo movimento constante do processo capitalista, aqui baseado na indústria têxtil, guardando estreitas e complexas relações com a história mais ampla de industrialização e urbanização de Petrópolis e da cidade do Rio de Janeiro.

Nada obstante, a centralidade do bairro Meio da Serra também se formou pela disciplina ideológica da fábrica, engendrou uma classe operária que impôs, de certa maneira, as contradições da vida cotidiana de bairro e um modo de viver distinto dos outros bairros fabris petropolitanos, esse mesmo núcleo fabril também assistiu, como todo espaço capitalista de produção industrial, a sua própria história de ascensão, apogeu e queda.

Por fim, esse núcleo urbano histórico, ou melhor, o bairro na totalidade, vem se fragmentando socioespacialmente a cada dia, dessa maneira, novas questões se impõem nesse exato momento. O que acontecerá num futuro próximo num bairro como o Meio da Serra nesse movimento de desvalorização e abandono espacial local? Continuará ele, o Meio da Serra, um bairro esfumaçado pela debilidade identitária e o esquecimento? Confirmará o seu novo atributo como lugar de passagem e bairro-dormitório ou será engolido de uma vez por todas pela mancha da desigualdade e a proliferação das habitações precárias que a pesquisa nos revelou?

Enfim, um enigma se abre para uma outra pesquisa...

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. O crescimento das periferias urbanas nos países do Terceiro Mundo: uma apresentação do tema. In: BARRIOS, S. et al. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 61–70.
- AGUIAR, A. I. **Entre o discurso e a prática**: a educação da infância em escolas de fábricas com vila operária. 1994. 213 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- AMBROZIO, J. **Geografia petropolitana**. 2. ed. São João del Rey: Ponte da Cadeia, 2005.
- AMBROZIO, J. **Petrópolis**: o presente e o passado no espaço urbano: uma história territorial. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2013.
- AMPLA ENERGIA E SERVIÇOS S. A. Ampla – Energia elétrica do Grupo Enel. c2016. Disponível em: <<https://www.deway.com.br/portfolio/ampla-energia-eletrica-do-grupo-enel/>>. Acesso em: 14 maio 2018.
- ANTUNES, F. M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista da USP**, São Paulo, n. 22, p. 104, 1994.
- ARBOS, P. **Petrópolis, esboço de Geografia Urbana**. Trabalhos de Comissão, Petrópolis, v. 6, p. 173–225, 1943.
- ASSALTOS, roubos de carros preocupam moradores e usuários da Serra Velha da Estrela. Diário de Petrópolis, Petrópolis, 23 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.diariodepetropolis.com.br/integra/assaltos-roubos-de-carros-preocupam-moradores-e-usuarios-da-serra-velha-da-estrela-131680>>. Acesso em: 12 jan. 2018.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO. **Relatório apresentado à Assembléa Legislativa da Província do Rio de Janeiro na 2ª sessão da 12ª legislatura pelo vice-presidente João Manoel Pereira da Silva**. Petrópolis: Assembleia Legislativa da Província do Rio de Janeiro, 1857. Disponível em: <<http://ddsnext.crl.edu/titles/184#?c=0&m=38&s=0&cv=2&r=0&xywh=-1540%2C-182%2C5238%2C3695>>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- ASSOCIAÇÃO O ECO. O que é uma zona de amortecimento. 2014. Disponível em: <<https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28754-o-que-e-uma-zona-de-amortecimento/>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

BAIRRO. In: BUENO, F. S. **Dicionário Global Escolar Silveira Bueno da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2010.

BAIRRO. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online]**. 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/bairro>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

BAIRRO. In: **Glosbe - o dicionário multilíngue online**. [201-]. Disponível em: <<https://pt.glosbe.com/pt/pt/bairro>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

BELTRÃO, M. **Os caminhos do ouro**. O Caminho Novo e a Fazenda do Governo. Brasília, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 65–78, 2005.

BERNARDES, L. M. C.; SOARES, M. T. S. **Rio de Janeiro: cidade e região**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990. v. 3. (Biblioteca Carioca).

BONDUKI, N. G. **Origens da habitação social no Brasil: Arquitetura moderna, Lei do inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BONDUKI, N. G.; ROLNIK, R. **Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho**. São Paulo: FAU/USP, 1979. v. 2. (Cadernos de estudo e pesquisa).

BRASIL. Lei Complementar nº 20, de 1º de julho de 1974. Dispõe sobre a criação de Estados e Territórios. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 jul. 1974. Seção 1, p. 7253.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção 1, p. 1.

CARDOSO, A. L.; ARAÚJO, R. L. A.; COELHO, W. R. Habitação Social na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. In: CARDOSO, A. L. (Org). **Habitação social nas metrópoles brasileiras: uma avaliação das políticas habitacionais em Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo no final do século XX**. Coleção Habitare. Porto Alegre: Antac, 2007. p. 42–81.

CARNEIRO, A. **O Rio e sua região metropolitana: um resgate de 60 anos de informações demográficas**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2329\\_O%20Rio%20e%20sua%20Regi%C3%A3o%20Metropolitana.pdf](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2329_O%20Rio%20e%20sua%20Regi%C3%A3o%20Metropolitana.pdf)>. Acesso em: 21 ago. 2018. (Coleção Estudos Cariocas, 20011201).

CARONE, E. **Movimento operário no Brasil (1877 – 1944)**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1984.

CASADEI, T. O. **Petrópolis**: relatos históricos. Petrópolis: Editora Gráfica Jornal da Cidade, 1991.

CASTRO, J. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**: 2: morar, cozinhar. Tradução E. F. Alves; L. E. Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. v. 2.

COMETA FOI o início da industrialização. **Gazeta de Petrópolis**, Petrópolis, 9 fev., 1990.

COMETA: exemplo de força do bairro. **Jornal dos Bairros**, Petrópolis, 4-7 ago., 2007.

CONCEIÇÃO, M. T. A polissemia da palavra bairro. **Estudo Prévio**, Lisboa, 2013. Disponível em: <<http://www.estudoprevio.net/artigos/29/dossier-bairros-margarida-tavares-da-conceicao-.a-polissemia-da-palavra-bairro>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

CORRÊA, R. L. A periferia urbana. **Revista Geosul**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 70–78, 1986.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CORREIA, T. B. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, n. 4, p. 83–98, 2001.

COSTA, A. C. **Estratégias de desenvolvimento no Estado do Rio de Janeiro: o caso da Petrópolis-Tecnópolis**. 2005. 197 f. Dissertação (mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, C. V. **Lopes Trovão**. [21--]. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TROV%C3%83O,%20Lopes.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

DE CUSATIS, J. **Os italianos em Petrópolis**. Petrópolis: Câmara Municipal, 1993.

DIÁRIO DE PETRÓPOLIS. Mais de 47 mil pessoas vivem em área de risco, diz PMP. Diário de Petrópolis, Petrópolis, 14 maio 2017. Disponível em: <<https://www.diariodepetropolis.com.br/IntegraEdAnterior/mais-de-47-mil-pessoas-vivem-em-area-de-risco-diz-pmp-120681>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

DIOCESE DE PETRÓPOLIS. **Pe. Francisco Montemezzo**. 2015. Disponível em: <<http://diocesepetropolis.com.br/clero/pe-francisco-montemezzo-diocese-de-padova-italia>>. Acesso em: 9 dez. 2017.

EFITEUSE. In: **Dicionário Online de Português**. c2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/enfiteuses/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. **John Loudon McAdam**: inventor britânico. c2018. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/John-Loudon-McAdam>>. Acesso em: 3 set. 2018.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora em Inglaterra**. Tradução A. C. Torres. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

FAORO, R. **Os donos do poder**: a formação do patronato político brasileiro. 16. ed. São Paulo: Globo, 2004. v. 2.

FERNANDES, F. **Mudanças sociais no Brasil**: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira. Corpo e alma do Brasil. São Paulo: Difel, 1974.

FERRO, S. **A produção da casa própria no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FREIRE, J. R. B.; MALHEIROS, M. F. **Aldeamentos indígenas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

GIDDENS, A.; SUTTON, P. W. **Conceitos essenciais da sociologia**. Tradução C. Freire. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2017.

GIROLETTI, D. **Fábrica**: convento e disciplina. 2. ed. Brasília: UnB, 2002.

GUERRA, A. J. T.; GONÇALVES, L. F. H.; LOPES, P. B. M. Evolução histórico-geográfica da ocupação desordenada e movimentos de massa no município de Petrópolis, nas últimas décadas. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 35–43, 2007.



GUNN, P.; CORREIA, T. B. A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 17–53, 2005.

HARVEY, D. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistema IBGE de Recuperação Automática. Censo Demográfico. Tabela 202: População residente, por sexo e situação do domicílio. c2018a. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/202>>. Acesso em: 4 set. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades. Petrópolis. c2018b. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/petropolis/panorama>>. Acesso em: 4 set. 2018.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **APA Petrópolis** (folder). Brasília: ICMBio, [201-].

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1891 a 1940). 1904. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&PagFis=24977>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

LAGO, P. C.; LAGO, B. C. **Coleção Princesa Isabel**: fotografia do século XIX. Rio de Janeiro: Capivara, 2013.

LAMEGO, A. R. **O homem e a serra**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1963.

LEEDS, A.; LEEDS, E.; LIMA, N. T. **A sociologia do Brasil urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**: Antología preparada por Mario Gaviria. Tradução J. González-Pueyo. 4. ed. Barcelona: Edicions 62, 1978.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Itapevi: Nebli, 2016.

LIMA, E. F.; SILVA FILHO, J. P.; ARAÚJO, A. F. S. **Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia**. Parnaíba: UFPI, 2016.

LISBOA, J. M. R. **Estrada de ferro Príncipe do Grão Pará** [Cartográfico] : planta e perfil da 1ª secção da raiz da serra a Petrópolis. [1883?], 1883. Disponível em: <<http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LUZ, N. V. Prefácio. In: STEIN, S. J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850/1950**. Rio de Janeiro: Campus, 1979. p. 9–11.

MACHADO, A. **Nomenclatura urbana de Petrópolis**. Petrópolis: Prefeitura Municipal de Petrópolis, 1938. v. 1. (Trabalhos da Comissão do Centenário de Petrópolis).

MAGALHÃES, J. C. **A função industrial de Petrópolis**. Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

MANZAGOL, C. **Lógica do espaço industrial**. São Paulo: Difel, 1985.

MARICATO, E. Reforma Urbana: Limites e possibilidades, uma trajetória incompleta. In: RIBEIRO, L. C. Q.; SANTOS JÚNIOR, O. A. (Orgs.). **Globalização, fragmentação e reforma urbana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p. 309–325.

MARTINS, J. S. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINS, J. S. Depoimento. **Revista Espaço e Debates**, São Paulo, Entrevista. Periferia Revisitada. v. 17, n. 42, p. 85–91, 2001.

MARTINS, J. S. **A aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2015.

MARX, K. **O Capital** – Crítica da economia política. Livro Primeiro: O processo de produção do capital. Tomo 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, K. Debates acerca da Lei sobre o Furto de Madeira (Parte I). In: MARX, K.; ENGELS, F. **Sobre o direito e o Estado, os juristas e a justiça**. Tradução E. A. Von München. [S.l.: s.n.], 2007. p. Cap. 6. Disponível em: <<http://www.scientific-socialism.de/KMFEDireitoCAP7Port.htm>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **O manifesto comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MAUTNER, Y. A periferia como fronteira de expansão do capital. In: DEÁK, C.; SCHIFFER, S. R. (Orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2010. p. 245–259.

MAYOL, P. Morar. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**. Tradução E. F. Alves; L. E. Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. v. 2. p. 37–45.

MESQUITA, P. P. A. **A formação industrial de Petrópolis: trabalho, sociedade e cultura operária (1870-1937)**. 2012. 150 f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental da Região Serrana de Petrópolis**. Brasília: MMA/Ibama, 2007.

MONBEIG, P. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.

MOURA ENCADERNAÇÃO. **Fabricação do Papel**. 2010. Disponível em: <<http://mouraencadernacao.com.br/fabricacao-do-papel/>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

MOURA, R.; ULTRAMARI, C. **O que é periferia urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos).

MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS. **Coleção Júlio Frederico Koeler**. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/palacio/arquivo-historico/27-colecao-julio-frederico-koeler.html>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

OLIVEIRA, M. P. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro. **Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 10, n. 2018, 2006. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-51.htm>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

PENA, M. V. J. **Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção O Mundo, hoje, 40).

PETRÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Petrópolis. **Plano Local de Habitação de Interesse Social**. Petrópolis: Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2012.

PETRÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Petrópolis. **Plano Diretor de Petrópolis – Diagnóstico**. Petrópolis: Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2014. v. 1. (Versão 1).

PONDÉ, F. P. A. O porto da Estrela. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 293, p. 35–93, 1971.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

REIS FILHO, N. G. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500/1720)**. São Paulo: EdUSP, 1968.

RIBEIRO, N. **Petrópolis, cidade operária: a trajetória do movimento operário na indústria têxtil (1930 – 1964)**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

RIBEIRO, N. **Concentração operária em frente à sede do sindicato têxtil, atual prédio Werneck**. Fotografia. [201-]. Disponível em: <<http://historiaversushistorias.blogspot.com/p/fotos-historicas-de-petropolis.html>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

RITTER, C.; FIRKOWSKI, O. L. C. F. Novo conceitual para as periferias urbanas. **Revista Geografar**, Curitiba, Número especial.. p. 22–25, 2009. (Resumos do VII Seminário Interno de Pós-Graduação em Geografia) Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/14334>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

ROSA, W. M. Preservação do patrimônio industrial e direito à moradia: potencialidades de preservação e utilização da vila operária no Meio da Serra – Petrópolis. In: COLÓQUIO LATINOAMERICANO SOBRE RECUPERAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, 6., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI\\_coloquio\\_t1\\_preservacao\\_pat\\_industrial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t1_preservacao_pat_industrial.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2017.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tradução V. Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. **Pobreza urbana**. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2014.

SEABRA, O. C. L. Urbanização: bairro e vida de bairro. **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo, v. 13, n. 38, 2000.

SEABRA, O. C. L. **Urbanização e fragmentação**: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. 2003. 419 f. Tese (Livre-docência em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVEIRA FILHO, O. F. Papel petropolitano. **Tribuna de Petrópolis**, Petrópolis, 20 jan. 2010. Opinião, p. 2.

SOUZA, A. Nostálgico, seu C. recorda tempos dourados. **Diário de Petrópolis**, Petrópolis, 13 mar. 2011a. Diário nos Bairros, p. 9.

SOUZA, A. Serra Velha. Fábrica originou o Meio da Serra. **Diário de Petrópolis**, Petrópolis, 13 maio 2011b. Diário nos Bairros, p. 9.

SOUZA, M. A. O II PND e a política urbana brasileira: uma contradição evidente. In: DEÁK, C.; SCHIFFER, S. R. **O processo de urbanização no Brasil**. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2015. p. 113–143.

SOUZA, M. J. L. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 139–172, 1989.

SOUZA, M. J. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

STEIN, S. J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850/1950**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

TAPINHOÃ. In: **Dicionário brasileiro da língua portuguesa Michaelis [online]**. c2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tapinho%C3%A3/>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

TAUNAY, C. A. et al. **Cidade de Petrópolis**: reedição de quatro obras raras. Petrópolis: Museu Imperial, 1957.

URBANIZAÇÃO. In: CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1997. p. 804.

URBANIZAÇÃO. In: **Dicionário Priberam da língua portuguesa [online]**. 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/urbaniza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

URBANIZAR. In: AULETE, C. **Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa: edição de bolso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008. p. 988.

VILLAÇA, F. Uma contribuição para a história do planejamento no Brasil. In: DEÁK, C.; SCHIFFER, S. R. (Orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1999. p. 171–243.

VON DER WEID, E.; BASTOS, A. M. R. **O fio da meada: estratégia de expansão de uma indústria têxtil**: Cia. América Fabril: 1878-1930. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa; CNI, 1986.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Questionário para entrevista

UFJF – MESTRADO n° \_\_\_\_ Área:  
**Questionário – Bairro Meio da Serra, Petrópolis, RJ.**

### 1. Qual o seu sexo?

- (A) Feminino.  
 (B) Masculino.

### 2. Qual a sua idade?

- (A) Menos de 17 anos.  
 (B) 17 anos.  
 (C) 18 anos.  
 (D) Entre 19 e 25 anos (inclusive).  
 (E) Entre 26 e 33 anos (inclusive).  
 (F) Entre 34 e 41 anos (inclusive).  
 (G) Entre 42 e 49 anos (inclusive).  
 (H) 50 anos ou mais

### 3. Como você se considera:

- (A) Branco(a).  
 (B) Pardo(a).  
 (C) Preto(a).  
 (D) Indígena.

### 4. Qual seu estado civil?

- (A) Solteiro(a).  
 (B) Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a).  
 (C) Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a).  
 (D) Viúvo(a).

### 5. Há quanto tempo você mora no bairro?

- (A) Menos de 1 ano.  
 (B) Entre 1 e 2 anos.  
 (C) Entre 2 e 4 anos.  
 (D) Mais de 5 anos.  
 (E) Mais de 10 anos.  
 (F) Nasci no bairro. **(pule para a 7)**

6. (Migrante) Estado de origem: \_\_\_\_\_  
 Município de origem: \_\_\_\_\_  
 Que ano chegou aqui? \_\_\_\_\_

### 7. Tipo de residência/propriedade.

Era da Fábrica Cometa ( ) sim ( ) não  
 (A) própria  
 (B) alugada  
 (C) outra condição

### 8. Características do domicílio.

- (A) quantos cômodos servem de dormitório para os moradores? ( )  
 (B) quantos banheiros de uso exclusivo dos moradores existem neste domicílio? ( )  
 ( ) sim ( ) não  
 (C) o esgoto do banheiro é lançado (jogado) em:  
 ( ) - rede oficial de esgoto  
 ( ) - fossa  
 ( ) - vala  
 ( ) - rio  
 (D) neste domicílio existe água canalizada (encanada)? ( )  
 ( ) - sim ( ) - não

(E) sua casa:

- . é em rua calçada ou asfaltada - ( ) sim ( ) não  
 . possui eletricidade - ( ) sim ( ) não  
 . tem coleta de lixo regular - ( ) sim ( ) não

### 9. Quantas pessoas moram em sua casa? (Contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas que moram em uma mesma casa).

- (A) Duas pessoas.  
 (B) Três.  
 (C) Quatro.  
 (D) Cinco.  
 (E) Mais de seis.  
 (F) Moro sozinho(a).

### 10. Quantos(as) filhos(as) você tem?

- (A) Um(a).  
 (B) Dois(duas).  
 (C) Três.  
 (D) Quatro ou mais.  
 (E) Não tenho filhos(as). **(pule para a 13)**

### 11. Qual é o nível de escolaridade do(s) seu(s) filho(s)?

- (A) Não estudou.  
 (B) Do 1º ao 5º ano do ensino fundamental  
 (C) Do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.  
 (D) Ensino médio incompleto.  
 (E) Ensino médio completo.  
 (F) Ensino superior incompleto.  
 (G) Ensino superior completo.  
 (H) Pós-graduação.

### 12. Onde seu filho estuda?

- ( ) Petrópolis ( ) Magé

### 13. Você estuda/estudou?

- ( ) sim ( ) não **(pule para a 16)**

### 14. Qual o seu grau máximo de escolaridade?

- ( ) Ensino fundamental incompleto  
 ( ) Ensino fundamental completo  
 ( ) Ensino médio incompleto  
 ( ) Ensino médio completo  
 ( ) Ensino superior incompleto  
 ( ) Ensino superior completo  
 ( ) Especialização  
 ( ) pós-graduação

### 15. Sobre estudo, para onde se desloca?

- ( ) Não me desloco, tem no bairro.  
 ( ) Centro de Petrópolis, Itaipava.  
 ( ) Raiz da Serra.  
 ( ) Fragoso.  
 ( ) Pau Grande.  
 ( ) Piabeta.  
 ( ) Rio de Janeiro (capital).  
 ( ) Magé  
 ( ) Outros. \_\_\_\_\_



**16. Você trabalha/emprego?**

( ) sim ( ) não **(pule para a 23)**

**17. Sobre emprego, para onde se desloca?**

- ( ) Não me desloco, tem no bairro.  
 ( ) Centro de Petrópolis, Itaipava.  
 ( ) Raiz da Serra.  
 ( ) Fragoso.  
 ( ) Pau Grande.  
 ( ) Piabeta.  
 ( ) Rio de Janeiro (capital).  
 ( ) Magé  
 ( ) Outros.

**18. No seu emprego sua função principal, é?:**

- ( ) Empregado assalariado (exceto empregado doméstico)  
 ( ) Empregado doméstico mensalista ou diarista  
 ( ) Empregado do comércio.  
 ( ) Estagiário remunerado  
 ( ) Bolsista  
 ( ) Trabalha por conta própria, é autônomo  
 ( ) É dono de negócio, empregador  
 ( ) Trabalha em negócio familiar sem remuneração  
 ( ) Presta serviço militar obrigatório, assistencial ou religioso com alguma remuneração.  
 ( ) outro: qual? \_\_\_\_\_

**19. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar? (Considere a renda de todos que moram na sua casa.) (Valor em vigor desde o dia 01/01/2017, R\$ 937,00 ).**

- (A) Até 1 salário mínimo  
 (B) De 1 a 2 salários mínimos.  
 (C) De 2 a 5 salários mínimos.  
 (D) De 5 a 10 salários mínimos.  
 (E) Mais de 10 salários mínimos.  
 (H) Nenhuma renda.

**20. Qual é o meio de transporte utilizado no deslocamento do seu bairro a cidade/bairro onde trabalha/estuda:**

- ( ) Transporte Público  
 ( ) a pé  
 ( ) bicicleta  
 ( ) carro  
 ( ) moto

**21. Qual é o tempo gasto no deslocamento do seu bairro a cidade/bairro onde trabalha/estuda?**

- ( ) 15 min  
 ( ) 30 min.  
 ( ) 45 min.  
 ( ) mais de 1(uma) hora.

**22. Você e/ou sua família tem convênio com plano de saúde (médico ou odontológico)?**

( ) Sim ( ) Não

**23. No seu domicílio há (quantos?):**

- ( ) Aparelho de Som? \_\_\_\_  
 ( ) Televisão? \_\_\_\_  
 ( ) DVD? \_\_\_\_  
 ( ) Geladeira? \_\_\_\_  
 ( ) Freezer? \_\_\_\_  
 ( ) Máquina de lavar roupa? \_\_\_\_  
 ( ) Computador (micro, laptop ou notebook)? \_\_\_\_  
 ( ) Acesso à internet banda larga?  
 ( ) Telefone fixo? \_\_\_\_  
 ( ) Telefone celular? \_\_\_\_  
 ( ) TV por assinatura?  
 ( ) Automóvel? \_\_\_\_  
 ( ) Motocicleta? \_\_\_\_  
 ( ) Filtro de água? \_\_\_\_

**24. Você participa de alguma destas atividades? (múltipla escolha)**

- ( ) Capoeira, judô, karatê ou outras lutas  
 ( ) Futebol, vôlei, basquete, natação ou outros esportes  
 ( ) Atividades artísticas ou culturais (artes cênicas, dança, atividades circenses, artes musicais, literatura, artesanato, artes visuais, etc.)  
 ( ) Outra atividade recreativa. Qual? \_\_\_\_\_  
 ( ) Não participo.  
 ( ) Não tem no bairro

**25. Sobre Cultura/diversão, para onde se desloca?**

- ( ) Não me desloco, tem no bairro.  
 ( ) Alto da Serra, Centro de Petrópolis, Itaipava.  
 ( ) Raiz da Serra.  
 ( ) Fragoso.  
 ( ) Pau Grande.  
 ( ) Piabeta.  
 ( ) Rio de Janeiro (capital).  
 ( ) Magé  
 ( ) Outros.

**26. Na família algum membro recebe benefício social?(Bolsa família, Auxílio Doença).**

- ( ) Sim.  
 Qual? \_\_\_\_\_ R\$ \_\_\_\_\_  
 ( ) Não

**27. Quais serviços públicos o (a) Sr. (a) costuma utilizar fora do Meio da Serra e gostaria que tivesse aqui no bairro?**

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**28. É votante? ( ) sim ( ) não****Onde você vota?**

- ( ) Petrópolis  
 ( ) Magé  
 ( ) Outro \_\_\_\_\_

**29. Que bairro é esse?**

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa: **O BAIRRO MEIO DA SERRA: DE NÚCLEO FABRIL À PERIFERIA**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que o tema deste projeto está associado a minha experiência docente vivida em trabalho de campo no Meio da Serra com variados alunos do ensino médio do Colégio Estadual Rui Barbosa, localizado no bairro Alto da Serra, em que os temas abordados foram: a produção do espaço capitalista, as autoconstruções e as transformações socioespaciais ocorridas no bairro após o fechamento da Cia Cometa em 1970. Nesta pesquisa pretendemos investigar e fundamentar o estudo que almeja compreender a dinâmica socioespacial, ocorrida e que vem ocorrendo, entre o encerramento em 1970 das atividades da Cia Fiação e Tecidos Cometa e o presente, observando a possível formação de uma periferia, no sentido sociológico e geográfico, na atual realidade socioespacial que se encontra o núcleo originário do bairro Meio da Serra.

Caso você concorde em participar, vamos fazer a seguinte atividade com você: uma entrevista aberta que será gravada. A pesquisa pode ajudar a comunidade do bairro Meio da Serra a conhecer sua gênese histórica; a organização do bairro para reivindicar as melhorias ou implantação dos serviços públicos necessários a manutenção da qualidade de vida no bairro e que lhes são omitidos no presente, pelos poderes públicos municipal, estadual e federal.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa da atividade que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada (Agosto de 2018). Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem ser permitido por você.

Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar em problemas para você ou sua família.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações se assim eu desejar. Dessa forma, declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Petrópolis, 17 de Março de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

**Pesquisador Responsável: PAULO ROBERTO RODRIGUES DE OLIVEIRA**  
Campus Universitário da UFJF  
Programa de Pós-Graduação em Geografia – Instituto de Ciências Humanas da UFJF – MG  
CEP: 36036-900  
Fone: 24 – 998706137  
E-mail: paulorobertoli50@gmail.com

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:  
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UFJF  
Campus Universitário da UFJF  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
CEP: 36036-900  
Fone: (32) 2102 – 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br